

**VERBOS PSICOLÓGICOS:  
A RELEVÂNCIA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS  
VISTOS SOB A ÓTICA DE  
UMA SEMÂNTICA REPRESENTACIONAL**

**Márcia Cançado**

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Márcia Maria

Cançado Lima

e aprovada pela Comissão Julgadora em

09, 06, 95

Prof. Dr. Carlos Franchi

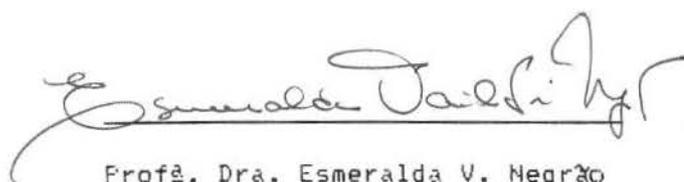
Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Doutor em Ciências sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Franchi.

Universidade Estadual de Campinas  
IEL - Departamento de Linguística

Junho de 1995

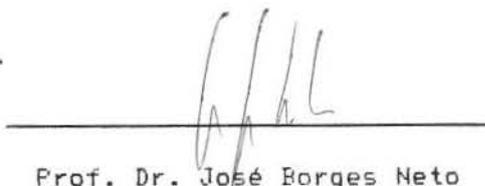
A presente tese, submetida à Comissão Examinadora abaixo assinada,  
foi aprovada para a obtenção do grau de Doutor em Ciências.

Campinas, 9 de junho de 1995.



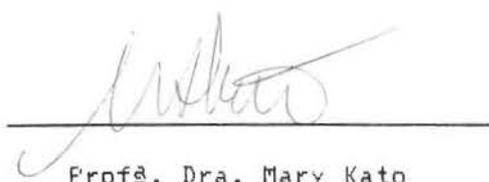
---

Profª. Dra. Esmeralda V. Negrão



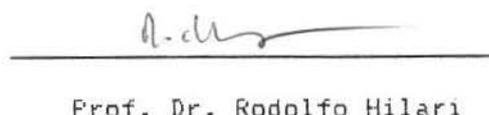
---

Prof. Dr. José Borges Neto



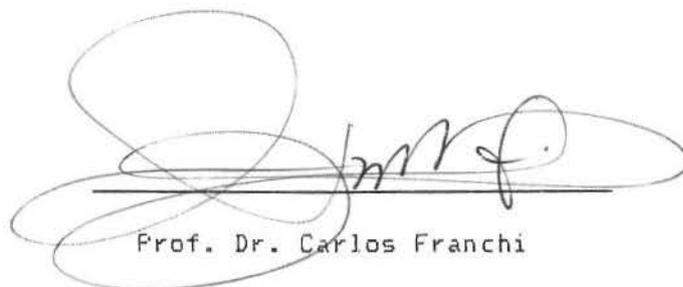
---

Profª. Dra. Mary Kato



---

Prof. Dr. Rodolfo Hilari



---

Prof. Dr. Carlos Franchi

1

*Para Emmanuel*

## **AGRADECIMENTOS**

O meu maior agradecimento vai para o Prof. Carlos Franchi pela enorme colaboração e disposição no trabalho de orientação desta tese. E, sobretudo, pela boa vontade e interesse pela minha formação como linguista, principalmente, na área de semântica. Também agradeço pelas várias anotações relativas a seu trabalho a que tive acesso e que foram fundamentais para a elaboração desta tese.

Agradeço ao Prof. Rodolfo Ilari pelos comentários pertinentes ao Capítulo 3 que muito contribuíram para a melhoria do mesmo.

E agradeço ao suporte financeiro do CNPq durante o meu período de doutoramento.

## ÍNDICE

Resumo	1
Abstract	2
Introdução	3
1. Hipóteses Gerais .....	4
2. Hipóteses Específicas .....	5
3. Objeto de Estudo .....	7
4. Visão dos Estudo sobre as Relações Temáticas .....	9
5. Estudos sobre os Verbos Psicológicos .....	14

## PARTE I OS DADOS DO PORTUGUÊS E PROPOSTAS DA LITERATURA 17

Capítulo 1	
Análise Descritiva do Corpus	18
1.1 Os Dados .....	18
1.2 Generalizações Descritivas .....	22
1.2.1 Tipologia dos Psico-Verbos em Português .....	23
1.2.2 As Classes e as Propriedades Estudadas .....	26
1.2.2.1 Classe 1 .....	26
1.2.2.2 Classe 2 .....	27
1.2.2.3 Classe 3 .....	28
1.2.2.4 Classe 4 .....	29
1.2.3 Quadro Geral .....	31

<b>Capítulo 2</b>		
<b>Os Dados do Português e a Proposta de Belletti &amp; Rizzi</b>		<b>33</b>
2.1 Hipótese Geral de B&R .....		33
2.1.1 Evidências Empíricas .....		34
2.1.2 Representação Lexical .....		36
2.2 Aplicação da Proposta de B&R às Classes dos Psico-Verbos ....		37
2.2.1 Classe 2 do Português .....		38
2.2.1.1 Verificação do tipo de sujeito .....		39
2.2.1.2 Sobre a Posição de Objeto Deslocado .....		40
2.2.1.3 Conclusão sobre a Classe 2 .....		45
2.2.2 Classe 3 do Português .....		47
2.2.3 Classe 4 do Português .....		50
 <b>Capítulo 3</b>		
<b>Os Dados do Português, a Teoria de Grimshaw e a Análise de van Voorst</b>		<b>52</b>
3.1 A Proposta de Grimshaw .....		52
3.2 Os Psico-Verbos e a Teoria .....		54
3.2.1 Dimensões Temática e Aspectual .....		55
3.3 Críticas à Teoria da Proeminência .....		58
3.4 A Proposta Aspectual de van Voorst .....		61
3.4.1 Análise Aspectual em Português .....		62
3.5 Conclusão sobre a Natureza da Causa .....		67
3.6 Considerações Finais .....		69
 <b>PARTE II</b>		
<b>QUADRO TEÓRICO</b>		<b>72</b>
 <b>Capítulo 4</b>		
<b>Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos</b>		<b>73</b>
4.1 Pressupostos Gerais .....		73
4.2 Eventos e Representações .....		77
4.3 Por quê Generalizada .....		83
4.4 O Estatuto Teórico dos Papéis Temáticos .....		90
4.5 O Conteúdo Semântico dos Papéis Temáticos .....		93
4.6 Conclusões .....		99

<b>Capítulo 5</b>	
<b>Papéis Temáticos e Hierarquia</b>	<b>101</b>
5.1	Caracterização Empírica dos Papéis Temáticos ..... 101
5.1.1	Agentividade ..... 102
5.1.2	Causatividade ..... 108
5.1.3	Paciente/Objetivo ..... 112
5.1.4	O Experienciador ..... 113
5.2	Macro-Funções ..... 116
5.3	Hierarquia Temática ..... 120
5.3.1	Algumas Observações Preliminares ..... 122
5.3.1.1	Representações Lexicais ..... 125
5.3.2	Diátese e Hierarquia Temática ..... 128
5.3.2.1	Projeção da Diátese dos Predicadores ..... 129
5.3.2.2	Condições para as Promoções Argumentais .... 134
<b>Capítulo 6</b>	
<b>A Estrutura das Orações com Verbos Psicológicos</b>	<b>139</b>
6.1	Introdução ..... 139
6.2	A Rede Temática dos Psico-Verbos ..... 142
6.2.1	Classe do Verbo <i>Preocupar</i> ..... 143
6.2.2	Classes dos Verbos <i>Acalmar</i> e <i>Animar</i> ..... 146
6.2.3	Classe do Verbo <i>Temer</i> ..... 148
6.3	A Estrutura Categorial Sintática ..... 149
6.3.1	A Estrutura Nuclear ..... 150
6.3.2	A Posição de Sujeito ..... 153
6.3.3	A Visibilidade Indireta, Via Preposição ..... 155
6.4	As Propriedades Sintáticas dos Psico-Verbos ..... 159
6.4.1	Passivas ..... 160
6.4.2	Causativas Encabeçadas e <i>pro</i> Arbitrário ..... 165
6.4.3	Construções Ergativas/ Causativização e "Inversão" .. 168
6.4.4	Ligação de Anáforas
<b>Conclusões Gerais</b>	<b>173</b>
<b>Apêndice</b>	<b>179</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>225</b>

## RESUMO

Este trabalho tem como foco principal de investigação as Relações Temáticas. A hipótese central é que o conteúdo semântico dessas relações tem relevância para a Teoria Gramatical. Como domínio empírico, fizemos o estudo da Seleção Argumental e Diátese dos verbos chamados Psicológicos.

Este trabalho baseia-se na linha de uma semântica representacional como a adotada por Jackendoff (1983, 1987a e b, 1990) e Franchi (1975) e baseia-se também em alguns aspectos metodológicos do trabalho de Dowty (1989, 1991). Com os resultados empíricos obtidos nesta pesquisa, esperamos ter colaborado para a elaboração de algumas das idéias da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos aqui apresentada (formulação geral em andamento (Franchi)). O nosso quadro teórico concebe as relações temáticas como uma representação do real, e como sendo fundamental para a estruturação das expressões linguísticas. Estabelece-se o estatuto dos papéis temáticos como funções deriváveis das relações predicativas, e não como noções primitivas. Esses papéis são definidos semanticamente via acarretamentos lexicais. A estruturação das relações temáticas e sua projeção sintática obedecem a regras de correspondência, dentre as quais o Princípio de Hierarquia Temática.

Assumimos, ainda, que a interpretação categorial das estruturas lexico-conceituais está fortemente restrita ao Princípio de Projeção, na versão de Chomsky (1986), em que a manifestação dos papéis temáticos dependerá do Princípio da Visibilidade associado ao Critério-Theta.

## **ABSTRACT**

This dissertation has Thematic Relations as the principal focus of the investigation. The central hypothesis is: the semantic content of thematic relations is relevant for the grammatical theory. As an empirical strategy, we have studied the Argument Selection and the Verbal Diathesis of Psychological Verbs.

This research is based on a representational semantics as the one adopted by Jackendoff (1983, 1987a e b, 1990) and Franchi (1975). Also we introduce some methodological aspects of Dowty's work (1989, 1991). We hope the empirical results of this reseach have collaborated in the development of some ideas of "Generalized Theory of Thematic Roles" presented here (general formulation in development by Franchi). The theory presents thematic relations as a representation of the "real word". Furthermore, it fixes the status of thematic relations as derived functions of the predicative relations, and not as primitive notions. The thematic roles are defined via lexical entailments. The structuring of thematic relations and their syntactic projection obey correspondence rules, included the Thematic Hierarchy Principle.

We assume that the categorial interpretation of these lexical-conceptual structures is restricted to the Projection Principle in the Chomsky (1986) version, which the theta-roles manifestation depends on the Visibility Principle associated with the Theta-Criterion.

## **INTRODUÇÃO**

Esta introdução localizará o problema a ser estudado e as hipóteses levantadas por este trabalho. Apresentaremos um panorama dos estudos sobre as relações temáticas e dos estudos sobre os verbos psicológicos.

A seguir, a tese será dividida em duas partes. A Parte I mostrará análises descritivas e abrangerá os Capítulos 1, 2 e 3. Através da análise dos dados extraídos do português, o Capítulo 1 mostrará um estudo descritivo dos vários ambientes sintáticos em que podem ocorrer os verbos psicológicos, classificando-os de acordo com esses dados. No Capítulo 2 faremos uma análise detalhada desses resultados sob a perspectiva da proposta inacusativa de Belletti & Rizzi (1988), mostrando a não adequação da proposta desses autores aos nossos exemplos. No Capítulo 3 veremos que a proposta aspectual apresentada por Grimshaw tem, em realidade, características temáticas; utilizamos para essa análise o trabalho aspectual de van Voorst (1992).

A Parte II tratará do quadro teórico adotado, sendo dividida em mais três capítulos. O Capítulo 4 apresentará os pressupostos gerais da

Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos a ser aqui apresentada<sup>1</sup>. No Capítulo 6 trabalharemos com o conteúdo empírico dos papéis temáticos em português e elaboraremos a Hierarquia Temática para esses papéis. No Capítulo 7 trataremos da ligação das representações semânticas com a sintaxe, seguindo de perto a Teoria Gerativa, e mostraremos os problemas apresentados pelos verbos psicológicos à luz desse quadro teórico proposto.

E finalizamos a tese com uma conclusão sobre aspectos gerais do trabalho.

## 1. Hipóteses Gerais

Este trabalho apóia-se na hipótese da conveniência de uma teoria gramatical composta de módulos autônomos- sintático, semântico e fonológico- onde regras de correspondência os ligariam entre si. Desses três módulos, abandonaremos o fonológico e lidaremos, exclusivamente, com a questão da correspondência entre a estrutura conceitual e a sintaxe. Mais precisamente, trataremos da questão semântica, não só, como a base da construção da estrutura argumental, mas, também, como tendo um papel na estruturação de expressões das línguas naturais.

---

<sup>1</sup> Todas as indicações sobre a Teoria Generalizada (ou simplesmente Franchi) que aparecem nesta tese referem-se ao trabalho que vem sendo elaborado por Franchi em um texto de revisão e atualização das propostas básicas feitas no texto de 1975. Além das longas discussões pessoais, tive acesso a verbetes preliminares manuscritas - "Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos", "Papéis temáticos, adjunção e X-barra", "Anotações sobre o princípio da hierarquia temática" - que deixo de incluir na bibliografia a pedido do autor, mas que espero utilizar convenientemente nesta tese. Os eventuais desvios são, é claro, de minha inteira responsabilidade.

Dentro dessa questão, restringir-nos-emos ao estudo das relações semânticas, também conhecidas como relações temáticas ou como o estudo dos papéis temáticos.

Partindo do pressuposto acima, temos, como problema guia da pesquisa sobre as relações temáticas, a seguinte questão:

- Qual a relevância do papel da Estrutura Temático-Conceitual, com seu conteúdo semântico, na determinação do processo sintático?

Estabelecida a hipótese central do nosso trabalho, passaremos para as hipóteses específicas.

## **2. Hipóteses Específicas**

Podemos traçar como hipóteses específicas desta tese os seguintes pontos: o primeiro é relativo à natureza da pesquisa para responder à questão central do trabalho. Assumamos que as possíveis questões decorrentes da questão central, e a própria questão, em realidade, são questões empíricas, e devem ser avaliadas empiricamente, isto é, elas dependem do exame dos fatos das línguas naturais. E um segundo ponto: se essas questões são empíricas, que estratégias utilizar no desenvolvimento do trabalho? A estratégia de pesquisa adotada é a utilização do estudo da diátese verbal<sup>2</sup> e o exame das condições de

---

<sup>2</sup> A diátese de um verbo expressa as relações semânticas que esse verbo tem com seus argumentos (ver Capítulo 4).

seleção argumental<sup>3</sup> como campo principal de investigação; usaremos esse estudo como um instrumento para a investigação das questões teóricas sobre as relações temáticas e a teoria gramatical.

Temos, para esse estudo empírico, a opção de analisar grupos de verbos que se estudaram na literatura linguística e nos quais os problemas de seleção argumental colocam-se mais em evidência. Como exemplo desses verbos temos, entre os intransitivos, os verbos ativos tipicamente humanos (sorrir), os verbos inacusativos (no sentido de Burzio (1986): cair, chegar), os verbos de movimento (tanto os inacusativos ou ergativos: sair, chegar... quanto os inergativos: correr, andar...), etc. Dentre os transitivos, temos os experienciais (de percepção: ver, epistêmicos: saber, psicológicos: preocupar e temer), os verbos de mudança de qualidade, verbos instrumentais e quasi-instrumentais, etc. Como seria impossível uma única pesquisa abranger todas as classes de verbos, restringiremos nosso estudo a uma única classe; e com os resultados obtidos, pretendemos justificar o interesse de estender esse estudo a domínios mais complexos da teoria gramatical. Uma primeira pesquisa no quadro teórico desta tese, sobre as construções ergativas e sua correlação com as construções causativas através do exame de diferentes classes de verbos transitivos do português, foi realizada por Whitaker-Franchi (1989), já apontando que a teoria das

---

<sup>3</sup> Seleção argumental, como Dowty chama, ou mudanças nas funções gramaticais, como eram conhecidas nas Gramáticas de Casos, são os princípios que as línguas naturais usam para determinar quais papéis temáticos estão associados a quais argumentos de um predicado, incluindo aí, não somente a seleção do sujeito (como era feito na Gramática de Casos), mas também a seleção de complementos e adjuntos.

relações temáticas é relevante para a descrição e explicação das estruturas linguísticas. A confirmação da relevância dos papéis temáticos no estudo de uma classe de verbos oferece elementos de convencimento e ao mesmo tempo indicações para prosseguir o estudo sobre outras classes. É nesse sentido que elegemos, como instrumento empírico deste trabalho, os verbos chamados psicológicos.

### **3. Objeto de Estudo**

Os verbos psicológicos apresentam-se como sendo uma classe de verbos bastante adequada aos nossos propósitos. Uma das razões para a escolha desta classe é relativa à extensa literatura disponível em outras línguas e em outras perspectivas teóricas. Esse fator acrescenta a nossa pesquisa descobertas já feitas em outras línguas e válidas também para o português; e também possibilita uma aplicação aos dados encontrados no português de outras soluções teóricas já existentes que não as soluções propostas pela nossa perspectiva teórica. Uma outra razão, e a mais relevante como já foi dito anteriormente, é que esses verbos fazem parte de uma das classes em que os problemas de seleção argumental se colocam mais em evidência.

Os verbos psicológicos, ou seja, verbos que denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento experienciador, segundo a literatura na área, apresentam interessantes propriedades relacionadas à organização da estrutura argumental e à ligação de anáforas. A

primeira delas é o fato de que o argumento que recebe o papel temático de Experienciador pode aparecer tanto na posição de sujeito como na posição de objeto na estrutura superficial (estrutura-S) desses verbos, parecendo ser essa escolha aleatória:

- (1) Mário teme fantasmas.  
       Exp           Tema  
 (2) Fantasmas assustam Mário.  
       Tema               Exp

Nos exemplos acima, temos que em (1), a pessoa que sofre o estado emocional de medo, o Experienciador (Exp), é o sujeito; e em (2), a pessoa que sofre o mesmo estado emocional, o Exp, é o objeto. Não se encontram facilmente pares sinônimos de verbos transitivos com essa alternância de argumentos:

- (3) João quebrou o vaso.  
       Ag           Tema  
 (4) \*O vaso ??? João.  
       Tema           Ag

Uma segunda característica é o problema apresentado pelos verbos psicológicos, mais particularmente aqueles com o Exp na posição de objeto, que permitem a ligação de anáforas de uma maneira não usual: a anáfora localizada no sujeito pode ser ligada, ou pode tomar como antecedente, o objeto desse verbo:

- (5) Estórias sobre si mesma<sub>1</sub> agradam muito Maria<sub>1</sub>.  
 (6) Falatórios sobre si mesmo<sub>1</sub> incomodam João<sub>1</sub>.

Dentro do quadro da Teoria da Regência e Vinculação (*Government*

and Binding- GB), podemos dizer que exemplos como esses violam a condição de c-comando. Uma anáfora deve ser c-comandada por seu antecedente. Como afirma a literatura, essa condição funciona, sistematicamente, para outros verbos transitivos, não funcionando apenas para aqueles verbos que têm o Exp na posição de objeto:

(7)\*Estórias sobre si mesma<sub>i</sub> retratam Maria<sub>i</sub> muito bem.

(8)\*Falatórios sobre si mesmo<sub>i</sub> descrevem João<sub>i</sub> melhor que uma biografia.

Esses fatos possivelmente relacionados a fenômenos de seleção argumental (mesmo que alguns linguistas tratem esses problemas como sendo puramente sintáticos) levaram-nos a supor que o estudo dos verbos psicológicos poderia ser uma boa escolha para instrumento da nossa investigação sobre a relevância gramatical dos papéis temáticos.

Como trabalharemos na área das relações temáticas, e mais especificamente com os verbos psicológicos, faremos a seguir um breve levantamento dos trabalhos e posições teóricas existentes sobre o assunto para melhor localizar o leitor.

#### **4. Visão dos Estudos sobre as Relações Temáticas**

Há um consenso geral de que os papéis temáticos, ou casos de Agente, Tema, etc. como foram concebidos inicialmente por Fillmore (1968), hoje exercem um papel puramente descritivo. Isso se deve às definições muito informais e vagas para um tratamento teórico. Essas definições

correspondem a caracterizações intuitivas, e, certamente, divergentes quanto às suas classificações. Na prática, essas noções ainda são utilizadas por várias teorias linguísticas, embora com abordagens teóricas divergentes e distinto estatuto teórico.

Chomsky (1981, 1986) e alguns outros gerativistas como Stowell (1981), Williams (1987) e Baker (1988a) abordaram a questão dos papéis temáticos dentro do modelo de uma teoria modular de princípios e parâmetros (*Government and Binding Theory* - GB). Utilizam-se desses papéis apenas sob uma perspectiva diacrítica, isto é, o conteúdo semântico dos papéis temáticos particulares não tem relevância gramatical, o que interessa é a existência ou não desses papéis que serão percebidos como meros índices da estrutura argumental, de natureza sintática. Portanto, termos como Agente, Tema, etc. reduzem-se a termos descritivos de referência, sem qualquer estatuto na teoria; quando muito, servem como propriedades, primitivas ou derivadas, na descrição lexical. É o caso, por exemplo, de Belletti & Rizzi (1988). Para eles, os papéis temáticos contribuem para determinar a representação sintática inicial (estrutura profunda ou estrutura-F) através de um sistema de mapeamento de princípios, projetando estruturas-theta em estruturas sintáticas, e a partir desse ponto, referência a tais entidades é excluída da gramática formal. Apenas é importante o formalismo Theta vs. Theta-barra, isto é, presença ou ausência de papel temático. Podemos ainda citar outros importantes estudos lexicais como os trabalhos de Marantz (1984) e Di Sciullo & Williams (1987), que mediante símbolos

auxiliares e diacríticos distinguem argumentos externos de argumentos internos.

Ainda dentro do gerativismo, os estudos lexicais de outros autores como Rappaport e Levin (1988) adotam uma posição intermediária: existem dois usos diferentes de papéis temáticos. No primeiro uso, a relação semântica particular que o argumento tem com seu predicado é irrelevante; esse uso envolve a representação sintático-lexical que os autores chamam de Estrutura Argumental do Predicado (*Predicate Argument Structure*- PAS). Um segundo uso, em que o conteúdo semântico particular do argumento é relevante, envolve a representação semântico-lexical, que é chamada de Estrutura Conceitual Lexical (*Lexical Conceptual Structures*- LCS). A LCS não interage diretamente com a sintaxe. O mapeamento entre a LCS e a estrutura-P é mediada pelo PAS, que é a estrutura relevante sintaticamente. Portanto, a intervenção do PAS mantém a "cegueira" (ou miopia?) dos processos sintáticos ao conteúdo semântico da LCS.

Em Grimshaw (1990), os papéis temáticos e as estruturas do sentido ganham maior relevância<sup>4</sup>. A autora, em um caminho próprio, sustenta que a estrutura argumental (estrutura-A) é uma representação organizada na qual relações de proeminência são definidas de acordo com as propriedades temáticas e aspectuais do predicado. A teoria difere, mas não totalmente, das colocações gerativistas. Isso, porque as relações de

---

<sup>4</sup> Ver também uma posição semelhante em Bresnan & Kanerva (1989), trabalho situado dentro do arcabouço teórico da *Lexical-Functional Grammar*.

proeminência refletem informações temáticas, mas de um certo tipo bem limitado, indicando somente se um dado argumento é mais alto que outro na hierarquia temática<sup>3</sup>. Essa hierarquia organiza as estruturas argumentais, e esse é o único papel sintático que ela exerce na teoria. A estrutura-A não possui informações sobre papéis temáticos particulares, e o uso dos mesmos pela teoria é uma simples maneira de representação.

Uma postura contrária às assumidas acima, em que o conteúdo semântico dos papéis particulares tem relevância, é adotada por alguns linguistas que de algum modo são vinculados à Gramática Gerativa, mas que têm uma posição a favor da autonomia da semântica. Exemplo dessa linha é o trabalho de Jackendoff (1983, 1987a e b, 1990)<sup>4</sup> que esboça o seguinte quadro da gramática: existe uma Estrutura Conceitual Lexical (LCS) formada por um grupo de categorias conceituais primitivas. Existe, também, um grupo de regras de formação, que combina essas categorias em conceitos mais complexos. A correspondência entre a sintaxe e a semântica, ou estrutura conceitual, é especificada pelas regras de correspondência que determinam a relação da estrutura sintática com o significado. Os papéis temáticos são configurações estruturais particulares na estrutura conceitual e têm influência direta na gramática. Eles são divididos em dois planos: o plano temático, que lida

---

<sup>3</sup> Hierarquia Temática é a lista ordenada da correlação de papéis temáticos e funções definidas na sintaxe.

<sup>4</sup> Ver maiores detalhes no Capítulo 4.

Agente versus Paciente. Essas denominações não são primitivos da teoria semântica. São noções relacionais, definidas estruturalmente sobre a estrutura conceitual.

Em uma direção semelhante, postulando uma semântica forte e autônoma, Culicover (1988), Wilkins (1988), Culicover & Wilkins (1984, 1986) afirmam que, quanto à capacidade linguística, papéis temáticos são componentes do nível da interpretação gramatical. O conteúdo semântico específico de papéis particulares e o domínio no qual os papéis são representados são relevantes para a explicação de fenômenos linguísticos estritos. Os autores propõem uma análise da distribuição de anáfora reflexiva e uma teoria do controle em termos de noções semânticas.

Dentro da linguística brasileira, em concordância com a postura de Jackendoff e Culicover & Wilkins, Franchi (1975, e em vários manuscritos inéditos<sup>7</sup>) assume que a sintaxe e a semântica das línguas naturais embora relacionados constituem sistemas relativamente autônomos de representação, no sentido de que devem ser elaborados mediante objetos primitivos, operações e relações constitutivos próprios, formulados com base em distintos instrumentos lógicos, em um sistema independente de princípios teóricos.

Uma forma mais fraca dessa hipótese, com uma redução do papel de uma sintaxe formal, está no funcionalismo. Essa tendência (ou feixe de tendências) considera as expressões das línguas naturais como o resultado de operações sob fatores de distinta ordem - semântica,

---

<sup>7</sup> Ver nota 1; para maiores detalhes sobre a proposta de Franchi, ver Capítulos 4, 5 e 6.

discursiva, pragmática e sintática. Dentre os funcionalistas, podemos citar Foley & Van Valin (1984), Givon (1984), Talmy (1975, 1985), etc.

Uma outra visão é a adotada por Ladusaw & Dowty (1988) e Dowty (1989, 1991). Para os autores, o conteúdo semântico dos papéis temáticos particulares tem relevância para o estudo da linguagem; uma abordagem diacrítica como a da GB não interessa. Mas, diferentemente de Jackendoff, Culicover & Wilkins e Franchi, eles não consideram os papéis temáticos como sendo parte da gramática, e sim, parte de uma semântica do mundo real, isto é, são noções deriváveis dos acarretamentos das ações humanas, normalmente expressas por verbos, as quais sobrepujam os princípios gramaticais. Os papéis temáticos não são categorias discretas participantes de uma lista; são definidos por um feixe ("clusters") de traços que podem variar, fazendo parte de um macro-papel prototípico<sup>8</sup>.

### **5. Estudos sobre os Verbos Psicológicos**

Nesta seção apenas daremos uma visão geral e cronológica dos estudos específicos, encontrados por nós, sobre verbos psicológicos do inglês, do francês, do italiano e do português de Portugal. São trabalhos com diferentes abordagens de pesquisa e serão mostrados mais a título de ilustração do que existe sobre o assunto.

Para o inglês, Postal (1971) faz um estudo transformacional sobre formas verbais e adjetivais que denotam um estado psicológico e que

---

<sup>8</sup> Para maiores detalhes sobre a proposta de Dowty, ver Capítulo 4.

envolvem uma regra lexical transformacional denominada "Regra de Psico-Movimento". Essa regra move o sintagma nominal (NP) da posição gramatical de sujeito para dentro do predicado e obriga o predicado a se completar com uma preposição; e ao mesmo tempo, move o NP do predicado para a posição gramatical de sujeito<sup>7</sup>.

O artigo de Ruwet (1972), que investiga os verbos psicológicos em francês, faz uma análise e comparação da abordagem transformacional de Postal e da abordagem semântica de Gruber (1965) e Jackendoff (1969) com a Teoria das Relações Temáticas. Ruwet conclui que os argumentos de Postal a favor do Psico-Movimento não são convincentes, ilustrando com vários contra-exemplos em francês. E adota a teoria das relações temáticas como a base mais razoável para uma análise puramente interpretativa do que a solução transformacional. Neste ponto, coincide com a hipótese desta tese.

Dentro da linha de Harris (1976, 1978) e Gross (1975), com o estudo das construções completivas do francês, existe a tese de doutorado de Oliveira (1979) sobre a sintaxe dos verbos psicológicos do português de Portugal. A autora analisa as propriedades sintáticas dos verbos psicológicos, utilizando-se de construções completivas e formas semânticas vizinhas como as construções adjetivais e nominais. Fornece-nos um fichário com 526 verbos e a listagem, sem generalizações, das respectivas propriedades mencionadas acima. Para Oliveira, verbos psicológicos são aqueles que apresentam a forma  $No\ V\ N1$ , onde  $V=$

---

<sup>7</sup> Essa regra se compara à "Flip Rule" de Lakoff (1970:126).

verbo psicológico. Não é o ativador de um processo psicológico em N1. Portanto, os verbos com Exp na posição de sujeito não são estudados, e como consequência, não é estudado o problema levantado por esse tipo de alternância.

Pesetsky (1987<sup>10</sup>) apresenta-nos um artigo sobre o problema da ligação de anáforas dos verbos psicológicos com Exp na posição de objeto. Ele propõe que o problema seja resolvido através da conectividade e de regras de "Tough Movement", e não através do Psico-Movimento de Postal (ou "Flip Rule" de Lakoff) ou da Hierarquia Temática de Jackendoff (1972).

Uma versão mais refinada da proposta de Pesetsky (1987) é o que propõe Baker (1988b), tentando solucionar certas questões lexicais dos verbos psicológicos e dando um suporte, segundo ele, mais adequado para as análises sintáticas encontradas nos trabalhos de Belletti e Rizzi (1988) e Grimshaw (1987). Já Legendre (1989), dentro do quadro teórico da Gramática Relacional, refuta a análise de Belletti e Rizzi, quando propõe que em francês, o sujeito superficial (Tema) é o objeto direto na estrutura-P, enquanto que o objeto indireto superficial (Exp-Dativo) é o sujeito na estrutura-P.

Ainda temos a proposta gerativista de Belletti e Rizzi (1988), e as propostas de Grimshaw (1990) e van Voorst (1992) que estudaremos detalhadamente nos Capítulos 2 e 3.

---

<sup>10</sup> Existe um artigo de Pesetsky (em prep.) que é citado por vários autores, mas não foi possível ter acesso ao mesmo.

**PARTE I**

**OS DADOS DO PORTUGUÊS E PROPOSTAS DA  
LITERATURA**

## **CAPÍTULO 1**

### **ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS**

#### **1.1 Os Dados**

Dowty (1991) propõe uma estratégia de pesquisa para avaliar se as relações temáticas possuem relevância gramatical. Convém, inicialmente, separar nossas observações sobre eventuais papéis temáticos em fronteiras "naturais", na medida em que possamos justificar divisões não arbitrárias entre elas. Assim podemos trabalhar sobre cada domínio em separado, sem fazer interferirem informações e concepções provindas de outros domínios. Podemos, por exemplo, distinguir o que se situa no quadro das observações léxico-estruturais de Jackendoff e Gruber; o que se determina pela análise dos fatos de seleção argumental<sup>1</sup>; o que se forma na perspectiva gerativista (ou da gramática léxico-funcional) com vistas à indexação dos argumentos para a projeção sintática, e assim por

---

<sup>1</sup> Ver nota 3, no capítulo anterior.

diante. O autor, em seu texto, escolhe operar sobre o domínio demarcado pelo critério da seleção argumental. Como nos psico-verbos os problemas envolvendo a seleção argumental colocam-se em bastante evidência, conforme já observado anteriormente, adotamos a estratégia de Dowty como uma das hipóteses específicas deste trabalho, e utilizamos para a investigação desses verbos o domínio da seleção argumental assumido pelo autor, além também do estudo da diátese verbal.

O corpus deste trabalho, a princípio, compreendia 360 verbos caracterizados como psicológicos e inúmeros exemplos envolvendo os mesmos. Esses verbos e exemplos foram extraídos de um dicionário de verbos (Borba, 1990)<sup>2</sup>, de um dicionário de língua portuguesa (Aurélio, 1975), de exemplos de uma tese de doutorado sobre verbos psicológicos do português de Portugal (Oliveira, 1979), e de nossos próprios exemplos. Seguimos, pois, a tradição gerativista que se baseia na intuição do pesquisador para a avaliação da aceitabilidade e gramaticalidade das expressões de sua língua. Usamos essa intuição de falante nativo e recorreremos também a terceiros quando havia dúvidas. Certamente, ainda haverá exemplos que são questionáveis quanto à sua aceitabilidade e gramaticalidade, mas para a análise desejada representará uma pequena porcentagem na totalidade dos dados, parecendo-nos assim, não apresentar maiores empecilhos para a confiabilidade dos resultados (ver Apêndice).

Em uma primeira análise, utilizando para o armazenamento dos dados o aplicativo de tratamento do D-Base, dividimos todos os dados

---

<sup>2</sup> Trata-se de um útil instrumento para o nosso trabalho pela abundante exemplificação de variadas fontes, abonada por um numeroso corpo de colaboradores com experiência linguística.

adquiridos em três bancos de dados. Mas recortes e vieses são feitos ao longo de uma pesquisa: percebemos que dois desses bancos não eram relevantes para a investigação em questão<sup>3</sup>. No banco de dados utilizado foram armazenados 300 verbos com suas análises temáticas e os exemplos de propriedades e fatores envolvidos na seleção argumental desses verbos. Essas propriedades foram tiradas da literatura na área como sendo relevantes para o estudo dos verbos psicológicos (Belletti & Rizzi, 1988; Levin, 1989; Whitaker-Franchi, 1989; Grimshaw, 1990). Mas para estudarmos a rede temática desses verbos, deparamo-nos com a seguinte questão: com que papéis temáticos e sob que critérios de delimitação devemos trabalhar? Nesse ponto adotamos uma direção inversa à adotada por Dowty (1991) que restringe os papéis temáticos a serem investigados, e seguimos Franchi, optando por uma classificação mais fina desses papéis.

Optamos por essa classificação mais fina, diferentemente do encontrado em grande parte da literatura, por não acharmos que a redução localista se possa sustentar. E, opostamente a GB, por acreditarmos (e termos encontrado evidências) na relevância do conteúdo de diferenciados

---

<sup>3</sup> Em um banco de dados, fizemos um estudo sobre a nominalização desses verbos e papéis temáticos apresentados. Não encontramos relevância no momento para esse estudo. Servirão para outra pesquisa.

E em outro banco de dados, simplesmente listamos 60 verbos que apresentam um argumento externo e outro preposicionado:

(i) Glória antipatizou com João.  
Exp                      Obj<sub>prep</sub>

Esses verbos não serão estudados neste trabalho por apresentarem uma rede temática diferente dos outros 300 verbos, dificultando assim uma comparação entre eles.

papéis temáticos na estruturação sintática. Esses papéis temáticos foram utilizados, primeiramente, como categorias de análise, de uma maneira descritiva e não como papéis justificados por razões de natureza teórica. Seguindo esse procedimento, classificamos os papéis utilizados na análise temática dos dados da maneira mais abrangente possível. Esta descrição, pois, utilizará os papéis temáticos apenas como etiquetas encontradas normalmente na literatura. A definição formal, baseada em considerações de natureza teórica, só foi elaborada após a descrição dos dados, e será mostrada na Parte II do trabalho. Mostramos, em um quadro geral, o verbo, sua rede temática, os adjuntos relevantes para as propriedades estudadas, e as propriedades. A seguir, mostramos os exemplos das propriedades estudadas<sup>4</sup>.

Vejamos então essas propriedades:

- a capacidade do verbo para aceitar construções ergativas;
- a capacidade de aceitar a causativização com a promoção do terceiro argumento (Cau ou Ins) para a posição de sujeito;
- a capacidade de o verbo aceitar a inversão dos dois últimos argumentos a que chamamos de "inversão";

Além destas, examinamos os testes propostos por Belletti e Rizzi (1988) em seu estudo sobre os verbos psicológicos do italiano:

- se o verbo apresenta passivização sintática ou adjetiva;
- se o verbo possui uma interpretação arbitrária quando temos *pro* como sujeito da oração;

---

<sup>4</sup> Ver no Apêndice o conjunto total dos exemplos utilizados.

- se o verbo permite orações causativas encabeçadas (utilizando-se do operador - fazer -)<sup>3</sup> <sup>4</sup>.

## 1.2 Generalizações Descritivas

Nossa análise foi feita a partir do cruzamento dos dados obtidos, tendo em perspectiva que o objetivo desta etapa do trabalho é a descrição do que ocorre com os verbos psicológicos do português, isto é, a descrição da estrutura argumental desses verbos, o inventário das propriedades e fatores sintáticos que envolvem a seleção argumental desses verbos, com o intuito de dividi-los em classes segundo suas propriedades temáticas e sintáticas.

---

<sup>3</sup> Também testamos se o verbo apresenta a capacidade de ligar um clítico reflexivo, propriedade estudada por Belletti & Rizzi, mas, para o português não foi possível chegar a generalizações a partir desses dados.

<sup>4</sup> E um último teste, que também não acrescentou muito à análise, foi a constatação de qual preposição introduzia o terceiro argumento; o que vimos é que um adjunto causal que tem relação de antecedência com o sujeito pode ser introduzido pela preposição *com* ou *por*:

- (i)a. Rosa preocupava a mãe *com* sua arrogância.  
b. Rosa preocupa a mãe *por* sua arrogância.

Se o adjunto causal não tiver relação com o sujeito ele só pode ser introduzido pela preposição *por*:

- (ii)a. João temia o cachorro pelo seu tamanho.  
b. \*João temia o cachorro *com* seu tamanho.

E se o terceiro argumento for um instrumento, ele só pode ser introduzido pela preposição *com*:

- (iii)a. Maria acalmava o tenente *com* um chá.  
b. \*Maria acalmava o tenente *por* um chá.

### 1.2.1 Tipologia dos Psico-Verbos em Português

Como resultado da análise, agrupamos os verbos psicológicos em classes segundo a rede temática nuclear apresentada (sujeito e complemento), e segundo às respectivas propriedades sintáticas apresentadas em cada rede temática. Diferentemente da literatura, encontramos quatro diferentes classes de psico-verbos. Vejamos primeiramente a classificação desses verbos quanto à sua rede temática.

#### Classe 1

A Classe 1, com 48 verbos que representam 16% do total dos verbos estudados, apresenta o Exp na posição de sujeito, e segundo nossa classificação mais fina dos papéis temáticos, apresenta no segundo argumento o papel temático Objetivo:

- (1) José teme o cachorro.  
 Exp                      Obj  
 (2) TEMER: <Exp <Obj>>

Além de *temer*, outros verbos que fazem parte desta classe são: *abominar, admirar, adorar, amar, cobiçar, desejar, detestar, estimar, estranhar, hostilizar, invejar, menosprezar, odiar, recear, respeitar, subestimar, sublimar, venerar, etc.*

#### Classe 2

À Classe 2, que é a classe mais numerosa, pertencem 130 verbos, 43% do





*desiludir, embaraçar, entusiasmar, fascinar, fortalecer, importunar, influenciar, intimidar, motivar, purificar, reanimar, seduzir, etc.*

### 1.2.2 As Classes e as Propriedades Estudadas

Mostraremos aqui a análise das propriedades sintáticas estudadas para as quatro classes de verbos.

#### 1.2.2.1 Classe 1

As características principais apontadas na literatura para o verbo *temer* são: apresentar o Exp na posição de sujeito e não permitir a ligação da anáfora contida no sujeito com o seu objeto. Levando-se em conta os dois argumentos nucleares (sujeito e objeto) e um argumento periférico causal (adjunto) pertinente para as outras propriedades estudadas, temos:

(13) José teme o cachorro pelo seu tamanho.  
           Exp                  Obj          Cau

- não admite construções ergativas:

(14)\*O cachorro (se) teme pelo seu tamanho.

- não admite construções causativas:

(15)\*O tamanho teme o cachorro.

- admite orações com inversão dos dois últimos argumentos:

(16) José teme o tamanho do cachorro.

- admite passivização sintática e não admite a adjetiva:

- (17)a. O cachorro é temido por José.  
 b.\*O cachorro ficava temido com José.

- admite *pro* arbitrário como sujeito:

- (18) Temem o cachorro pelo seu tamanho.

- admite oração causativa encabeçada:

- (19) O amigo faz José temer o cachorro.

#### 1.2.2.2 Classe 2

A classe do verbo *preocupar* distingue-se da Classe 1, primeiramente por apresentar o Exp na posição de objeto e permitir que uma anáfora contida no sujeito seja ligada ao seu objeto. Baseando-se em:

- (20) Rosa preocupa a mãe com sua arrogância.  
       Cau                  Exp          Cau

Temos ainda as seguintes propriedades:

- admite ergatividade:

- (21) A mãe (se) preocupava com a arrogância de Rosa.

- admite causatividade:

- (22) A arrogância de Rosa preocupava a mãe.

- não admite inversão dos dois últimos argumentos:

(23)\*Rosa preocupava a arrogância da mãe.

- admite passiva adjetiva, mas não admite passiva sintática:

(24)a. A mãe ficava preocupada com a arrogância de Rosa.  
b.\*A mãe foi preocupada por Rosa.

- não admite *pro* arbitrário como sujeito:

(25) Preocupavam a mãe com aquela arrogância.

- não admite oração causativa encabeçada:

(26)\*O pai fazia Rosa preocupar a mãe.

### 1.2.2.3 Classe 3

(27) A polícia acalma a multidão com seus cacetetes.  
Ag Exp Ins

A classe do verbo *acalmar* se distingue da Classe 1 pelas mesmas razões que a Classe 2: apresenta um Experienciador na posição de objeto e permite a uma anáfora contida no sujeito se ligar ao objeto do verbo. Mas, apesar desta classe apresentar essa semelhança com a Classe 2, ela ainda se distingue dessa classe por apresentar outras propriedades sintáticas diferentes. Vejamos as propriedades:

- admite construções ergativas:

(28) A multidão (se) acalma com os cacetetes da polícia.

- admite orações causativas:

(29) Os cacetetes da polícia acalmam a multidão.

- não admite orações com inversão dos dois últimos argumentos:

(30)\*A polícia acalma os cacetetes da multidão.

- admite passiva sintática, mas não admite a adjetiva:

(31)a. A multidão foi acalmada pela polícia.

b.\*A multidão ficou acalmada com os cacetetes da polícia.

- admite *pro* arbitrário com sujeito:

(32) Acalmaram a multidão com aquelas ameaças.

- admite causativa encabeçada:

(33) O coronel fez a polícia acalmar a multidão.

#### 1.2.2.4 Classe 4

A classe do verbo *animar* também se distingue da Classe 1 por apresentar o Experienciador na posição de objeto e permitir a ligação da anáfora contida no sujeito com seu objeto. Mas conforme a leitura dada ao verbo, não-agentiva ou agentiva, assemelha-se seja à Classe 3, seja à Classe 4, apresentando portanto, todas as propriedades de ambas as classes:

- (34)a. Maria animou José com seus argumentos.  
           Ag                  Exp      Ins  
 b. Maria animou José com sua beleza.  
           Cau                 Exp      Cau

- ergatividade:

- (35)a. José (se) animou com os argumentos de Maria.  
 b. José (se) animou com a beleza de Maria.

- causativização:

- (36)a. Os argumentos de Maria animaram José.  
 b. A beleza de Maria animou José.

- inversão dos dois últimos argumentos:

- (37)a.\*Maria animou os argumentos de José.  
 b.\*Maria animou a beleza de José.

- passivas sintática e adjetiva:

- (38)a. José foi animado por Maria.  
 b. José ficou animado com a beleza de Maria.

- *pro* arbitrário como sujeito:

- (39)a. Animaram José com aqueles argumentos.  
 b.\*Animaram José com aquela beleza.

- oração causativa encabeçada:

- (40)a. João fez Maria animar José com seus argumentos.  
 b.\*João fez Maria animar José com sua beleza.

Mostraremos na próxima seção um quadro geral em que podemos ver mais claramente o contraste entre as classes e as respectivas propriedades.

### 1.2.3 Quadro Geral

(41)	<b>Classe 1</b> <i>temer</i>	<b>Classe 2</b> <i>preocupar</i>	<b>Classe 3</b> <i>acalmar</i>	<b>Classe 4</b> <i>animar</i>
	Exp-suj	Exp-obj	Exp-obj	Exp-obj
	-lig.anaf	+lig.anaf	+lig.anaf	+lig.anaf
	-erg	+erg	+erg	+erg
	-cau	+cau	+cau	+cau
	+inv	-inv	-inv	-inv
	+p.sin	+p.adj	+p.sin	+p.sin e adj
	+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+ <i>pro</i>	+ <i>pro</i>
	+c.enc	-c.enc	+c.enc	+c.enc

Concluindo, temos que a Classe 1 distingue-se das demais, por apresentar o Exp na posição de sujeito, não permitir o tipo de ligação de anáforas permitida às outras classes e permitir a inversão dos dois últimos argumentos. A Classe 2 e 3 vão assemelhar-se quanto à posição do Experienciador, o tipo de ligação de anáforas permitida, por aceitarem construções ergativas e causativas e não aceitarem a inversão dos dois últimos argumentos. Mas elas se distinguem quanto ao tipo de passivização, e pela aceitação ou não do *pro* arbitrário como sujeito e de orações causativas encabeçadas. Na nossa análise temática, elas se distinguem também quanto ao papel temático atribuído ao sujeito desses verbos; a Classe 2 permite somente uma Causa e a Classe 3, além da Causa também permite um Agente. A Classe 4 é composta de verbos que se

comportam como os verbos da Classe 3 e da Classe 4.

Com essa descrição dos dados estudados mostramos que o nosso trabalho propõe um outro tipo de classificação para os verbos psicológicos. Baseados nessa nova classificação, faremos a análise desses resultados à luz de propostas já existentes na literatura. Mostraremos que essas propostas, que são de natureza sintática e aspectual, não se adequam aos dados do português brasileiro. Veremos que uma análise mais detalhada leva-nos a indícios de que as propriedades e problemas apresentados pelos psico-verbos podem ser bem resolvidos por uma proposta semântica na linha por nós sugerida.

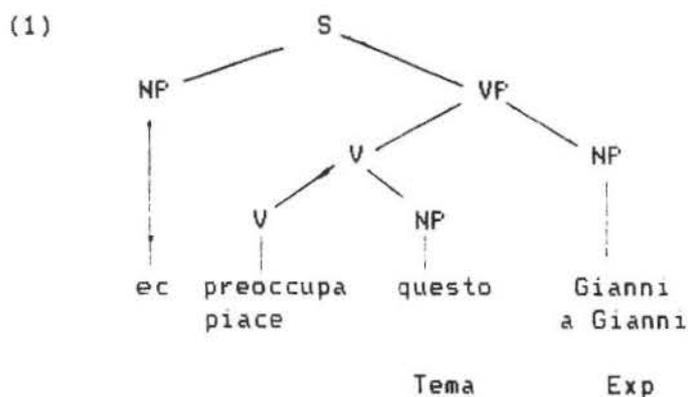
## CAPÍTULO 2

### OS DADOS DO PORTUGUÊS E A PROPOSTA DE BELLETTI & RIZZI

#### 2.1 Hipótese Geral de B&R

Belletti & Rizzi (B&R), dentro do quadro de não-interferência do conteúdo semântico na estruturação sintática proposto pela GB, utilizam-se dos verbos italianos *temere*, *preoccupare* e *piacere* para demonstrar sua hipótese sintático-lexical sobre os verbos psicológicos. A hipótese dos autores é que as configurações da estrutura profunda desses verbos diferem, mas não de uma maneira drástica, e que as representações lexicais desses verbos são quase idênticas, exceto por um parâmetro lexical envolvendo a seleção de um caso inerente diferente. O que temos então é uma simples variação em estrutura-F, derivada da representação lexical, em que o verbo *temere* apresenta uma configuração transitiva simples e os verbos *preoccupare* e *piacere* apresentam uma

figuração inacusativa, de duplo objeto, com a posição do sujeito não-temática, como em (1):



### 2.1.1 Evidências Empíricas

B&R apontam várias evidências empíricas que sustentam a hipótese proposta. Uma delas é que o sujeito de *preoccupare* possui um feixe de propriedades típicas de sujeito derivado. Para provar esse fato, aplicaram quatro tipo de testes:

a.) aceitação de clíticos anafóricos; se a sentença envolver um sujeito derivado, ela será mal formada, pois o argumento que preenche a posição theta-barras do sujeito não pode ser conectada ao seu vestígio, devido a intervenção do clítico coindexado que vincula o traço localmente:

- (2)a. Gianni si teme. 'Gianni se teme'  
 b.\*Gianni si preoccupa. 'Gianni se preoccupa'

b.) ter como sujeito um *pro* arbitrário; essa propriedade só é licenciada através de theta-marcação, portanto, só possível com sujeitos profundos:

- (3)a. *pro* hanno temuto il terremoto. '*temiam o terremoto*'  
 b. \**pro* hanno preoccupato il governo. '*preocupavam o governo*'

c.) aceitação de construções causativas encabeçadas simples e com o auxiliar fazer + complementos VPs infinitivos; Burzio (1986) mostrou para o italiano que estruturas contendo sujeito derivado não podem ser encabeçadas por construções causativas:

- (4)a. Questo lo ha fatto temere ancora di più a Mario.  
 '*isto fez Mário temê-lo ainda mais*'  
 b. \*Questo lo ha fatto preoccupare ancora di più a Mario.  
 '*isto fez Mário preocupá-lo ainda mais*'

d.) aceitação da passivização sintática, que não é aceita por sujeitos não-temáticos; por outro lado, aceita passivização adjetiva. Esse comportamento pode ser medido por alguns testes. Um deles seria verbos que têm sujeito derivado não permite uma forma regular de participio, mas têm a forma correspondente adjetival:

- (5)a. \*Sono stufato dalle sue idee.  
 '*eu estou cansado pelas suas idéias*'  
 b. Sono stufo delle sue idee.  
 '*eu fiquei cansado com suas idéias*'

Em conclusão, os verbos psicológicos do tipo *preoccupare*, que não possuem as propriedades acima, têm sujeito derivado com sua posição de sujeito não-temática, e o sujeito superficial movido daí para uma posição interna a VP.

Os diferentes comportamentos de ligação de anáfora que ocorrem

nesta classe<sup>1</sup> sugerem que o sujeito superficial é c-comandado pelo objeto superficial em algum outro nível, e que o Exp, neste nível, deve estar em uma posição mais alta que o Tema, portanto, em uma posição deslocada dentro de VP.

Embora tenhamos algumas evidências para a posição deslocada do objeto-Exp, ele ainda se comporta como um objeto canônico em relação à marcação de caso. Entretanto, os autores argumentam que esse acusativo não é um caso estrutural, e sim um caso inerente, marcado no léxico. Como suporte empírico para essas argumentações mostram que o objeto dos verbos tipo *preoccupare* não apresenta propriedades de objetos canônicos, como, por exemplo, transparência para processos de extração.

### 2.1.2 Representação Lexical

As representações lexicais das três classes diferem minimamente. B&R assumem que a teoria do léxico tem: a-) um *Theta-Grid* (lista não-ordenada de papéis-theta) e um *Case-Grid* (a especificação de casos inerentes idiossincriticamente selecionados pelo verbo), e b-) princípios guiadores do mapeamento das representações lexicais nas configurações sintáticas profundas. Especificam, ainda, esse princípio como: "Dado um *Theta-Grid* [Exp, Tema], o Exp é projetado numa posição mais alta (assimetricamente c-comandado) que o Tema". Teremos, assim, as

---

<sup>1</sup> O sujeito superficial desses verbos pode conter uma anáfora local ligada ao antecedente localizado no objeto superficial; e também é permitido que o objeto superficial ligue o pronome anafórico de longa distância *proprio* localizado no sujeito superficial.

seguintes representações lexicais das três classes de psico-verbos:

(6) <i>temere</i> :	theta-grid	[Exp, Tema]
	case-grid	[ - - ]
(7) <i>preoccupare</i> :	theta-grid	[Exp, Tema]
	case-grid	[Acc - ]
(8) <i>piacere</i> :	theta-grid	[Exp, Tema]
	case-grid	[Dat, - ]

Em termos gerais, a proposta assumida por B&R é a seguinte: com apenas certos princípios gramaticais restritivos da GB podemos explicar os aparentes fenômenos dos verbos psicológicos, não sendo necessário envolver o conteúdo dos papéis temáticos para compreender tais fenômenos. Essas distinções têm um papel crucial entre a interface da gramática formal e outros sistemas cognitivos, mas são irrelevantes dentro do próprio formalismo gramatical.

## 2.2 Aplicação da Proposta de B&R às Classes dos Psico-Verbos

No caso da Classe 1, a análise de B&R não apresenta grandes diferenças em relação à nossa análise. A única observação que podemos fazer é quanto ao teste da aceitação do clítico como anáfora, que não mostrou ser um bom teste para o português, pois apesar de ser aceito por alguns verbos desta classe, não é aceito por todos:

- (9) José se teme.
- (10)?José se deseja.
- (11)\*Maria se ambiciona.

Como B&R, assumimos para esses verbos uma configuração transitiva simples.

Assim, passamos à análise das outras classes.

### 2.2.1 Classe 2 do Português

Segundo a classificação utilizada por B&R, esse tipo de verbo apresenta, em estrutura superficial, o Tema na posição de sujeito e o Exp na posição de objeto. De acordo com os testes para a constatação do tipo de sujeito, a Classe 2, em português, pode apresentar o tipo de configuração inacusativa proposta pelos autores em relação ao sujeito ser derivado<sup>2</sup>. Quanto à posição deslocada do objeto, não podemos aceitá-la por não existirem evidências que essa configuração seja a representação mais adequada para essa classe. Além disso, não concordamos que o sujeito superficial dessa classe seja um Tema. Segundo Pesetsky (em prep.), os verbos dessa classe têm predicado causativo, mostrando que o exemplo em (12) pode ser parafraseado por (13):

- (12) The article in the Times angered Bill greatly. 'o artigo no Times aborreceu Bill enormemente'  
 (13) The article in the Times caused Bill to be angry. 'o artigo no Times causou Bill ficar aborrecido'

Outra evidência dada por Pesetsky é que, em japonês, os verbos

---

<sup>2</sup> Entretanto, existem autores como Grimshaw (1990), Stowell (1991) e Zubizarreta (1992) que mostram evidências que o sujeito de verbos do tipo *preoccupare* em italiano, ou *frighten* em inglês ou *auser* em francês não possuem sujeito derivado, e sim profundo. Veremos algumas dessas evidências mais a frente (ver também nota 3, Capítulo 3).



- (15)\*A mãe se preocupa<sup>4</sup>.  
 (16)\*Preocupam a mãe com aquela arrogância.  
 (17)a.\*O pai fez Rosa preocupar a mãe.  
       b.\*Isto fará preocupar ainda mais a mãe.  
 (18)a.\*A mãe foi preocupada pela arrogância de Rosa.  
       b. A mãe ficou preocupada com a arrogância de Rosa.

Porém, o resultado negativo desses testes não parece indicar se o sujeito é profundo ou derivado, mas sim, se se trata de um Agente ou não; mais a frente daremos evidências para tal afirmação.

#### 2.2.1.2 Sobre a Posição de Objeto Superficial Deslocado

Existem várias evidências contrárias à hipótese de B&R sobre o objeto superficial do verbo *preoccupare* estar em uma posição deslocada dentro de VP, cedendo sua posição para o sujeito superficial desse verbo. Os autores alegam que, como essa classe apresenta o fato já descrito de ligação de anáforas, em algum nível, o sujeito-Exp está mais alto que o objeto-Tema para que possa ocorrer essa ligação, com respeito à condição de c-comando. Essa seria uma explicação para a afirmação de que o objeto superficial do verbo está em uma posição deslocada. Outra explicação de natureza teórica é baseada na hipótese de que o caso acusativo apresentado por esse tipo de verbo não é um caso estrutural e sim inerente. Finalmente, uma evidência empírica é que esse objeto superficial não possui as propriedades de extração típicas dos objetos

---

<sup>4</sup> Lembramos que esse se tem que ser um argumento, e não o se ergativo que não tem uma função semântica na frase. O segundo se evidentemente é aceito por todos os verbos que aceitam construções ergativas:

- (i) Maria preocupa a mãe.  
 (ii) A mãe se preocupa com Maria.

canônicos. Vejamos essas afirmações e os dados do português.

Quanto à ligação de anáfora local<sup>8</sup>, a Classe 2 comporta-se como a classe de *preoccupare* em italiano. Ela permite ao antecedente estar localizado no sujeito, parecendo corroborar assim a hipótese do sujeito-Tema estar em uma posição mais baixa que o objeto-Exp:

- (19) Rumores sobre si<sub>1</sub> preocupam Rosa<sub>1</sub>.  
 (20) Retratos de si mesma<sub>1</sub> aborrecem Maria<sub>1</sub>.

A explicação de B&R é que o sujeito superficial, de acordo com a configuração sintática profunda proposta, está em uma posição mais baixa que o objeto superficial. Esse fato satisfaz, pelo menos em um nível, a condição de c-comando, e permite ao sujeito superficial conter a anáfora. Esse tipo de ocorrência é normalmente atribuído somente aos verbos psicológicos. Entretanto, a ligação de anáforas com o antecedente no objeto do verbo pode aparecer em outros tipos de verbos que não são psicológicos, como é o caso dos causativos, verbos genuinamente transitivos:

- (21) A confiança excessiva em si<sub>1</sub> mesma matou Maria<sub>1</sub>.  
 (22) A imagem que tinha de si mesma<sub>1</sub> não deixava Maria progredir.

---

<sup>8</sup> Em relação à ligação de anáfora de longa distância com o possessivo *próprio*, não nos parece que essa estrutura ocorra em português; sentenças que parecem boas em italiano soam como agramaticais para nós. Por isso, não trabalharemos com essa ocorrência como um possível teste:

- (i) a. #João<sub>1</sub> teme aqueles que querem sustentar a própria<sub>1</sub> candidatura.  
 b. Gianni<sub>1</sub> teme coloro che vogliono sostenere la propria<sub>1</sub> candidatura.  
 (ii) a. #Quem quer que duvide da própria<sub>1</sub> boa fé preocupa João<sub>1</sub>.  
 b. Chiunque dubiti della propria<sub>1</sub> buona fede preoccupa Gianni<sub>1</sub>.

Martin (1986, apud Zubizarreta (1992)) também aponta exemplos em inglês onde vemos construções transitivo-causativas com as mesmas propriedades de ligação de anáforas creditadas somente aos psico-verbos:

- (23) Stuffing himself<sub>i</sub> night and day eventually killed John<sub>i</sub>.  
 (24) Allowing himself<sub>i</sub> time for exercise each day made John<sub>i</sub> grow strong.

Não há razão, portanto, para pressupor uma estrutura específica para esta classe dos verbos psicológicos. Nessa direção, teríamos que propor a mesma estrutura para verbos como *matar*, *deixar*, e todos os verbos causativos, o que não faz sentido; para esses verbos não se pode falar em sujeito derivado.

A segunda evidência para a posição deslocada do objeto é a hipótese do caso inerente. Primeiramente, vejamos o critério utilizado por B&R para a atribuição de caso inerente<sup>6</sup> ao objeto do verbo *preoccupare*:

- (25) Questo lo preoccupa. 'isto o preocupa'

Essa frase em italiano possui a marcação de caso acusativo, que segundo B&R, é um caso inerente, atribuído ao verbo idiossincraticamente na sua grelha temática. Isso é explicado a partir da interpretação de B&R da Generalização de Burzio (1986):

- (26) V é um atribuidor de caso estrutural sse tiver um argumento externo.

---

<sup>6</sup> Sobre caso inerente, ver, por exemplo, Baker (1988a).

Segundo essa generalização o verbo *preoccupare*, como não possui argumento externo, não pode ser um atribuidor de caso estrutural, admitida a configuração proposta pelos autores. Consequentemente, o caso acusativo, tornado visível em (25), não pode ser estrutural: o Tema é que estaria na posição de objeto canônico, onde não receberia caso, e o Exp receberia um caso acusativo inerente, relacionando-se diretamente com o Tema em uma posição pós-verbal.

Há várias inconveniências nessa proposta. Seria preferível ter-se uma proposta sem estipulações adicionais, considerando o acusativo como estrutural, com o Exp na posição do objeto. Grimshaw (1990) aponta que a proposta de B&R é uma estipulação lexical arbitrária. Existem diferenças sistemáticas entre as duas classes (*frighten=preoccupare*, *fear=temere*), que não podem, de nenhuma maneira, estar conectadas no traço de caso que recebe o verbo *frighten*. Uma dessas diferenças é, por exemplo, o caráter estativo de *fear* e o caráter causativo de *frighten*.

Outra constatação é que a Generalização de Burzio, decisiva nessa proposta, dificilmente pode ser mantida. Há inúmeros contra-exemplos em russo e islandês (Rothstein, 1983), em latim (Franchi, apud Whitaker-Franchi, 1989) e em português (Everett, 1986). Falseada a Generalização de Burzio, a hipótese de B&R deixa de ter suporte teórico.

Everett (1986)<sup>7</sup> aponta que em português, existem frases, com leitura não-agentiva, sem argumento externo, com marcação de caso

---

<sup>7</sup> Ver sobre a análise de Everett em Whitaker-Franchi (1989:55). Também para os contra-exemplos da Generalização de Burzio em russo, islandês e latim, ver Whitaker-Franchi (ibidem).

estrutural no objeto:

- (27)a. Pedro furou o pneu do carro.  
 b. Furou o pneu do carro de Pedro.  
 c. **Lhe** furou o pneu quando vinha de Santos.
- (28)a. Pedro operou o pé.  
 b. Dr. João operou pé de Pedro.  
 c. O pé **lhe** foi operado.

Na interpretação de (27) e (28), a função temática agentiva desaparece, estando a posição de sujeito vazia na estrutura profunda; entretanto o objeto continua a receber caso acusativo. Há vários outros exemplos em português, em que existe o objeto com caso acusativo, e o sujeito gramatical, antes existente, transforma-se em locativo, isto é, ocorre a detematização da posição de sujeito<sup>20</sup>:

- (29)a. Não tinha uma nuvem no céu.  
 b. Nuvens? Não **as** tinha no céu.
- (30)a. No sítio tinha vacas e um cavalo.  
 b. Vacas e cavalos? Sim, lá **os** tinha.
- (31)a. Dá muita traça nesse armário.  
 b. Traças? Como **as** dá nesse armário.

Os exemplos acima contrariam (26). Portanto, não há motivos para pensar que o caso acusativo do verbo *preocupar* seja inerente. Ficamos, então, com a hipótese mais natural de que o caso acusativo da Classe 2 é estrutural.

Estando a hipótese de objeto deslocado já bastante enfraquecida com as contra-evidências apresentadas, não cremos que a constatação da

---

<sup>20</sup> Estes exemplos não seriam contra-exemplos se está correta a hipótese de Nascimento e Kato (1994), para a estrutura dos verbos existenciais e inacusativos. Continuam contra-exemplos, na proposta de Franchi, Negrão & Viotti (1995).

transparência para processos de extração no objeto seja uma evidência suficientemente forte para que a hipótese seja mantida. Ainda assim, essa propriedade não se mostrou nos dados do português, mesmo com verbos que supostamente deveriam tê-la:

- (32)\*João de quem a falta de dinheiro preocupa a mãe.  
 (33)a.??A namorada de quem João teme o pai  
 b.??De quem João teme o pai?

Em contra partida, Levin (1987) argumenta que existem instâncias para os verbos psicológicos do tipo da Classe 2, onde o Exp age como um objeto direto. Exemplo disso seria a formação medial, onde ocorre a alternância do objeto de um verbo transitivo em sujeito de um verbo intransitivo, aliás, como em português:

- (34)a. She frightens easily.  
 b. Ela assusta facilmente.

### 2.2.1.3 Conclusão sobre a Classe 2

Constatamos, pois, que a hipótese de que o objeto superficial do verbo *preocupar* (e até mesmo do verbo *preoccupare* em italiano) está em uma posição deslocada não se mantém por falta de evidências: é um objeto canônico. Os testes propostos por B&R parecem valer, porém, para a hipótese do sujeito derivado. Mas, na linha dos autores da nota 2, não nos parece que essa afirmação possa manter-se. Apresentaremos algumas evidências de que o sujeito dessa classe de verbos é profundo (mostrando, inclusive, que esses testes não são bons para tal classificação).

Zubizarreta (1992) apresenta evidências que o sujeito de predicados psicológicos está numa posição-theta. Em francês, o pronome *ça* aparece como um argumento, enquanto o *il* aparece como um expletivo. Se a posição de sujeito dos verbos do tipo da classe de *preoccupare* (por exemplo, *amuser* em francês) é uma posição não-temática, ela deveria ser ocupada por *il* quando o verbo tem um complemento sentencial, e isto não acontece:

- (35)a. *Ça m'amuse (que Marie ait peur des mouches).*  
           *'isto me diverte (que Maria tenha medo de moscas)'*  
 b. \**Il m'amuse que Marie ait peur de mouches.*

Os exemplos acima são evidências para a hipótese de que os verbos psicológicos do tipo *preoccupare* ou *preocupar* possuem sujeito profundo. A diferença entre as Classe 1 e 2 não está no nível configuracional<sup>7</sup>; veremos que é de natureza semântica, isto é, são as redes temáticas que as caracterizam que diferem:

- (36) TEMER: <Exp <Obj>>  
 (37) PREOCUPAR: <Cau <Exp>>

Dessa rede temática distinta vem a explicação da diferente estruturação sintática das duas classes a nível superficial; não se trata de uma mesma rede temática variando as posições sintáticas, mas trata-se de diferentes projeções para diferentes redes temáticas. Quanto ao motivo por que em uma classe o Exp se projeta como sujeito e na outra, projeta-

---

<sup>7</sup> No Capítulo 3 mostraremos que, para o inglês e português, a diferença entre essas duas classes também não é aspectual, pois nesse nível elas se igualam.

se como objeto, podemos adiantar que é um problema que advém do princípio de hierarquia temática entre os papéis envolvidos e que será explicado na Parte II desta tese.

A ocorrência da anômala ligação de anáfora com esse tipo de verbo não pode ser explicada pela configuração proposta, pois, vimos que outros verbos, não psicológicos, permitem essa ligação. Com os dados apresentados já mostramos que a hipótese inacusativa não é adequada para os verbos psicológicos, e que temos indícios de que a solução para os problemas apresentados por esses verbos está a nível das relações temáticas. Porém, os dados do português ainda mostram outros fatos que esclarecem a natureza dos testes propostos por B&R, e dão mais indícios na direção de uma análise semântica.

### **2.2.2 Classe 3 do Português**

Como já foi mostrado, os verbos listados nessa classe, a uma primeira vista, pela rede temática apresentada, poderiam fazer parte da Classe 2:

(38) As ameaças da polícia acalmam a multidão.  
Cau Exp

Mas, quando aplicados os testes propostos para o sujeito, eles comportaram-se de uma maneira diferente dos verbos da Classe 2: a.) aceita o clítico como anáfora; nem todos os verbos dessa classe admitem essa propriedade, seguindo assim o comportamento da Classe 1; b.) aceita o *pro* arbitrário como sujeito; c.) aceita construções causativas encabe-

çadas e construções causativas com o auxiliar *fazer*; d.) aceita passivização sintática e não aceita a adjetiva. Vejamos os exemplos:

- (39)a. A multidão se acalma.  
 b.\*Rosa se conquista.  
 (40) Acalmaram a multidão.  
 (41)a. O delegado fez a polícia acalmar a multidão.  
 b. Isto fará acalmar a multidão.  
 (42)a. A multidão foi acalmada pelas ameaças da polícia.  
 b.\*A multidão ficou acalmada com as ameaças da polícia.

Existe, assim, uma diferença entre as duas classes, pois apesar de parecer que elas tenham a mesma rede temática, as propriedades sintáticas licenciadas por esses verbos são distintas. Inclusive, segundo os próprios testes propostos por B&R, o sujeito dessa classe é profundo, contrariamente ao que seria esperado pelos autores. Nossa hipótese é que essas duas classes diferem a nível temático, e por isso a Classe 3 apresenta essas propriedades: a Classe 3, além de aceitar uma Causa como sujeito, também aceita um Agente, diferentemente do que ocorre com a Classe 2 que não permite leitura agentiva:

- (43) João acalma Maria com um chá. (A ação direta de João sobre Maria faz Maria acalmar-se.)  
 (44) João preocupa Maria com sua chegada. (\*A ação direta de João sobre Maria faz Maria preocupar-se.)

Uma observação importante a ser feita é que não podemos confundir a natureza agentiva de um verbo com o traço [+intenção] relacionado às

consequências da ação praticada<sup>10</sup>. Segundo B&R, "com alguns verbos da classe de *preoccupare*, um sujeito humano pode ser interpretado como indutor voluntário do processo ou estado do Exp, pragmaticamente mais natural quando está envolvida alguma reciprocidade ajudada por advérbios como voluntariamente, intencionalmente. Nesses casos, o sujeito é um simples sujeito agentivo profundo, e alguns dos testes propostos serão aceitos pelo sujeito". Isso não é verdade; os verbos da Classe 2 podem ter uma leitura implicando a intencionalidade no resultado do processo com sujeitos humanos, e ainda nessas condições, não têm uma leitura agentiva; e continuam a não aceitar os testes propostos por B&R. Vejamos os exemplos abaixo:

- (45)a. Maria, intencionalmente, preocupa a mãe com suas saídas.  
 b.\*A ação intencional de Maria diretamente sobre a mãe a preocupa.  
 c. O fato de Maria sair preocupa a mãe; e Maria o faz intencionalmente.

Tornamos, portanto, a mostrar que a Classe 3, além da rede temática proposta em (38), também aceita a rede temática em (46), e que essa possibilidade lhe proporciona propriedades sintáticas diferentes das propriedades da Classe 2<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Davidson (1980), em sua definição de intencionalidade, diferencia a intenção de um Agente quando ele pratica uma ação, da intenção de um Agente no que diz respeito às consequências dessa ação. Ver explicação mais detalhada no Capítulo 5.

<sup>11</sup> Para uma possível evidência em inglês da nossa hipótese de que existe uma terceira classe de psico-verbos, encontramos alguns exemplos em Zubizarreta (1992). Esses exemplos têm o Tema (segundo a autora) na posição de sujeito e aceitam passivização com o adjunto *by*, podendo levar-nos à conclusão de que esses verbos aceitam passivização sintática, propriedade que não seria típica da Classe 2, mas sim da Classe 3:

(46) João acalma Maria.  
       Ag                  Exp

O que também concluímos com esses fatos é que os testes propostos por B&R, como sendo indicadores da natureza derivada ou profunda do sujeito, na verdade são indicadores da natureza agentiva ou não do sujeito. E é por isso que eles não passam na Classe 2, pois trata-se de uma classe com sujeito não-agentivo.

### 2.2.3 Classe 4 do Português

Para finalizar, temos a Classe 4, que é uma classe que não apresenta novidades, tendo em vista que são verbos que partilham propriedades tanto da Classe 2 quanto da Classe 3, apresentando, portanto, todas as propriedades atribuídas a essas duas classes:

(47) Maria animou José com sua beleza.  
       Cau                  Exp          Cau  
 (48) Maria animou José com uma bebida forte.  
       Ag                  Exp          Ins

Enfatizando mais uma vez, temos que a diferença entre a Classe 3 e a Classe 4 é que a Classe 3 aceita duas redes temáticas, mas é a sua característica agentiva que determina as propriedades sintáticas. E a

- 
- (i) Mary was humiliated by John's remarks. 'Mary foi humilhada pelas observações de John'  
 (ii) Mary was inspired by the sunset. 'Mary foi inspirada pelo sol'

Parece-nos que seria necessário uma melhor checagem para se poder fazer essa afirmação. Talvez, se fosse feita uma listagem mais significativa dos psico-verbos em inglês, como a que foi feita em português, acharíamos mais verbos com esse comportamento, compartilhando assim da nossa Classe 3 de psico-verbos.

Classe 4 aceita as duas redes temáticas e todas as propriedades das duas classes; por isso é que dizemos que ela pode fazer parte tanto de uma classe quanto de outra. São suas propriedades:

- (49)a. José se animou.  
b.\*Rosa se intimidou.
- (50)a. Animaram José com aquela bebida forte.  
b.\*Animaram José com aquela beleza.
- (51)a. João fez Maria animar José com uma bebida.  
b.\*João fez Maria animar José com sua beleza.  
c. A bebida fará animar ainda mais José.  
d.\*A beleza de Maria fará animar ainda mais José.
- (52)a. José foi animado por Maria.  
b. José ficou animado com a beleza de Maria.

Os dados do português brasileiro mostram que a proposta inacusativa de Belletti & Rizzi é inadequada como solução aos problemas apresentados pelos verbos psicológicos e também quanto à classificação dos mesmos.

## CAPÍTULO 3

### OS DADOS DO PORTUGUÊS, A TEORIA DE GRIMSHAW E A ANÁLISE ASPECTUAL DE VAN VOORST<sup>1</sup>

#### 3.1 A Proposta de Grimshaw

Grimshaw (1990) faz um estudo da representação da estrutura argumental (estrutura-A). Essa estrutura, que é parte da entrada de um item lexical, faz a mediação entre dois outros tipos de representação: a estrutura semântica lexical que representa o sentido lexical e a estrutura-F. A estrutura-A é projetada da estrutura semântica lexical, e a estrutura-F é projetada da estrutura-A e dos princípios de X-Barra da GB (*Government and Binding*). A autora investiga em seu trabalho a natureza e a organização dessa estrutura-A.

A proposta de Grimshaw é que a estrutura-A é uma representação organizada sobre a qual relações de proeminência (em termos de argumento

---

<sup>1</sup> Uma versão deste capítulo encontra-se em *Cançado* (a sair).

externo e argumento interno) são definidas. A fundamental afirmação da Teoria da Proeminência (como Grimshaw denomina seu trabalho) é que a estrutura-A de um predicado (nos casos aqui estudados, um verbo) tem sua própria organização interna que afeta em muitas maneiras o seu comportamento sintático. Essa organização é tomada como sendo um reflexo da semântica lexical desse predicado. Vejamos algumas proposições da teoria, relevantes para esta tese:

1. As relações de proeminência são determinadas juntamente pelas propriedades temáticas do predicado (via hierarquia temática) e pelas propriedades aspectuais do predicado (via hierarquia aspectual).

2. A Teoria da Proeminência, apesar de seguir uma posição parecida com a adotada por gerativistas em que a sintaxe é cega para o conteúdo dos papéis temáticos, difere dessa posição em um ponto: a organização interna da estrutura-A resulta (em parte) de uma hierarquia temática. Portanto, as relações de proeminência refletem informações temáticas particulares de um certo tipo, embora bem limitado, fixando somente se um dado argumento é mais alto ou mais baixo que outro na hierarquia temática.

3. Hierarquia Temática é entendida como um princípio organizador de estruturas-A. Portanto, a organização estrutural de um arranjo argumental é determinada por princípios universais baseados em propriedades semânticas. A organização da estrutura-A é o único papel que a hierarquia tem na teoria, e a sua localização é estritamente na interface entre a estrutura conceitual lexical e a estrutura-A. Qualquer efeito sintático que possa decorrer da hierarquia, deve ser atribuído, pelo menos indiretamente, à estrutura-A, desde que organizar estrutura-A

é seu único papel. A estrutura-A não possui informações sobre papéis temáticos particulares, mas apenas informações sobre a relativa proeminência dos argumentos. Mas com o propósito de manter uma maior compreensibilidade é usada uma lista de papéis temáticos para a identificação dos argumentos. A teoria não atribui nenhum estatuto a isso; é só um instrumento descritivo, assim como a sintaxe se utiliza de termos como sujeito, objeto, etc.

4. O conceito de argumento externo pode ser explicado em termos de proeminência na estrutura-A: o argumento externo é o argumento mais proeminente das duas dimensões, a temática e a aspectual, na estrutura-A de um predicado.

Vejamos agora qual a relação da proposta acima com os verbos psicológicos.

### 3.2 Os Psico-Verbos e a Teoria

Grimshaw apresenta os problemas encontrados na classe de *frighten* dos psico-verbos como evidências para corroborar a organização proposta da estrutura-A: suas características podem ser entendidas como um resultado da não-combinação entre as relações de proeminência temática e aspectual, resolvendo assim o seu comportamento atípico, e dando evidências para a provável existência das duas relações de proeminência. Essas aparentes restrições temáticas que apresentam os psico-verbos, mostradas como consequência dos princípios da estrutura-A, provam também a não-necessidade de referência explícita aos papéis temáticos.

### 3.2.1 Dimensões Temática e Aspectual

As duas classes de psico-verbos estudadas por Grimshaw apresentam a seguinte representação da dimensão temática:

- (1) FEAR ( x (y))  
       'temer' Exp Tema  
 (2) FRIGHTEN ( x (y))  
       'assustar' Exp Tema

A realização sintática dos argumentos não é, obviamente, um reflexo direto de sua proeminência temática. Portanto, essa diferença só pode advir de outro lugar. E a resposta de Grimshaw está na existência de um segundo tipo de análise semântica, aspectual em seu caráter, na qual é atribuído características diferentes para o Tema de *frighten* e o Tema de *fear*. E é dessa análise aspectual que decorre a diferenciação da realização sintática dos argumentos dos psico-verbos. A diferença crítica entre essas duas classes parece ser que *frighten* tem um sentido causativo não compartilhado por *fear*. Segundo Grimshaw, essa causa tem um caráter aspectual que faz as duas classes de verbos pertencerem a classes aspectuais distintas. Como evidência, Pesetsky (em prep.) aponta que em japonês a morfologia de verbos tipo *frighten* é claramente causativa, e que frases com esses verbos apresentam paráfrases com um sentido causativo óbvio<sup>2</sup>.

Grimshaw estipula que a natureza causal de um argumento determina a sua realização como sujeito; portanto, se o Tema do verbo *frighten* é associado a uma causa, esse argumento será realizado como sujeito.

---

<sup>2</sup> Ver Capítulo 2, exemplos (12) e (13) e comentários.

Vejamos a explicação mais detalhadamente. A estrutura causal de um predicado também define uma hierarquia, assim como a estrutura temática o faz, em que o argumento Causa é o mais proeminente:

- (3)a.(Ag (Exp ( Alvo/Fonte/Locativo (Tema) ) ) )  
 b.(Causa (outro (...)))

Para o verbo *frighten*, a primeira posição da dimensão temática não corresponde à primeira posição na dimensão causal, na medida em que elas não são ocupadas pelo mesmo argumento. É o segundo elemento na dimensão temática que está associado ao primeiro elemento na dimensão causal; e o primeiro elemento na dimensão temática corresponde à segunda posição na dimensão causal:

- (4) The building frightened the tourists.  
 'o monumento assustou os turistas'  
 (5) FRIGHTEN ( x (y))  
 Exp Tema -----> dimensão temática  
 Cau ... -----> dimensão aspectual

Portanto, o caráter especial da realização sintática dos verbos tipo *frighten* (não-agentivo) tem sua origem no conflito entre as duas hierarquias, sendo o argumento correspondente ao sujeito mais proeminente na hierarquia causal mas não sendo o mais proeminente na hierarquia temática. E a teoria estipula que é o argumento mais proeminente da dimensão causal que determina que argumento será realizado como sujeito. Já, para os verbos do tipo *fear*, a teoria não consegue estabelecer uma hierarquia aspectual. Pela semelhança de comportamento com os transitivos, Grimshaw estipula que a estrutura-A desses verbos será a mesma para os dois tipos de verbos:

(6) BREAK	( x	(y))
'quebrar'	Ag	Pac
	Cau	...
(7) FEAR	( x	(y))
	Exp	Tema
	?	

Seguindo a análise dos transitivos exemplificada em (6), o sujeito de *fear* será mais proeminente tanto na hierarquia temática quanto na hierarquia causal, coincidindo as relações de proeminência, e atribuindo ao sujeito a posição de argumento externo, pois argumento externo, na teoria, será o argumento que resultar quando as duas dimensões tomarem o mesmo argumento como mais proeminente<sup>3</sup>.

Quanto a propriedades sintáticas, Grimshaw diz que a sua proposta pode prever alguns dos fatos que ocorrem com os psico-verbos. Por exemplo, assumindo o que Kaine (1975) diz sobre o fato de que a reflexivização e a passivização só podem ocorrer se existir um argumento externo, podemos prever que o fato de verbos do tipo *frighten* não terem argumento externo determina a não-realização de clíticos reflexivos e a não-realização da passivização sintática<sup>4</sup>.

Mostraremos a seguir que essas propostas não se adaptam aos dados do português que aqui apresentamos, e que também existem erros de ordem conceitual na teoria apresentada por Grimshaw.

<sup>3</sup> Segundo Grimshaw, o verbo *frighten* não tem argumento externo por não coincidir as relações de proeminência de seu argumento localizado na posição de sujeito. Mas, como tem uma causa em sua dimensão aspectual, e causa sempre está associada a sujeito, o sujeito de *frighten* deve ser um sujeito de estrutura profunda. Portanto, a teoria distingue a noção de argumento externo com a de sujeito profundo, concordando com Belletti & Rizzi quanto à classe de *frighten* não ter argumento externo, mas discordando que essa classe tenha sujeito derivado.

<sup>4</sup> Sobre a afirmação, Grimshaw não dá exemplos em inglês, limitando-se a citar os exemplos de B&R; ver Capítulo 3, exemplos (2) e (5).

### 3.3 Críticas à Teoria da Proeminência

A dúvida principal que surge da análise de Grimshaw é a respeito do carácter aspectual que a autora atribui à Causa refletida nos verbos do tipo *frighten*. Em nossa análise descritiva, classificamos essa Causa como uma relação temática entre o verbo *preocupar*<sup>2</sup> e seu sujeito. Baseada na classificação dada por Vendler (1967), reanalisada em Dowty (1979), Grimshaw sustenta que as duas classes de psico-verbos têm o mesmo papel temático, mas diferem quanto ao carácter aspectual. Esse é um ponto que iremos analisar, mais detalhadamente, usando para isso a análise de van Voorst (1992) dos psico-verbos em inglês, em que a mesma classificação de Vendler-Dowty foi utilizada. Antes de passarmos para essa análise aspectual, faremos algumas críticas já percebidas em uma primeira análise dos dados do português à luz da Teoria da Proeminência.

#### 3.3.1 Dados do Português e Algumas Críticas Preliminares

Por exemplo, para a Classe 1 dos verbos tipo *temer*, de acordo com a Teoria da Proeminência, teríamos o seguinte:

(8) José teme o cachorro.
Exp                      Tema
?                         ?

A teoria diz que a hierarquia aspectual determina qual argumento é realizado como sujeito. Grimshaw especifica a hierarquia temática mas

---

<sup>2</sup> Usamos aqui o verbo *preocupar*, pois a tradução de *frighten* (*assustar*) faria parte da nossa Classe 4, e não da Classe 2 pertinente para essa análise.

não especifica a hierarquia aspectual, dizendo apenas que a Causa é a mais alta dessa hierarquia (ver exemplo (3)). Portanto, não temos condição de prever em (8) sequer quais são os argumentos da dimensão aspectual. Por estipulação, Grimshaw assume que verbos do tipo *fear* têm o mesmo alinhamento das duas dimensões que os verbos agentivos (ver exemplo (6)). Então, temos, para os verbos do tipo *temer*, a seguinte representação dentro da teoria de proeminência:

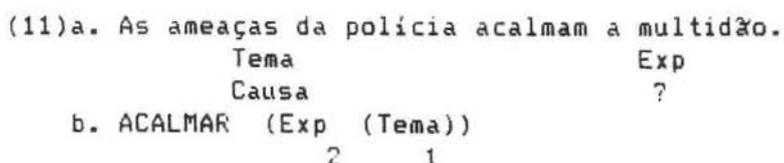
(9) TEMER (Exp (Tema))  
           1       2

Um primeiro ponto é se não temos uma hierarquia aspectual determinada, como podemos identificar, através do proposto na teoria, qual será o sujeito ou o argumento externo desse tipo de verbo? Ou mesmo para o outro tipo de verbo psicológico. Em que tipo de hierarquia aspectual estará a autora baseando-se? Se o primeiro papel na hierarquia aspectual é Causa, e se associássemos a Causa ao Exp de *temer*, essa seria uma atribuição, pelo menos, muito contra-intuitiva. Segundo, porque os verbos do tipo *fear* têm a mesma estrutura-A de verbos transitivos? Se é por estipulação, como diz a autora, pesa sobre a teoria proposta a mesma acusação que ela própria faz a Belletti & Rizzi quando diz que a teoria lexical proposta pelos autores é uma estipulação arbitrária.

Já para a Classe 2, que apresenta a estrutura-A proposta em (10), a não-uniformidade entre as duas proeminências parece explicar a realização sintática mostrada por esses verbos:



Mas vemos que essa afirmação não se sustenta para a análise da Classe 3. A estrutura-A para essa classe, de acordo com a Teoria da Proeminência, seria a mesma:



A representação em (11), como à representação em (10), prevê que o verbo *acalmar* tem sujeito profundo, mas não tem argumento externo. Não tendo argumento externo, o verbo não deve realizar passiva sintática e nem fazer a ligação anafórica do clítico reflexivo. Mas os exemplos que temos para essa classe contrariam essa afirmação:

- (12) A multidão foi acalmada pelas ameaças da polícia.  
 (13) A multidão se acalma.

Pelo menos, para exemplos do português, a teoria não pode fazer previsões a respeito dessas propriedades sintáticas. Não parece, além disso, coerente que a Classe 2 não tenha argumento externo, e a Classe 3, que é idêntica do ponto de vista da estrutura-A na teoria proposta apresente propriedades que exigem um argumento externo. Como já dissemos no capítulo anterior, a atribuição dessas propriedades parece estar ligada ao tipo de papel temático que cada classe possui: verbos que

somente podem receber o papel temático de Causa na posição de sujeito não admitem as propriedades acima, que é o caso da Classe 2; e verbos que possuem um agente na posição de sujeito, que é o caso da Classe 3, admitem tais propriedades.

Com as análises feitas acima para as classes do psico-verbos em português, vemos, contrariamente ao que diz Grimshaw, que esses verbos não fornecem evidências para corroborar a organização da estrutura-A proposta pela autora e nem ao menos fornecem evidências para a existência de uma dimensão aspectual em uma estrutura argumental<sup>6</sup>. Nesse ponto da análise, já podemos afirmar que a solução proposta por Grimshaw não é adequada para o português, e já descartamos essa possibilidade de análise para os nossos exemplos. Mas, continuaremos em uma outra direção: queremos mostrar que existem indícios que nos apontam para uma direção semântica, do ponto de vista das relações temáticas. Isso é que iremos investigar. Concordamos com Grimshaw que esses verbos têm um sentido causativo, e aceitamos as evidências mostradas pela autora em favor disso. Mas, queremos mostrar que a natureza dessa causa não é aspectual, e sim temática.

### **3.4 A Proposta Aspectual de van Voorst**

Baseando-se em critérios propostos por Dowty (1979) e Vendler (1967), assim como Grimshaw, van Voorst (1992) faz uma análise semântica em termos aspectuais dos psico-verbos em inglês. O autor conclui que não

---

<sup>6</sup> Ver Zaenen & Goldberg (1993).

existe nenhuma evidência aspectual que classifique os verbos psicológicos diferentemente, ou seja, sob o ponto de vista aspectual, as classes dos verbos psicológicos são similares. Para essa análise, van Voorst divide os verbos psicológicos em quatro classes distintas, entre elas: as classes de *fear* ou Classe 1 (*temer*) do português e *frighten* ou Classe 2 (*preocupar*); também analisa verbos de ação transformados em psico-verbos e o *frighten* do inglês ou Classe 2 do português, com uma leitura intencional (como também sugerem B&R; ver capítulo anterior). Essas quatro classes de psico-verbos comportam-se da mesma maneira em relação às propriedades aspectuais, formando uma única classe que tem características aspectuais de "Achievement"<sup>7</sup>.

### 3.4.1 Análise Aspectual em Português

Para comprovarmos a hipótese de van Voorst, aplicamos os mesmos testes nas classes dos verbos psicológicos em português. Explicaremos brevemente os testes aplicados<sup>8</sup>.

O Teste 1 mostra que com a adição da expressão *em x minutos*, somente um Accomplishment permite uma interpretação que o evento chega ao fim após passado o tempo indicado. Com Atividade, Estado e Achievement, somente uma leitura expressando o começo do evento é possível:

---

<sup>7</sup> Deixarei os termos em inglês "Achievement" e "Accomplishment" por não ter encontrado uma palavra única que captasse o sentido exato dos mesmos. A literatura em português também refere-se a esses termos em inglês (ver Ilari & Mantoanelli, 1983).

<sup>8</sup> Para um maior esclarecimento sobre esses testes ver van Voorst (1992), ou diretamente de onde esses testes foram tirados, Dowty (1979).

- (14)? José temeu o cachorro em 1 h. (Classe 1)  
 (15)? Rosa preocupou a mãe em 1 h. (Classe 2)  
 (16) A polícia acalmou a multidão em 1 h. (Classe 3)

Esse primeiro teste, mostra que as Classes 1 e 2 não podem ter uma leitura de Accomplishment, porém a análise da Classe 3 expressa um Accomplishment.

Com o Teste 2, pela adição da expressão adverbial *por x minutos*, constata-se que em um Accomplishment tal construção não é permitida, ao passo que as outras três classes aspectuais permitem a adição dessa expressão:

- (17) José temeu o cachorro por uma hora, não mais. (Cl.1)  
 (18) Rosa preocupou a mãe por uma hora, antes de aparecer. (Cl. 2)  
 (19)\*A polícia acalmou a multidão por 1 hora, não mais. (Cl.3)

As Classes 1 e 2, aceitando o Teste 2, não se comportam como um Accomplishment. Corroborando o Teste 1, a Classe 3 tem o comportamento de um Accomplishment.

O Teste 3 é conhecido como o paradoxo do imperfectivo: formas imperfectivas de verbos de Accomplishment como - *ela está construindo uma casa* - não permitem concluir que será verdade no futuro a forma - *ela construiu a casa* -; ao passo que formas imperfectivas de verbos de Atividade como - *ele está dirigindo na pista molhada* - permitem concluir que será verdade no futuro a forma - *ele dirigiu na pista molhada* -:

- (20)a. José anda temendo cachorros. (Cl 1)  
 b. Será verdade no futuro: José temeu cachorros.  
 (21)a. Rosa está preocupando pessoas. (Cl.2)  
 b. Será verdade no futuro: Rosa preocupou pessoas.  
 (22)a. A polícia está acalmando a multidão. (Cl. 3)  
 b. Não se sabe se será verdade: A polícia acalmou a multidão.

O Teste 3 mostra que as Classes 1 e 2 podem ser uma Atividade; e corrobora mais uma vez a análise de Accomplishment para a Classe 3.

O Teste 4 mostra que o acréscimo do advérbio *quase* cria uma ambiguidade em frases com verbos de Accomplishment. O mesmo não ocorre para frases com verbos de Atividade, Estado e Achievements. Os verbos de Accomplishment podem significar que o evento *quase* começou ou que o evento *quase* se completou. Atividade e Achievement só podem ter a primeira interpretação. Verbos com Estado implicam que o estado fracassou antes de começar:

- (23)?José *quase* temeu o cachorro. (Cl.1)
- (24)?Rosa *quase* preocupou a mãe. (Cl. 2)
- (25) A polícia *quase* acalmou a multidão. (Cl. 3)

O Teste 4 mostra que para as Classes 1 e 2 não se pode ter uma leitura ambígua; mas para a Classe 3 podemos interpretar que o fato *quase* aconteceu sem se iniciar, ou que o fato *quase* começou mas não se completou, indicando o seu comportamento de Accomplishment.

O Teste 5 mostra-nos o diferente comportamento de Accomplishment e Atividade em relação ao objeto. O primeiro sempre necessita de um objeto individual; se o objeto da sentença não for individual, sua leitura aspectual transforma-se em Atividade, e vice-versa. Usando os exemplos do Teste 3:

- (26)a. José anda temendo o cachorro da esquina. (Cl. 1)
- b. Será verdade no futuro: José temeu o cachorro.
- (27)a. Rosa está preocupando a mãe. (Cl. 2)
- b. Será verdade no futuro: Rosa preocupou a mãe.
- (28)a. A polícia está acalmando multidões. (Cl. 3)
- b. Será verdade no futuro: a polícia acalmou multidões.

No Teste 5 a individualização dos objetos das Classes 1 e 2 não afeta em nada seu comportamento aspectual, e portanto, contrariando a previsão do Teste 3, não podemos tratar esses verbos como uma Atividade. Já a mudança do objeto da Classe 3 para um plural, transforma a leitura de Accomplishment em Atividade, constatando, mais uma vez, a natureza de Accomplishment dessa classe de verbos.

O Teste 6 mostra que advérbios referindo-se à intensidade de um evento ou ao esforço de manter o evento processando-se não são possíveis com Estado, e aceitáveis com Atividade, Achievement e Accomplishment:

- (29) José temeu aquele cachorro imensamente.
- (30) Rosa preocupou a mãe intensamente.
- (31) A polícia acalmou a multidão sem muito problema.

Esse último teste mostra-nos que nenhuma das quatro classes pode ser classificada como Estado, pois todas elas aceitam advérbios intensificadores\*.

Sem dúvida, a Classe 3 (*acalmar*) pode ser classificada como um Accomplishment já que aceitou todos os testes para tal classificação. As Classes 1 (*temer*) e 2 (*preocupar*) ocorrem em construções diferentes de Accomplishment, pois não implicam um processo acarretando uma mudança final de estado. Não se enquadram em Atividade porque mudando-se o objeto direto não-individual, característico a essa classe, para um objeto individual típico de Accomplishment, sua classificação aspectual

---

\* No Capítulo 5, dizemos que o papel temático determinado pelos verbos do tipo *temer* se caracteriza por estar em um determinado estado psicológico, e chamamos a esse papel de "experienciador-estativo". Não existe nenhuma incoerência nesse tratamento, pois estamos tratando de análises distintas. O que chamamos de "estado" na análise temática é um traço inerente do ítem lexical; e o que van Voorst chama de "estado" em sua análise aspectual é uma propriedade da sentença.

não se altera. Essa propriedade ocorre tanto para Accomplishment como para Atividade, o que descarta mais uma vez a colocação dessas classes de psico-verbos na classe de Accomplishment. E também, não se enquadra na classe de Estado pois os psico-verbos "acontecem" e aceitam advérbios que modificam esse evento. Portanto, elas só podem encaixar-se na classe de Achievement, concordando assim com a classificação proposta por van Voorst para esses verbos.

Vejamos um quadro geral da análise:

(32) -----

	Est. ter	Achi. not.	Acc. que.	Atv. pen.	1/2 t/p	3 ac
T1= em x m	-	-	+	-	-	+
T2= por x m	+	+	-	+	+	-
T3= imperfec	n/a	n/a	-	+	+	-
T4= quase	-	-	+	-	-	+
T5= ind.obj	n/i	n/i	+	+	n/i	+
T6= adverbio	-	+	+	+	+	+

-----

not=notar; que=quebrar; pen=pensar; t=temer;  
 p=preocupar; ac=acalmar  
 n/a= não altera; n/i= não influencia

-----

Entretanto, os nossos resultados diferem de van Voorst no sentido que as Classes 1 e 2 distinguem-se aspectualmente da Classe 3, embora essa diferença aspectual não justifique os tipos de problemas que continuam a apresentar os psico-verbos das Classes 1 e 2, ou seja, a inversão dos papéis temáticos na realização sintática e alguns tipos de ocorrências anafóricas não típicas. Parece que a análise aspectual fornece-nos outros tipos de dados que não são relevantes no momento. Devemos ressaltar que entre as classes estudadas pelo autor não se

enquadra nenhuma com as características da Classe 3<sup>1º</sup>. Por isso, a análise feita para as outras classes continua válida; somente a generalização da não-diferença aspectual entre os psico-verbos invalida-se. Portanto, para as classes de psico-verbos de van Voorst, em que se incluem as estudadas por Grimshaw e as nossas Classes 1 e 2, temos comprovação no sentido de que aspectualmente elas não apresentam diferenças. Voltemos agora à discussão da natureza da Causa apontada por Grimshaw, que até aqui continua sendo uma questão em aberto.

### 3.5 Conclusão sobre a Natureza da Causa

Van Voorst conclui o seu trabalho, apontando que a proposta de Grimshaw, que caracteriza os psico-verbos tipo *frighten* como tendo traços aspectuais de Causa, faz agrupar esses verbos na classe de Accomplishment, como *quebrar* ou *abrir*. Esses verbos são geralmente caracterizados como causativos na sua descrição conceitual e análise aspectual. A Causa tipicamente ocorre com uma mudança de estado finalizando um evento. A análise aspectual proposta por van Voorst mostra que os verbos psicológicos não se enquadram nas características de um Accomplishment, e que não implicam um processo acarretando uma mudança de estado. O status desses verbos como Achievements elimina a possibilidade de serem eles aspectualmente causativos. Essa constatação também elimina a possibilidade de verbos do tipo *fear* serem estativos,

---

<sup>1º</sup> A classe "agentiva" de van Voorst não é a mesma Classe 3 do português; o que o autor faz é simplesmente atribuir uma leitura intencional à Classe 2, que continua sem as propriedades típicas da Classe 3 (ver Capítulo 2, pg.49).

como prevê Grimshaw. Portanto, segundo o autor, as análises semânticas propostas são inadequadas do ponto de vista aspectual. E dessa maneira, podemos concluir que a Causa existente nos psico-verbos, do inglês e português, não é, de forma alguma, de natureza aspectual<sup>11</sup>.

Franchi compõe a semântica das línguas naturais de dois componentes bem distintos que são caracterizados por critérios específicos. Em um nível intensional, temos uma semântica do sentido que concerne aos modos de representação do real. Esse componente da semântica vai lidar com as relações predicativas. A representação predicativa estende-se mediante mecanismos dêiticos, quantificacionais (incluindo aqui o aspecto, enquanto categoria funcional) e modais que associam essas representações a determinados estados de fatos (ver Capítulo 4). Como o quadro teórico deste trabalho baseia-se em Franchi, assumimos com ele a mesma divisão. Dessa maneira, se o sentido causativo atribuído aos verbos psicológicos não é de natureza aspectual, ele só pode fazer parte do outro componente semântico existente que é o das relações predicativas, e portanto, quando falamos em Causa estamos lidando com um papel temático.

Aspectual, porém, é um termo ambíguo: a rede temática não esgota a descrição de um item lexical (por exemplo, a oposição para nomes entre contáveis e incontáveis). Observe-se que dentre esses outros elementos

---

<sup>11</sup> Ilari (comunicação pessoal) diz que, aparentemente, Grimshaw refaz às avessas um percurso que havia sido celebrizado por Dowty: para este, verbos como *water* pertencem a uma classe aspectual específica (Accomplishment) por comportarem um operador abstrato CAUSE. Grimshaw inverte: causativos são obrigatoriamente aspectuais, o que não é óbvio:

(i) A pressão dos Estados Unidos segurou/manteve Pinochet no poder por cinco anos. (causativo; não-accomplishment).

da significação interna do verbo, podem considerar-se os traços intrínsecos relativos à sua extensão, duração, reiteração, etc., propriedades que estão correlacionadas à categoria funcional do aspecto. A propósito, todos os testes utilizados envolvem esses "traços aspectuais". Assim, o "aspectual" de Dowty, Grimshaw e outros se refere a traços de significação interna do verbo, porém, correlacionados à noção funcional de aspecto, mas não a relações temáticas.

### **3.6 Considerações Finais**

Segundo van Voorst, uma análise aspectual não fornece evidências para a classificação dos verbos psicológicos existentes na literatura. Isso parece ser verdadeiro, não pelo fato de as classes não terem distinção aspectual, mas pelo fato de a distinção existente não justificar o comportamento anômalo dos psico-verbos. Entretanto, as classes continuam a existir e a distinguirem-se por propriedades sintáticas distintas. Deve haver uma explicação para esse fenômeno. Não podemos simplesmente dizer que essas classes não existem, porque não se distinguem aspectualmente, que parece ser a errônea conclusão de van Voorst. Também a análise sintático-aspectual de Grimshaw (1990) não se mostrou adequada para explicar o estranho comportamento dos psico-verbos. E nem a análise sintática de Belletti e Rizzi, vista no Capítulo 2, conseguiu explicar os fatos envolvendo esses verbos.

Não se comprovando diferenças a nível da configuração sintática<sup>12</sup> e nem a nível "aspectual" entre as classes dos verbos psicológicos, deve-se buscar a solução para os problemas apresentados por esses verbos em um outro plano. Algumas pistas apontam para soluções em uma análise representacional. A adoção de uma classificação mais fina dos papéis temáticos, levou a diferentes redes temáticas para as classes dos psico-verbos. Parte da nossa classificação é sustentada por evidências em Pesetsky (1987), por evidências empíricas do japonês e pela análise crítica de Grimshaw feita acima. É plausível supor que os diferentes comportamentos e propriedades apresentados por estes verbos têm sua origem em suas diferenças semânticas. Observamos, aliás, que os testes de B&R utilizados não constataam a natureza profunda ou derivada dos "sujeitos", mas sim os traços semânticos a eles associados.

Essa suposição deve agora ser avaliada por um exame mais teórico e detalhado das propriedades julgadas relevantes. Na verdade, esta primeira parte foi quase toda negativa, e, pois, somente nos abriu inúmeras questões a que devemos responder:

1. Por que existe uma diferença nas realizações sintáticas dos verbos psicológicos?
2. Por que ocorre o tipo de ligação de anáforas com o antecedente localizado no objeto com as Classes 2, 3, 4 e também com os verbos causativos?

---

<sup>12</sup> Zubizarreta (1992) também propõe uma solução para os psico-verbos em termos sintáticos, utilizando-se da relação de escopo; mas Johnson (1992) mostra que essa proposta não se sustenta. Também Pesetsky (em prep.) propõe uma solução diferente da proposta por ele em 1987; mas, infelizmente, como já dissemos antes, as informações sobre essa proposta foram obtidas através de outras fontes, como Grimshaw (1990), Jackendoff (1990), Zubizarreta (1992) e Johnson (1992); não se tem acesso direto ao artigo que parece estar ainda em preparação.

3. Por que a Classe 1 não aceita ergativização e causativização e as outras classes aceitam?
4. Por que pode ocorrer a inversão dos dois últimos argumentos, o complemento e o adjunto, na Classe 1 e nas outras não é possível?
5. Por que as Classes 1, 3 e 4 aceitam *pro* como sujeito, aceitam construções causativas encabeçadas e passivização sintática e a Classe 3 não aceita?

O que faremos agora na Parte II é apresentar o quadro teórico em que tentaremos precisar e formalizar parcialmente as descrições feitas para responder a algumas dessas questões.

## **PARTE II**

### **QUADRO TEÓRICO**

## **CAPÍTULO 4**

### **TEORIA GENERALIZADA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS**

#### **4.1 Pressupostos Gerais**

Os fortes indícios de que certos aspectos semânticos são relevantes para a sintaxe das expressões examinadas nos capítulos anteriores levam-nos a adotar um modelo de semântica representacional no estudo dos psicoverbos. Os pressupostos fundamentais que decorrem dessa decisão são:

- assume-se, com Jackendoff (1983, 1987a e b, 1990), Chierchia (1984, 1989), de certo modo Dowty (1991), e outros<sup>1</sup>, que o sentido das orações é estruturado e sujeito a um tratamento sistemático, constituindo um componente autônomo da teoria gramatical; nesse sentido, pela adoção de uma teoria gramatical que inclui um princípio forte de projeção (Marantz, 1984), e pela adoção de

---

<sup>1</sup> Adiante identificaremos a contribuição desses autores, em seus diferentes quadros teóricos.

regras de correspondência entre essa representação e a representação sintática (Jackendoff, 1990), espera-se explicar generalizações arbitrárias feitas sobre a sintaxe e o léxico;

- adota-se um princípio de estrita autonomia desses dois componentes (como o fazem Jackendoff (1990) e Culicover (1988), por exemplo). Autonomia, aqui, significa que a teoria é elaborada, em cada um desses componentes, com primitivos (categorias, relações e funções<sup>2</sup>) e operações próprios, e que a teoria se formula em um sistema independente de princípios teóricos;

- além de uma semântica referencial, tradicionalmente construída como uma semântica de valores de verdade (ou como uma semântica de situações, como em Barwise e Perry (1983)), faz sentido se falar em uma semântica do sentido, ou em uma semântica representacional.

A versão adotada utiliza-se muito das análises, interpretações e propostas de Jackendoff, certamente as mais divulgadas, embora se apoie mais diretamente no que Franchi chama de "Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos", para cujo desenvolvimento espero que esta tese contenha contribuições relevantes<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Essas noções são usadas no sentido de Franchi (1975). Por *categorias* entenda-se propriedades ou conjuntos estruturados de propriedades que servem à delimitação, em um dado universo, das classes a que pertencem seus elementos (um princípio de classificação). Nesse sentido, são *categorias semânticas* noções como as de evento, ação, estado, objeto, etc. Por *relações* entendemos os liames de dependência que se estabelecem entre objetos do sistema e que caracterizam um pelo outro. Finalmente, as *funções* são os papéis específicos que os objetos desempenham na estrutura determinada por uma relação, pelo modo de relacionar-se com o outro. Assim, são *funcionais noções* como predicado e argumento, ou os papéis temáticos que estudamos.

<sup>3</sup> Ver nota 1, Introdução.

Para justificar essa escolha, baseamo-nos no princípio metodológico imposto pelo próprio Jackendoff, o princípio da "Grammatical Constraint". O autor diz que deve-se preferir uma teoria semântica que explique generalizações arbitrárias feitas em propostas anteriores sobre a sintaxe e o léxico. Isso não quer dizer que todo aspecto da sintaxe deva ser explicado em termos semânticos, o que seria abandonar o princípio de autonomia assumido. De fato, são conhecidas as dificuldades para se reduzir, por exemplo, categorias sintáticas a categorias semânticas, ou para se caracterizar relações e funções gramaticais como as de sujeito, objeto a partir de funções semânticas como as de Agente, Paciente. O objetivo da "Grammatical Constraint" é o de minimizar as diferenças entre as estruturas sintática e semântica, mesmo que não se possa eliminá-las totalmente, ou seja, a representação semântica deve aproximar-se o quanto possível da projeção sintática, de modo a possibilitar o estabelecimento das regras de correspondência entre elas mediante mecanismos restritos e econômicos. Como observou, porém, Whitaker-Franchi (1989), a formulação adotada por Jackendoff, como por exemplo, a vinculação de nódulos entre si para estabelecer correspondências referenciais e conceituais e processos de fusão e redução de argumentos, acaba por exigir um custoso processo de indexação entre as duas estruturas<sup>4</sup>.

Um segundo distanciamento em relação à teoria de Jackendoff está em que não adotaremos uma teoria localista do conteúdo dos papéis

---

<sup>4</sup> Pode-se, mesmo, usar contra Jackendoff argumentos semelhantes aos que o autor utilizou para criticar a Semântica Gerativa de Lakoff (1971) e McCawley (1968). Não será discutido os processos referidos por não serem diretamente relevantes para esta tese. Para maiores esclarecimentos, recorrer aos textos citados.

temáticos. Jackendoff, nas primeiras versões de seu modelo desenvolve a intuição de Gruber (1965) de que a estruturação de campos semânticos não espaciais é uma extensão da estrutura conceitual da locação e do movimento. Por exemplo, o papel temático de Experienciador seria tratado como Locativo ou Meta: o "lugar" em que se dá o medo/prazer/preocupação ... (ver também Ruwet (1972))<sup>9</sup>. Trata-se de uma aparente generalização: os argumentos e posições sintáticas associados a esses papéis possuem distintas propriedades sintáticas. Basta notar que ocupam posições distintas na hierarquia temática que estabelece a ordenação dos argumentos na estrutura sintática; o Experienciador (como objeto afetado ou estativo), e não o Locativo, ocupa normalmente posições de sujeito e objeto:

- (1)a. Paulo assustou **o filho** no quarto escuro,  
 b. Longe do pai, **o filho de Paulo** tem medo do escuro.

É o caso também do Tema: objeto locado ou em movimento. Uma hipótese localista levaria a atribuir o mesmo papel Tema a *vaso de barro* em:

- (2)a. José quebrou o **vaso de barro**.  
 b. José encheu o **vaso de barro** com terra vegetal.  
 c. José modelou um **vaso de barro**.  
 d. José colocava o **vaso de barro** na estante.

Essa análise perde a diferença fundamental entre os traços de afetação do objeto em (a), condição necessária à classe dos verbos "ergativos" (Whitaker-Franchi, 1989), ausentes em (b), (c) e (d):

---

<sup>9</sup> Como veremos, noções como Agente, Meta, Beneficiário, Experienciador, etc. são meramente descritivas e derivadas (inclusive para Jackendoff) de outras noções. Adiante, discutiremos como derivá-las formalmente.

- (3)a. O vaso quebrou/??encheu com terra vegetal.  
 b.\*O vaso modelou/colocava na estante.

Observe-se que o próprio Jackendoff (1987b e 1990) reconhece, posteriormente, a inadequação de se adotar uma hipótese estritamente localista e, adaptando trabalhos de Culicover e Wilkins (1986) e de Talmy (1985), divide os papéis temáticos em dois planos (*tiers*): o temático, com uma concepção localista, e um segundo, paralelo ao plano temático, o plano da ação, em que se recuperam noções como as de Agente, Paciente, Instrumento.

Feitas essas observações de caráter mais geral, devemos responder, na sequência deste capítulo, à algumas das questões essenciais que se colocam a quem pretende admitir um componente semântico autônomo e investigar esse domínio:

- Qual a natureza e o estatuto teórico de noções como relações semânticas e papéis temáticos?
- Qual o seu conteúdo semântico e como determinar o conjunto destes e decidir sobre sua atribuição a um argumento?

#### **4.2 Eventos e Representações**

Começamos por observar que funções temáticas - como "Agente", "Paciente", - têm sido utilizadas em teoria gramatical como índices semânticos que distinguem os argumentos de um predicador, de modo

similar, embora independente, ao emprego das funções sintáticas, como "sujeito", "objeto direto". Principalmente no caso dos autores gerativistas que tratam essas relações semânticas no estilo de Chomsky (1981), em que essas relações são tratadas formalmente como índices puramente sintáticos sobre os argumentos, e que os processos gramaticais são "cegos" para a distinção qualitativa desses papéis - seu conteúdo semântico<sup>6</sup>.

Assumimos, ao contrário, com Jackendoff e outros, que os papéis temáticos possuem estatuto teórico em uma semântica representacional, em que o sentido é estruturado. Dowty (1989), embora em outro quadro teórico, afirma:

"Deixem-me esclarecer o que quero dizer com *conteúdo semântico dos papéis temáticos*: quando eu digo que um sistema de papéis temáticos distingue um argumento de outro semanticamente, quero significar que eles permitem distinguir objetos (do mundo real, não lingüísticos), uns de outros, em virtude das propriedades que possuem enquanto participantes de um evento",

normalmente expresso pelo verbo. Essas propriedades podem ser identificadas em situações reais ("in the real word"), até certo ponto independentes da linguagem ou das representações semânticas.

Nesse sentido, o termo "semântica" envolve necessariamente uma relação entre a linguagem e as situações ou eventos que ela descreve.

---

<sup>6</sup> Ver Introdução, seção 4.



Para Jackendoff a ênfase se coloca nas representações: existem um "mundo real" - o mundo dos eventos e das coisas, que tem apenas um papel indireto na linguagem - e um "mundo projetado" - a representação conceitual/mental -, este diretamente ligado à linguagem e relevante para os estudos linguísticos. Somente a este mundo projetado, incoscientemente organizado pela mente, é que temos acesso direto: só podemos falar das coisas na medida em que elas adquirem representação mental através desses processos de organização. Nesse sentido, o autor radicaliza a abrangência da "Grammatical Constraint", não aceitando uma representação de interface entre a sintaxe e a semântica (a Forma Lógica da Gramática Gerativa), bem como abandona noções como as de referência e de valores de verdade de uma semântica extensional<sup>7</sup>.

Estamos, também, interessados na organização dessas representações mentais e na investigação das relações formais entre esse nível e o nível sintático em que o conteúdo semântico se explicita. Mas, seguindo a linha de Franchi, em uma perspectiva mais antropológica e sócio-histórica, essas noções são concebidas de um modo diferente.

Para este autor, uma parte importante do processo pelos quais os falantes identificam aquilo a que se refere uma expressão linguística é o de interpretá-la em um "sistema de referências" conceitual que o representa simbolicamente - em uma representação predicativo-descritiva

---

<sup>7</sup> Jackendoff segue a tradição mentalista da Gramática Gerativa, e afirma que a semântica das línguas naturais deve fundar-se na psicologia cognitiva. Nesse quadro, por exemplo, responde à questão ligada a sua concepção de mundo projetado: como sabemos que estamos falando das mesmas coisas? O que garante a possibilidade de "comunicação" é que todos somos seres humanos, com estruturas mentais similares, de modo que nossas projeções, em grande escala, são razoavelmente compatíveis. Sempre sabemos se estamos falando das mesmas coisas, desde que estejamos vigilantes para detectar malentendidos.

constituída pelas propriedades semânticas dos itens lexicais (nomes, adjetivos, verbos e relatores - a maioria das preposições e conjunções) - o sentido lexical -, e pelo resultado da composição desses elementos em estruturas sintáticas bem determinadas - o sentido gramatical. Esse nível das representações estabelece os "modos de significação" que permitem falar do "mundo" e é nesse sentido que, além de uma semântica estritamente referencial-extensional, pode-se pensar uma semântica do sentido, destinada a descrever e a explicar o sistema de categorias, relações e funções semânticas que permitem passar de uma expressão lingüística a sua referência.

A linguagem, segundo Franchi:

"é um trabalho construtivo- uma atividade simbólica histórica e coletiva e, pois, cultural- pela qual se constituem não somente os sistemas lingüísticos, mas ainda o sistema de referência em que as expressões das línguas naturais se interpretam. Em outros termos a linguagem constrói a base predicativo-descritiva da referenciação. Ela não é o espelho do "mundo" em uma semântica inocente. Nem "constitui" a realidade. A linguagem é determinada, por um lado, pelos modos de operar simbolicamente sobre o "mundo" e, por outro lado, pelos modos de operar concretamente sobre o "mundo": representações e experiências concretas se "estruturam", pois, dialeticamente" (Ver Franchi, 1977 e 1986)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Esse ponto de vista não é incompatível com uma teoria que assuma princípios universais, nem exclui que tais princípios sejam genéticos.

Embora estejamos assumindo a mediação de uma representação conceitual entre as expressões e os eventos e objetos a que se referem, a própria linguagem se estende além do componente conceitual-predicativo, através de mecanismos dêiticos (para incluir vários tipos de categorias funcionais como a dos determinantes e do tempo), quantificacionais (como a quantificação nominal, a intensificação adjetival e o aspecto verbal) e modais, que associam as representações conceituais e predicativas a determinados estados de fato. Não se exclui, pois, a relevância lingüística de uma semântica referencial e da forma lógica da linguagem<sup>7</sup>.

O que é importante ressaltar aqui é que estruturação conceitual dos eventos (da "realidade") e a estruturação lingüística de sua representação interagem de uma maneira complexa. Projetadas sobre a estrutura sintática, dependendo de condições restritivas do léxico, morfologia e sintaxe, a representação conceitual adquire uma face lingüística<sup>10</sup>:

---

<sup>7</sup> Este trabalho se ocupará somente do primeiro desses planos: o do componente conceitual-predicativo. No manuscrito sobre a "Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos" é justificada a separação dos planos referencial e do sentido, mostrando que há razões conceituais e elementos de evidência empírica - na morfologia, na sintaxe e na semântica - que justificam em princípio uma hipótese de trabalho que pressuponha estrita separação dos dois planos semânticos propostos, quando se trata de analisar o funcionamento das línguas naturais. Também é feita uma comparação dessa distinção com a que faz Bierwisch (1969, 1971) para caracterizar traços semânticos como predicativos e determinativos e traços delimitativos como relações dêiticas e quantificacionais. Com base nesses planos semânticos, faz-se ainda uma caracterização e revisão das chamadas "categorias funcionais" da Gramática Gerativa<sup>8</sup>.

Existe ainda um terceiro componente que seria uma semântica instrucional que diz respeito ao modo de organização do discurso do ponto de vista temático-informacional e argumentativo.

<sup>10</sup> No quadro da Teoria Generalizada, deve-se entender projeção em um sentido quase geométrico, como a operação que transporta as representações de um plano (o semântico) sobre outro (o sintático), preservando a estrutura; nem sempre se pode entender a estrutura sintática como pura projeção das estruturas lexicais. Um evento pode caracterizar-se por propriedades atribuídas aos elementos participantes, compatíveis, mas não necessariamente acarretadas pelo sentido do predicador. Ilari e Franchi (1994) mostram que em uma oração simples como:

(i) O cabelereiro cortou o cabelo de Paulo com muito capricho.

essa face reflete, por um lado, modos específicos de estruturação da realidade, enquanto sequências de eventos espaço-temporalmente ordenadas e está, por outro, sujeita a limites da gramática das línguas naturais.

Assume-se, assim, uma certa estruturação dos eventos como base da noção linguística de papéis temáticos; esta noção, entretanto, se reserva para definir os papéis que se determinam pela relação semântica entre predicadores e argumentos, no plano da linguagem. Embora a distinção entre papéis do evento e papéis como noções linguísticas pareça relevante para compreender aspectos da interpretação de certas orações, não trabalharemos aqui com esse ponto, colocando a atenção somente sobre a noção linguística de papéis temáticos.

---

O verbo *cortar* não possui em sua rede temática senão os papéis de Agente, (<cabelereiro>), e Objeto Afetado, (<cabelo>). A composição das relações ação/paciente ( $R_1$ (<cortar>,<cabelo>)) e parte-integrante/possuidor ( $R_2$ (<cabelo>,<Paulo>)) acaba por associar transitivamente a <Paulo> um papel de interessado no resultado do processo, como na oração:

(ii) Ao Paulo, o cabelereiro lhe corta o cabelo só na lua cheia.

O evento pode situar-se em outra perspectiva (aproximadamente no sentido de Fillmore, 1977), que depende de um traço de agentividade, compatível com o papel temático de Beneficiário, mas dependente da maneira como se vê o próprio evento. De fato, observe-se que (iii) somente é possível para significar que Paulo tem iniciativa na ação do cabelereiro:

(iii) Paulo cortou o cabelo com o/no cabelereiro.

a oração (iv a) é certamente gramatical e interpretável, mas descreve um evento totalmente diferente do que se sabe a respeito de Dalila e Sansão em (iv b):

- (iv)a. Dalila cortou os cabelos de Sansão.  
 b. Sansão cortou os cabelos com Dalila.

Parece claro como se distinguem, pois, papéis como uma função entre os participantes e o evento de que participam (cf. Barwise e Perry, 1983; Chierchia, 1989) e a noção de papéis temáticos enquanto propriedade dos itens lexicais.

Não nos estenderemos sobre esses fatos, que não aparecem nos nossos dados.

### 4.3 Por quê Generalizada

Por Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos referimo-nos a uma extensão das teorias mais correntes, em que as relações e funções semânticas de predicadores no componente predicativo-descritivo se definem para quaisquer predicadores, independentemente de sua categoria sintática - nomes, verbos, modificadores (adjetivos/adverbios) e conectivos (preposições, conjunções). A Teoria dos Papéis Temáticos construiu-se inicialmente para expressar a estrutura argumental dos verbos, sob a hipótese de que as distintas funções semânticas associadas aos argumentos do predicado verbal seriam relevantes para determinar a estrutura sintática da oração e não funções sintáticas como as de sujeito e objeto (Gruber, 1965; Fillmore, 1968). Embora, sem incorporar ainda uma teoria dos papéis temáticos, uma extensão dessa teoria aos sintagmas nominais decorre naturalmente da afirmação de Chomsky (1970) de que a estrutura sintática oracional, projetada pelo verbo, seria a mesma que a projetada por núcleos nominais. Giorgi & Longobardi (1991) propõem a Hipótese Configuracional que admite a identificação de papéis temáticos dentro do NP, estritamente paralela à do VP, em determinadas posições na estrutura profunda e operações de movimento submetidas às condições gerais da gramática.

A partir de Chomsky (1981) a teoria gerativa incorpora um módulo em que as relações temáticas passam a ser relevantes, indiretamente, para a sintaxe: são propriedades funcionais intrínsecas dos itens lexicais, constituem informação fundamental do nível da estrutura

profunda, oferecem a base para princípios restritivos das estruturas sintáticas pelo princípio de projeção e pelo critério-theta. A extensão dessa teoria a outros sintagmas além do verbal, decorre naturalmente da hipótese (Chomsky, 1970) de homologia das estruturas das categorias lexicais. Assim, Anderson (1979), Cinque (1980), Torrego (1984) e Giorgi e Longobardi (1991) trataram propriedades sintáticas dos NP's como correlacionadas a suas propriedades temáticas e a várias organizações argumentais possíveis<sup>11</sup>. Os últimos autores propõem a Hipótese Configuracional em que se pressupõe que se pode não somente identificar posições theta e não-theta projetadas na estrutura profunda dos NPs, paralela à dos VPs, mas que a alteração dessa diátese, via *move- $\alpha$*  por exemplo, obedece às mesmas condições gerais observadas nas orações. Mostram, também, claras similaridades entre o comportamento dos NP's e dos AP's<sup>12</sup>.

A distinção de Franchi<sup>13</sup> é que o autor define papéis temáticos somente a partir de relações semânticas do componente predicativo, sem referência à sintaxe e ao estatuto categorial (N, A, V, P) dos

---

<sup>11</sup> É importante lembrar que os autores do quadro gerativista não tratam a teoria dos papéis temáticos além de uma marca sintática dos argumentos, sem fazer referência (salvo descritivamente) ao conteúdo semântico desses papéis.

<sup>12</sup> Sobre a estrutura argumental dos adjetivos, ver também Higginbotham (1985).

<sup>13</sup> Particularmente nos manuscritos sobre a "Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos" e em "Papéis Temáticos, X-barra e Teoria da Adjunção".



Convém dizer algo mais sobre a noção de diátese (no sentido acima) a que devemos nos referir daqui para frente. Ao contrário do papel temático atribuído sigularmente a um argumento, a diátese de um predicador pode construir-se em um esquema relacional complexo em que entram vários argumentos. A diátese de um predicador dependerá:

a) do número de argumentos que toma, que distingue, por exemplo, *matar* (cuja rede temática inclui um agente e um paciente) de *morrer* (que inclui um paciente):

(6) Maria matou o gato. vs O gato morreu.

b) da qualidade dos papéis temáticos associados a seus argumentos; assim, *matar* e *temer* possuem o mesmo número de argumentos, mas se distinguem porque a rede temática de *temer* atribui a seus argumentos os papéis de Experienciador e Objetivo:

(7) Maria matou o gato. vs Maria não temia o gato.

c) da orientação da relação estabelecida entre os argumentos pela mediação do predicador; *vender* e *comprar*, por exemplo, possui o mesmo número de argumentos com a mesma qualidade temática (Agente-Fonte, Agente-Alvo ou Destinatário, Objetivo, Valor), mas estabelecem diferentes perspectivas, uma tomando como ponto de partida a iniciativa do vendedor, outra, a iniciativa do comprador:

(8) Paulo vendeu o livro a Mário por dez reais. vs  
Mário comprou o livro por dez reais de Paulo.

Tendo definido abstratamente as funções semânticas, cujo conteúdo examinaremos no próximo item, convém fazer algumas observações a respeito, sobretudo, da passagem da estrutura do evento para a expressão linguística, que poderão esclarecer algumas opções de análises feitas.

Essa relação não é um-a-um. Observe-se que podemos construir diferentes expressões sintáticas, ou descrições, de um mesmo evento. Em primeiro lugar, a escolha de uma representação sintática depende parcialmente da instauração de um ponto de vista, condicionado ao próprio contexto que se dá o enunciado. Um mesmo evento como, por exemplo, o descrito na nota 10:

(9) O cabelereiro cortou o cabelo de Paulo com muito capricho,

pode ter diferentes perspectivas:

- (10)a. O cabelo de Paulo foi cortado pelo cabelereiro com muito capricho;
- b. Paulo cortou o cabelo no cabelereiro com muito capricho;
- c. Foi muito caprichoso o corte de cabelo do Paulo pelo cabelereiro;
- d. O cabelo de Paulo, o cabelereiro cortou com muito capricho;

e assim por diante. Obviamente, essas diferentes construções não se derivam transformacionalmente na sintaxe. Mas a relação entre essas orações tem que ser explicada em algum componente da teoria.

Por outro lado, a análise desses exemplos nos mostra que fatores sintáticos condicionam diretamente essas possibilidades de representação sintática. Em um nível mais abstrato, estão os princípios restritivos que delimitam a classe das expressões possíveis das línguas naturais e

os parâmetros que orientam sua aplicação em cada uma delas. No nível mais específico, essas possibilidades estão diretamente condicionadas à morfologia da língua natural considerada. Mais diretamente relacionados ao nosso tema são os mecanismos morfossintáticos que explicitam mudanças na diátese verbal (morfemas passivos, causativos, ergativos, etc.) e tornam visíveis à interpretação, via Caso ou Concordância, os papéis temáticos associados aos argumentos ou à diátese do predicador, nas línguas "argument-marking" e nas línguas "head-marking"<sup>15</sup>.

Enfim, as possibilidades da existência de certas perspectivas estão restritas crucialmente pela disponibilidade no léxico "atual" de itens que expressem a diátese correspondente<sup>16</sup>. Admitimos acima (ver nota 10) que as relações semânticas em uma oração não resultam todas da projeção de propriedades temáticas dos itens lexicais. Cada predicador,

---

<sup>15</sup> Sobre a distinção entre os processos "argument-marking" e "head-marking" para tornar visíveis as relações temáticas, ver Sigurrosson (1993) para um tratamento no quadro gerativista.

<sup>16</sup> Ou seja, a expressão sintática de uma certa perspectiva está condicionada ao léxico atual da língua considerada: pode depender da existência de formas derivadas que correlacionam predicadores de diferentes categorias gramaticais. Comparemos os exemplos:

- (i)a. O cabelereiro cortou o cabelo de Paulo com muito capricho.
- b. Foi muito caprichoso o corte de cabelo do Paulo pelo cabelereiro.
- (ii)a. O cabelereiro aparou o cabelo de Paulo com muito capricho.
- b. Foi muito caprichoso o aparar/ o aparamento/ a aparação do cabelo de Paulo pelo cabelereiro.

Veja que não se trata de pontos de vista impossíveis de serem expressados; o falante dispõe de outros recursos da língua para dizê-los:

- (iii) Foi muito caprichoso o modo pelo qual o cabelereiro aparou o cabelo do Paulo.

Tendo em vista que, na nossa exposição, partimos da representação dos eventos e da representação semântica, podemos dizer que o léxico, propriedades lexicais e propriedades morfológicas são descritos aqui como condições de possibilidade, quase-filtros, das múltiplas perspectivas em que se podem expressar os eventos. Não se trata da necessidade de orientar a teoria semântica para a sintaxe ou vice-versa; mas explorar diferentes pontos de vista tem o interesse de colocar o foco de luz sobre diferentes fatos.

entretanto, expressa uma determinada diátese e determina um conjunto<sup>17</sup> de papéis temáticos, como propriedade lexical inerente. Assim, *cortar*, nos exemplos mostrados, tem uma diátese com um Agente e um Paciente, únicos papéis temáticos que devem ser inscritos no léxico como parte de suas propriedades semânticas: *vender* e *comprar*, do exemplo (8), possuem, no mesmo conjunto básico de papéis temáticos, dois argumentos com traços de agentividade (comprador/vendedor), que devem ter a orientação específica da diátese inscrita em sua representação lexical, diferentemente, por exemplo, de *alugar* em que essa distinção se expressa pelo arranjo sintático dos argumentos e pela diátese das preposições:

- (11)a. Paulo alugou a casa a Mário por quinhentos reais.  
 b. Mário alugou a casa de Paulo por quinhentos reais.

Em síntese, um item lexical-predicador (independentemente da categoria a que pertence) deve conter em sua representação, a diátese em que se fixou historicamente para seu uso atual, e que contribui para a estruturação da sentença e para sua interpretação, na medida em que determina um conjunto de argumentos explícitos ou implícitos que devem ser realizados em determinadas posições sintáticas, obedecendo a um princípio de hierarquia temática<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Usamos aqui a palavra "conjuntos" pelo fato de que ainda não ordenamos os papéis temáticos em relação a argumento interno, externo ou periférico pois eles serão estruturados por um princípio de hierarquia temática que será discutido mais a frente.

<sup>18</sup> Sobre a questão da diferença entre complementos e adjuntos ou a questão de saber como se determina quais são as relações temáticas que constituem propriedades inerentes de um item lexical, Franchi observa: Riemsdijk e Williams (1986), por exemplo, sugerem que a seleção categorial e restritiva é um critério útil para a distinção entre argumentos e não-argumentos, ou melhor, para a delimitação dos

#### 4.4 O Estatuto Teórico dos Papéis Temáticos

Assumimos no item anterior que entre quaisquer categorias lexicais (predicados em um sentido lógico ou predicadores segundo o termo sugerido por Raposo, 1992) e seus argumentos se estabelecem relações predicativas a que chamamos de "relações temáticas"; as funções determinadas por essas relações chamamos de "diátese" e "papéis temáticos". Os papéis temáticos assim caracterizados têm, portanto, um caráter derivado e não são termos primitivos da teoria, como o eram nas Gramáticas de Caso.

Termos como "Agente", "Paciente", "Experienciador", etc., dentro desta perspectiva teórica, são noções funcionais, meramente descritivas, que serão usadas neste trabalho como uma maneira prática para distinguir os argumentos em uma estrutura semântica. Podemos fazer um paralelo desse uso com o que se faz de termos como "sujeito", "objeto", para designar relações estruturais entre um verbo e seus argumentos na representação sintática. Porém, se esses termos forem convenientemente caracterizados, como extensões de definições estabelecidas a partir de propriedades estruturais, podemos utilizá-los apropriadamente na

---

argumentos determinados pelas propriedades temáticas de um predicador. Assim, sabe-se que a expressão de lugar e tempo é irrestrita em qualquer oração, descreva ela ações, processos, estados ou o evento que seja, ou a expressão do modo (como com *capricho* que foi utilizada em vários exemplos) é irrestrita em quaisquer orações que expressem uma ação pelo que, geralmente, não faz sentido incluir etiquetas funcionais que expressem lugar, tempo, modo, e outras similares, na diátese dos verbos. Entretanto, há casos em que papéis temáticos de tempo ou lugar devem ser inscritos como propriedades inerentes de verbos; é o caso de *durar* e *começar*. Essa questão depende de como se entenda o conteúdo semântico desses papéis.

formulação de princípios e regras, como por exemplo, na formulação do princípio de uma hierarquia temática.

Outros autores (Franchi, 1975; Foley e Valin, 1984; Jackendoff, 1983, 1990; Dowty, 1989, 1991) já caracterizaram assim os papéis temáticos, a partir de categorias e relações primitivas. Por exemplo, no formalismo do modelo semântico de Jackendoff, tem-se um conjunto de categorias conceituais primitivas- THING, EVENT, STATE, ACTION, PLACE, PATH, PROPERTY e AMOUNT- que se constroem sobre um conjunto de predicados- GO, BE, ACT, ... e de funções- IN, TO, FROM, ..., que se combinam através de regras de formação conceitual, para construir conceitos mais complexos.

Ao leitor interessado, remetemos aos textos citados. Aqui mostraremos apenas um exemplo para servir de esclarecimento ao ponto que interessa ao trabalho, com a representação da estrutura conceitual de um *State* ou um *Event* de orações como:

- (12)a. O livro está na mesa.  
 b. [STATE BE ([THING livro], [IN ([THING mesa]])])
- (13)a. A porta abriu.  
 b. [EVENT GO ([THING porta], [TO ([PROPERTY aberta]])]

E estas, para representar a estrutura conceitual de orações como:

- (14)a. Sam colocou o livro na mesa.  
 b. Sam abriu a porta.

que se compõem mediante outros predicados em estruturas mais complexas

em que são associados os "tiers" da ação e da locação simultaneamente:

```

(15)
[EVENT CAUSE ([THING SaB], [STATE BE ([THING livro], [IN ([THING mesa]])])])]
↓
[ACTION ACT ([THING SaB, THING livro])]
(16)
[EVENT CAUSE ([THING SaB], [EVENT GO ([THING porta], [TO ([PROPERTY aberta]])])])]
↓
[ACTION ACT ([THING SaB], [THING porta])]

```

Os papéis temáticos dos argumentos são determinados, nessas estruturas, pelo predicado que o toma como argumento e pela posição argumental que ocupa. Nas primeiras orações, *livro* é um Objeto estativo por ser o primeiro argumento de BE, e *mesa* é um Locativo, por ser o argumento da função IN; *porta* é um Tema, enquanto primeiro argumento de GO e *aberta* é o termo de um processo como argumento de TO, na categoria PATH. Nas orações ativo-causativas, *Sam* é um Causador-Agente, como primeiro argumento de CAUSE no tier temático e como primeiro argumento de ACT no tier da ação; ao Objeto estativo *livro* e ao Tema *porta* se associam, no tier da ação, traços semânticos de Paciente.

O que é relevante para os propósitos deste trabalho? Como no sistema de Franchi (1975), no sistema de Jackendoff, os metapredicados que expressam a relação semântica que associa predicadores e argumentos formando com estes expressões complexas permitem derivar os papéis temáticos e o seu conteúdo semântico. Embora correto, o procedimento situa-se em um nível de abstração e, ao mesmo tempo, de estipulação intuitiva, que dificulta responder à questão empírica: dado um certo predicador, como determinar suas propriedades temáticas inerentes e o

conteúdo dessas relações. Para responder a essas questões, Franchi se serve das propostas de Dowty (1979, 1989, 1991) que, segundo o próprio autor, embora seja uma teoria no estilo da gramática de Montague é inteiramente compatível com as teorias de Jackendoff, de Foley e Valin (1984) e de Grimshaw (1990) (e neutra em relação à GB)<sup>17</sup>.

#### 4.5 O Conteúdo Semântico dos Papéis Temáticos

Dowty entende "papel temático", informalmente, como uma família de acarretamentos ("entailments") e pressuposições partilhados por argumentos determinados de certos verbos, ou melhor, dos "predicadores", para incluir nesse termo todos os itens lexicais que entram em relações predicativas, independentemente da categoria sintática em que se manifestam; essa seria a extensão compatível com a teoria generalizada dos papéis temáticos.

Levando-se em conta que a distinção entre pressuposição e acarretamento não será relevante para a definição dada por Dowty, e acrescentando pequenos ajustes relativos ao que foi exposto até então, definiremos, inicialmente, um "papel temático individual" como:

---

<sup>17</sup> Franchi e Dowty são teorias compatíveis pois os autores concordam em pontos básicos: na concepção de que os papéis temáticos existem e que são noções fundamentalmente semânticas, quanto ao caráter derivado dos papéis temáticos e têm uma concepção semelhante da relação entre a sintaxe e a semântica. Dowty mesmo o afirma: "pode-se facilmente reformular as afirmações desta proposta (sua proposta) em uma teoria que distinga os dois níveis semântico e gramatical e estabelecer correspondências entre eles".

**(17) Papel Temático Individual**

Na descrição de um evento, seja um predicado de n-posições argumentais  $\delta$ , e um argumento  $x_1$  desse predicado referindo-se a indivíduo participante do evento: um "papel temático individual"  $\langle \delta, i \rangle$  é determinado pelo conjunto de todas as propriedades  $\alpha$  que se podem atribuir ao indivíduo  $x_1$  tais que se efetiva o acarretamento

$$\square [ \delta(x_1, \dots, x_1, \dots, x_n) \rightarrow \alpha(x_1) ]$$

Dowty (1989) observa que  $\alpha$  é um conjunto de propriedades de "acarretamento trivial de um papel temático individual" (*trivial individual thematic role entailment*). Isto é, define-se em (17) o papel específico de um predicador particular em uma determinada posição argumental. No exemplo  $x$  [construiu  $y$ ], podemos nos referir ao papel temático individual atribuído a  $x$  como o "papel de construtor" porque é o grupo de todas as coisas que podemos concluir sobre  $x$  somente por saber que a sentença  $x$  construiu  $y$  é verdadeira. Podemos também nos referir ao papel temático individual de  $y$  como o "papel de construído", porque isto consiste em todas as coisas que podemos concluir de  $y$  nessa mesma sentença. Mas, a partir dessa definição, pode-se agora, de modo não-trivial, definir um papel temático-tipo:

**(18) Papel Temático-Tipo**

Seja um conjunto  $T$  de pares  $\langle \delta, i_\delta \rangle$  em que  $\delta$  é um predicado de n-posições argumentais e  $i_\delta$  o índice de um de seus argumentos (possivelmente um diferente  $i$  para cada predicador): um papel temático-tipo  $\tau$  é a intersecção de todos os papéis temáticos individuais determinados por  $T$ .

Estamos agora em condições de caracterizar papéis como os de Agente, Paciente, Experienciador, etc. como conjuntos ou "clusters" de

acarretamentos que são comuns a todos os papéis temáticos individuais de argumentos de diferentes predicadores. Um argumento  $x_1$ -agentivo, por exemplo, poderia ser definido por propriedades que lhe cabem, acarretadas pelo predicador, como "' $x_1$ ' age intencionalmente em uma descrição adequada do evento", "... é um ser racional", "... mantém o controle do processo a que sua ação dá causa", "é um ser animado", etc.

Termos como "Agente", "Paciente", "Experienciador" e outros similares referem-se a certos papéis temáticos prototípicos, mais frequentemente associados a um grande número de predicadores e, em virtude do princípio da hierarquia temática, realizados em posições argumentais proeminentes sintaticamente na sentença, como as de sujeito e objeto direto. Como observa Dowty, (17) define um papel temático-tipo como a intersecção de qualquer conjunto de papéis temáticos individuais. Isso nos coloca um problema: os propósitos teóricos a que visamos, pressupõem um sistema de papéis temáticos específicos, relevantes para a teoria gramatical<sup>20</sup>. Temos, pois, que definir esse sistema de papéis temáticos-tipo (daqui em diante "papéis temáticos" simplesmente); na verdade, temos que definir os acarretamentos lexicais que determinam certos traços semânticos dos argumentos e que são relevantes para a explicação de certas generalizações gramaticais. Faremos isto no próximo capítulo.

Uma outra observação seria que, por outro lado, (17) permite-nos

---

<sup>20</sup> Tornamos a lembrar que nem todos os lingüistas comprometem-se com um sistema específico de papéis temáticos. No gerativismo, a tendência é que o sistema de papéis temáticos fique praticamente limitado à informação do número dos predicados em sua estrutura argumental (Marantz, 1984; Riemsdijk & Williams (1986); Belletti & Rizzi, 1988; etc.).

definir os papéis temáticos de modo mais flexível. Sabe-se que uma das dificuldades para caracterizar esses papéis de modo inequívoco, está no fato de que os critérios usados nas definições nem sempre permitem distinguir argumentos de modo inteiramente exclusivo. Isto é, propriedades associadas ao Agente, como a iniciativa, o controle e a intencionalidade, se reconhecem em Beneficiários e Comitativos; a mudança ou afetação do objeto em determinados processos, que gostaríamos de tomar como critério para a caracterização do Paciente, se atribui em muitos casos ao Agente; Agentes, Pacientes, Beneficiários se comportam, se colocamos o foco sobre o movimento envolvido em determinadas ações, como Fonte, Tema e Meta; e assim por diante. Aqui bastam alguns exemplos que esclareçam o ponto (além dos que se vêem na nota 10). Considerem orações como:

- (19)a. O garoto atrevido correu para fora da sala.  
 b. O professor correu o garoto atrevido para fora da sala.  
 (20)a. Eu aluguei a casa para você.  
 b. Você alugou a casa de mim.

*Garoto*, em (19b) é um Agente, no sentido em que o garoto, de certo modo, controla a ação com que sai - *correndo* - da sala (como em 19a) e é afetado pela ação do professor; se observamos o evento enquanto um movimento, é o Tema (objeto locado ou movido, no sentido de Gruber e Jackendoff). *Eu* e *você* em (19a e b) trocam suas posições sintáticas, como em todos os casos em que se permutam objetos. Ambos os argumentos são agentes no contrato de locação mas, em relação ao bem locado, são respectivamente Fonte e Alvo.

Casos como estes têm desencorajado a incorporação dos papéis temáticos em uma teoria explícita da gramática (ou de princípios como o da hierarquia temática). Mesmo Jackendoff (1990) limita suas regras de "linking" entre a estrutura conceitual e a sintática a um conjunto restrito de papéis temáticos e as define somente para posições de sujeito e complemento do verbo. Entretanto, não há nada de estranho nesses fatos, quando se pensa que os papéis temáticos se caracterizam justamente por essas variadas intersecções possíveis (Agente-Afetado, Agente-Fonte, Agente-Destinatário). E é justamente o caráter mais flexível e aberto do conceito de papéis temáticos adotado que nos facilita a estratégia de atribuir um estatuto teórico não a papéis temáticos assim definidos, mas a certos acarretamentos cruciais, estes sim relevantes no estabelecimento da hierarquia temática e, pois, nos processos de seleção argumental para determinadas posições sintáticas.

Para completar a caracterização do sistema de Papéis Temáticos, Dowty impõe três restrições à sua definição que segundo o autor são restrições necessárias para que os papéis temáticos possam ser utilizados como denotando relações determinadas pelos predicadores (substituindo aqui a "verbos" da formulação original) de uma língua natural:

(21) **Compleitude**

Todo papel temático individual contém algum Papel Temático-Tipo, ou seja, a toda posição argumental de qualquer predicador é atribuído um Papel Temático-Tipo.

(22) **Distinção**

Toda posição argumental de um predicador é distinguida de qualquer outra posição argumental do mesmo predicador pelo Papel Temático-Tipo que lhes é atribuída.

**(23) Independência**

As propriedades de um Papel Temático-Tipo devem ser caracterizadas independentemente das relações (denotadas pelos predicadores de uma língua natural) que as acarretam.

As condições (21) e (22) são obviamente reminiscências do Critério-Theta da GB, e satisfazem a uma variedade de correntes linguísticas que fazem referências a papéis temáticos. Por exemplo, para operar com um princípio como o da hierarquia temática (como será feito neste trabalho), devem-se propor condições do tipo: se um NP de uma oração ocupa uma determinada posição na hierarquia, então possui tais ou tais propriedades sintáticas. Esse tipo de afirmação pressupõe que todo argumento de um predicador pode ser classificado por um papel temático, o que requer (21), e que o argumento seja classificado unicamente, o que requer (22). O que se diz em (23) é que as propriedades que servem para identificar, por exemplo, um Agente devem fazer parte do conjunto de propriedades que comuns a todos os argumentos-Agente, reconhecidas independentemente do predicador particular do qual se está identificando esse papel temático.

Como última observação, tornamos a insistir que dada a definição de papel temático, tal princípio não impede que dois argumentos de um predicador possuam traços comuns, por exemplo, de agentividade, como em (19) e (20), nem que um mesmo argumento receba papéis temáticos distintos de diferentes predicadores, como nos casos da adjunção e da predicção secundária. Quanto a estas funções gramaticais, a teoria generalizada dos papéis temáticos implica que adjuntos (adjetivais, adverbiais ou expressos por sintagmas preposicionados), embora não sejam

posições sintáticas tematizadas, contém necessariamente papéis temáticos a atribuir. O que distingue essas estruturas da estrutura argumental é que adjuntos, predicados secundários e sintagmas preposicionados tomam como argumento externo um argumento tematicamente relacionado a outro predicator<sup>21</sup>.

#### 4.6 Conclusões

Vejamos uma síntese do que foi assumido até este ponto:

- a noção de papéis é importante como parte da caracterização da estrutura dos eventos (ou situações) a que se referem as orações das línguas naturais (Barwise e Perry, 1983; Dowty, 1989; Chierchia, 1989; e Franchi);
- papéis temáticos dos argumentos e diátese dos predicadores, enquanto noções linguísticas, fazem parte de uma semântica da predicação (ou do plano predicativo de uma semântica do sentido), como é caracterizado na Teoria Generalizada;
- combinando-se os dois pontos acima, percebe-se que as relações semânticas explicitadas em um enunciado não se restringem às que constituem propriedades inerentes dos itens lexicais; há não somente atribuição de papéis temáticos via adjunção e predicação secundária, como ainda traços semânticos compatíveis com

---

<sup>21</sup> Ver Capítulo 6, seção 6.3.3.

determinados papéis temáticos que derivam da composição de relações e de aspectos da estrutura do evento e são controlados pragmaticamente;

- os papéis temáticos dos argumentos e a diátese dos predicadores são funções derivadas das relações predicativas (Franchi, 1975; Jackendoff, 1983, 1987b, 1990; Foley e Valin, 1984);

- o conteúdo semântico dos papéis temáticos se define como uma família de acarretamentos e pressuposições partilhados por argumentos determinados de certos predicadores, independentemente da categoria sintática em que se manifestam (Dowty, 1989, 1991; e Franchi);

No capítulo que se segue, daremos um maior conteúdo empírico à teoria exposta, com dados do Português do Brasil relevantes para a análise dos psico-verbos.

## **CAPÍTULO 5**

### **PAPÉIS TEMÁTICOS e HIERARQUIA**

#### **5.1 Caracterização Empírica dos Papéis Temáticos**

Tendo sido estabelecida uma caracterização formal da noção de papéis temático e de seu conteúdo semântico, investigaremos agora quais deles formam um sistema relevante para a teoria gramatical. Teremos que investigar, portanto, a determinação de uma classe restrita de acarretamentos semânticos que definem o sistema de papéis temáticos e o exame das consequências sintáticas quando adotado esse sistema. Embora tenhamos analisado, por esse procedimento, várias classes de verbos do português e os papéis temáticos-tipo referidos na literatura, restringimo-nos aqui aos que são pertinentes à descrição e explicação das construções com psico-verbos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Servimo-nos de intuições de autores de diferentes perspectivas teóricas (Dowty, 1991; Givón, 1984; Davidson, 1980; Cook, 1979; Shibatani, 1976; Cruse, 1973; Fillmore, 1971 e 1968; Chafe, 1970; ; Halliday, 1967; Gruber, 1965; etc.), mas, evidentemente, reformulando essas intuições dentro do quadro teórico assumido.

Procuraremos responder, neste capítulo, às seguintes questões:

- como caracterizar, empiricamente, os papéis temáticos que são relevantes para a descrição (e explicação) das propriedades estruturais das orações com os verbos psicológicos;
- como representar no léxico a diátese (ou seja, a rede temática) desses predicadores;
- que princípios e condições determinam a correspondência entre a estrutura temática e a estrutura sintática?
- que papel desempenha nessa correlação o Princípio de Hierarquia Temática e como definir a hierarquia para os papéis analisados?

Diferentes representações lexicais dos psico-verbos têm sido propostas. Como vimos, Belletti e Rizzi (1989) incluem em sua rede temática os papéis Tema e Experienciador. Grimshaw (1990) propõe que se associe um papel aspectual Causa ao Tema dos verbos tipo *frighten*. Em nossas análises preliminares, utilizamos, na descrição de diferentes redes temáticas das classes de psico-verbos, os papéis de Agente (como primeiro argumento de verbos como *assustar*), de Experienciador, de Causa (como primeiro argumento de verbos como *preocupar*), e de Objetivo (como segundo argumento de verbos como *temer*). Devemos precisar o significado formal e empírico dessas descrições.

### 5.1.1 Agentividade.

As ações humanas, como uma sub-classe dos eventos, estão associadas à noção de agentividade: que eventos revelam essa propriedade? o que são

os atos e ações de uma pessoa<sup>2</sup>?

A noção de causa tem sido uma das saídas para essas respostas, tanto entre filósofos, quanto entre lingüistas. De fato, na atribuição de agentividade, sempre se pode mostrar que um certo evento foi causado pela ação do agente. Observe-se que a noção de causalidade envolvida nessa descrição é a de uma relação que se estabelece entre dois eventos: o que o agente fez e o que resultou de sua ação. Mas nem todo evento que se atribui a um agente pode ser explicado como causado por outro evento. Como exemplo dessa afirmação temos os que expressam atividades:

- (1)a. Maria telefonou/sorriu/...
- b. Paulo saiu, corria pela sala/...
- c. João estava lendo um livro.
- d. Eu ando procurando uma resposta para estas questões.

Também, algumas ações são primitivas, no sentido de que não podem ser analisadas em termos de uma relação causal entre dois eventos<sup>3</sup>:

- (2) Paulo levantou os olhos para o céu.

E ainda, não devemos igualar agentividade a causa, pois, uma mesma oração pode apresentar uma relação de "causa-agente" e ainda uma causa inteiramente independente da ação desse agente. Esse fato apresentaria problemas para um princípio como o de Distinção (ver (21), Capítulo 4.):

---

<sup>2</sup> As respostas a essas questões são baseadas em Davidson (1971, reeditado em 1980); Franchi (1975); Dowty (1979, 1991); e Jackendoff (1987b, 1990). Mesmo quando não citados diretamente, podem aparecer sem aspas afirmações emprestadas desses autores; o leitor é remetido sempre a esses textos.

<sup>3</sup> Ver crítica em Davidson (1980) sobre a tentativa de se estabelecer uma relação causal em sequência de eventos primitivos: por exemplo, em (2), Paulo teria feito acontecer algum processo de controle mental, que desencadeiam movimentos musculares, que fariam os olhos se moverem para o céu.

(3) João baixou os olhos envergonhado pelo comportamento do filho.

E, como última observação, vemos que a noção de Causa estende-se não somente a processos ativos, mas também a processos e estados:

- (4)a. A imersão do Sonrisal na água o dissolve.  
 b. A incerteza quanto ao futuro iguala esses dois projetos.  
 c. Sua defesa dos direitos humanos custou-lhe a vida  
 d. O texto é obscuro pelo uso inapropriado dessas noções.

Em resumo, a noção de causalidade, embora central para o conceito de agentividade e útil para explicar os eventos conseqüentes da ação, não explica o sentido específico de agentividade. Em outros termos, podemos dizer que causalidade e agentividade tem algum papel no desencadeamento de um processo, mas que se distinguem claramente<sup>4</sup>. Isso obriga-nos a buscar uma melhor caracterização da agentividade.

Uma outra possibilidade é a de recorrer à noção de intencionalidade, mas isso também acarreta alguns problemas. Vejamos as orações:

- (5)a. João quebrou o vaso.  
 b. João pegou e quebrou o vaso.  
 c. João quebrou o vaso com um martelo.  
 d. João quebrou o vaso original achando que era o falso.  
 e. João quebrou o vaso porque não o carregou com cuidado.  
 f. João quebrou o vaso quando José o empurrou sobre ele.

Em (a) temos uma oração vaga quanto à intenção de João na ação, mas acreditamos que todos concordariam que João é o agente da oração; em

---

<sup>4</sup> Também é a posição de Davidson (1980:52), Jackendoff (1985:176) Dowty (1979: 119) e Franchi (1975).

(b) a coordenação de *pegou* e *quebrou* desfaz a ambiguidade em relação à intenção, e podemos afirmar que João é o agente; em (c), existe a intenção do sujeito, derivada da composição do predicador com o adjunto instrumental, e João foi claramente o agente da ação; em (d), não houve intenção de João em quebrar aquele vaso específico, ou seja, o resultado não era a intenção de João, mas ainda podemos dizer que João é o agente dessa ação; em (e), mesmo que não se possa dizer que João tenha agido com a intenção de quebrar o vaso, isso resulta diretamente de sua ação, portanto, ele é o agente; e finalmente, em (f) nem de João, nem de José podemos dizer que eles foram os agentes do evento, pois foi o fato de José o empurrar sobre o vaso que o quebrou; portanto, eles não agiram intencionalmente para quebrar o vaso e nem o resultado é decorrente de uma ação intencional de João. Com os exemplos, percebemos que intenção implica agentividade, mas o contrário não é verdade. Pois, vemos que os sujeitos de (b) e (c) apresentam claramente um traço de intencionalidade, e são classificados como agentes; mas os sujeitos de (a), (d) e (e) não apresentam o mesmo traço intencional, e também são classificados como agentes. Como (b) e (c) são facilmente indentificados como agentes pelo seu traço de intenção, a pergunta que se coloca então é o que faz os sujeitos de (a), (d) e (e) serem diferentes do sujeito de (f) para que o classifiquemos como agente? A resposta é que em (a), (d) e (e), mesmo que o resultado da ação não tenha sido intenção de João ou que não se possa afirmar nada quanto a intenção de João, ele faz "alguma coisa" intencionalmente para que a ação ocorra; e em (f) não. Portanto, em

realidade existe uma intenção do agente para que a ação ocorra, embora essa intenção não esteja diretamente relacionada ao resultado da ação.

Para tentarmos clarear a noção de intencionalidade a que nos referimos, recorreremos à hipótese de Feinberg (1965), chamada de "efeito sanfona": se uma ação é intencional, então a causação de outro evento por essa ação também seria intencional. Feinberg limita essa hipótese a agentes: um agente causa o que suas ações causam. Suponhamos que o evento em (6) ocorra em uma sequência de eventos como (7):

- (6) A ama acordou o nenê.
- (7)a. A ama saiu correndo da sala;
- b. A ama tropeçou na mesinha de centro;
- c. A ama derrubou o vaso de cristal;
- d. O vaso quebrou-se com ruído.

Em (6), podemos ter descrito o efeito de uma sequência de eventos de uma maneira abreviada. Desse modo, a ama seria agente: embora o efeito sanfona não revele em que respeito um ato é intencional, requer-se somente que o que a ama faz seja intencional em alguma descrição do evento.

Davidson ressalta o interesse de se utilizar a noção de "efeito sanfona" como uma característica da agentividade: esse efeito trata diferentemente as conseqüências de uma ação das conseqüências de outros eventos; é um meio de investigar se um evento é um caso de agentividade, examinando-se se podemos atribuir seus efeitos à ação primitiva de uma pessoa. Um primeiro equívoco, porém, seria supor que se trata de diferentes "ações" ligadas por uma relação de causalidade. Um segundo equívoco seria imaginar que, quando a descrição de uma ação é feita de modo a incluir uma referência a sua conseqüência, como em geral é o

caso, esta faz parte da ação descrita. Mais simplesmente: se um evento é uma ação, sob alguma descrição, é uma "ação primitiva" e "intencional". E um elemento é um agente se, sob alguma descrição, seja direta, seja pelas suas conseqüências, ele é responsável intencionalmente por essa ação mesmo quando não o seja pelas suas conseqüências.

Se assumimos esse modo de caracterizar "ação" e "agentividade", podemos definir um papel temático Agente para um argumento  $x$ , sempre que dentre as propriedades acarretadas pela relação de  $x$  com um predicado  $\alpha$ , estiver as de:

- ter algum papel no desencadeamento do processo;
  - fazê-lo intencionalmente (no sentido acima);
- e, derivada desta,
- ser animado<sup>o</sup>.

Alguns autores acrescentariam que, quando se tem a intenção de desencadear um processo, isso implica:

- ter controle imediato sobre o processo;

mas o modo pelo qual relacionamos intencionalidade a agentividade exclui a imediata controlabilidade como conseqüência necessária, embora não exclua a compatibilidade entre essas duas propriedades. Um agente que incluísse o controle entre as suas propriedades seria um Agente prototípico.

---

<sup>o</sup> Lembramos que "Forças" se comportam muito proximaamente como agentes não-animados. Porém, neste trabalho, não nos ocuparemos em discutir uma análise que permita distinguir (ou agrupar sob uma mesma rubrica) Agentes e Forças, pois não será relevante para os nossos dados.

### 5.1.2 Causalidade

No item anterior, já definimos a causalidade como sendo uma relação entre dois eventos<sup>6</sup>. Em Shibatani (1976), dois eventos constituem uma situação causativa se as duas condições seguintes ocorrem: (i) a relação entre os dois eventos é tal que o falante acredita que a ocorrência de um evento, "o evento causado", foi realizada em  $t_2$ , seguinte a  $t_1$ , que é o tempo do "evento causador"; (ii) a relação entre o "evento causador" e "o evento causado" é tal que o falante acredita que a ocorrência do "evento causado" é totalmente dependente da ocorrência do "evento causador"; a dependência dos dois eventos aqui deve ser de tal extensão que permite o falante inferir que "o evento causado" não teria acontecido naquele tempo particular se o "evento causador" não tivesse acontecido, estabelecendo que todo o resto tenha permanecido o mesmo.

Do ponto de vista da estrutura linguística, o evento causador pode ser representado por uma categoria nominal como argumento (ou adjunto) de um predicador; repetindo exemplos de (4), temos:

- (8)a. A imersão do Sonrisal na água o dissolve.  
 b. Sua defesa dos direitos humanos custou-lhe a vida.

Ou mesmo inferido pragmaticamente de um único argumento singular que é contextualmente pressuposto, mas que, por si só, não expressa um evento. Observem que as orações abaixo podem ter uma interpretação puramente causativa (ao lado de uma agentiva não relevante aqui):

---

<sup>6</sup> Sobre causalidade ver Dowty (1979), Vendler (1967), Fillmore (1971) e Shibatani (1976).

- (9)a. As crianças me obrigam a ficar em casa.
- b. O fato de meus filhos serem ainda criança ...
- (10)a. Esses alunos ainda me matam.
- b. O comportamento desses alunos ...

Ou seja, a relação dos argumentos *as crianças/esses alunos* com seus predicados *me obrigar a ficar em casa/ainda me matam* permite inferir que é alguma propriedade das crianças ou alunos ou o fato de que fazem ou agem de um certo modo que é causa do estado ou processo em que eu me vejo envolvido, sem que se possa entender que haja da parte das crianças e dos alunos, como consequência necessária, uma ação intencional e o controle do processo desencadeado. Se acrescentarmos, por exemplo, uma causa como adjunto da sentença, relativa à própria causação, essa segunda causa terá de ter uma espécie de relação anafórica com a primeira, como uma explicação mais detalhada do "evento causador":

- (11)a. Esses alunos ainda me matam com seu comportamento.
- b. Esses alunos ainda me matam por causa da bagunça.

Se não houver essa relação anafórica, isto é, quando a causa incide sobre o processo, necessariamente teremos um interpretação agentiva:

- (12)\* Os alunos ainda me matam por causa das notas que dei. (na interpretação não-agentiva)

Além desse indício para a identificação de uma relação de causalidade, temos que quando o elemento expresso por um argumento nominal singular não tem nenhum controle sobre o evento, mesmo se esse elemento for animado, a voz passiva também não cabe nessa interpretação. Observe que

as orações abaixo, só podem ser entendidas em uma interpretação ativa:

(13) Eu sou/fui obrigado a ficar em casa pelas crianças.

(14) Eu ainda vou ser morto por esses alunos.

Observe que o exemplo (5f), em que não existe o controle da ação por parte de João, também não apresenta passiva:

(15)\*O vaso foi quebrado por João quando José o empurrou sobre ele. (no sentido relevante)

Até este ponto, trabalhamos com exemplos em que a interpretação entre a agentividade e a causalidade mostrava-se ambígua. Esses exemplos mostram, de modo bem evidente, que as relações semânticas entre o predicado e seu argumento não se definem exclusivamente como uma projeção da diátese de um predicador lexical, mas dependem da predicação construída composicionalmente (incluindo complementos e adjuntos mais internos) e depende, mesmo, de como se constrói a estrutura do evento a ser descrito, envolvendo inferências pragmáticas (ver nota 10, Capítulo 4). Vejamos, por isso, um caso em que as propriedades do item lexical são determinantes.

Como sugerimos na análise preliminar e veremos melhor mais tarde, dentre os psico-verbos, os da classe *preocupar* acarretam essa propriedade estritamente causal a seu primeiro argumento. As propriedades dos exemplos acima podem ser notadas com clareza, constatando-se um verbo tipicamente agentivo com o verbo *preocupar*. Com respeito à relação anafórica entre as causas, temos:

- (16)a. Rosa preocupa o sócio por sua ignorância.  
 b. Rosa rouba o sócio por sua ignorância.  
 (17)a. ??Rosa preocupa o sócio com um cheque sem fundo.  
 b. Rosa rouba o sócio com um cheque sem fundo.

Em relação à possibilidade de passivização:

- (18)a. \*O sócio é preocupado por Rosa.  
 b. O sócio é roubado por Rosa.

Podemos também acrescentar a essas restrições o fato de que construções ergativas e a causativização não são permitidas quando as propriedades semânticas do predicador pressupõem agentividade de seu primeiro argumento (verbos tipicamente agentivos), ao contrário dos que selecionam um agentivo ou uma causa (Whitaker-Franchi, 1989):

- (19)a. João roubou o sócio com um cheque sem fundo.  
 b. \*O sócio roubou.  
 c. \*O cheque sem fundo roubou o sócio.  
 (20)a. João quebrou o vaso por descuido.  
 b. O vaso quebrou.  
 c. O descuido de João quebrou o vaso.

Além disso, se coocorrem Agente e Causa, não é possível a promoção da Causa à posição de sujeito e o Agente à posição de Causa, pois o agentivo impede a construção de uma oração em uma perspectiva causativa:

- (21)\* O descuido quebrou o vaso por João.

Temos já razões suficientes para distinguir os papéis temáticos de Agente e Causa, embora haja traços semânticos comuns que os aproximem. Esse traço caracteriza-se quando o predicado acarreta a propriedade:

- ter um papel no desencadeamento do processo ou na manutenção

de um estado.

### 5.1.3 Paciente/Objetivo

Vários autores têm mostrado a relevância da propriedade de "ser afetado" na descrição de diferentes estruturas sintáticas<sup>7</sup>, como as das construções ergativas e "médias". Assim, por exemplo, orações como:

(22) Paulo quebrou/encheu de terra/abaixou/deformou/... o vaso.

em que o vaso muda de estado no processo desencadeado por X, são possíveis as ergativas correspondentes<sup>8</sup>:

(23) O vaso quebrou/encheu de terra/abaixou/deformou.

Ao contrário dos verbos que não expressam mudança de estado de seu complemento - um Objetivo, como mostra o contraste:

(24)a. Paulo segura/cobre/olha ... o vaso de concreto.  
b.\* O vaso de concreto segura/cobre/olha.

---

<sup>7</sup> Entre outros Whitaker-Franchi (1989) e Levin (1989).

<sup>8</sup> Whitaker-Franchi (1989) observa que a propriedade da afetação de estado do complemento é uma condição necessária, mas não suficiente. Os verbos que entram nessas construções não podem ser tipicamente agentivos (isto é: acarretar traços de agentividade a um de seus argumentos):

(i) Paulo limpou o empregado / pintou o quadro / reformula uma hipótese.  
(ii)‡ O empregado limpou / ‡ o quadro pintou / ‡ a hipótese reformulou.

Mesmo quando essa agentividade decorra da incorporação ao verbo de um instrumento:

(iii) Sam martelou/alfinetou/enfaixou o dedo.  
(iv)‡ O dedo martelou/alfinetou/enfaixou.

Sem estender-nos sobre este ponto, que é menos relevante para o objetivo de descrição dos psico-verbos, basta-nos estabelecer as propriedades que determinam o papel temático de Paciente (pois essas serão relevantes também para a definição do papel Experienciador), independentemente de que este resulte de uma ação:

- ser afetado pelo processo;
- sofrer uma mudança de estado em virtude de um processo (passar de um estado A para um estado B);

E, contrapor estas propriedades à propriedade do Objetivo, claramente estativo, no sentido de que entram em uma relação com o predicador que não implica mudança de estado.\*

#### 5.1.4 O Experienciador

A "definição" associada comumente ao papel temático de Experienciador é o fato de que os predicadores expressam um estado psicológico, ou uma

---

\* Como o Tema, no sentido de Gruber e Jackendoff, também pode ser determinado por uma mudança, isso levou a um uso extensivo dessa etiqueta entre os gerativistas para designar papéis temáticos determinados por propriedades semânticas muito distintas (ver comentário do exemplo (2), no capítulo anterior). Esse é o caso da diátese proposta por Belletti e Rizzi (1988), e de uma certa maneira Grimshaw, para a classe dos psico-verbos tipo *preocupar*, com argumentos internos Tema e Experienciador. Uma espécie de "papel temático-default", impossível de caracterizar-se a partir da definição formal dessas relações que adotamos, Jackendoff (1987b), como vimos, torna mais fraca a hipótese localista e distingue com muito cuidado Paciente e Tema, elaborando a hipótese de diferentes "tiers" para a organização da estrutura léxico-conceitual. O autor associa diferentes papéis no "tier" da ação e no "tier" temático: Agente/Fonte, Beneficiário ou Destinatário/Meta ou Alvo, Paciente/Tema, Estativo/Locativo distinguindo-os por propriedades específicas. No caso do Tema, teríamos: -ser um objeto locado ou movido no espaço/tempo.

Mas, como já dissemos, o nosso objetivo é fazer a descrição dos verbos psicológicos, e, nos exemplos analisados preliminarmente não são relevantes os papéis do tier temático. Por isso, nesta tese, limitaremos-nos a descrever o "tier" da ação e os papéis relevantes para a nossa análise, aí caracterizados.

mudança de estado psicológico ou mental de seu argumento animado (exemplos desses predicadores seriam os verbos de percepção, verbos epistêmicos, verbos de estados psicológicos). A literatura a respeito oscila bastante na classificação dos eventos em que entram esses predicados admitindo que:

- alguns apresentam propriedades estativas:

- (25)a. João sentia frio.  
b. Este gato não teme nenhum cachorro.

- outros são casos de processo:

- (26)a. Pedro sofreu muito na extração de dente.  
b. (Sam agrediu o companheiro e) depois ele (se) arrependeu.

- e, outros ainda, de ações:

- (27)a. Paulo olhou a garota com o rabo dos olhos.  
b. Paulo assustou o amigo com suas palavras.

Na perspectiva formal que aqui adotamos, o que a teoria chama de Experienciador caracteriza-se por designar um papel temático determinado pelo predicador de modo a:

- estar em um estado psicológico, seja no sentido estativo ou seja no sentido processual de que passou por um processo de mudança para entrar nesse estado. Derivada desta, temos:

- ser animado.

O Experienciador, porém, é compatível com traços de Paciente (um objeto afetado- no sujeito de (26a) e nos complementos de (26b) e (27b)); e

também é compatível com traços de Agente (no exemplo (27a)). No sentido estrito do termo, "Experienciador", portanto, é uma etiqueta que recobre diferentes papéis temáticos, reunidos por terem um traço comum. Resta, porém, uma observação importante. Para o português, verbos experienciais, como *gostar*, *temer*, *amar*, etc., são entendidos como sendo uma experiência sobre a qual o experienciador tem controle. Por exemplo, frases, como as abaixo, são comuns na nossa língua:

- (28)a. Eu vou parar de gostar de você.  
 b. Eu decidi que não vou mais me aborrecer com isso.

Já, em exemplos em que não existe o controle da ação, inclusive em alguns tipos de verbos também chamados experienciadores, é impossível de se fazer tais afirmações:

- (29)a.?? Eu vou parar de quebrar a perna.  
 b.?? Eu decidi que não enxergarei mais o fundo do rio.

Também vemos que não são de todo ruins orações como:

- (30)a. O que eu fiz por lá foi amar, quanto possível, o próximo.  
 b. O que eu vou deixar de fazer é ter medo de fantasmas.  
 (31)a. Amai o próximo como a ti mesmo.  
 b. Tema somente os inimigos que se escondem.

Se esses exemplos não apresentam critérios muito seguros de agentividade (pois aparecem com outros estativos), são, entretanto, bons indícios de controle. Assim, podemos acrescentar à caracterização dos "experienciadores-estativos" a propriedade de:

- ter o controle de sua própria experiência psicológica.

## 5.2 Macro-Funções

Até aqui agrupamos um pequeno conjunto de acarretamentos que nos parecem relevantes para construir um sistema de papéis temáticos cuja relevância semântica é indiscutível e cuja relevância sintática se examinará no próximo capítulo:

- (32)a. - ter algum papel no desencadeamento do processo;
  - fazê-lo intencionalmente (no sentido acima);
  - ser animado;
- b. - ter um papel no desencadeamento do processo ou na manutenção de um estado;
- c. - ser afetado pelo processo;
  - sofrer uma mudança de estado em virtude de um processo;
- d. - estar em um estado psicológico;
- e. - ter o controle de sua própria experiência psicológica;

Como quaisquer dessas propriedades podem pertencer a papéis temáticos-individuais e os papéis temáticos-tipo são intersecções desses papéis temáticos individuais, pode-se construir a partir delas um sistema flexível de relações semânticas.

Há várias propostas para simplificar o rol dos papéis temáticos, agrupando-os em macro-funções sobre as quais se podem estabelecer generalizações e alguns princípios e regras relativas à correlação entre a semântica e a sintaxe. Foley & Van Valin (1984) propõe a oposição de duas macro-funções semânticas: *actor* e *undergoer*. Essas macro-funções são rubricas para relações generalizadas e abrangentes entre um predicado e seus argumentos, subsumindo diferentes papéis temáticos. Por exemplo, *actor* inclui elementos como Agente, Forças, Causa, Instrumento,

Fonte, que possuem em comum o fato de serem a origem de processos e possíveis controladores dele. *Undergoer* depende inteiramente das propriedades semânticas do predicado, tendo uma definição bem mais vaga.

Dowty (1991) propõe a divisão dos papéis temáticos em duas macro-funções básicas, prototípicas, ou Proto-Roles: Proto-Agent e o Proto-Patient. Essas macro-funções são definidas por uma possível e não exaustiva lista de acarretamentos verbais. Um papel temático associado a um NP qualquer é a lista de traços concernentes do que sabemos ou pressupomos desse elemento, conforme definido anteriormente. Para a definição do Proto-Agent, contribuiriam propriedades como: envolvimento volicional em um evento ou estado; percepção ou sensação; causar um evento ou mudança de estado em outro participante, etc.; propriedades que contribuiriam para o Proto-Patient: sofrer mudança de estado, causalmente afetado por outro participante, estacionário em relação ao outro participante, etc. A maior ou menor presença de acarretamentos definíveis na relação entre o predicado e seu argumento determinaria os diferentes papéis temáticos.

Isso sugere que os papéis temáticos não seriam noções discretas mas "cluster concepts" ou "fuzzy categories", no sentido de Rosch (1973, 1978) e Lakoff (1977), nomeando os feixes de acarretamentos prototípicos. À primeira vista, esses *Proto-Roles* poderiam parecer equivalentes às macro-funções de Foley e Van Valin, mas não o são. A definição consistentemente semântica de Dowty contrasta, porém, com a caracterização vaga e a extensão de critérios adotados por Foley e Van Valin. Também,

as macro-funções de Foley e Van Valin são categorias discretas, enquanto que os *Proto-Roles* de Dowty são categorias "fuzzy".

Diferentemente desses autores, utilizaremos justamente a flexibilidade resultante da formulação de Dowty, determinando essas macro-funções a partir de um conjunto preciso e mínimo de acarretamentos e pressuposições relevantes. Não atribuímos a essas macro-funções senão um papel indireto na teoria, na medida em que caracterizam os papéis por possuírem uma propriedade comum, sobre a qual se podem estabelecer generalizações interessantes e facilitar a exposição.

Uma das propriedades definidoras é a de:

- ter algum papel no desencadeamento do processo.

A macro-função resultante, chamaremos de CAUSA, para distinguir do papel temático Causa. Essa macro-função manifesta-se como uma das características das **causações e ações**, incluindo os papéis temáticos de:

- Agente, Causa, Instrumento.<sup>10</sup>

A propriedade definidora desses papéis permite incluir alguns papéis temáticos não necessariamente característicos ou prototípicos, como por exemplo, o Experienciador quando, em virtude de propriedades lexicais do predicador ou mesmo de sua composição com outros itens lexicais na oração, associam-se a suas propriedades a de ter intencionalidade ou controle no processo. Em linhas gerais, essa macro função se compara à de Actor de Foley & Valin e de *Proto-Agent* de Dowty.

---

<sup>10</sup> Lembramos que estamos tratando aqui apenas do tier da "ação", e que esses papéis teriam como correspondentes no tier da "locação" os papéis Fonte ou Procedência.

Outra macro-função, que chamaremos de OBJETO AFETADO, envolve os **processos** e se caracteriza pela propriedade de o argumento:

- ser afetado pelo processo;

e inclui, no tier da ação, prototipicamente, o papel temático de

- Paciente.<sup>11</sup>

Do mesmo modo que no caso da macro-função anterior, vão comportar-se como membros desta certos papéis temáticos que se definem em determinados contextos e na relação com determinados predicadores ou composição de predicadores, como o Experienciador de verbos da classe *preocupar*.

Uma terceira macro-função - a ESTATIVA - está associada aos **estados**. Nela está localizado o papel temático de:

- Objetivo.<sup>12</sup>

Nessa macro-função estão papéis temáticos que mesmo relacionados a predicadores que expressam causações, ações/atividades e processos não sofrem qualquer mudança de estado na medida em que são associados a instrumentais indiretos, medidas, valores, termos de referência. É particularmente o caso do complemento dos psico-verbos da classe *temer*.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Correspondentemente, no tier da locação, teríamos o papel temático Tema como sendo o objeto movido.

<sup>12</sup> Também incluiríamos nessa macro-função o papel temático Resultativo, e, no tier da locação, o papel temático Locativo.

<sup>13</sup> Pode-se ainda falar de uma macro-função - DESTINAÇÃO - caracterizada pela propriedade de o argumento expressar o papel temático de Beneficiário e Finalidade (no tier da ação) e de Meta (no tier da locação).

### 5.3 Hierarquia Temática

Existe uma intuição, datada de muito tempo dentro das teorias linguísticas, que a relação entre a sintaxe e os papéis semânticos é altamente restringida por princípios universais. Um desses princípios, mais recente e talvez o mais forte, é o de Baker (1988a): a hipótese da *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis* (UTAH). A UTAH afirma que relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações estruturais idênticas entre esses itens no nível da estrutura profunda. Uma noção paralela a essa é a da *Universal Alignment Hypothesis* (Rosen, 1984; Perlmutter e Postal, 1984) gerada dentro do quadro da Gramática Relacional. Uma versão anterior é a da Gramática de Casos de Fillmore (1968), que expressa basicamente a mesma idéia: todo papel semântico é mapeado em um único "caso sintático profundo". Sabe-se, porém, que as relações gramaticais superficiais não obedecem a tão estrita correspondência. A consequência é que teorias tão rígidas como as acima levam a um considerável processo de transformações de movimento, de apagamento e inserção e incorporação de preposições, afim de conseguirem uma passagem da estrutura-P para a estrutura-S.

Outras hipóteses, menos restritivas também apareceram na literatura<sup>14</sup>. Ao invés de atribuir um papel temático a cada posição

---

<sup>14</sup> Diferentes proposta e uma vasta argumentação a favor da hierarquia pode-se ver em Fillmore (1968); Jackendoff (1972, 1976, 1983, 1990); Marantz (1984); Foley e Van Valin (1984); Carrier-Duncan (1985); Grimshaw (1987, 1990); Bresnan e Kanerva (1989); Hudson (1992). Uma referência à hierarquia teórica em explicações sintáticas também se têm feito na literatura gerativista; por exemplo, Giorgi (1984).

sintática particular, essas teorias invocam um mapeamento entre uma lista ordenada de papéis temáticos (a "Hierarquia Temática") e uma lista orde-nada de papéis sintáticos. Dentro do domínio específico de cada abordagem, elas diferem primeiramente em como a hierarquia sintática é especificada. Entretanto, para todas as abordagens, a concepção básica do sistema, do ponto de vista da correspondência entre o Temático-para-Sintático, é a mesma.

Uma segunda divergência é em relação à ordenação dos papéis temáticos em uma hierarquia. Apesar de pressuposta, geralmente, como universal, existem controvérsias quanto à posição relativa de alguns papéis, como os de Tema, Instrumento, Meta/Fonte/Locativo e também quanto à relação dos papéis dentro desse último grupo. Isso decorre, em nossa opinião, do fato de que, na definição da hierarquia temática, não se faz distinção entre funções e macrofunções, nem entre os tiers ou planos em que se organizam, tentando estabelecê-la em uma única seqüên-cia linear. Um exemplo disso é a hierarquia proposta por Bresnan & Kanerva (1989)<sup>15</sup>:

(33) Agente > Benef.> Exp.> Ins.> Tema/Paciente > Locativo.

Com essas breves referências às propostas correntes sobre o prin-cípio da hierarquia temática, passamos a reformulá-la dentro do quadro

---

<sup>15</sup> Entre as abordagens acima, podemos salientar a vantagem que a proposta de Jackendoff tem sobre as outras, em virtude de seu cuidado na formalização das estruturas conceituais (ver Capítulo 4). Entretanto, ele mesmo restringe suas regras de "linking" às posições de "sujeito" e "complemento" e deixa em aberto a explicação da expressão sintática de vários papéis temáticos.

teórico em que estamos trabalhando<sup>16</sup>. Alguns dos pressupostos básicos dessa reelaboração são:

- o princípio da hierarquia temática organiza a diátese dos predicadores (de sua representação lexical) e distribui os argumentos nas posições da estrutura categorial-sintática das orações;
- a hierarquia temática tem um caráter implicacional no sentido de que ela pressupõe uma dependência da presença de determinados papéis temáticos à natureza do evento descrito;
- disso decorre que a hierarquia temática não é definida em um único plano, mas em uma estrutura pluri-dimensional, utilizando-se de diferentes critérios: a natureza do evento descrito pelo predicador, o "tier" (do evento ou da locação) em que o papel temático se define, a propriedade semântica que o caracteriza em uma função ou macro-função semântica.

### 5.3.1 Algumas Observações Preliminares

A motivação mais geral para uma Hierarquia Temática é a de expressar as generalizações sobre a ordem dos argumentos em um predicador: os argumentos mais baixos na hierarquia são compostos semanticamente antes com o predicador do que os argumentos correspondentes a papéis mais

---

<sup>16</sup> Essa reformulação, que se baseia no manuscrito "Anotações sobre o Princípio da Hierarquia Temática, limita-se a mostrar os pontos essenciais para a nossa análise. Portanto, não mostraremos todos os passos da elaboração da hierarquia que será proposta, envolvendo os vários papéis temáticos existentes; ela se restringirá aos papéis que entram em construções com verbos psicológicos. Pretendemos estender nossa análise a outros domínios descritivos e definir de um modo mais geral e abrangente o princípio de hierarquia temática em um artigo em colaboração com C. Franchi.

altos. Essa composição tem uma justificativa. Marantz (1984) observa que os argumentos de um predador têm diferentes graus de relevância para a caracterização do evento descrito, e chama a atenção para a assimetria das posições de "sujeito" e "complemento"<sup>17</sup>. Portanto, a escolha de uma posição sintática está diretamente relacionada a uma certa ordem de relevância para a construção de seu sentido.

Com respeito à escolha de posição sintática, é importante fazermos algumas observações.

As relações e papéis temáticos são determinados por propriedades semânticas dos predadores, possuindo um estatuto teórico no plano da representação semântica. Portanto, nesse quadro, dado o seu caráter funcional, não se há de falar de "atribuição de papéis temáticos" na estrutura sintática. A questão relevante é:

---

<sup>17</sup> Como ilustração consideremos, inicialmente, as orações:

- (i)a. José quebrou o vaso de barro (com uma martelada).
- b. José quebrou a fila de formigas (interrompendo-a com o pé).
- c. José quebrou a ordenação do texto (com essa argumentação).
- d. José quebrou a promessa (fumando de novo).
- e. José quebrou as esperanças colocadas nele (por sua ignorância).

Não parece necessário se postular distintos verbos *quebrar* para se explicar a interpretação dessas orações, não somente a diferença dos processos que são consequência da ação de José de (a) a (d), mas ainda a não agentividade de José em (e). As diferenças decorrem da formação dos predicados com NP's com distintas propriedades semânticas, levando a distintos acarretamentos ou mesmo distintas inferências pragmáticas.

Ao contrário, a consequência do processo é a mesma nas orações abaixo, apesar da substituição de um sujeito por outro:

- (ii)a. João quebrou a borda do vaso.
- b. O filho de João quebrou a borda do vaso.
- c. A pressa com que se moldou o vaso quebrou-lhe a borda.
- d. Essa queda, mesmo que baixa, quebrou a borda do vaso.
- e. A sua falta de modos acabou por quebrar a borda do vaso.

- como se explicitam na sintaxe as relações semânticas? ou como os papéis temáticos se tornam visíveis, na representação sintática, para a interpretação?

Pode-se falar, pois, que uma teoria dos Casos Abstratos na teoria sintática é a contraparte da teoria dos Papéis Temáticos na semântica<sup>10</sup>. Portanto, não faz sentido falar-se de "marcação-theta" na sintaxe.

Vimos, também, que não se podem definir as funções semânticas pelas funções gramaticais, ou seja, mediante uma regra de correspondência biunívoca: o princípio geral da "Grammatical Constraint" nos impõe somente que as representações sejam tais que se possa expressar do modo mais direto e simples possível a correspondência entre elas e esse é o propósito do Princípio da Hierarquia Temática.

Neste ponto, basta-nos observar que, no Português, há basicamente três mecanismos sintáticos de "visibilidade" dos papéis temáticos:

- o caso de visibilidade do argumento (A-visibility) na posição estruturalmente definida do complemento verbal e preposicional;
- a visibilidade via "cópia" de traços do argumento no núcleo do predicador (H-visibility), nos casos de concordância;
- a visibilidade pela mediação das preposições.

---

<sup>10</sup> Embora em um outro quadro teórico, essa é a intuição que se expressa no princípio de visibilidade, formulado por Chomsky (1986), como propriedade de "cadeias argumentais". Reformulando o antigo "Filtro de Caso" que exigia que todo NP foneticamente realizado recebesse um Caso morfológico ou abstrato (ver Chomsky, 1981), Chomsky assume que um elemento é visível para a "marcação-theta" (e, pois, para a interpretação plena das funções temáticas) somente se lhe é atribuído um Caso, ou seja, se está em uma posição à qual é atribuído um Caso. Assim, formula-se o Princípio de Visibilidade associado ao Critério-theta:

(i) Cada argumento  $\alpha$  aparece em uma cadeia contendo uma posição-theta visível P, e cada posição-theta P é visível em uma cadeia contendo um único argumento  $\alpha$  (pg.97).

Isso nos deixa com três posições sintáticas a considerar no estabelecimento da correspondência entre funções semânticas e funções gramaticais que serão referidas, daqui para frente, simplesmente como "sujeito", "complemento do predicador", "complemento da preposição".

### 5.3.1.1 Representações Lexicais

Discutiremos agora como se representam as propriedades temáticas dos predicadores para formular o princípio da Hierarquia Temática.

Se adotamos uma definição de papéis temáticos na linha da proposta de Dowty (mesmo estendendo a noção de "predicador"), devemos avaliar se as propriedades associadas às etiquetas temáticas são acarretadas lexicalmente pelo item lexical representado. Por exemplo:

(34) Maria [[[ quebrou o vaso ] por descuido ] no clube ]

determina para os argumentos *Maria* e *vaso* um conjunto de relações relevantes para a interpretação semântica:

- (35)a. Maria agiu intencionalmente (mesmo que não desejasse o resultado de sua ação);  
 b. Maria foi descuidada;  
 c. A ação de Maria se deu no clube; Maria estava no clube;  
 d. O vaso foi afetado pelo processo desencadeado pela ação de Maria > passou de um estado a outro;

que resultam diretamente das relações predicativas ou de processos composicionais e se expressam mediante diferentes relações sintáticas de predicação (no sentido tradicional), de complementação e de adjunção. Evidentemente, não se pode falar que todas essas relações constituem

acarretamentos lexicais do verbo *quebrar*. Primeiro, note-se que a agentividade de *Maria* não resulta de um acarretamento lexical de *quebrar*:

- (36)a. Com o vento forte, o vaso caiu e quebrou.
- b. Foi a queda no chão que quebrou o vaso.
- (37)a. Só foi possível quebrar essa noz com uma marreta.
- b. Só essa marreta vai quebrar essa noz.

Assim, para satisfazer o critério-theta, basta a ocorrência de um argumento em um dos papéis temáticos da macro-função CAUSA. Compare-se esse verbo a outros como *assassinar*, *escrever*, *olhar*, *admitir*, etc. a que Whitaker-Franchi chamou de "tipicamente agentivos", por acarretarem a agentividade de seu argumento-sujeito:

- (38)a. João assassinou o parceiro.
- b. João escreveu um artigo para a Veja.
- c. João olhou de soslaio o adversário.
- d. Joao admitiu sua culpa no incidente.

Conseqüentemente, devemos propor distintas representações semânticas para *quebrar* e *assassinar*, por exemplo:

- (39) QUEBRAR: V, { CAUSA, Paciente }
- (40) ASSASSINAR: V, { Agente, Paciente }

Alguns poderiam objetar que o Locativo (ou Temporal) deveria estar incluído na rede temática: toda descrição de um evento pressupõe que ele ocorra em dimensão espaço-temporal, em um certo tempo e lugar. Poderíamos acrescentar, ainda, que toda descrição de um evento pressupõe que ele ocorra por uma causa qualquer. Essa é, porém, justamente a razão para não incluir as etiquetas de Tempo, Lugar, Causa na representação

lexical dos verbos: um traço categorial ou funcional que se associa indiferentemente a todos os predicadores não os distinguem em nada para os efeitos de generalizações teóricas. Isso não quer dizer que Tempo, Lugar, Causa não sejam selecionados por certos predicadores como componente de sua significação específica. Lugar e Tempo fazem parte da rede temática de preposições como *em* (*em no clube*) ou de verbos como *começar*, *acabar*, *durar*, *estar*, etc.<sup>19</sup>.

Essas representações nos permitem distinguir diferentes classes de predicadores, associadas a diferentes propriedades sintáticas, possibilitando-nos, inclusive, estabelecer generalizações descritivas a partir delas. Lembrem-se, por exemplo, as restrições que se impõem sobre a classe de verbos que entram em construções ergativas, a que já nos referimos de passagem: a de que devem ter como complemento um OBJETO AFETADO e não podem ter implícita uma relação agentiva<sup>20</sup>. Essas construções estão, portanto, minimamente restritas à classe de verbos do tipo *quebrar*, servindo-nos, nessa generalização, de duas Macro-Funções: a de CAUSA e a de OBJETO AFETADO.

Também a notação dos papéis temáticos na forma de um simples conjunto de etiquetas funcionais temáticas não decorre de um não comprometimento com a existência de um sistema estruturado de papéis temáticos. O que estamos propondo é que a representação lexical pode dispensar-se de uma direta indicação das posições sintáticas (argumento externo=

---

<sup>19</sup> Ver nota 18, Capítulo 4.

<sup>20</sup> Ver pgs. 111 e 112.

sujeito, argumento interno= complemento e sintagma preposicionado) como nas notações habituais de Rappaport e Levin (1988), Higginbotham (1985), entre outros, porque essa estruturação é o resultado da aplicação das regras e princípios da Hierarquia Temática.

Seja, porém, qual for a notação que se adote nessas representações, o importante é notar que os papéis temáticos que caracterizam a diátese de um predicador não esgotam as relações semânticas de uma oração, constituindo somente uma fonte primeira de restrições (como as do princípio da projeção e do critério-theta): a representação se limita aos papéis temáticos definidos, seguindo Dowty, pelo predicador.

### 5.3.2 Diátese e Hierarquia Temática

Para fixar a Hierarquia Temática examinaremos, no primeiro item, algumas classes mais comuns de verbos em Português, mas lembrando que nesta elaboração só trataremos dos papéis relevantes à descrição dos psicoverbos. Consideraremos, inicialmente, a "diátese plena" desses verbos, ou seja aquela que aparece em contextos/situações em que se descreve o evento com o maior número de participantes. Assim, se considerarmos o verbo *quebrar* em (41), partiremos da diátese mostrada em (41a):

- (41)a. João quebrou o vaso de barro.  
 b. O vaso de barro quebrou.

Em um segundo item, discutiremos os aspectos relevantes da promoção argumental para, enfim, propor o esquema da hierarquia temática.

### 5.3.2.1 Projeção da diátese dos predicadores

A grande maioria dos verbos do português se inclui na classe que se costuma chamar de *ação-processo* e de *ação*, ou seja, os que admitem ou presumem traços de agentividade de seu sujeito, como *quebrar* e *assassinar*; na posição de complemento, porém, se realizam vários outros papéis:

- (42)a. {Agente, Pac}: Paulo assassinou o parceiro.  
 b. {Agente, Exp}: Paulo assustou Maria.  
 c. {Agente, Obj}: Paulo observava a paisagem.

Entretanto, já vimos que um grande número desses verbos admitem na posição de sujeito outros papéis temáticos da macro-função CAUSA, e mesmo a interpretação puramente causal de um sujeito animado:

- (43)a. Esses alunos ainda me matam.  
 b. O grito de José assustou Maria.  
 c. A pedrada quebrou o vidro.

Uma hipótese inicial a ser considerada é a de que a macro-função CAUSA deve ser proeminente na hierarquia em relação aos vários papéis temáticos que esses verbos associam ao seu complemento: CAUSA > ... > ... Isso explicaria a seleção do argumento para a posição de sujeito nas classes de verbo:

- (44)a. V: { CAUSA, ... }  
 b. V: { Agente/Causa/Instrumento, ... }<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> São poucos os verbos que selecionam Causa e Instrumento (com exclusão do Agente). Tipicamente causativos são os verbos da classe *preocupar*. Jackendoff (citando Bresnan e Grimshaw) aponta como instrumental somente o verbo *servir*:

(i) Essa faca/São somente serve para descascar batatas.

Excluindo os verbos "de ação", examinemos os verbos experienciais, ou seja, os que tomam na posição de sujeito um Experienciador. Observe-se que, se tal ocorre, fica excluída a presença de um OBJETO AFETADO, visto que o Experienciador, embora compatível com traço de agentividade, não incluem entre as propriedades que os caracterizam a causalidade direta de um processo:

(45) {Exp, Obj}: João teme Maria.

Porém, alguns verbos estativos possuem em sua diátese os papéis temáticos Experienciador e Objetivo, e na posição de sujeito está o argumento associado ao Objetivo:

- (46)a. Este livro não agrada a ninguém/ não lhe agrada.  
 b. A aprovação do projeto lembra um caso semelhante ao deputado/ lembra-lhe um caso semelhante.

Estes exemplos nos mostram que a proeminência atribuída de um modo consensual ao Experienciador na Hierarquia Temática (Jackendoff, Grimshaw, Bresnan, entre outros) precisa ser revista. Usar esse papel (assim como, por exemplo, o Tema) em uma mesma seqüência linear de etiquetas em uma Hierarquia Temática é uma fonte de ambiguidades. A idéia é considerar, em cada caso em que nos referimos a esses papéis, outras propriedades relevantes que lhes são acarretadas pelos predicadores.

Vimos antes que essa etiqueta temática não expressa um único papel temático-tipo, no sentido que atribuímos a essa noção, diferentes papéis temáticos que podem incluir propriedades distintas características de ação, afetação ou estado (ver seção 6.1.4). Nessa linha, consideramos

antes, ao caracterizar esse papel temático, que verbos com Experienciador na posição do sujeito (como *temer*, por exemplo), acarretam a propriedade de esse argumento "ter o controle do processo" que nele mesmo se dá, propriedade associada ao Agente prototípico e à CAUSA.

Consideremos agora os verbos "de processo". São eles verbos intransitivo-ergativos que tomam como sujeito, no caso de processos, um argumento da macro-função OBJETO AFETADO:

- (47)a. {Paciente}: O parceiro de Rosa morreu./Rosa escorregou.  
 b. {Experienciador}: O parceiro de Rosa não sofreu.

No caso de verbos de estados, alguns transitivos, o sujeito é sempre um Objeto de um predicador atributivo:

- (48)a. {Objetivo}: Sam é brasileiro.  
 b. {Objetivo, Valor}: O livro custou cem reais aos alunos.  
 c. {Obj, Referência}: O seu ordenado equivale ao meu.

Retomando os exemplos acima, algumas generalizações podem ser feitas. Se na rede temática existe um argumento da macro-função CAUSA, independentemente do papel específico que a realiza, o complemento é sempre o OBJETO AFETADO, se este compõe a diátese do predicador, seja o Paciente, seja o Experienciador (a que se atribui a propriedade de "mudança de estado psicológico"):

- (49)a. Paciente: Sam assassinou **o parceiro**.  
           O descuido de Sam quebrou **o vaso de barro**.  
           Esse martelo não vai quebrar **as nozes**.  
 b. Experienciador: Sam assustou **Maria**.  
           O grito de Sam assustou **Maria**.

Há, entretanto, verbos de ação cuja diátese não inclui um OBJETO AFETADO. Na nossa análise, seriam os experienciais com sujeito Exp e um Objetivo na posição de complemento, ou seja um elemento com que a ação está relacionada em vários sentidos, sem que, entretanto, seja afetado por essa ação em seu estado<sup>22</sup>.

(50) Objetivo: Paulo observava a paisagem  
Paulo teme Maria.

Da exemplificação acima pode-se concluir que, na posição de complemento, se engendram os argumentos associados a papéis temáticos da macro-função OBJETO AFETADO; ou, se na diátese do predicador não houver algum papel dessa macro-função, se engendra o argumento associado a um papel temático ESTATIVO. No caso dos complementos Experienciador, valem as mesmas observações feitas em relação à posição de sujeito, lembrando aqui que o Experienciador é compatível com traços de afetação. Nesse caso seriam selecionados para a posição de complemento.

Um terceiro papel temático na diátese de um predicador ou as relações semânticas construídas mediante adjunção não podem engendrar-se na posição interna ou nuclear do complemento e somente podem se tornar visíveis na sintaxe pela mediação das preposições, selecionadas pelo papel temático que explicitam. Alguns exemplos:

(51)a. Sam matou o parceiro **com uma faca.**  
b. João comprou o carro **por causa de sua velocidade.**

---

<sup>22</sup> A caracterização de Objetivo de um modo negativo, contrapondo-o aos OBJETOS AFETADOS, parece bastar aos propósitos desta tese. A correta caracterização dessa função exigirá um trabalho posterior.

A partir desses exemplos, podemos já estabelecer uma primeira versão da Hierarquia Temática. O que vimos ser relevante para a seleção argumental são as propriedades:

- traços de agentividade e, conseqüentemente, de animacidade, que privilegiam a posição de sujeito;
- traços de afetação do objeto e,
- por exclusão, traços de estatividade, que privilegiam a posição de objeto.

Isto nos permite orientar a hierarquia, no tier do evento, de modo muito próximo à tradição que leva em conta a distinção entre ações /causações, processos e estados:

(52) CAUSA > OBJETO AFETADO > ESTATIVO

Lembramos que, como consideramos o Experienciador como uma etiqueta ambígua, associando à sua propriedade de "estado psicológico", traços de agentividade (o que o incluiria na macro-função CAUSA), ou traços de afetação (incluindo-o na macro função de OBJETO AFETADO), atribuiremo-lhe proeminência na hierarquia ou não, conforme se associe a esses traços.

A regra de correspondência entre essas funções semânticas e as funções gramaticais em que se tornam visíveis:

- sujeito > complemento > sintagma preposicionado

se formula, provisoriamente, no princípio em (53):

### (53) Princípio da Hierarquia Temática

- a. A estrutura argumental sintática se organiza segundo uma hierarquia temática que determina a seleção das posições sintáticas conforme a qualidade temática dos papéis da diátese dos predicadores;
- b. Selecione para a posição de sujeito o elemento que corresponda à posição temática mais proeminente na hierarquia e, para complemento, quando for o caso, o elemento que corresponda à posição temática subsequente disponível na diátese do predicador;
- c. As demais relações temáticas se expressam pela mediação de uma predicação preposicional.

#### 5.3.2.2 Condições para as Promoções Argumentais

Alguns fatos do Português do Brasil nos obrigam a refinar a hierarquia proposta acima. Vimos, antes, que um evento pode ser descrito sob várias perspectivas e que tais perspectivas dependem, para manifestar-se sintaticamente, da existência de itens lexicais que expressem as diáteses correspondentes (como no caso de *vender/comprar* ou *matar/morrer*) e dos recursos morfológicos disponíveis nessa língua (para a construção de passivas, ergativas, causativas, etc.). A construção dessas diferentes perspectivas envolve os mecanismos chamados de "promoções argumentais".

Coloquemos, em síntese, algumas condições que autorizam essas construções (do ponto de vista semântico) a que já nos referimos em vários pontos desta tese:

- as construções ergativas excluem, na interpretação, um papel temático agentivo, mesmo implícito (Whitaker-Franchi, 1989);
- o complemento promovido à posição de sujeito deve ser um argumento OBJETO AFETADO (ver Whitaker-Franchi, 1989; Levin, 1989);
- estão excluídos dessa construção verbos que selecionem outros

papéis temáticos que não da macro-função CAUSA; a representação temática dos verbos que entram nessa construção é:

X: V, { CAUSA/Causa, OBJETO AFETADO }

Em Português, um grande número dessas construções admite (ou mesmo exige, sobretudo no Português Europeu) um clítico se, que pode ser tratado como o reflexo morfológico da exclusão de um sujeito-temático CAUSA, possível nessa representação:

- (54)a. João quebrou o copo./ O copo quebrou-se.  
 b. A chuva afundou a jangada./A jandaga afundou-se.  
 c. O grito de Paulo assustou Maria./Maria assustou-se.

Esse é um dos casos que apresentam os psico-verbos, como em (c), e que vamos tratar nessa tese. Nenhum problema se coloca para a Hierarquia Temática provisoriamente estabelecida. Como as orações ergativas se derivam de outras que têm uma CAUSA em seu sujeito, a perda de um dos papéis dessa macro-função é marcada pela morfologia que reorienta a seleção argumental.

Notamos que no Português do Brasil, a contínua redução do sistema de clíticos e seu acentuado desuso, vem dispensando a "ergativização" da presença de um clítico *se*:

- (55)a. O cristal partiu (em mil pedaços).  
 b. A jandaga afundou ( no mar bravo)  
 c. Maria acalmou (depois de dois dias).

Até este ponto, nenhum problema para a hierarquia pois os complementos não fazem parte da diátese do verbo, portanto não entram na seleção

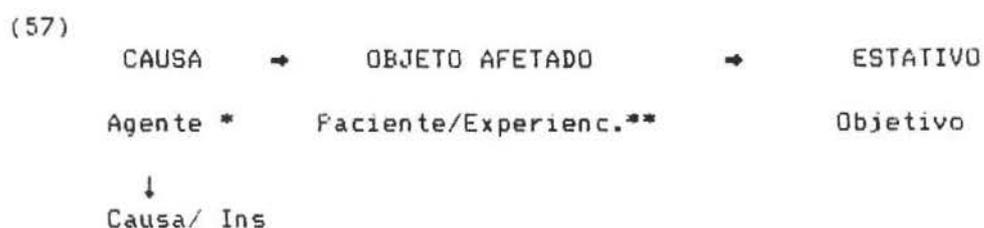
argumental. Mas, principalmente no dialeto mineiro, esse processo ainda se estende a um grande número de psico-verbos que quando o argumento-sujeito é uma Causa, no processo de ergativização, pode ocorrer simplesmente a alternância na posição dos argumentos do verbo:

- (56)a. A chegada da mãe acalmou Maria.  
 b. Maria acalmou com a chegada da mãe.

Os casos acima trazem um problema para a primeira hierarquia estabelecida: não se explica a alternância da Causa e do Objeto Afetado na posição de sujeito. A Hierarquia Temática privilegiaria o primeiro papel.

Uma hipótese é a de explicar essa escolha alternativa mediante uma modificação nas regras de correspondência que associam funções temáticas a funções gramaticais no Princípio da Hierarquia Temática.

Deve-se notar que a Hierarquia Temática, formulada em termos de macro-funções, esconde outras dimensões em sua linearidade. A seleção dos argumentos depende também de uma ordenação dos papéis específicos que nelas se incluem:



- \* : inclusive Experienciador com traços de agentividade  
 \*\* : Experienciador afetado pelo processo;

Por exemplo, na seleção do argumento-sujeito, o Agente predomina sobre Causa e Instrumento:

- (58)a. Sam acabou quebrando o vaso de barro de raiva/com uma pá.  
 b.\*A raiva/a pá acabou quebrando o vaso de barro por João.

O que ocorre com as construções ergativas que mostramos é que, excluído o Agente da posição de sujeito, e preenchidas outras condições semânticas que não vem aqui ao caso, a seleção do argumento para a posição de sujeito pode fazer-se no eixo horizontal ou vertical da hierarquia temática. A seleção do sujeito se faz nas coordenadas:

(59)

Ações:	Agente	
.....		
Processos:	Cau/Ins	Pac/Exp
.....		
Estados:	Objetivo	

Note-se, porém, que não se necessita postular essa alternativa senão como parte da própria regra de ergativização, isto é, como uma das propriedades sintáticas das construções ergativas quando outras condições não as desautorizam, já que ela não se oferece em geral na correspondência entre as estruturas semânticas e as estruturas sintáticas.

Assim, reformulamos (53) em (60):

**(60) Princípio da Hierarquia Temática**

- a. A estrutura argumental sintática se organiza segundo uma hierarquia temática que determina a seleção das posições sintáticas conforme a qualidade temática dos papéis da diátese dos predicadores;

- b. Na projeção da diátese de um predicador, selecione para a posição de sujeito o elemento que corresponda à posição temática mais proeminente na hierarquia, percorrendo os papéis específicos de cada macro-função, e selecione para complemento, quando for o caso, o elemento que corresponda à posição temática disponível na diátese do predicador, na macro-função subsequente;
- c. No caso de promoção argumental a uma posição detematizada, selecione como sujeito o argumento subsequente em um dos eixos hierárquicos do papel temático excluído;
- d. As demais relações temáticas se expressam pela mediação de uma predicação preposicional.

Podemos considerar estabelecido nosso quadro teórico sobre a representação semântica; o que nos interessa agora é saber como essas representações semânticas vão ser traduzidas em estruturas categoriais sintáticas para podermos responder às questões relacionadas às propriedades estudadas sobre os verbos psicológicos, levantadas no final da Parte I desta tese.

## **CAPÍTULO 6**

### **A ESTRUTURA DAS ORAÇÕES COM VERBOS PSICOLÓGICOS**

#### **6.1 Introdução**

Este capítulo final deve ser considerado somente como um esforço de propor uma estrutura sintática que consiga traduzir a nossa proposta semântica dentro do domínio dos psico-verbos, tentando estabelecer um diálogo com os sintaxistas, tendo em vista que o esforço maior do trabalho até aqui foi reservado à semântica conceitual. Faremos um estudo aproximativo da estrutura sintática dos psico-verbos, em certo sentido gerativista, naquilo em que é compatível com os pressupostos adotados nos capítulos anteriores. Não será um gerativismo "ortodoxo" e, certamente se afastará do modelo atual em vários aspectos, sobretudo da linha Pollock-Chomsky, no tratamento das categorias funcionais, e do Programa Minimalista (Chomsky, 1992, 1994). Descreveremos, primeiramente, os pontos fundamentais da descrição sintática que vamos fazer, pelo fato de assumirmos uma semântica representacional autônoma.

Adotando uma postura diferente dos gerativistas, não concebemos a sintaxe como um processo computacional que fornece o "input" para interpretações nas interfaces da Forma Fonética e da Forma Lógica, mas como mecanismos de explicitação das categorias, relações e funções semânticas relevantes para a interpretação das expressões. Ela está restrita pelo Princípio de Projeção e pelo Critério-Theta, embora não se trate diretamente da projeção de "propriedades do léxico", como vimos, mas da representação semântica de eventos em sua descrição. As propriedades dos itens lexicais, portanto, se incluem como fatores ou "filtros" entre as representações semânticas e as representações sintáticas. Em particular, os processos sintáticos operam não sobre um "array", um conjunto de itens lexicais associados a índices numéricos de ocorrência na sentença, como no Programa Minimalista, mas sobre itens lexicais internamente estruturados e refletem, em sua organização, o esquema relacional semântico da perspectiva em que se situa o evento. A questão aqui não é por que adotar essa perspectiva, mas por que **não** adotá-la: ou seja, se há informações semânticas associadas à representação dos itens lexicais, decidir se a sintaxe é inteiramente cega a essas propriedades não é uma questão de "economia" mas uma questão primeiramente empírica e em seguida metodológica.

Certamente, adotaremos uma formulação bem mais restritiva das estruturas categoriais, por dois motivos: o primeiro porque dispomos das informações da representação semântico-conceitual que nos permitem dispensar, em muitos casos, mecanismos sintáticos arbitrários; por exemplo, mecanismos "sintáticos" de atribuição dos papéis temáticos e de

redistribuição dos argumentos na estrutura via transformações; o segundo, porque as posições sintáticas estão vinculadas à manifestação de categorias, relações e funções semânticas. Em relação a este último ponto, está a decisão de vincular semanticamente a interpretação das relações e funções gramaticais das categorias lexicais, definidas na estrutura sintática (como as de "predicação", "núcleo-especificador", "núcleo-complemento", "adjunções"). Ou seja, a especificação dessas relações estará sempre dependente da projeção de relações temáticas.

Quanto às categorias funcionais, nós as limitaremos (na linha de Iatridou, 1990, Georgopoulos, 1991, Sigurosson, 1993 e Franchi, em seu manuscrito sobre a "adjunção"), àquelas que possuem um conteúdo semântico categorial (particularmente os operadores dêiticos, quantitativos e modais). Isso nos obriga a uma Teoria dos Casos sintáticos mais conservadora e nos impede a adoção dos processos de "checagem" de traços, inclusive os de "caso", via movimento (adjunções e substituição) para as inúmeras posições de "especificador" abertas pela multiplicação das categorias funcionais, nas versões atuais da Gramática Gerativa.

Nosso objetivo é mostrar que:

- em uma descrição sintática sensível a propriedades semânticas, podemos justificar generalizações gramaticais e simplificar os mecanismos sintáticos;
- algumas das propriedades dos psico-verbos são explicáveis baseadas nessas propriedades semânticas.

Utilizaremos a estratégia de discutir as propriedades dos psico-

verbos da classe *preocupar* que apresenta fatos mais interessantes, estendendo-nos mais sobre eles, comparando-os depois com os das outras classes. Para lembrar as propriedades estudadas no Capítulo 1, envolvendo a passiva, a ergativização, a causativização, a inversão de argumentos, as causativas encabeçadas, o emprego do *pro* arbitrário e a ligação excepcional da anáfora, repetimos o quadro geral:

(1)	Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4
	<i>temer</i>	<i>preocupar</i>	<i>acalmar</i>	<i>animar</i>
	Exp-suj	Exp-obj	Exp-obj	Exp-obj
	-lig.anaf	+lig.anaf	+lig.anaf	+lig.anaf
	-erg	+erg	+erg	+erg
	-cau	+cau	+cau	+cau
	+inv	-inv	-inv	-inv
	+p.sin	+p.adj	+p.sin	+p.sin e adj
	+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+ <i>pro</i>	+ <i>pro</i>
	+c.enc	-c.enc	+c.enc	+c.enc

## 6.2 A Rede Temática dos Psico-verbos

Os psico-verbos estudados são verbos transitivos que selecionam dois argumentos, isto é, determinam dois distintos papéis temáticos. Neste item, devemos investigar a qualidade temática desses argumentos, assumida sem discussão, em nossa análise descritiva. Mostrando que as classes possuem diáteses distintas, estaremos mostrando porque elas se projetam diferentemente, sendo essa a primeira questão a ser respondida dentro das perguntas elaboradas ao final da Parte I da tese.

### 6.2.1 A Classe do Verbo *Preocupar*

Os verbos da classe *preocupar* aparecem em orações como:

- (2)a. O comportamento de Rosa preocupa a mãe.  
 b. Rosa preocupa a mãe.

Vimos no Capítulo 3 que Belletti e Rizzi (1989) consideram os argumentos que ocupam a posição de sujeito em (2) um Tema. Damos razões suficientes para rejeitar essa proposta, sobretudo pelo caráter inespecífico de Tema no uso localista-gerativista. Grimshaw (1990) propõe uma análise em dois tiers, associando ao papel temático Tema na dimensão temática um papel Causa na dimensão aspectual. Levantamos suficientes dúvidas à teoria da proeminência da autora, particularmente mostrando, além de outros aspectos teóricos, que a natureza da Causa encontrada pela autora não poderia ser aspectual, e sim, temática. E também que a teoria não consegue distinguir verbos das classes *preocupar* e *acalmar*. Em nossa análise, atribuímos ao primeiro argumento dessa classe o papel temático específico de Causa.

No Capítulo 5 (seções 5.1.1, 5.1.2) mostramos que Causa, embora relacionada ao Agente na mesma macro-função, é concebida a partir de uma relação entre dois eventos. Não se trata de supor uma relação entre duas proposições ou entre duas sentenças: na representação linguística, o evento causador pode ser representado por uma categoria nominal, como em (2a), ou mesmo inferido pragmaticamente de uma expressão com um único argumento singular, como em (2b), que pode ser entendido:

- (3) O fato de Rosa fazer o que faz, comportar-se como se comporta, ser o que é ou aparentar o que aparenta, ... preocupa a mãe.

Como vimos em 5.1.3, a não-agentividade de Rosa em (2b) se mostra na estranheza de orações como<sup>1</sup>:

- (4)a.?? O que Rosa fez foi preocupar a mãe.  
 b.?? Preocupe mãe.  
 c.??? Ai Rosa pegou e preocupou a mãe.  
 d.??? O pai fez Rosa preocupar a mãe.  
 e.??? Rosa foi obrigada a preocupar a mãe.

Observemos a interpretação de sentenças com um adjunto de instrumento (que habitualmente se associa à agentividade do sujeito) nas orações:

- (5)a.\*Rosa preocupa a mãe com um martelo.  
 b. Rosa preocupa a mãe com um martelo na mão.  
 c. O martelo na mão de Rosa preocupa a mãe.

A anomalia de (5a) decorre da interpretação de *martelo* como um instrumento utilizado por *Rosa* o que lhe confere o controle do estado psicológico da mãe. Já em (5b) e (5c), *martelo* é o "sujeito" (o especificador em um complexo funcional completo) de uma expressão predicativa *na mão*, que possui uma interpretação proposicional - o fato de *Rosa ter um martelo na mão*, ou o fato de *estar o martelo na mão de Rosa* - o que nos leva a uma relação de Causa entre eventos e não associa a *Rosa* nenhum traço de agentividade em relação a *preocupar a mãe*.

A nossa argumentação excluiu uma leitura agentiva do argumento-

---

<sup>1</sup> Esses testes são apenas indícios para nos orientar na interpretação não agentiva das orações em (4); sempre é possível encontrar alguns contextos em que estes exemplos fazem sentido.

sujeito de (2b), mas não uma interpretação como Tema. Observe-se, porém, que o Tema prototípico (objeto locado, movido) é geralmente excluído da posição de sujeito em orações transitivas e os poucos exemplos que se podem construir são incompatíveis com uma construção ergativa correlata:

- (6)a. A caixa contém espinafres/\* Os espinafres (se) contêm (na caixa).  
 b. Os Silva habitam um palácio/ \* Um palácio (se) habita.  
 c. A faca penetrou o coração/ \* O coração (se) penetrou.

ao contrário de:

- (7)a. A mãe preocupou-se com o comportamento de Rosa.  
 b. A mãe preocupa demais com o comportamento de Rosa (no dialeto mineiro).

Portanto, o verbo *preocupar* e os de sua classe acarretam a um de seus argumentos a propriedade de **ter um papel no desencadeamento do processo**, mas não acarreta para esse argumento nem intencionalidade, nem iniciativa, nem qualquer controle sobre esse processo que se dá inteiramente no Experienciador.

Já do outro argumento, o Experienciador, é suficiente dizer que essa classe de verbos acarreta **ser afetado pelo processo em seu estado psicológico**.

Baseado no exposto acima, a representação lexical dos verbos desta classe é:

- (8) PREOCUPAR: V, {Causa, Experienciador-Afetado}

### 6.2.2 As Classes dos Verbos *Acalmar* e *Animar*

Os verbos do tipo *acalmar* são apresentados na literatura como pertencendo à classe de *preocupar*. Vimos, porém, que o resultado da aplicação dos testes, em nossa análise preliminar, mostra que esses verbos formam uma classe bem distinta. Por isso supomos que essa classe apresenta uma rede temática distinta da anterior.

Consideremos os exemplos:

- (9)a. A polícia acalmou a multidão com seus cacetetes.
- b. Os cacetetes acalmaram a multidão.
- c. A chegada da polícia acalmou a multidão.

Extraindo os acarretamentos decorrentes da relação de *acalmar* com o argumento *polícia* em (9a), vemos que não somente se pode dizer que *polícia tem papel no desencadeamento do processo*, mas ainda que *age intencionalmente* (no sentido definido) e, inclusive, *tem controle sobre o processo*. Trata-se de um argumento Agente. Em (9b e c), entretanto, vemos que a agentividade não é acarretada pelas propriedades lexicais do verbo: *acalmar* não é um predicador tipicamente agentivo, pois admite um Instrumento ou uma Causa na posição de sujeito. Assim, como convençionamos, sua representação será com a etiqueta da macro-função CAUSA.

É importante notar que (9c) se distingue claramente de (2a) por algumas propriedades muito claras. Vejamos:

- (10)a. O comportamento de Rosa preocupou a mãe.
- b.\*A mãe foi preocupada pelo comportamento de Rosa.
- c.\*O comportamento de Rosa é que possibilitou/permitiu preocupar a mãe.

- (11)a. A chegada da polícia acalmou a multidão.  
 b. A multidão foi acalmada pela chegada da polícia.  
 c. A chegada da polícia é que possibilitou/permitiu acalmar a multidão.

A agramaticalidade de (10b e c) nos mostra que a distinção entre causa direta e causa indireta é semântica e sintaticamente relevante. Vamos dar à noção de "controle do processo" a extensão necessária para distinguir o papel temático associado ao argumento-sujeito desses dois verbos pela propriedade de **não ter vs. ter o controle do processo**.

Pela forma em que definimos os papéis-temáticos é claro que se trata teoricamente de dois papéis temáticos distintos. Como estamos nos servindo, na representação lexical de uma notação que se serve de etiquetas descritivas, vamos distinguir ambas as etiquetas com um superscrito "+/- controle" : Causa<sup>+controle</sup>, Causa<sup>-controle</sup>.

Quanto ao segundo argumento basta dizer que é equivalente em ambas as classes do ponto de vista temático: um Experienciador-Afetado.

A classe dos verbos do tipo *animar* possui as propriedades de ambas as classes anteriores - a união do conjunto de suas propriedades. Isso nos leva a propor, para essa classe, uma representação lexical com a macro-função CAUSA, neutralizando-se, além disso, a distinção dos traços semânticos de controle. Em síntese, teríamos as representações:

- (12)a. PREOCUPAR: V, { Causa<sup>-controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup> }  
 b. ACALMAR: V, { CAUSA<sup>+controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup> }  
 c. ANIMAR: V, { CAUSA<sup>+/-controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup> }

### 6.2.3 A Classe do Verbo *Temer*

Para a literatura, os verbos dessa classe não apresentam problemas: são vistos como verbos transitivos normais. Entretanto, esses verbos apresentam um conjunto de propriedades decorrentes de sua estrutura argumental (como a impossibilidade de ergativização e de causativização) que dependem de sua diátese. Vejamos alguns exemplos:

- (13)a. José teme o cachorro pelo seu tamanho.  
 b.\*O cachorro se teme.  
 c.\*O tamanho teme o cachorro.

Claramente, *temer* não acarreta traços de agentividade a seu argumento José em (13a) como intencionalidade, iniciativa no processo. A **animacidade** decorre do acarretamento de **estar em um determinado estado psicológico**. Porém, já observamos no Capítulo 5 (seção 5.1.4) que o experienciador de um evento psicológico do tipo do verbo *temer* tem o **controle** sobre o estado ou processo em que se encontra. Trata-se, pois, de um sujeito-Experienciador, com traços positivos de controle.

Quanto à agramaticalidade de (13b), não podemos explicá-la pela condição que incide sobre a posição sujeito (a de que o sujeito não pode ser agentivo). Entretanto, podemos fazê-lo pela restrição à posição de complemento: a de que deve ser um OBJETO AFETADO. De fato, o argumento na posição de complemento é **um objeto em relação ao qual se caracteriza o estado do sujeito**, e portanto, estamos falando de um Objetivo.

Portanto, a diátese dos verbos do tipo *temer* se representa lexicalmente como:

(14) TEMER: V, { Experienciador +*controle*, Objetivo }

Estabelecida a diátese dos psico-verbos, vejamos agora a estrutura categorial sintática em que entram. Trabalharemos principalmente com os verbos da classe *preocupar* fazendo somente as observações necessárias sobre os verbos de outras classes.

### 6.3 A Estrutura Categorial Sintática

Chomsky (1994)<sup>2</sup> propõe o abandono da notação X-barra, observando que noções com "projeção máxima" (X'') e "projeção mínima" (X) não são propriedades categoriais mas relacionais, isto é, devem ser determinadas pela estrutura em que entram: dado um marcador sintagmático, uma categoria que não se expanda em nova projeção será uma projeção máxima; a que não é uma projeção de outros constituintes é uma projeção mínima. Prossequindo nessa idéia, constrói os indicadores sintagmáticos envolvendo um mínimo de operações. Vamos descrever em síntese esse processo.

O Sistema Computacional seleciona itens lexicais de um "array" - um conjunto de itens indicados numericamente, limitando essa indiciação o número de ocorrências do item lexical no indicador da sentença a ser derivada. Uma operação "merge" forma unidades complexas a partir de unidades anteriormente construídas: aplicada a dois objetos  $\alpha$  e  $\beta$  ela

---

<sup>2</sup> Não nos estenderemos sobre a teoria Chomskyana, inclusive porque o Programa Minimalista não me é familiar. Trabalharemos apenas com sua recente reformulação da estrutura categorial porque contém algumas intuições similares sobre essa estrutura e propicia evidenciar as diferentes concepções.

projeta um sintagma do mesmo tipo categorial de um de seus constituintes. Seja  $\alpha$  essa categoria. O resultado dessa operação representa-se em:

$$(15) \quad \begin{array}{c} \alpha_1 \\ \swarrow \quad \searrow \\ \alpha_2 \quad \beta \end{array}$$

em que  $\alpha_2$  é a projeção de  $\alpha_1$  e  $\beta$  (mais formalmente  $\{ \alpha \{ \alpha, \beta \} \}$ ), com que se mantém o princípio da endocentricidade de X-barra;  $\alpha_2$  é o núcleo do sintagma construído e  $\beta$  é seu complemento. O prosseguimento desse processo levará sucessivamente à construção de objetos mais complexos como:

$$(16) \quad \begin{array}{c} \Phi \\ \swarrow \quad \searrow \\ \Phi \quad \alpha \\ \quad \swarrow \quad \searrow \\ \quad \alpha \quad \beta \end{array} = \{ \Phi \{ \Phi, \alpha \} \} = \{ \alpha \{ \alpha, \beta \} \}$$

Daqui em diante manteremos a forma tradicional de representar as estruturas, com as etiquetas categoriais V, N, A, P, I, ..., mas tendo-se em mente esse procedimento simples de construção. Damos-lhe, porém, uma interpretação teórica bastante distinta. Em primeiro lugar, por assumir-se uma estrita correspondência entre a estrutura sintática e semântica, essas estruturas não são construídas a partir de um arranjo de itens lexicais mas de uma representação semântica estruturada.

### 6.3.1 A Estrutura Nuclear

A representação do evento descrito em (2b) pode ser visualizada pelo seguinte diagrama de relações semânticas:

sintática particular, essas teorias invocam um mapeamento entre uma lista ordenada de papéis temáticos (a "Hierarquia Temática") e uma lista orde-nada de papéis sintáticos. Dentro do domínio específico de cada abordagem, elas diferem primeiramente em como a hierarquia sintática é especificada. Entretanto, para todas as abordagens, a concepção básica do sistema, do ponto de vista da correspondência entre o Temático-para-Sintático, é a mesma.

Uma segunda divergência é em relação à ordenação dos papéis temáticos em uma hierarquia. Apesar de pressuposta, geralmente, como universal, existem controvérsias quanto à posição relativa de alguns papéis, como os de Tema, Instrumento, Meta/Fonte/Locativo e também quanto à relação dos papéis dentro desse último grupo. Isso decorre, em nossa opinião, do fato de que, na definição da hierarquia temática, não se faz distinção entre funções e macrofunções, nem entre os tiers ou planos em que se organizam, tentando estabelecê-la em uma única seqüên-cia linear. Um exemplo disso é a hierarquia proposta por Bresnan & Kanerva (1989)<sup>15</sup>:

(33) Agente > Benef.> Exp.> Ins.> Tema/Paciente > Locativo.

Com essas breves referências às propostas correntes sobre o prin-cípio da hierarquia temática, passamos a reformulá-la dentro do quadro

---

<sup>15</sup> Entre as abordagens acima, podemos salientar a vantagem que a proposta de Jackendoff tem sobre as outras, em virtude de seu cuidado na formalização das estruturas conceituais (ver Capítulo 4). Entretanto, ele mesmo restringe suas regras de "linking" às posições de "sujeito" e "complemento" e deixa em aberto a explicação da expressão sintática de vários papéis temáticos.

teórico em que estamos trabalhando<sup>16</sup>. Alguns dos pressupostos básicos dessa reelaboração são:

- o princípio da hierarquia temática organiza a diátese dos predicadores (de sua representação lexical) e distribui os argumentos nas posições da estrutura categorial-sintática das orações;
- a hierarquia temática tem um caráter implicacional no sentido de que ela pressupõe uma dependência da presença de determinados papéis temáticos à natureza do evento descrito;
- disso decorre que a hierarquia temática não é definida em um único plano, mas em uma estrutura pluri-dimensional, utilizando-se de diferentes critérios: a natureza do evento descrito pelo predicador, o "tier" (do evento ou da locação) em que o papel temático se define, a propriedade semântica que o caracteriza em uma função ou macro-função semântica.

### 5.3.1 Algumas Observações Preliminares

A motivação mais geral para uma Hierarquia Temática é a de expressar as generalizações sobre a ordem dos argumentos em um predicador: os argumentos mais baixos na hierarquia são compostos semanticamente antes com o predicador do que os argumentos correspondentes a papéis mais

---

<sup>16</sup> Essa reformulação, que se baseia no manuscrito "Anotações sobre o Princípio da Hierarquia Temática, limita-se a mostrar os pontos essenciais para a nossa análise. Portanto, não mostraremos todos os passos da elaboração da hierarquia que será proposta, envolvendo os vários papéis temáticos existentes; ela se restringirá aos papéis que entram em construções com verbos psicológicos. Pretendemos estender nossa análise a outros domínios descritivos e definir de um modo mais geral e abrangente o princípio de hierarquia temática em um artigo em colaboração com C. Franchi.

altos. Essa composição tem uma justificativa. Marantz (1984) observa que os argumentos de um predador têm diferentes graus de relevância para a caracterização do evento descrito, e chama a atenção para a assimetria das posições de "sujeito" e "complemento"<sup>17</sup>. Portanto, a escolha de uma posição sintática está diretamente relacionada a uma certa ordem de relevância para a construção de seu sentido.

Com respeito à escolha de posição sintática, é importante fazermos algumas observações.

As relações e papéis temáticos são determinados por propriedades semânticas dos predadores, possuindo um estatuto teórico no plano da representação semântica. Portanto, nesse quadro, dado o seu caráter funcional, não se há de falar de "atribuição de papéis temáticos" na estrutura sintática. A questão relevante é:

---

<sup>17</sup> Como ilustração consideremos, inicialmente, as orações:

- (i)a. José quebrou o vaso de barro (com uma martelada).
- b. José quebrou a fila de formigas (interrompendo-a com o pé).
- c. José quebrou a ordenação do texto (com essa argumentação).
- d. José quebrou a promessa (fumando de novo).
- e. José quebrou as esperanças colocadas nele (por sua ignorância).

Não parece necessário se postular distintos verbos *quebrar* para se explicar a interpretação dessas orações, não somente a diferença dos processos que são consequência da ação de José de (a) a (d), mas ainda a não agentividade de José em (e). As diferenças decorrem da formação dos predicados com NP's com distintas propriedades semânticas, levando a distintos acarretamentos ou mesmo distintas inferências pragmáticas.

Ao contrário, a consequência do processo é a mesma nas orações abaixo, apesar da substituição de um sujeito por outro:

- (ii)a. João quebrou a borda do vaso.
- b. O filho de João quebrou a borda do vaso.
- c. A pressa com que se moldou o vaso quebrou-lhe a borda.
- d. Essa queda, mesmo que baixa, quebrou a borda do vaso.
- e. A sua falta de modos acabou por quebrar a borda do vaso.

- como se explicitam na sintaxe as relações semânticas? ou como os papéis temáticos se tornam visíveis, na representação sintática, para a interpretação?

Pode-se falar, pois, que uma teoria dos Casos Abstratos na teoria sintática é a contraparte da teoria dos Papéis Temáticos na semântica<sup>10</sup>. Portanto, não faz sentido falar-se de "marcação-theta" na sintaxe.

Vimos, também, que não se podem definir as funções semânticas pelas funções gramaticais, ou seja, mediante uma regra de correspondência biunívoca: o princípio geral da "Grammatical Constraint" nos impõe somente que as representações sejam tais que se possa expressar do modo mais direto e simples possível a correspondência entre elas e esse é o propósito do Princípio da Hierarquia Temática.

Neste ponto, basta-nos observar que, no Português, há basicamente três mecanismos sintáticos de "visibilidade" dos papéis temáticos:

- o caso de visibilidade do argumento (A-visibility) na posição estruturalmente definida do complemento verbal e preposicional;
- a visibilidade via "cópia" de traços do argumento no núcleo do predicador (H-visibility), nos casos de concordância;
- a visibilidade pela mediação das preposições.

---

<sup>10</sup> Embora em um outro quadro teórico, essa é a intuição que se expressa no princípio de visibilidade, formulado por Chomsky (1986), como propriedade de "cadeias argumentais". Reformulando o antigo "Filtro de Caso" que exigia que todo NP foneticamente realizado recebesse um Caso morfológico ou abstrato (ver Chomsky, 1981), Chomsky assume que um elemento é visível para a "marcação-theta" (e, pois, para a interpretação plena das funções temáticas) somente se lhe é atribuído um Caso, ou seja, se está em uma posição à qual é atribuído um Caso. Assim, formula-se o Princípio de Visibilidade associado ao Critério-theta:

(i) Cada argumento  $\alpha$  aparece em uma cadeia contendo uma posição-theta visível P, e cada posição-theta P é visível em uma cadeia contendo um único argumento  $\alpha$  (pg.97).

Isso nos deixa com três posições sintáticas a considerar no estabelecimento da correspondência entre funções semânticas e funções gramaticais que serão referidas, daqui para frente, simplesmente como "sujeito", "complemento do predicador", "complemento da preposição".

### 5.3.1.1 Representações Lexicais

Discutiremos agora como se representam as propriedades temáticas dos predicadores para formular o princípio da Hierarquia Temática.

Se adotamos uma definição de papéis temáticos na linha da proposta de Dowty (mesmo estendendo a noção de "predicador"), devemos avaliar se as propriedades associadas às etiquetas temáticas são acarretadas lexicalmente pelo item lexical representado. Por exemplo:

(34) Maria [[[ quebrou o vaso ] por descuido ] no clube ]

determina para os argumentos *Maria* e *vaso* um conjunto de relações relevantes para a interpretação semântica:

- (35)a. Maria agiu intencionalmente (mesmo que não desejasse o resultado de sua ação);  
 b. Maria foi descuidada;  
 c. A ação de Maria se deu no clube; Maria estava no clube;  
 d. O vaso foi afetado pelo processo desencadeado pela ação de Maria > passou de um estado a outro;

que resultam diretamente das relações predicativas ou de processos composicionais e se expressam mediante diferentes relações sintáticas de predicação (no sentido tradicional), de complementação e de adjunção. Evidentemente, não se pode falar que todas essas relações constituem

acarretamentos lexicais do verbo *quebrar*. Primeiro, note-se que a agentividade de *Maria* não resulta de um acarretamento lexical de *quebrar*:

- (36)a. Com o vento forte, o vaso caiu e quebrou.
- b. Foi a queda no chão que quebrou o vaso.
- (37)a. Só foi possível quebrar essa noz com uma marreta.
- b. Só essa marreta vai quebrar essa noz.

Assim, para satisfazer o critério-theta, basta a ocorrência de um argumento em um dos papéis temáticos da macro-função CAUSA. Compare-se esse verbo a outros como *assassinar*, *escrever*, *olhar*, *admitir*, etc. a que Whitaker-Franchi chamou de "tipicamente agentivos", por acarretarem a agentividade de seu argumento-sujeito:

- (38)a. João assassinou o parceiro.
- b. João escreveu um artigo para a Veja.
- c. João olhou de soslaio o adversário.
- d. Joao admitiu sua culpa no incidente.

Conseqüentemente, devemos propor distintas representações semânticas para *quebrar* e *assassinar*, por exemplo:

- (39) QUEBRAR: V, { CAUSA, Paciente }
- (40) ASSASSINAR: V, { Agente, Paciente }

Alguns poderiam objetar que o Locativo (ou Temporal) deveria estar incluído na rede temática: toda descrição de um evento pressupõe que ele ocorra em dimensão espaço-temporal, em um certo tempo e lugar. Poderíamos acrescentar, ainda, que toda descrição de um evento pressupõe que ele ocorra por uma causa qualquer. Essa é, porém, justamente a razão para não incluir as etiquetas de Tempo, Lugar, Causa na representação

lexical dos verbos: um traço categorial ou funcional que se associa indiferentemente a todos os predicadores não os distinguem em nada para os efeitos de generalizações teóricas. Isso não quer dizer que Tempo, Lugar, Causa não sejam selecionados por certos predicadores como componente de sua significação específica. Lugar e Tempo fazem parte da rede temática de preposições como *em* (*em no clube*) ou de verbos como *começar, acabar, durar, estar, etc.*<sup>19</sup>.

Essas representações nos permitem distinguir diferentes classes de predicadores, associadas a diferentes propriedades sintáticas, possibilitando-nos, inclusive, estabelecer generalizações descritivas a partir delas. Lembrem-se, por exemplo, as restrições que se impõem sobre a classe de verbos que entram em construções ergativas, a que já nos referimos de passagem: a de que devem ter como complemento um OBJETO AFETADO e não podem ter implícita uma relação agentiva<sup>20</sup>. Essas construções estão, portanto, minimamente restritas à classe de verbos do tipo *quebrar*, servindo-nos, nessa generalização, de duas Macro-Funções: a de CAUSA e a de OBJETO AFETADO.

Também a notação dos papéis temáticos na forma de um simples conjunto de etiquetas funcionais temáticas não decorre de um não comprometimento com a existência de um sistema estruturado de papéis temáticos. O que estamos propondo é que a representação lexical pode dispensar-se de uma direta indicação das posições sintáticas (argumento externo=

---

<sup>19</sup> Ver nota 18, Capítulo 4.

<sup>20</sup> Ver pgs. 111 e 112.

sujeito, argumento interno= complemento e sintagma preposicionado) como nas notações habituais de Rappaport e Levin (1988), Higginbotham (1985), entre outros, porque essa estruturação é o resultado da aplicação das regras e princípios da Hierarquia Temática.

Seja, porém, qual for a notação que se adote nessas representações, o importante é notar que os papéis temáticos que caracterizam a diátese de um predicador não esgotam as relações semânticas de uma oração, constituindo somente uma fonte primeira de restrições (como as do princípio da projeção e do critério-theta): a representação se limita aos papéis temáticos definidos, seguindo Dowty, pelo predicador.

### 5.3.2 Diátese e Hierarquia Temática

Para fixar a Hierarquia Temática examinaremos, no primeiro item, algumas classes mais comuns de verbos em Português, mas lembrando que nesta elaboração só trataremos dos papéis relevantes à descrição dos psicoverbos. Consideraremos, inicialmente, a "diátese plena" desses verbos, ou seja aquela que aparece em contextos/situações em que se descreve o evento com o maior número de participantes. Assim, se considerarmos o verbo *quebrar* em (41), partiremos da diátese mostrada em (41a):

- (41)a. João quebrou o vaso de barro.  
 b. O vaso de barro quebrou.

Em um segundo item, discutiremos os aspectos relevantes da promoção argumental para, enfim, propor o esquema da hierarquia temática.

### 5.3.2.1 Projeção da diátese dos predicadores

A grande maioria dos verbos do português se inclui na classe que se costuma chamar de *ação-processo* e de *ação*, ou seja, os que admitem ou presumem traços de agentividade de seu sujeito, como *quebrar* e *assassinar*; na posição de complemento, porém, se realizam vários outros papéis:

- (42)a. {Agente, Pac}: Paulo assassinou o parceiro.  
 b. {Agente, Exp}: Paulo assustou Maria.  
 c. {Agente, Obj}: Paulo observava a paisagem.

Entretanto, já vimos que um grande número desses verbos admitem na posição de sujeito outros papéis temáticos da macro-função CAUSA, e mesmo a interpretação puramente causal de um sujeito animado:

- (43)a. Esses alunos ainda me matam.  
 b. O grito de José assustou Maria.  
 c. A pedrada quebrou o vidro.

Uma hipótese inicial a ser considerada é a de que a macro-função CAUSA deve ser proeminente na hierarquia em relação aos vários papéis temáticos que esses verbos associam ao seu complemento: CAUSA > ... > ... Isso explicaria a seleção do argumento para a posição de sujeito nas classes de verbo:

- (44)a. V: { CAUSA, ... }  
 b. V: { Agente/Causa/Instrumento, ... }<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> São poucos os verbos que selecionam Causa e Instrumento (com exclusão do Agente). Tipicamente causativos são os verbos da classe *preocupar*. Jackendoff (citando Bresnan e Grimshaw) aponta como instrumental somente o verbo *servir*:

(i) Essa faca/São somente serve para descascar batatas.

Excluindo os verbos "de ação", examinemos os verbos experienciais, ou seja, os que tomam na posição de sujeito um Experienciador. Observe-se que, se tal ocorre, fica excluída a presença de um OBJETO AFETADO, visto que o Experienciador, embora compatível com traço de agentividade, não incluem entre as propriedades que os caracterizam a causalidade direta de um processo:

(45) {Exp, Obj}: João teme Maria.

Porém, alguns verbos estativos possuem em sua diátese os papéis temáticos Experienciador e Objetivo, e na posição de sujeito está o argumento associado ao Objetivo:

- (46)a. Este livro não agrada a ninguém/ não lhe agrada.  
 b. A aprovação do projeto lembra um caso semelhante ao deputado/ lembra-lhe um caso semelhante.

Estes exemplos nos mostram que a proeminência atribuída de um modo consensual ao Experienciador na Hierarquia Temática (Jackendoff, Grimshaw, Bresnan, entre outros) precisa ser revista. Usar esse papel (assim como, por exemplo, o Tema) em uma mesma seqüência linear de etiquetas em uma Hierarquia Temática é uma fonte de ambiguidades. A idéia é considerar, em cada caso em que nos referimos a esses papéis, outras propriedades relevantes que lhes são acarretadas pelos predicadores.

Vimos antes que essa etiqueta temática não expressa um único papel temático-tipo, no sentido que atribuímos a essa noção, diferentes papéis temáticos que podem incluir propriedades distintas características de ação, afetação ou estado (ver seção 6.1.4). Nessa linha, consideramos

antes, ao caracterizar esse papel temático, que verbos com Experienciador na posição do sujeito (como *temer*, por exemplo), acarretam a propriedade de esse argumento "ter o controle do processo" que nele mesmo se dá, propriedade associada ao Agente prototípico e à CAUSA.

Consideremos agora os verbos "de processo". São eles verbos intransitivo-ergativos que tomam como sujeito, no caso de processos, um argumento da macro-função OBJETO AFETADO:

- (47)a. {Paciente}: O parceiro de Rosa morreu./Rosa escorregou.  
 b. {Experienciador}: O parceiro de Rosa não sofreu.

No caso de verbos de estados, alguns transitivos, o sujeito é sempre um Objeto de um predicador atributivo:

- (48)a. {Objetivo}: Sam é brasileiro.  
 b. {Objetivo, Valor}: O livro custou cem reais aos alunos.  
 c. {Obj, Referência}: O seu ordenado equivale ao meu.

Retomando os exemplos acima, algumas generalizações podem ser feitas. Se na rede temática existe um argumento da macro-função CAUSA, independentemente do papel específico que a realiza, o complemento é sempre o OBJETO AFETADO, se este compõe a diátese do predicador, seja o Paciente, seja o Experienciador (a que se atribui a propriedade de "mudança de estado psicológico"):

- (49)a. Paciente: Sam assassinou **o parceiro**.  
           O descuido de Sam quebrou **o vaso de barro**.  
           Esse martelo não vai quebrar **as nozes**.  
 b. Experienciador: Sam assustou **Maria**.  
           O grito de Sam assustou **Maria**.

Há, entretanto, verbos de ação cuja diátese não inclui um OBJETO AFETADO. Na nossa análise, seriam os experienciais com sujeito Exp e um Objetivo na posição de complemento, ou seja um elemento com que a ação está relacionada em vários sentidos, sem que, entretanto, seja afetado por essa ação em seu estado<sup>22</sup>.

(50) Objetivo: Paulo observava a paisagem  
Paulo teme Maria.

Da exemplificação acima pode-se concluir que, na posição de complemento, se engendram os argumentos associados a papéis temáticos da macro-função OBJETO AFETADO; ou, se na diátese do predicador não houver algum papel dessa macro-função, se engendra o argumento associado a um papel temático ESTATIVO. No caso dos complementos Experienciador, valem as mesmas observações feitas em relação à posição de sujeito, lembrando aqui que o Experienciador é compatível com traços de afetação. Nesse caso seriam selecionados para a posição de complemento.

Um terceiro papel temático na diátese de um predicador ou as relações semânticas construídas mediante adjunção não podem engendrar-se na posição interna ou nuclear do complemento e somente podem se tornar visíveis na sintaxe pela mediação das preposições, selecionadas pelo papel temático que explicitam. Alguns exemplos:

(51)a. Sam matou o parceiro **com uma faca.**  
b. João comprou o carro **por causa de sua velocidade.**

---

<sup>22</sup> A caracterização de Objetivo de um modo negativo, contrapondo-o aos OBJETOS AFETADOS, parece bastar aos propósitos desta tese. A correta caracterização dessa função exigirá um trabalho posterior.

A partir desses exemplos, podemos já estabelecer uma primeira versão da Hierarquia Temática. O que vimos ser relevante para a seleção argumental são as propriedades:

- traços de agentividade e, conseqüentemente, de animacidade, que privilegiam a posição de sujeito;
- traços de afetação do objeto e,
- por exclusão, traços de estatividade, que privilegiam a posição de objeto.

Isto nos permite orientar a hierarquia, no tier do evento, de modo muito próximo à tradição que leva em conta a distinção entre ações /causações, processos e estados:

(52) CAUSA > OBJETO AFETADO > ESTATIVO

Lembramos que, como consideramos o Experienciador como uma etiqueta ambígua, associando à sua propriedade de "estado psicológico", traços de agentividade (o que o incluiria na macro-função CAUSA), ou traços de afetação (incluindo-o na macro função de OBJETO AFETADO), atribuiremo-lhe proeminência na hierarquia ou não, conforme se associe a esses traços.

A regra de correspondência entre essas funções semânticas e as funções gramaticais em que se tornam visíveis:

- sujeito > complemento > sintagma preposicionado

se formula, provisoriamente, no princípio em (53):

### (53) Princípio da Hierarquia Temática

- a. A estrutura argumental sintática se organiza segundo uma hierarquia temática que determina a seleção das posições sintáticas conforme a qualidade temática dos papéis da diátese dos predicadores;
- b. Selecione para a posição de sujeito o elemento que corresponda à posição temática mais proeminente na hierarquia e, para complemento, quando for o caso, o elemento que corresponda à posição temática subsequente disponível na diátese do predicador;
- c. As demais relações temáticas se expressam pela mediação de uma predicação preposicional.

#### 5.3.2.2 Condições para as Promoções Argumentais

Alguns fatos do Português do Brasil nos obrigam a refinar a hierarquia proposta acima. Vimos, antes, que um evento pode ser descrito sob várias perspectivas e que tais perspectivas dependem, para manifestar-se sintaticamente, da existência de itens lexicais que expressem as diáteses correspondentes (como no caso de *vender/comprar* ou *matar/morrer*) e dos recursos morfológicos disponíveis nessa língua (para a construção de passivas, ergativas, causativas, etc.). A construção dessas diferentes perspectivas envolve os mecanismos chamados de "promoções argumentais".

Coloquemos, em síntese, algumas condições que autorizam essas construções (do ponto de vista semântico) a que já nos referimos em vários pontos desta tese:

- as construções ergativas excluem, na interpretação, um papel temático agentivo, mesmo implícito (Whitaker-Franchi, 1989);
- o complemento promovido à posição de sujeito deve ser um argumento OBJETO AFETADO (ver Whitaker-Franchi, 1989; Levin, 1989);
- estão excluídos dessa construção verbos que selecionem outros

papéis temáticos que não da macro-função CAUSA; a representação temática dos verbos que entram nessa construção é:

X: V, { CAUSA/Causa, OBJETO AFETADO }

Em Português, um grande número dessas construções admite (ou mesmo exige, sobretudo no Português Europeu) um clítico se, que pode ser tratado como o reflexo morfológico da exclusão de um sujeito-temático CAUSA, possível nessa representação:

- (54)a. João quebrou o copo./ O copo quebrou-se.  
 b. A chuva afundou a jangada./A jandaga afundou-se.  
 c. O grito de Paulo assustou Maria./Maria assustou-se.

Esse é um dos casos que apresentam os psico-verbos, como em (c), e que vamos tratar nessa tese. Nenhum problema se coloca para a Hierarquia Temática provisoriamente estabelecida. Como as orações ergativas se derivam de outras que têm uma CAUSA em seu sujeito, a perda de um dos papéis dessa macro-função é marcada pela morfologia que reorienta a seleção argumental.

Notamos que no Português do Brasil, a contínua redução do sistema de clíticos e seu acentuado desuso, vem dispensando a "ergativização" da presença de um clítico *se*:

- (55)a. O cristal partiu (em mil pedaços).  
 b. A jandaga afundou ( no mar bravo)  
 c. Maria acalmou (depois de dois dias).

Até este ponto, nenhum problema para a hierarquia pois os complementos não fazem parte da diátese do verbo, portanto não entram na seleção

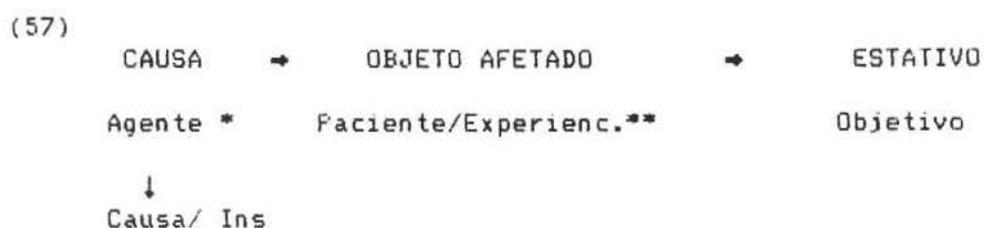
argumental. Mas, principalmente no dialeto mineiro, esse processo ainda se estende a um grande número de psico-verbos que quando o argumento-sujeito é uma Causa, no processo de ergativização, pode ocorrer simplesmente a alternância na posição dos argumentos do verbo:

- (56)a. A chegada da mãe acalmou Maria.  
 b. Maria acalmou com a chegada da mãe.

Os casos acima trazem um problema para a primeira hierarquia estabelecida: não se explica a alternância da Causa e do Objeto Afetado na posição de sujeito. A Hierarquia Temática privilegiaria o primeiro papel.

Uma hipótese é a de explicar essa escolha alternativa mediante uma modificação nas regras de correspondência que associam funções temáticas a funções gramaticais no Princípio da Hierarquia Temática.

Deve-se notar que a Hierarquia Temática, formulada em termos de macro-funções, esconde outras dimensões em sua linearidade. A seleção dos argumentos depende também de uma ordenação dos papéis específicos que nelas se incluem:



- 
- \* : inclusive Experienciador com traços de agentividade  
 \*\* : Experienciador afetado pelo processo;

Por exemplo, na seleção do argumento-sujeito, o Agente predomina sobre Causa e Instrumento:

- (58)a. Sam acabou quebrando o vaso de barro de raiva/com uma pá.  
 b.\*A raiva/a pá acabou quebrando o vaso de barro por João.

O que ocorre com as construções ergativas que mostramos é que, excluído o Agente da posição de sujeito, e preenchidas outras condições semânticas que não vem aqui ao caso, a seleção do argumento para a posição de sujeito pode fazer-se no eixo horizontal ou vertical da hierarquia temática. A seleção do sujeito se faz nas coordenadas:

(59)

Ações:	Agente
.....	
Processos:	Cau/Ins                  Pac/Exp
.....	
Estados:	Objetivo

Note-se, porém, que não se necessita postular essa alternativa senão como parte da própria regra de ergativização, isto é, como uma das propriedades sintáticas das construções ergativas quando outras condições não as desautorizam, já que ela não se oferece em geral na correspondência entre as estruturas semânticas e as estruturas sintáticas.

Assim, reformulamos (53) em (60):

**(60) Princípio da Hierarquia Temática**

- a. A estrutura argumental sintática se organiza segundo uma hierarquia temática que determina a seleção das posições sintáticas conforme a qualidade temática dos papéis da diátese dos predicadores;

- b. Na projeção da diátese de um predicador, selecione para a posição de sujeito o elemento que corresponda à posição temática mais proeminente na hierarquia, percorrendo os papéis específicos de cada macro-função, e selecione para complemento, quando for o caso, o elemento que corresponda à posição temática disponível na diátese do predicador, na macro-função subsequente;
- c. No caso de promoção argumental a uma posição detematizada, selecione como sujeito o argumento subsequente em um dos eixos hierárquicos do papel temático excluído;
- d. As demais relações temáticas se expressam pela mediação de uma predicação preposicional.

Podemos considerar estabelecido nosso quadro teórico sobre a representação semântica; o que nos interessa agora é saber como essas representações semânticas vão ser traduzidas em estruturas categoriais sintáticas para podermos responder às questões relacionadas às propriedades estudadas sobre os verbos psicológicos, levantadas no final da Parte I desta tese.

## **CAPÍTULO 6**

### **A ESTRUTURA DAS ORAÇÕES COM VERBOS PSICOLÓGICOS**

#### **6.1 Introdução**

Este capítulo final deve ser considerado somente como um esforço de propor uma estrutura sintática que consiga traduzir a nossa proposta semântica dentro do domínio dos psico-verbos, tentando estabelecer um diálogo com os sintaxistas, tendo em vista que o esforço maior do trabalho até aqui foi reservado à semântica conceitual. Faremos um estudo aproximativo da estrutura sintática dos psico-verbos, em certo sentido gerativista, naquilo em que é compatível com os pressupostos adotados nos capítulos anteriores. Não será um gerativismo "ortodoxo" e, certamente se afastará do modelo atual em vários aspectos, sobretudo da linha Pollock-Chomsky, no tratamento das categorias funcionais, e do Programa Minimalista (Chomsky, 1992, 1994). Descreveremos, primeiramente, os pontos fundamentais da descrição sintática que vamos fazer, pelo fato de assumirmos uma semântica representacional autônoma.

Adotando uma postura diferente dos gerativistas, não concebemos a sintaxe como um processo computacional que fornece o "input" para interpretações nas interfaces da Forma Fonética e da Forma Lógica, mas como mecanismos de explicitação das categorias, relações e funções semânticas relevantes para a interpretação das expressões. Ela está restrita pelo Princípio de Projeção e pelo Critério-Theta, embora não se trate diretamente da projeção de "propriedades do léxico", como vimos, mas da representação semântica de eventos em sua descrição. As propriedades dos itens lexicais, portanto, se incluem como fatores ou "filtros" entre as representações semânticas e as representações sintáticas. Em particular, os processos sintáticos operam não sobre um "array", um conjunto de itens lexicais associados a índices numéricos de ocorrência na sentença, como no Programa Minimalista, mas sobre itens lexicais internamente estruturados e refletem, em sua organização, o esquema relacional semântico da perspectiva em que se situa o evento. A questão aqui não é por que adotar essa perspectiva, mas por que **não** adotá-la: ou seja, se há informações semânticas associadas à representação dos itens lexicais, decidir se a sintaxe é inteiramente cega a essas propriedades não é uma questão de "economia" mas uma questão primeiramente empírica e em seguida metodológica.

Certamente, adotaremos uma formulação bem mais restritiva das estruturas categoriais, por dois motivos: o primeiro porque dispomos das informações da representação semântico-conceitual que nos permitem dispensar, em muitos casos, mecanismos sintáticos arbitrários; por exemplo, mecanismos "sintáticos" de atribuição dos papéis temáticos e de

redistribuição dos argumentos na estrutura via transformações; o segundo, porque as posições sintáticas estão vinculadas à manifestação de categorias, relações e funções semânticas. Em relação a este último ponto, está a decisão de vincular semanticamente a interpretação das relações e funções gramaticais das categorias lexicais, definidas na estrutura sintática (como as de "predicação", "núcleo-especificador", "núcleo-complemento", "adjunções"). Ou seja, a especificação dessas relações estará sempre dependente da projeção de relações temáticas.

Quanto às categorias funcionais, nós as limitaremos (na linha de Iatridou, 1990, Georgopoulos, 1991, Sigurosson, 1993 e Franchi, em seu manuscrito sobre a "adjunção"), àquelas que possuem um conteúdo semântico categorial (particularmente os operadores dêiticos, quantitativos e modais). Isso nos obriga a uma Teoria dos Casos sintáticos mais conservadora e nos impede a adoção dos processos de "checagem" de traços, inclusive os de "caso", via movimento (adjunções e substituição) para as inúmeras posições de "especificador" abertas pela multiplicação das categorias funcionais, nas versões atuais da Gramática Gerativa.

Nosso objetivo é mostrar que:

- em uma descrição sintática sensível a propriedades semânticas, podemos justificar generalizações gramaticais e simplificar os mecanismos sintáticos;
- algumas das propriedades dos psico-verbos são explicáveis baseadas nessas propriedades semânticas.

Utilizaremos a estratégia de discutir as propriedades dos psico-

verbos da classe *preocupar* que apresenta fatos mais interessantes, estendendo-nos mais sobre eles, comparando-os depois com os das outras classes. Para lembrar as propriedades estudadas no Capítulo 1, envolvendo a passiva, a ergativização, a causativização, a inversão de argumentos, as causativas encabeçadas, o emprego do *pro* arbitrário e a ligação excepcional da anáfora, repetimos o quadro geral:

(1)	Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4
	<i>temer</i>	<i>preocupar</i>	<i>acalmar</i>	<i>animar</i>
	Exp-suj	Exp-obj	Exp-obj	Exp-obj
	-lig.anaf	+lig.anaf	+lig.anaf	+lig.anaf
	-erg	+erg	+erg	+erg
	-cau	+cau	+cau	+cau
	+inv	-inv	-inv	-inv
	+p.sin	+p.adj	+p.sin	+p.sin e adj
	+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+ <i>pro</i>	+ <i>pro</i>
	+c.enc	-c.enc	+c.enc	+c.enc

## 6.2 A Rede Temática dos Psico-verbos

Os psico-verbos estudados são verbos transitivos que selecionam dois argumentos, isto é, determinam dois distintos papéis temáticos. Neste item, devemos investigar a qualidade temática desses argumentos, assumida sem discussão, em nossa análise descritiva. Mostrando que as classes possuem diáteses distintas, estaremos mostrando porque elas se projetam diferentemente, sendo essa a primeira questão a ser respondida dentro das perguntas elaboradas ao final da Parte I da tese.

### 6.2.1 A Classe do Verbo *Preocupar*

Os verbos da classe *preocupar* aparecem em orações como:

- (2)a. O comportamento de Rosa preocupa a mãe.  
 b. Rosa preocupa a mãe.

Vimos no Capítulo 3 que Belletti e Rizzi (1989) consideram os argumentos que ocupam a posição de sujeito em (2) um Tema. Damos razões suficientes para rejeitar essa proposta, sobretudo pelo caráter inespecífico de Tema no uso localista-gerativista. Grimshaw (1990) propõe uma análise em dois tiers, associando ao papel temático Tema na dimensão temática um papel Causa na dimensão aspectual. Levantamos suficientes dúvidas à teoria da proeminência da autora, particularmente mostrando, além de outros aspectos teóricos, que a natureza da Causa encontrada pela autora não poderia ser aspectual, e sim, temática. E também que a teoria não consegue distinguir verbos das classes *preocupar* e *acalmar*. Em nossa análise, atribuímos ao primeiro argumento dessa classe o papel temático específico de Causa.

No Capítulo 5 (seções 5.1.1, 5.1.2) mostramos que Causa, embora relacionada ao Agente na mesma macro-função, é concebida a partir de uma relação entre dois eventos. Não se trata de supor uma relação entre duas proposições ou entre duas sentenças: na representação linguística, o evento causador pode ser representado por uma categoria nominal, como em (2a), ou mesmo inferido pragmaticamente de uma expressão com um único argumento singular, como em (2b), que pode ser entendido:

- (3) O fato de Rosa fazer o que faz, comportar-se como se comporta, ser o que é ou aparentar o que aparenta, ... preocupa a mãe.

Como vimos em 5.1.3, a não-agentividade de Rosa em (2b) se mostra na estranheza de orações como<sup>1</sup>:

- (4)a.?? O que Rosa fez foi preocupar a mãe.  
 b.?? Preocupe mãe.  
 c.??? Ai Rosa pegou e preocupou a mãe.  
 d.??? O pai fez Rosa preocupar a mãe.  
 e.??? Rosa foi obrigada a preocupar a mãe.

Observemos a interpretação de sentenças com um adjunto de instrumento (que habitualmente se associa à agentividade do sujeito) nas orações:

- (5)a.\*Rosa preocupa a mãe com um martelo.  
 b. Rosa preocupa a mãe com um martelo na mão.  
 c. O martelo na mão de Rosa preocupa a mãe.

A anomalia de (5a) decorre da interpretação de *martelo* como um instrumento utilizado por Rosa o que lhe confere o controle do estado psicológico da mãe. Já em (5b) e (5c), *martelo* é o "sujeito" (o especificador em um complexo funcional completo) de uma expressão predicativa *na mão*, que possui uma interpretação proposicional - o fato de Rosa ter um martelo na mão, ou o fato de estar o martelo na mão de Rosa - o que nos leva a uma relação de Causa entre eventos e não associa a Rosa nenhum traço de agentividade em relação a *preocupar a mãe*.

A nossa argumentação excluiu uma leitura agentiva do argumento-

---

<sup>1</sup> Esses testes são apenas indícios para nos orientar na interpretação não agentiva das orações em (4); sempre é possível encontrar alguns contextos em que estes exemplos fazem sentido.

sujeito de (2b), mas não uma interpretação como Tema. Observe-se, porém, que o Tema prototípico (objeto locado, movido) é geralmente excluído da posição de sujeito em orações transitivas e os poucos exemplos que se podem construir são incompatíveis com uma construção ergativa correlata:

- (6)a. A caixa contém espinafres/\* Os espinafres (se) contêm (na caixa).  
 b. Os Silva habitam um palácio/ \* Um palácio (se) habita.  
 c. A faca penetrou o coração/ \* O coração (se) penetrou.

ao contrário de:

- (7)a. A mãe preocupou-se com o comportamento de Rosa.  
 b. A mãe preocupa demais com o comportamento de Rosa (no dialeto mineiro).

Portanto, o verbo *preocupar* e os de sua classe acarretam a um de seus argumentos a propriedade de **ter um papel no desencadeamento do processo**, mas não acarreta para esse argumento nem intencionalidade, nem iniciativa, nem qualquer controle sobre esse processo que se dá inteiramente no Experienciador.

Já do outro argumento, o Experienciador, é suficiente dizer que essa classe de verbos acarreta **ser afetado pelo processo em seu estado psicológico**.

Baseado no exposto acima, a representação lexical dos verbos desta classe é:

- (8) PREOCUPAR: V, {Causa, Experienciador-Afetado}

### 6.2.2 As Classes dos Verbos *Acalmar* e *Animar*

Os verbos do tipo *acalmar* são apresentados na literatura como pertencendo à classe de *preocupar*. Vimos, porém, que o resultado da aplicação dos testes, em nossa análise preliminar, mostra que esses verbos formam uma classe bem distinta. Por isso supomos que essa classe apresenta uma rede temática distinta da anterior.

Consideremos os exemplos:

- (9)a. A polícia acalmou a multidão com seus cacetetes.
- b. Os cacetetes acalmaram a multidão.
- c. A chegada da polícia acalmou a multidão.

Extraindo os acarretamentos decorrentes da relação de *acalmar* com o argumento *polícia* em (9a), vemos que não somente se pode dizer que *polícia tem papel no desencadeamento do processo*, mas ainda que *age intencionalmente* (no sentido definido) e, inclusive, *tem controle sobre o processo*. Trata-se de um argumento Agente. Em (9b e c), entretanto, vemos que a agentividade não é acarretada pelas propriedades lexicais do verbo: *acalmar* não é um predicador tipicamente agentivo, pois admite um Instrumento ou uma Causa na posição de sujeito. Assim, como convençionamos, sua representação será com a etiqueta da macro-função CAUSA.

É importante notar que (9c) se distingue claramente de (2a) por algumas propriedades muito claras. Vejamos:

- (10)a. O comportamento de Rosa preocupou a mãe.
- b.\*A mãe foi preocupada pelo comportamento de Rosa.
- c.\*O comportamento de Rosa é que possibilitou/permitiu preocupar a mãe.

- (11)a. A chegada da polícia acalmou a multidão.  
 b. A multidão foi acalmada pela chegada da polícia.  
 c. A chegada da polícia é que possibilitou/permitiu acalmar a multidão.

A agramaticalidade de (10b e c) nos mostra que a distinção entre causa direta e causa indireta é semântica e sintaticamente relevante. Vamos dar à noção de "controle do processo" a extensão necessária para distinguir o papel temático associado ao argumento-sujeito desses dois verbos pela propriedade de **não ter** vs. **ter o controle do processo**.

Pela forma em que definimos os papéis-temáticos é claro que se trata teoricamente de dois papéis temáticos distintos. Como estamos nos servindo, na representação lexical de uma notação que se serve de etiquetas descritivas, vamos distinguir ambas as etiquetas com um superscrito "+/- controle" : Causa<sup>+controle</sup>, Causa<sup>-controle</sup>.

Quanto ao segundo argumento basta dizer que é equivalente em ambas as classes do ponto de vista temático: um Experienciador-Afetado.

A classe dos verbos do tipo *animar* possui as propriedades de ambas as classes anteriores - a união do conjunto de suas propriedades. Isso nos leva a propor, para essa classe, uma representação lexical com a macro-função CAUSA, neutralizando-se, além disso, a distinção dos traços semânticos de controle. Em síntese, teríamos as representações:

- (12)a. PREOCUPAR: V, { Causa<sup>-controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup> }  
 b. ACALMAR: V, { CAUSA<sup>+controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup> }  
 c. ANIMAR: V, { CAUSA<sup>+/-controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup> }

### 6.2.3 A Classe do Verbo *Temer*

Para a literatura, os verbos dessa classe não apresentam problemas: são vistos como verbos transitivos normais. Entretanto, esses verbos apresentam um conjunto de propriedades decorrentes de sua estrutura argumental (como a impossibilidade de ergativização e de causativização) que dependem de sua diátese. Vejamos alguns exemplos:

- (13)a. José teme o cachorro pelo seu tamanho.  
 b.\*O cachorro se teme.  
 c.\*O tamanho teme o cachorro.

Claramente, *temer* não acarreta traços de agentividade a seu argumento José em (13a) como intencionalidade, iniciativa no processo. A **animacidade** decorre do acarretamento de **estar em um determinado estado psicológico**. Porém, já observamos no Capítulo 5 (seção 5.1.4) que o experienciador de um evento psicológico do tipo do verbo *temer* tem o **controle** sobre o estado ou processo em que se encontra. Trata-se, pois, de um sujeito-Experienciador, com traços positivos de controle.

Quanto à agramaticalidade de (13b), não podemos explicá-la pela condição que incide sobre a posição sujeito (a de que o sujeito não pode ser agentivo). Entretanto, podemos fazê-lo pela restrição à posição de complemento: a de que deve ser um OBJETO AFETADO. De fato, o argumento na posição de complemento é **um objeto em relação ao qual se caracteriza o estado do sujeito**, e portanto, estamos falando de um Objetivo.

Portanto, a diátese dos verbos do tipo *temer* se representa lexicalmente como:

(14) TEMER: V, { Experienciador +*controle*, Objetivo }

Estabelecida a diátese dos psico-verbos, vejamos agora a estrutura categorial sintática em que entram. Trabalharemos principalmente com os verbos da classe *preocupar* fazendo somente as observações necessárias sobre os verbos de outras classes.

### 6.3 A Estrutura Categorial Sintática

Chomsky (1994)<sup>2</sup> propõe o abandono da notação X-barra, observando que noções com "projeção máxima" (X'') e "projeção mínima" (X) não são propriedades categoriais mas relacionais, isto é, devem ser determinadas pela estrutura em que entram: dado um marcador sintagmático, uma categoria que não se expanda em nova projeção será uma projeção máxima; a que não é uma projeção de outros constituintes é uma projeção mínima. Prossequindo nessa idéia, constrói os indicadores sintagmáticos envolvendo um mínimo de operações. Vamos descrever em síntese esse processo.

O Sistema Computacional seleciona itens lexicais de um "array" - um conjunto de itens indiciados numericamente, limitando essa indiciação o número de ocorrências do item lexical no indicador da sentença a ser derivada. Uma operação "merge" forma unidades complexas a partir de unidades anteriormente construídas: aplicada a dois objetos  $\alpha$  e  $\beta$  ela

---

<sup>2</sup> Não nos estenderemos sobre a teoria Chomskyana, inclusive porque o Programa Minimalista não me é familiar. Trabalharemos apenas com sua recente reformulação da estrutura categorial porque contém algumas intuições similares sobre essa estrutura e propicia evidenciar as diferentes concepções.

projeta um sintagma do mesmo tipo categorial de um de seus constituintes. Seja  $\alpha$  essa categoria. O resultado dessa operação representa-se em:

$$(15) \quad \begin{array}{c} \alpha_1 \\ \swarrow \quad \searrow \\ \alpha_2 \quad \beta \end{array}$$

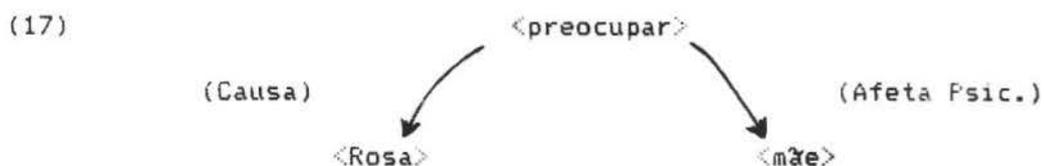
em que  $\alpha_2$  é a projeção de  $\alpha_1$  e  $\beta$  (mais formalmente  $\{ \alpha \{ \alpha, \beta \} \}$ ), com que se mantém o princípio da endocentricidade de X-barra;  $\alpha_2$  é o núcleo do sintagma construído e  $\beta$  é seu complemento. O prosseguimento desse processo levará sucessivamente à construção de objetos mais complexos como:

$$(16) \quad \begin{array}{c} \Phi \\ \swarrow \quad \searrow \\ \Phi \quad \alpha \\ \quad \swarrow \quad \searrow \\ \quad \alpha \quad \beta \end{array} = \{ \Phi \{ \Phi, \alpha \} \} = \{ \alpha \{ \alpha, \beta \} \}$$

Daqui em diante manteremos a forma tradicional de representar as estruturas, com as etiquetas categoriais V, N, A, P, I, ..., mas tendo-se em mente esse procedimento simples de construção. Damos-lhe, porém, uma interpretação teórica bastante distinta. Em primeiro lugar, por assumir-se uma estrita correspondência entre a estrutura sintática e semântica, essas estruturas não são construídas a partir de um arranjo de itens lexicais mas de uma representação semântica estruturada.

### 6.3.1 A Estrutura Nuclear

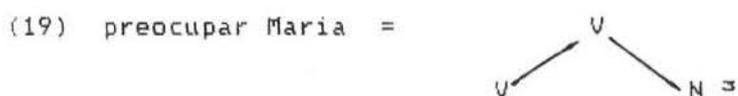
A representação do evento descrito em (2b) pode ser visualizada pelo seguinte diagrama de relações semânticas:



Essas relações podem compor-se em diferentes orações, dependendo da seleção dos itens lexicais e dos recursos morfológicos:

- (18)a. Rosa preocupou a mãe.  
 b. A mãe ficou preocupada com Rosa. (interpretando *ficar* como manifestação de categorias funcionais)  
 c. A mãe preocupou-se com Rosa. (tratando o *se* como reflexo morfológico da ergativização)

Suponhamos que se tenha uma perspectiva como a de (18a): a representação lexical de (12a) e o princípio da Hierarquia Temática seleciona o Objeto Afetado - o Experienciador *a mãe* - como complemento desse verbo:



O esquema é o mesmo no caso de verbos do tipo *acalmar* e *animar* que possuem rede temática similar. Verbos do tipo *temer*, na ausência de um OBJETO AFETADO, selecionam um complemento-Objetivo.

Observamos que a sintaxe nada tem a dizer sobre a atribuição do papel temático, ou seja, sobre a relação semântica entre predicadores e

---

≅ A construção inicial do núcleo do predicador e seu complemento lembra aqui a relevância semântica desse argumento na construção do sentido do predicador complexo (a assimetria semântica entre sujeito e complemento observada por Marantz).

seus argumentos, quando se assume a estrita autonomia dos planos semântico e sintático. A sintaxe explicita essa relação: torna-a visível; o princípio de visibilidade pressupõe somente uma manifestação aberta (explicitação formal) das relações semânticas.

Observamos, ainda, que a sintaxe do português dispõe de dois modos de visibilidade: estrutural, via regência e adjacência (ao verbo ou à preposição) e via concordância. Como assumimos, (ver Capítulo 4), uma relação semântica determina a diátese do predicador e o papel temático de seu argumento: para explicitar essa relação somente é necessário que a diátese seja formalmente marcada (Head-marking) ou o papel temático do argumento (Argument-marking), embora muitas línguas se sirvam dos dois mecanismos. Podemos definir A-visibility em termos morfológicos e estruturais. Faremos isso reformulando um pouco uma definição proposta por Sigurosson (1993):

- (20) Uma relação-theta de um NP  $\alpha$  com seu predicador  $\beta$  se torna A-visível se:
- a)  $\alpha$  comporta um caso morfológico (m-case);
  - b)  $\alpha$  está em uma posição estrutural regida por  $\beta$  e é adjacente a ele.

A interpretação semântica da relação entre *preocupar* e seu argumento em (19) se deriva formalmente da posição estrutural do complemento (onde se torna visível), da diátese do predicador (onde se mostram o papéis temáticos envolvidos) e do Princípio da Hierarquia Temática (que determina qual o papel temático selecionado para a posição visível).

### 6.3.2 A Posição de Sujeito

Para representar na sintaxe o argumento Causa, de modo a torná-lo visível, restam somente duas possibilidades: ou o papel temático é explicitado indiretamente via preposição, ou o argumento é engendrado em uma posição externa a VP e o núcleo de VP tem marcada morfologicamente a sua diátese, partilhando de traços visíveis do NP argumento, ou seja, via concordância. A primeira hipótese está excluída pelo princípio da Hierarquia Temática: Causa é proeminente ao objeto afetado para a posição de sujeito. A segunda hipótese é um caso de "H-visibility" - "visibilidade do núcleo", nos termos de Sigurosson, que formulamos:

- (21) A relação-theta de um NP  $\alpha$  com um predicador  $\beta$  se torna H-visível se  $\beta$  partilha morfologicamente traços formais visíveis com  $\alpha$ .

Mantemos em nossa notação I(nflexion) como a categoria funcional que representa aqui as categorias funcionais semânticas de Tempo, Aspecto e Modo. Repetimos, porém, que certamente não incluímos aí uma categoria funcional Concordância (AGREE). Mantemos, ainda a hipótese de que a projeção máxima de I se interpreta como uma oração finita. Outra questão é a de como representar a concordância sem a categoria funcional Concordância. Adotaremos a proposta de Williams (1980) de definir a relação de predicação por uma regra de coindexação que aqui representa a cópia, pelo predicador X, de traços de seu argumento:

- (22) Coindexe NP e X.



que opomos à hipótese do sujeito interno (Koopman e Sportiche, 1991; Chomsky, 1992, 1994; entre outros). Chomsky também discute essas hipóteses no texto acima referido. Como se sabe o Programa Minimalista substitui princípios como o princípio da Projeção e o Critério-Theta por princípios de economia da derivação. No caso das hipóteses em confronto, ele observa que a hipótese do sujeito interno seria bloqueada por tratar-se de uma derivação obviamente menos econômica em relação à do sujeito externo: a primeira permite a imediata "checagem" de todos os traços formais, enquanto a segunda exige para isso o alçamento do sujeito (um passo extra).

O defeito da hipótese do sujeito externo seria, para Chomsky, o fato de que, no seu quadro teórico, o sujeito deixaria de receber um papel temático. Como consequência a "shortest-derivation" acarreta uma violação do Critério-Theta. Sem discutir a estranha reintrodução deste critério, lembramos que excluimos da sintaxe a atribuição de papéis temáticos como traços que o predicador associa a seus argumentos. Portanto, trata-se de um processo relacional que se determina na representação semântica, cabendo à sintaxe torná-lo visível. Desse modo, a escolha da hipótese do sujeito externo é não somente a que é compatível com o quadro teórico que adotamos mas, ainda, a mais econômica.

### **6.3.3 A Visibilidade Indireta, Via Preposição**

Concluimos a exposição sobre a estrutura sintática das orações, examinando brevemente o engendramento dos sintagmas preposicionados

considerados nos nossos exemplos. Vejamos a oração:

(24) Rosa preocupa a mãe com seu comportamento

O argumento da preposição - *seu comportamento* - se torna visível em uma posição a que um regente apropriado - a preposição - atribui caso por adjacência. Trata-se de uma adjunção.

As adjunções são um tipo de operação predicativa que se caracteriza pelas propriedades de: a.) preservar a estrutura da categoria a que se adjunge (ver Marantz, 1984); e b.) tomar como argumento (na relação modificador-modificado) uma categoria já relacionada-theta<sup>4</sup>, seja um predicador (predicação de segunda ordem), ou seja um de seus argumentos. Esta segunda propriedade significa que o adjunto entra em uma relação temática mas não é um argumento-theta e sim um predicador que deve saturar o papel temático externo do adjetivo, do advérbio ou da preposição (no caso de realizar-se como um sintagma preposicionado).

Em Chomsky (1994), a primeira propriedade da adjunção se representa como uma operação que difere de "merge" porque dela resulta a formação de uma categoria sintagmática com dois segmentos - o modificado. O novo objeto formado, teria a representação:

---

<sup>4</sup> No manuscrito sobre a "Teoria da Adjunção", essa relação é definida, referindo-se a Emonds (1985), da seguinte forma:

- (i) Núcleos X e Y são relacionados-theta se e somente se a projeção máxima de um deles possui um papel temático em relação ao outro;
- (ii) Duas projeções máximas são n-relacionadas-theta se e somente se seus núcleos são relacionados-theta.

(25)

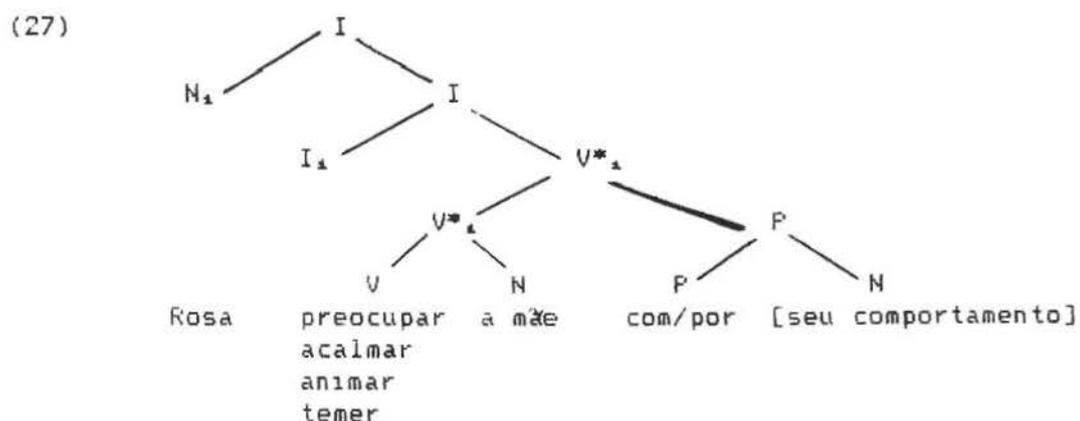
$$\begin{array}{c}
 a_1 \\
 \swarrow \quad \searrow \\
 a_1 \quad \quad B
 \end{array}
 = \{ \langle a, a \rangle \{ a, B \} \}$$

que aqui representaremos como:

(26)

$$\begin{array}{c}
 X^* \\
 \swarrow \quad \searrow \\
 X^* \quad \quad Y
 \end{array}$$

significando "\*" que se trata de um segmento de uma categoria expressa por dois segmentos do mesmo tipo categorial. Dada essa convenção, (24) se expressará na seguinte representação categorial:

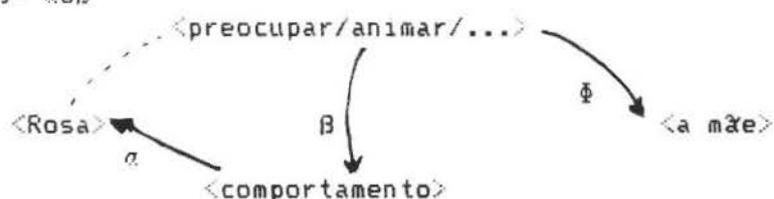


A estrutura (27), excetuando o verbo *temer*, parece conter uma violação do princípio da distinção elaborado no fim do Capítulo 4: toda posição argumental de um predicador é distinguida de qualquer outra posição argumental do mesmo predicador pelo papel temático-tipo que lhes é atribuída. *Com seu comportamento* é claramente uma Causa, como *Rosa*. O último, porém, satura o papel temático Causa inscrito na diátese de *preocupar*. Por isso, não se pode engendrar *com seu comportamento* senão

em uma estrutura de adjunção: portanto, o papel temático Causa é atribuído por outro predicador, a preposição, sem violação do princípio da distinção.

Observando o diagrama abaixo, podemos ainda estabelecer outras relações. Note-se que o adjunto, por modificar V que é predicador de Rosa, modifica transitivamente Rosa com que é semanticamente compatível:

(28)  $\beta = \alpha o \beta$

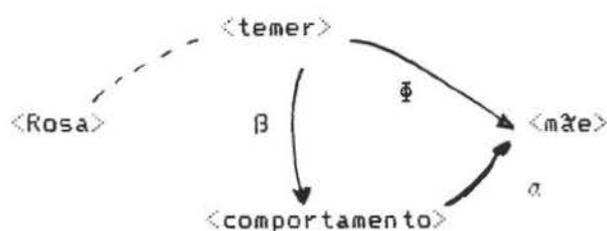


A projeção dessa estrutura pluri-dimensional no plano linear da sentença possibilita a opção de reconstruir a oração em outra perspectiva:

(29) O comportamento de Rosa preocupa (anima/acalma) a mãe.

Ou então, para o verbo *temer*:

(30)  $\beta = \alpha o \beta$



O adjunto, que modifica *temer* que é predicador de *mãe*, modifica transitivamente *mãe* que é compatível semanticamente com este adjunto. Essa estrutura dá origem a sentenças como:

(31) Rosa teme o comportamento da mãe.

Estabelecida a estrutura básica das orações que nos interessam e definidos os processos pelos quais os papéis temáticos se tornam visíveis nessa estrutura, resta-nos responder agora as outras questões relacionadas às propriedades sintáticas que observamos em nossa análise.

#### 6.4 As Propriedades Sintáticas dos Psico-Verbos<sup>29</sup>

Ao contrário do que propuseram Belletti & Rizzi (1988), estamos considerando os psico-verbos como verbos transitivos, correspondendo todos a uma estrutura sintática como em:

(31) [ N<sub>i</sub> [ I [ V<sub>i</sub> N ] ] ]

e pressupondo o engendramento na base dos NP's em suas posições superficiais. Não podemos, por isso, explicar as propriedades observadas na análise empírica do Capítulo 1, que distinguem os psico-verbos em quatro classes, usando diferentes configurações de base e processos transformacionais. Temos que tentar explicar essas propriedades a partir da estrutura semântica das orações que projetam a diátese desses verbos.

Repetimos aqui a representação já proposta:

---

<sup>29</sup> Este item tem um caráter de síntese e conclusão; por isso, vários conceitos e fatos serão aqui rerepresentados.

- (32)a. Classe 1: TEMER: V, {Experienciador<sup>+controle</sup>, Objetivo}  
 b. Classe 2: PREOCUPAR: V, {Causa<sup>-Controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup>}  
 c. Classe 3: ACALMAR: V, {CAUSA<sup>+Controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup>}  
 d. Classe 4: ANIMAR: V, {CAUSA<sup>+/-Controle</sup>, Experienciador<sup>Afetado</sup>}

Estudaremos as propriedades destacadas em nossa análise preliminar e que forneceram o critério dessa classificação. Admitiremos como hipótese que, excetuado o fenômeno da ligação excepcional da anáfora, a fixação de diferentes relações na diátese verbal se associa a diferentes propriedades semânticas da oração e a diferentes restrições sintáticas.

#### 6.4.1 Passivas

Imaginemos que, por razões discursivas ou pragmáticas se deseje alterar a Hierarquia Temática, ou para alterar a topicalidade dos argumentos, ou para tornar implícito o argumento tematicamente proeminente. A morfologia e a sintaxe nos oferecem o recurso da construção passiva analítica, utilizando-se do particípio passado adjetival e de um verbo auxiliar, suporte das categorias funcionais de tempo, aspecto, como *ser*, *ficar*...

No caso dos psico-verbos, as classes 1, 2, 3 e 4 mostram diferente aceitabilidade dessas construções. Voltemos aos exemplos:

- (33)a. O cachorro é temido por José.  
 b. \*O cachorro ficou temido por José.  
 (34)a. \*A mãe é preocupada por Rosa.  
 b. A mãe ficou preocupada com Rosa.  
 (35)a. A multidão é acalmada pela polícia.  
 b. \*A multidão ficou acalmada com a polícia.  
 (36)a. José é animado por Maria.  
 b. José ficou animado com Maria.

Como explicar esses contrastes? A impossibilidade da passiva com verbos da classe *preocupar*, foi associada por Belletti e Rizzi à hipótese do sujeito derivado: é conhecido que sujeitos derivados não aceitam a passiva. Verificamos, porém, no Capítulo 2, que a hipótese do sujeito derivado não pode ser mantida, com argumentos bastante sólidos. Além disso, se reduzíssemos as classes 3 e 4 ao tipo *preocupar*, como é habitualmente encontrado, essa hipótese não explicaria a admissão da passiva sintática em (35a) e (36a), nem explicaria o comportamento contrastivo que se nota com a passiva adjetival, opondo as classes 1 e 3 às classes 2 e 4.

Seguindo a nossa análise, a nossa hipótese é que existem restrições de ordem semântica para que ocorra o processo morfológico de passivização: inicialmente observe-se que, para serem aceitas as construções passivas, o papel temático do argumento externo tem que ter o traço [+controle], como no caso dos verbos das classes 1, 3 e 4. Ao contrário, na classe do verbo *preocupar*, em que a passiva sintática analítica não é permitida, esse argumento não tem a propriedade expressa pelo traço [+controle]. Vejamos alguns fatos já trazidos antes e outros novos que reforçam essa hipótese.

Verbos estativos, que selecionam um sujeito Objetivo, incompatível com o traço [+controle] não admitem a passiva:

- (37)a. A elaboração desta tese me custou alguns anos de esforço.  
 b.\*Alguns anos de esforço me foram custados pela elaboração desta tese.

Uma argumentação mais interessante pode ser mostrada com um argumento como Beneficiário. Esse papel tem um comportamento similar ao do Experienciador. Alguns deles não são compatíveis com controle, e não admitem a passiva. Veja a interpretação das orações em (38):

- (38)a. O fazendeiro tem/possui cem alqueires de terra cultivável.  
 b.\*Cem alqueires de terra cultivável são tidos/possuídos pelo fazendeiro.

Entretanto, vários argumentos-Beneficiários são compatíveis com traços de controle. E admitem passiva:

- (39)a. O rapaz recebeu a mercadoria esperada.  
 b. A mercadoria esperada foi recebida pelo rapaz.

Observe, porém, que a ausência presumida de controle torna muito estranha a construção passiva:

- (40)a. Sam recebeu uma rasteira do colega.  
 b.??? A rasteira foi recebida do colega por Sam.

que, entretanto, se torna bem aceitável se um adjunto reintroduz, composicionalmente, a pressuposição de controle:

- (41) A rasteira foi recebida do colega, por Sam, como uma prova de amizade.

Mesmo alguns verbos transitivo-ativos, com um argumento externo Agente, quando se empregam em contextos restritos em uma interpretação causativa e de não controle, tem passivas muito estranhas ou perdem essa interpretação na passiva. Como já vimos anteriormente:

- (42)a. Esses alunos ainda vão me matar com essas besteiras.  
 b.??Eu ainda vou ser morto por esses alunos com essas besteiras.
- (43)a. João quebrou a janela com o empurrão que o irmão lhe deu.  
 b.??A janela foi quebrada por João com o empurrão que o irmão lhe deu.

Esses dados fortalecem a hipótese de que a passiva sintática depende crucialmente de que o argumento externo (Agente ou não) possua a propriedade [+Controle] tal como definida acima.

Façamos, agora, algumas considerações a respeito da representação sintática da passiva. Em português, uma operação no léxico, associa verbos a uma forma adjetival, perfectivo-estativa, que altera a Hierarquia Temática: no caso o princípio de seleção argumental do sujeito, reordenando o papel temático proeminente em uma posição periférica:

- (44)a. TEMER: V, {Experienciador+controle, Objetivo} --->  
 ---> TEM+IDO, A, {Experienciador+Controle, Objetivo\*}

ou mais precisamente:

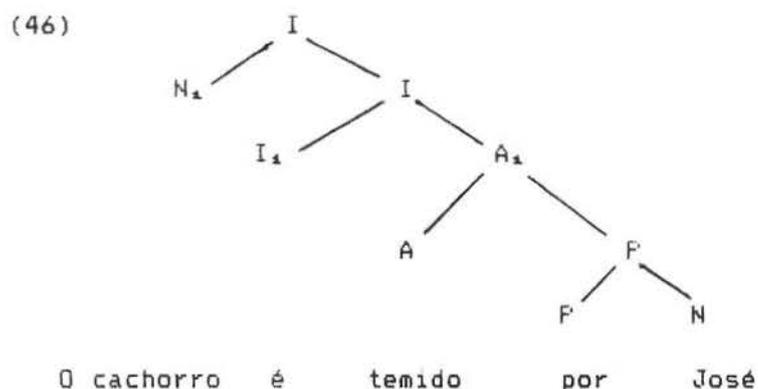
- (45) << - <Objetivo> > Experienciador+Controle >

Enquanto adjetival o particípio se combina com diferentes verbos auxiliares, suportes de tempo, aspecto e modo, na formação de predicados primários, como *ser* e *ficar*.

Sobre (45), seleciona-se, agora, o argumento-Objetivo para a posição de sujeito. A natureza adjetival do predicado formado pelo particípio é suficiente para excluir a possibilidade de uma posição de

complemento A-visível mediante a atribuição de um Caso (acusativo) estrutural. Assim, o argumento tornado periférico pela alteração da diátese do verbo somente pode se tornar visível indiretamente, em um sintagma preposicionado, isso se expresso. Observe-se, finalmente, que o verbo auxiliar nessas construções não expressa nenhuma relação semântica do ponto de vista temático: o papel temático dos argumentos depende inteiramente das propriedades lexicais do participio. Por isso, são tratados como "verbos funcionais", sendo somente a gramaticalização das categorias funcionais de Tempo e Aspecto.

Dessas decisões resulta uma estrutura, engendrada diretamente a partir do léxico. Como observamos, a inclusão de um componente semântico autônomo não faria sentido se não obtivéssemos uma grande economia de processos sintáticos (como os transformacionais):



Para finalizar a nossa análise sobre as passivas podemos dizer que, sem ter desenvolvido um sistema explicativo formal, fica difícil explicitar teoricamente as restrições que observamos. Indicamos, apenas de uma maneira especulativa, uma hipótese que nos parece mais compatível

com a análise feita. Devemos estabelecer uma restrição sobre os verbos auxiliares, no léxico, operando sobre os traços semânticos aspectuais do particípio passado (perfectividade) e sobre sua rede temática (a presença ou não de traços de controle no argumento externo do verbo).

#### 6.4.2 Causativas Encabeçadas e *pro* Arbitrário

Observe-se que, como as passivas, o critério de admissão ou não das causativas encabeçadas e o critério de admissão ou não de um *pro* arbitrário estabelecem a mesma divisão em classes dos verbos psicológicos - de um lado os verbos das classes 1, 3 e 4, de outro os verbos da classe 2. Tendemos, pois, a pensar que o mesmo critério para a admissão e restrição da passiva está em jogo, ou seja, os traços [+Controle] e [-Controle]. Vejamos, pois, se essa é a direção correta.

Sobre o critério das causativas encabeçadas, podemos dizer que as orações:

- (47)a. Paulo fez José temer o cachorro.  
 b. O tenente fez a polícia acalmar a multidão.  
 c. Paulo fez Maria animar José.

nos parecem muito melhores que:

- (48)??O pai fez Rosa preocupar a mãe.

O envolvimento da propriedade [Controle] associada ao argumento externo parece confirmar-se com o contraste entre:

- (49)a. Paulo fez o rapaz receber as mercadorias.  
 b.??Paulo fez Sam receber uma rasteira dos colegas.

Porém, poderíamos argumentar que alguns verbos estativos como *ficar* que a princípio não teria o traço [+controle], também aceitam tal construção:

- (50)a. Paulo fez Sam ficar doente.  
 b. Paulo me fez ficar nervosa.

Mas observem que nos exemplos acima, poderíamos facilmente dizer:

- (51)a. De hoje em diante, Sam disse que não vai mais ficar doente.  
 b. O que Sam fez foi ficar doente, só para não sair de casa.  
 (52)a. Paulo pode falar o que quiser que eu não fico mais nervosa.  
 b. Eu decidi não ficar mais nervosa sem motivos.

O que não caberia em orações estativas que certamente não têm o traço [+controle]:

- (53)a.???João fez Paulo possuir/ter uma fazenda.  
 b.\*De hoje em diante eu vou parar de possuir/ter uma fazenda.  
 c.\*O que ele fez foi possuir/ter uma fazenda.

O que parece estar em jogo em (48) é não somente que o papel temático do argumento externo, *Causa*, é [-Controle], mas que o *Experenciador* é quem tem exclusivamente o controle de seu estado psicológico; bem como nas orações em (50), em que parece que *Sam* e *eu* temos o total controle do nosso estado psicológico.

Já no caso da admissão ou exclusão do *pro* arbitrário, isto é, de um sujeito indeterminado marcado pela flexão verbal da 3a. pessoa do

plural, a razão parece ser outra. Primeiro, é preciso observar que ausência de controle pode ser minimizada em contextos muito específicos (lingüísticos e situacionais). Observem-se os exemplos, contextualizados para facilitar a compreensão:

(54) *Os interlocutores ouvem um ruído no andar superior e um deles enuncia:*

- a. Caíram lá encima.
- b. Eu avisei que estão num chão muito liso lá encima.

Nem o predicador *cair lá encima*, nem *estar em um chão muito liso* acarretam controle do argumento Paciente ou Objetivo-Estativo, embora compatíveis com um sujeito animado. Entretanto, nesse contexto restrito, as duas orações são possíveis, devendo, porém, interpretar-se necessariamente como sendo [+animado] ou introduzir no contexto um certo grau de controle: "eles, quem quer que seja, deveriam ter levado em conta meu aviso".

Não é diferente o caso dos verbos do tipo *preocupar*. Obviamente, o fato de associarem ao seu argumento externo um papel temático Causa -**Controle** e pois não animado, tem como consequência a limitação do emprego de um *pro* arbitrário a contextos muito restritos. A propriedade semântica necessariamente em jogo é, porém, a de poder interpretar-se o sujeito indeterminado como animado:

(55) Não fizeram nada para nós na comissão; só preocuparam mais a gente com tantas novas exigências.

### 6.4.3 Construções Ergativas/ Causativização e "Inversão"

Em relação às ergativas, o maior desenvolvimento do estudo das passivas nos possibilita simplificar a explicação das restrições à ergativização. Por exemplo, temos:

- (56)a. José teme o cachorro.  
 b. \*O cachorro se teme.  
 (57)a. Rosa preocupa a mãe.  
 b. A mãe se preocupa (se não-argumento).  
 (58)a. Maria acalma/anima José.  
 b. José se acalma/anima.

Trata-se de uma tentativa de construir orações ergativas, marcadas pelo clítico *se*, o reflexo morfológico da operação que tem um efeito similar ao da passiva, no que diz respeito à seleção argumental.

A ergativização é o caso mais claro da relevância das propriedades temáticas na determinação dos verbos que admitem um determinado processo sintático. Como já nos referimos a esse processo diversas vezes nesta tese, sobretudo no Capítulo 5 (seção 5.3.2.2), faremos aqui uma síntese de generalizações e fatos que mostram sua dependência de aspectos semânticos da diátese dos verbos, baseados em Whitaker-Franchi (1989):

- a ergativização não é possível quando a diátese verbal ou a estrutura do evento descrito pressupõe agentividade do argumento externo, o que exclui uma interpretação com agente explícito.
- a ergativização opera sobre a diátese de verbos cujo argumento interno nuclear é um OBJETO AFETADO.

As generalizações acima excluem das construções ergativas o verbo *temer*,

incluindo os verbos *acalmar/animar* na lista de verbos passíveis de ergativização.

Note-se, porém, que no Português do Brasil a ergativização sem o clítico *se* vem se estendendo mesmo aos psico-verbos que mais resistem a esse processo, particularmente no dialeto mineiro. Trata-se de uma mudança em desenvolvimento que iguala esses verbos a outros (como *quebrar*). Nesses casos a seleção do sujeito se faz seja da Causa/Instrumento (a que chamamos na análise preliminar de "causativização"), seja do Paciente. Assim, as duas construções são possíveis: uma primeira com a seleção de um argumento-Causa ou Instrumento para a posição de sujeito, e uma segunda com a seleção do argumento-OBJETO AFETADO:

- (59)a. Rosa preocupava a mãe com sua arrogância.  
 b. A mãe preocupava com a arrogância de Rosa.  
 c. A arrogância de Rosa preocupava a mãe.  
 (60)a. Maria acalmou/animou José com um chá.  
 b. José acalmou/animou com um chá.  
 c. Um chá acalmou/animou José.

Observe-se que no dialeto mineiro seriam boas as orações como:

- (61)a. Maria preocupa demais com suas roupas.  
 b. O menino emocionou com aquela estória.  
 c. João horrorizou com aquela conversa.  
 d. Paulo alucinou com aquela mulher.

De qualquer modo, seja em virtude da especificação no léxico do valor operativo do clítico ergativo *se*, seja em decorrência de uma alteração na regra de correspondência do Princípio da Hierarquia Temática (ver Capítulo 5), não há por que supor processos transforma-

cionais para a construção dessas orações. Os processos de seleção assim determinados permitem engendrará-las diretamente na base, como no caso da passiva. O esquema que correlaciona essas diversas estruturas se situa no componente semântico e nas representações lexicais da diátese plena dos psico-verbos.

Como uma última observação sobre as construções ergativas, reparem que em (59c), diferentemente de (60c), o que também ocorre é a composição de duas relações causais, uma selecionada como argumento e outra como adjunto expressa em um sintagma preposicionado, como vimos em 6.3.4 (exemplo (28)).

Levin (1989) chama essa propriedade de "Property-Factoring Alternation", exemplificando com:

- (62)a. The clown amused the children with his antics.  
       'o palhaço divertiu as crianças com seus trejeitos'  
 b. The clown's antics amused the children.  
       'os trejeitos do palhaço divertiram as crianças'

Essa também seria a propriedade que chamamos de "inversão" em nossa análise preliminar (ver exemplo(30)):

- (63)a. José teme o cachorro pelo seu tamanho.  
 b. José teme o tamanho do cachorro.

A condição implícita tanto na noção de "composição de relações" como de "fatoração" é a de que entre o argumento selecionado e o elemento em adjunção exista uma relação semântica que possibilite a transitividade. Comparem-se, com os exemplos anteriores:

- (64)a. Rosa preocupa a mãe com todo esse dinheiro na mão.  
 b. Todo esse dinheiro na mão de Rosa preocupa a mãe.  
 c.\*Rosa preocupa a mãe com dinheiro.
- (65)a. José teme o cachorro por sua covardia.  
 b. José com sua covardia teme o cachorro.  
 c.\*José teme a covardia do cachorro.

Entretanto, essas diferentes escolhas, quando possíveis refletem somente diferentes "pontos de vista" sobre o evento: instaurada uma perspectiva, a estruturação da sentença decorre exclusivamente das propriedades lexicais e do Princípio da Hierarquia Temática, como já observamos.

#### 6.4.4 Ligação de Anáforas

Muito se discutiu e se propôs com respeito ao problema da ligação excepcional da anáfora em exemplos como:

- (65) Estórias sobre si mesma, preocupam/acalmam/animam Maria<sub>i</sub>.

em que o reflexivo está vinculado a um complemento-Experienciador, sem que entre anáfora e antecedente se estabeleça uma relação de c-comando. Esta possibilidade está limitada aos verbos das classes 2, 3 e 4 (pois o verbo *temer* toma o argumento-Experienciador na posição de sujeito). Lembre-se que este fato foi a motivação mais forte da proposta de Belletti e Rizzi para os psico-verbos.

Como já observamos ao discutir essa proposta no Capítulo 2, a ligação excepcional da anáfora não tem qualquer relação com o fato de o verbo ser psicológico. Vejamos novamente alguns exemplos:

- (66) A consciência de si próprio ajuda muito o professor.
- (67) A severa disciplina consigo mesmo torna Paulo um professor autoritário.
- (68) A insegurança em si mesmo levou João à falência.
- (69) A excessiva confiança em si mesmo custou a vida de Sam.

O que aproxima essas orações aos verbos das classes 2, 3 e 4, é o fato de que o argumento-sujeito se caracteriza tematicamente como Causa (com verbos da classe {CAUSA, ...}). Estivemos tentado a propor uma hipótese explorando a proeminência de Causa na Hierarquia Temática. Mas essa hipótese não resistiu aos contra-exemplos. Há outros predicadores que podem seleccionar um sintagma complexo na posição de sujeito, sem que lhe seja lhe associado um papel temático Causa:

- (70) A confiança em si mesmo é a virtude mais evidente de João.
- (71) O descuido consigo mesmo se inclui entre os vários defeitos de Sam.
- (72) As estórias sobre si mesmo têm a aprovação do vaidoso mestre.

Dada a enorme variedade dos papéis temáticos envolvidos, qualquer hipótese que envolva a noção como a de hierarquia temática não se sustentaria, remetendo-nos assim de volta à teoria da vinculação para explicar a ligação excepcional da anáfora. Como, porém, não estão envolvidas as propriedades específicas dos psico-verbos, não tentaremos aqui uma solução que estaria fora do escopo deste trabalho.

## CONCLUSÕES GERAIS

As conclusões fundamentais já foram sendo colocadas a cada capítulo. Por isso, estas conclusões vão se limitar a uma síntese retrospectiva do que foi feito: resumiremos aqui algumas das contribuições descritivas e teóricas que resultaram deste trabalho.

Do ponto de vista descritivo, pensamos ter contribuído para uma profunda revisão das propriedades semânticas e sintáticas dos verbos psicológicos, domínio esse que apresenta problemas de interesse para a teoria linguística.

Destacamos, primeiramente, as análises críticas a propostas feitas anteriormente sobre esses verbos. Apresentamos fortes evidências que a análise inacusativa de Belletti & Rizzi não dá conta das propriedades específicas dos psico-verbos em português, e que, portanto, uma proposta sintática nessa direção não parece adequada. Quanto à proposta aspectual de Grimshaw, além de ter sido mostrada a concepção equivocada de certos aspectos conceituais da teoria, também foram apresentados argumentos convincentes da sua inadequação aos nossos dados.

Outro aspecto descritivo a ser destacado foi a revisão da classificação dos verbos psicológicos, dividindo-os em quatro classes bem

distintas, seja pela sua diátese, seja pelas propriedades sintáticas decorrentes desta. Nessa análise, valeu-nos muito o fato de ter ampliado o estudo empírico a um número considerável de psico-verbos do português (360 verbos) examinados inicialmente em relação a um conjunto de quase vinte propriedades, das quais oito se mostraram mais relevantes aos nossos propósitos. Para nós, esse procedimento foi uma interessante lição sobre a conveniência de se utilizar um trabalho mais extenso de garimpagem de dados, ao invés de se trabalhar em apenas alguns exemplos cruciais (procedimento típico do gerativismo clássico).

Do ponto de vista teórico, começamos este trabalho apoiando-nos na hipótese da conveniência de uma teoria gramatical composta de módulos autônomos - semântico e sintático - relacionados por regras de correspondência. A análise preliminar dos dados mostrou-nos o interesse de continuarmos nesse caminho. Nesse sentido, adotamos os pressupostos e conceitos da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos proposta por Franchi (nos manuscritos "Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos", "Papéis Temáticos, Adjunção e X-Barra" e "Anotações sobre o Princípio da Hierarquia Temática").

Com a adoção desta teoria, esta tese contribuiu: primeiramente para trazer a público uma investigação a que poucos tem acesso (pela falta de publicação dos trabalhos de Franchi); e, ainda, para colocá-la em prova diante de fatos empíricos bastante singulares, como os que vimos no estudo empírico dos psico-verbos, o que exigiu um refinamento de várias de suas proposições mais gerais.

A Teoria Generalizada, como também várias outras teorias cor-

rentes, assume que a estrutura argumental sintática é dependente em relação à estrutura temática dos predicadores das orações. Porém, dá um passo a mais, estendendo essa correlação para mostrar que a estrutura sintática não é somente a projeção das propriedades lexicais do verbo, mas ainda de outros predicadores - adjetivos, advérbios, preposições. Nessa direção, as relações temáticas não são determinadas exclusivamente pela diátese do predicador, mas envolve processos composicionais complexos, sobretudo no caso das relações entre modificador e modificado. A teoria ainda mostra diferenças sutis de sentido que acarretam consequências para a seleção da estrutura argumental: essa estrutura será derivada do modo pelo qual se interpreta o evento e o coloca em perspectivas.

Uma outra contribuição fundamental desta tese foi mostrar como diferentes processos sintáticos são sensíveis ao conteúdo semântico das relações temáticas. Isto se tornou visível no estudo das propriedades sintáticas que distinguem os psico-verbos em várias classes. O estudo de restrições semânticas à realização de passivas destacou a relevância da propriedade de "controle"; as restrições à ergatividade, continuando o trabalho de Whitaker-Franchi, mostram o papel da rede temática na delimitação da classe de verbos que entram nessa construção. O mesmo se diga de outras generalizações sintáticas (como as relativas às restrições às causativas encabeçadas e ao uso de um *pro* arbitrário), cujos aspectos semânticos foram postos em evidência.

A estratégia de avaliação dessa hipótese central dependeu crucialmente de uma profunda revisão da noção de papel temático, do seu esta-

tuto teórico e da definição de seu conteúdo semântico (para o que nos servimos sobretudo de Jackendoff e Dowty). A sua caracterização relacional e, particularmente, sua definição independente a partir de relações semânticas (acarretamentos e pressuposições), permitiu evitar a "ingenuidade" das formulações habituais e obter um critério flexível de identificação dos papéis temáticos envolvidos em cada caso.

A análise preliminar dos psico-verbos foi fundamental na caracterização empírica de alguns papéis temáticos do português, e, ajudou a dar maior consistência ao Princípio da Hierarquia Temática que já vinha sendo elaborado em "Anotações sobre o Princípio da Hierarquia Temática" (a formulação mais abrangente da hierarquia está sendo elaborada por Franchi & Cançado).

Finalmente, apontamos algumas direções para o estudo da sintaxe, quando se assume a autonomia deste componente e da semântica. O que nos parece mais importante é ter sugerido uma linha de estudo (seguindo sugestões do manuscrito "Papéis Temáticos, Adjunção e X-Barra") em que a sintaxe se serve diretamente das informações da representação semântica e, conseqüentemente, pode dispensar-se de mecanismos arbitrários de construção (como a multiplicação das categorias funcionais e um custoso sistema de operações transformacionais). Uma das conseqüências que nos parece mais interessante é a de limitar a sintaxe aos problemas relativos à "visibilidade" das categorias, relações e funções relevantes para a interpretação, deixando à semântica esta estruturação autônoma e às regras de correspondência, aquilo a que se visava com o Princípio da Projeção. Seguindo a linha de Sigurosson, a teoria dos casos se genera-

lizou na sintaxe sobre processos morfológicos, estruturalmente dependentes, "head-marking" e "argument-marking".

Reconhecemos o caráter sugestivo e mesmo especulativo de nossas propostas em teoria sintática. Entretanto, devemos observar que elas são inevitavelmente decorrentes da mudança de concepção da teoria gramatical. Nossa abordagem reduz bastante o abismo entre o estudo da sintaxe e o estudo da semântica. Esperamos, como próxima tarefa, aprofundar essas análises e avaliar as hipóteses levantadas, com um estudo mais cuidadoso da sintaxe.

Queremos, também, realçar que não pensamos que o caminho adotado seja o único programa possível de pesquisa em lingüística. Muitos dos problemas aqui tratados podem certamente ter solução em outros sistemas teóricos e ser explorados em outros programas de pesquisa, como o minimalista, por exemplo. Muito do que colocamos na base da estruturação semântica autônoma pode ser tratado, no sistema gerativista, como parte das regras de interpretação. Mas, estamos satisfeitos se conseguimos mostrar a viabilidade de uma teoria gramatical com o sentido e a abrangência que apresentamos.

Enfim, quando optei pela adoção da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos como quadro teórico deste trabalho, estava perfeitamente consciente que, embora recuperando inúmeras intuições da literatura, sobretudo do trabalho de Jackendoff, é uma teoria que se encontra à margem dos modelos mais prestigiados. Tenho a percepção de que nossa formulação poucas vezes ultrapassa o nível das generalizações descritivas que esperam uma melhor formulação teórica. Talvez por isso,

quase antecipando a natural estranheza e crítica dos que leiam esta tese, vale a pena transcrever algumas passagens da introdução de Jackendoff (1990):

*"I think it is reasonable to expect a much richer formal system for semantics [semântica conceitual] than for syntax. ... I consider the state of the development of this theory to be comparable to the state of generative syntax in the early 1960s ... As in that period in syntax, the emphasis at the moment is on descriptive power... I believe that similar experience in semantic description is necessary before we can fully apprehend the right directions to pursue in constraining the theory."*

Mas por que um teórico da gramática se disporia a envolver-se com essas soluções semânticas tão estranhas? Já existem tantos problemas em sintaxe para perder o tempo com esse novo aparelho.

*"You are free to pursue science according to your own taste. My feeling though, is that this strategy essentially amounts to looking for a lost coin under the streetlamp, because that's where we can see. The strategy I'm adopting here is to build more lamps."*

## APÊNDICE

### 1. LISTA DOS VERBOS: REDE TEMÁTICA E PROPRIEDADES

SUJ= sujeito  
 OBJ= objeto  
 ADJ= adjunto  
 E= ergatividade  
 C= causatividade  
 I= inversão dos dois últimos argumentos  
 A= passiva adjetiva  
 S= passiva sintática  
 R= clítico reflexivo  
 P= *pro* arbitrário  
 E= causativa encabeçada  
 c= com  
 p=por

	VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	P	E	c	p
1.	ABALAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
2.	ABISMAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
3.	ABOMINAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
4.	ABORRECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
5.	ABRANDAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
6.	ACABRUNHAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
7.	ACALMAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
8.	ACANHAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
9.	ACOVARDAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
10.	ADMIRAR 1	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	+	-

	VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	P	E	c	p
11.	ADMIRAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
12.	ADORAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
13.	AFETAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
14.	AFLIGIR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
15.	AGITAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
16.	AGONIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
17.	AGRADAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	?	+	-	+	+	+	-
18.	AGUENTAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
19.	ALARMAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
20.	ALEGRAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	?	?	-	+	+	+	-
21.	ALIVIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
22.	ALMEJAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
23.	ALTERAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
24.	ALUCINAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
25.	AMAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
26.	AMARGAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
27.	AMARGURAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
28.	AMBICIONAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
29.	AMEACAR*	A/C	EXP	C/I	?	+	-	-	+	-	+	+	+	-
30.	AMEDRONTAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
31.	AMOLAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
32.	ANGUSTIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
33.	ANIMAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
34.	ANIQUILAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
35.	APAIXONAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
36.	APAVORAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
37.	APAZIGUAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
38.	APIEDAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
39.	AFLACAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
40.	APOQUENTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
41.	APORRINHAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
42.	APRECIAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
43.	ASSOMBRAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
44.	ASSUSTAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
45.	ATAZANAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
46.	ATEMORIZAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
47.	ATERROZAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
48.	ATICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
49.	ATORDOAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
50.	ATORMENTAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
51.	ATURAR#	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
52.	ATURDIR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
53.	AZUCRINAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
54.	BARATINAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
55.	CANSAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
56.	CATIVAR*	A/C	EXP	C/I	?	+	-	+	+	-	+	+	+	-
57.	CHATEAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-

	VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	F	E	c	p
58.	CHOCAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
59.	COBICAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
60.	COMOVER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
61.	CONDOER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
62.	CONFORTAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
63.	CONFUNDIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
64.	CONQUISTAR	AG	EXP	INS	?	+	-	-	+	-	+	+	+	-
65.	CONSOLAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
66.	CONSTRANGER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
67.	CONTAGIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
68.	CONTEMPLAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
69.	CONTENTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
70.	CONTRARIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
71.	CONVENCER	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
72.	CURTIR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
73.	DECEPCIONAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
74.	DELEITAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
75.	DELICIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
76.	DEPRECIAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
77.	DEPRIMIR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
78.	DERROTAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
79.	DESAGRADAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	?	-	-	-	-	+	-
80.	DESALENTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
81.	DESANIMAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
82.	DESAPONTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
83.	DESAPRECIAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
84.	DESAPRUMAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
85.	DESASSOSEGAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
86.	DESATINAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
87.	DESCANSAR*	CAU	EXP	CAU	?	+	-	+	-	-	-	-	+	-
88.	DESCONCERTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
89.	DESCONSOLAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
90.	DESCONTENTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
91.	DESCONTRAIR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
92.	DESCONTROLAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
93.	DESEJAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	-	+	+	-	+	+	-	+
94.	DESENCANTAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
95.	DESENCORAJAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
96.	DESENGANAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
97.	DESESPERANCAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
98.	DESESPERAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
99.	DESESTIMULAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
100.	DESESTRUTURAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
101.	DESEFRUTAR	EXP	OBJ	INS	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
102.	DESGOSTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
103.	DESILUDIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
104.	DESINIBIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-

VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	P	E	c	p
105. DESINTERESSAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
106. DESLUMBRAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
107. DESNORTEAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
108. DESOPRIMIR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
109. DESORIENTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
110. DESPREOCUPAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
111. DESPRESTIGIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
112. DESPREZAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
113. DETESTAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
114. DISTRAIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
115. DIVERTIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	?	+	+	+	+	+	-
116. EMBANANAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
117. EMBARACAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
118. EMBRIAGAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
119. EMBROMAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
120. EMBRULHAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
121. EMBRUTECEER	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
122. EMOCIONAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
123. ENAMORAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
124. ENCABULAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
125. ENCANTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
126. ENCIUMAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
127. ENCOLERIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
128. ENCORAJAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
129. ENERVAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
130. ENFADAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
131. ENFARAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	-	-
132. ENFASTIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
133. ENFATUAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
134. ENFEITICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
135. ENFEZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
136. ENFURECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
137. ENGANAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
138. ENLEVAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
139. ENLOUQUECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
140. ENOJAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
141. ENRAIVECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
142. ENRASCAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
143. ENTEDIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
144. ENTERNECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
145. ENTRISTECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
146. ENTUSIASMAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
147. ENVAIDECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
148. ENVERGONHAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
149. ENVOLVER	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
150. ESCANDALIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
151. ESPANTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-

VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	F	E	c	p
152. ESTARRECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
153. ESTIMAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
154. ESTIMULAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
155. ESTONTEAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
156. ESTRANHAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
157. ESTREMECER	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
158. EXASPERAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
159. EXCITAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
160. EXECRAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
161. EXTASIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
162. FASCINAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
163. FERIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
164. FLAGELAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
165. FORTALECER	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
166. FRUSTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
167. GOZAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
168. GRILAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
169. HONRAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
170. HORRIPILAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
171. HORRORIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
172. HOSTILIZAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
173. HUMILHAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	?	+	+	+	-
174. IDOLATRAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
175. ILUDIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
176. ILUMINAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
177. IMPACIENTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
178. IMPORTUNAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
179. IMPRESSIONAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
180. INCENDIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
181. INCENTIVAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
182. INCITAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
183. INCOMODAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
184. INDIGNAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
185. INEBRIAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
186. INFLUENCIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
187. INIBIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
188. INQUIETAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
189. INSTIGAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
190. INTIMIDAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
191. INTRANQUILIZAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
192. INTRIGAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
193. INVEJAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
194. IRAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
195. IRRITAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
196. JOVIALIZAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	?	?	-	+	+	+	-
197. LIQUIDAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
198. LISONJEAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-

VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	P	E	c	p
199. LOUVAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
200. LUDIBRIAR*	AG	EXP	INS	?	+	-	-	+	-	+	+	+	-
201. MACHUCAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
202. MAGNETIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
203. MAGOAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
204. MALQUERER	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
205. MARAVILHAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
206. MARTIRIZAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
207. MELINDRAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
208. MENOSPREZAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
209. MIMAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
210. MODIFICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
211. MORTIFICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
212. MOTIVAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
213. NAMORAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
214. NAUSEAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
215. OBCECAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
216. ODIAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
217. OFENDER	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
218. OPRIMIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
219. ORGULHAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	?	-	-	-	-	+	-
220. ORICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
221. PACIFICAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
222. PARALIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
223. PASMAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
224. PENALIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
225. PERDOAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
226. PERTURBAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
227. PIRAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
228. PREOCUPAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
229. PRESTIGIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
230. PREZAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
231. PROVOCAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
232. PURIFICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
233. QUERER	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	-	+	+	-	+
234. QUIETAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
235. REABILITAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
236. REANIMAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
237. REATICAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
238. REAVIVAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
239. REBELAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
240. RECALCAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
241. RECEAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	?	+	+	-	+
242. RECONFORTAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
243. REGALAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	?	-	?	+	+	-
244. REGENERAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
245. REGOZIJAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	?	-	-	-	-	+	-

VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	P	E	c	p
246. REJEITAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
247. REJUBILAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	?	?	+	?	?	+	-
248. RELAXAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
249. REPELIR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
250. REPRIMIR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
251. REPUDIAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
252. REPUGNAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
253. RESPEITAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
254. RETRAIR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
255. REVERENCIAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
256. REVITALIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
257. REVOLTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
258. RIDICULARIZA	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
259. RUBORIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
260. SACIAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
261. SATISFAZER	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
262. SATURAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
263. SEDUZIR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
264. SENSIBILIZAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
265. SENTIMENTALIZ	A/C	EXP	C/I	+	+	-	?	?	-	+	?	+	-
266. SERENAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
267. SOBRESSALTAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
268. SOSSEGAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
269. SUAVIZAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
270. SUBESTIMAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
271. SUBJUGAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
272. SUBLIMAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
273. SUFOCAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
274. SUGESTIONAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
275. SUPERESTIMAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
276. SUPLICIAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	?	+	+	-
277. SUPORTAR#	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
278. SURPREENDER	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
279. SUSCETIBILIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
280. TAPEAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
281. TEMER	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
282. TENTAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
283. TIRANIZAR*	AG	EXP	INS	?	+	-	-	+	-	+	+	+	-
284. TOCAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
285. TOLERAR#	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
286. TONTEAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
287. TOPAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
288. TORTURAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
289. TRANQUILIZAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
290. TRANSFIGURAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
291. TRANSFORMAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-
292. TRANSTORNAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-

VERBO	SUJ	OBJ	ADJ	E	C	I	A	S	R	P	E	c	p
293. TRAUMATIZAR	CAU	EXP	CAU	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-
294. TRITURAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
295. TUMULTUAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
296. UFANAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
297. ULTRAJAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-
298. VENERAR	EXP	OBJ	CAU	-	-	+	-	+	+	+	+	-	+
299. VERGAR	AG	EXP	INS	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-
300. VEXAR	A/C	EXP	C/I	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-

## 2. EXEMPLOS

### 1. Abalar

- 1 - Brizola abalou o povo carioca com seu comportamento inusitado.
- 2a- O povo carioca se abalou com o comportamento de Brizola.
  - b-?O povo carioca abalou com o comportamento de Brizola.
- 3a- Seu comportamento inusitado abalou o povo carioca.
  - b- Seu comportamento inusitado fez o povo carioca abalar-se.
- 4 -?Brizola abalou o comportamento inusitado do povo carioca.
- 5a- O povo carioca ficou abalado com o comportamento de Brizola.
  - b-?O povo carioca foi abalado por Brizola.
- 6- ?Ele se abala.
- 7- ?Abalaram o povo carioca com aquele comportamento.
- 8- ?O presidente fez Brizola abalar o povo carioca.

### 2. Abismar

- 1 - O canoero abismou os turistas com sua proeza.
- 2a- Os turistas se abismaram com a proeza do canoero.
  - b-?Os turistas abismaram com tamanha proeza.
- 3a- A proeza do canoero abismou os turistas.
  - b- A proeza do canoero fez os turistas abismarem-se.
- 4 -?O canoero abismou a proeza dos turistas.
- 5a- Os turistas ficaram abismados com a proeza do canoero.
  - b-?Os turistas foram abismados pelo canoero.
- 6 -?Ele se abismou.
- 7 -?Abismaram a cidade com aquela proeza.
- 8 -?Jose fez o canoero abismar os turistas.

### 3. Abominar

- 1 - Maria abomina Jose pelos seus erros.(detestar)
- 2a-?Jose se abomina pelos seus erros.
  - b-?Jose abomina pelos seus erros.
- 3a-?Os erros abominam Jose.
  - b-?Os erros fazem Jose abominar-se.
- 4 - Maria abomina os erros de Jose.
- 5a-?Jose ficou abominado com Maria.
  - b- Jose foi abominado por Maria.
- 6- Maria se abominava.
- 7 - Abominaram Jose pelos seus erros.
- 8 - Joao fez Maria abominar Jose.

### 4. Aborrecer

- 1 - O apresentador aborrecia a plateia com seu assunto.
- 2a- A plateia se aborrecia com o assunto do apresentador.
  - b-?A plateia aborrecia com o assunto do apresentador.
- 3a- O assunto do apresentador aborrecia a plateia.
  - b- O assunto do apresentador fazia a plateia se aborrecer.
- 4 -?O apresentador aborrecia o assunto da plateia.
- 5a- A plateia ficou aborrecida com o assunto do apresentador.
  - b-?A plateia foi aborrecida pelo apresentador.
- 6 -?Ele se aborrecia.
- 7 -?Aborreceram a plateia com aquele assunto.
- 8 -?O diretor fez o apresentador aborrecer a plateia.

### 5. Abrandar

- 1 - A moça abrandou o tenente com seu jeito meigo.
- 2a- O tenente se abrandou com o jeito meigo da moça.
  - b-?O tenente abrandou com o jeito meigo da moça.
- 3a- O jeito meigo da moça abrandou o tenente.
  - b- O jeito meigo da moça fez o tenente abrandar-se.
- 4 -?A moça abrandou o jeito do tenente.
- 5a-?O tenente ficou abrandado com a moça.
  - b- O tenente foi abrandado pela moça.
- 6 - A moça se abrandava.
- 7 - Abrandaram o tenente com aquele jeito meigo.
- 8 - Joao fez a moça abrandar o tenente.

### 6. Acabrunhar

- 1- Placido acabrunhava os colonos com previsoes de terremoto.(afligir)
- 2a- Os colonos se acabrunhavam com previsoes de terremoto.
  - b-?Os colonos acabrunhavam com previsoes de terremoto.
- 3a- As previsoes de terremoto acabrunhavam os colonos.
  - b- As previsoes de terremoto faziam os colonos se acabrunharem.
- 4 -?Placido acabrunhava as previsoes dos colonos.
- 5a- Os colonos ficaram acabrunhados com Placido.
  - b-?Os colonos foram acabrunhados por Placido.
- 6 -?Placido se acabrunhava.
- 7 -?Acabrunhavam os colonos com previsoes de terremoto.
- 8 -?O patroa fazia Placido acabrunhar os colonos.

## 7. Acalmar

- 1 - A policia acalma a multidao com suas ameaças.
- 2a- A multidao se acalma com as ameaças da policia.  
b-?A multidao acalma com as ameaças da policia.
- 3a- As ameaças da policia acalmam a multidao.  
b- As ameaças da policia fazem a multidao acalmar-se.
- 4 -?A policia acalma as ameaças da multidao.
- 5a-?A multidao ficou acalmada com a policia.  
b- A multidao foi acalmada pela policia.
- 6 - A multidao se acalma.
- 7 - Acalmaram o multidao com aquelas ameaças.
- 8 - O coronel fez a policia acalmar a multidao.

## 8. Acanbar

- 1 - A moça acanhou o rapaz com seu decote exagerado.
- 2a- O rapaz se acanhou com o decote exagerado da moça.  
b-?O rapaz acanhou com o decote exagerado da moça.
- 3a- O decote exagerado da moça acanhou o rapaz.  
b- O decote exagerado da moça fez o rapaz acanhar-se.
- 4 -?A moça acanhou o decote exagerado do rapaz.
- 5a- O rapaz ficou acanhado com o decote exagerado da moça.  
b-?O rapaz foi acanhado pela moça.
- 6 -?A moça se acanha.
- 7 -?Acanharam o rapaz com aquele decote exagerado.
- 8 -?Jose fez a moça acanbar o rapaz.

## 9. Acovardar

- 1 - O homem acovardou os assaltantes com sua chegada.(atemorizar)
- 2a- Os assaltantes se acovardaram com a chegada do homem.  
b-?Os assaltantes acovardaram com a chegada do homem.
- 3a- Sua chegada acovardou os assaltantes.  
b- Sua chegada fez os assaltantes acovardarem-se.
- 4 -?O homem acovardou a chegada dos assaltantes.
- 5a- Os assaltantes ficaram acovardados com a chegada do homem.  
b- Os assaltantes foram acorvados pelo homem.
- 6 -?O homem se acovardou.
- 7 - Acovardaram os assaltantes com aquela chegada.
- 8 - A mulher fez o homem acovardar os assaltantes.

## 10. Admirar

- 1 - Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.  
(ter respeito, simpatia)
- 2a-?O professor se admirava pelo seu brilhantismo.  
b-?O professor admirava pelo seu brilhantismo.
- 3a-?Seu brilhantismo admirava o professor.  
b-?Seu brilhantismo fez o professor admirar-se.
- 4 - Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.
- 5a-?O professor ficou admirado com os alunos.(outro sentido)  
b- O professor foi admirado pelos alunos.
- 6 - Ela se admira.
- 7 - Admiravam o professor pelo seu brilhantismo.
- 8 - Claudia fez os alunos admirarem o professor.

## 11. Admirar

- 1 - Jose admirou Luis com seu berro.(espantar, assustar)
- 2a- Luis se admirou com o berro de Jose.  
b-?Luis admirou com o berro de Jose.
- 3a- O berro de Jose admirou Luis.  
b- O berro de Jose fez Luis admirar-se.
- 4 -?Jose admirou o berro de Luis.
- 5a- Luis ficou admirado com Jose.(com o berro de Jose)  
c-?Luis foi admirado pelo berro de Jose.
- 6 -?Ele se admirou.
- 7 -?Admiraram Luis com um berro.
- 8 -?Joao fez Jose admirar Luis com seu berro.

## 12. Adorar

- 1 - Maria adora morangos por causa de seu doce sabor.
- 2a-?Morangos se adoram por causa de seu doce sabor.  
b-?Morangos adoram pelo seu doce sabor.
- 3a-?Seu doce sabor adora morangos.  
b-?Seu doce sabor faz morangos se adorarem.
- 4 - Maria adora o doce sabor de morangos.
- 5a-?Morangos ficaram adorados com Maria.  
b- Os morangos são adorados por Maria.
- 6 - Ela se adora.
- 7 - Adoraram os morangos por causa de seu doce sabor.
- 8 - Joao fez Maria adorar morangos.

## 13. Afetar

- 1 - Antero afetou Simone com sua estoria comovente. (conover)
- 2a- Simone se afetou com a estoria de Antero.  
b-?Simone afetou com a estoria comovente de Antero.
- 3a- A comovente estoria de Antero afetou Simone.  
b- A comovente estoria de Simone fez Simone afetar-se.
- 4 -?Antero afetou a estoria comovente de Simone.
- 5a- Simone ficou afetada com Antero. (com a estoria de Antero)  
b-?Simone foi afetada por Antero.
- 6 -?Antero se afetou.
- 7 -?Afetaram Simone com aquela estoria comovente.
- 8 -?O amigo fez Antero afetar Simone com sua estoria comovente.

## 14. Afligir

- 1 - Paula afligiu seu marido com suas suspeitas.
- 2a- O marido se afligiu com as suspeitas de Paula.  
b-?O marido afligiu com as suspeitas de Paula.
- 3a- As suspeitas de Paula afligiram o marido.  
b- As suspeitas de Paula fizeram o marido afligir-se.
- 4 -?Paula não quis afligir as suspeitas de seu marido.
- 5a- O marido de Paula ficou aflito (afligido) com as  
suspeitas de Paula.  
b-?O marido foi afligido (aflito) pelas suspeitas.
- 6 -?Paula se afligiu.
- 7 -?Afligiram o marido com aquelas suspeitas.
- 8 -?Joao fez Paula afligir o seu marido.

## 15. Agitar

- 1 - Basilio agitava a prima com suas promessas.
- 2a- A prima se agitava com as promessas de Basilio.
  - b-#A prima agitava com as promessas de Basilio.
- 3a- As promessas de Basilio agitavam a prima.
  - b- As promessas de Basilio faziam a prima agitar-se.
- 4 -#Basilio agitava as promessas da prima.
- 5a- A prima ficou agitada com as promessas de Basilio.
  - b-#A prima foi agitada pelas promessas de Basilio.
- 6 -#A prima se agitou.
- 7 -#Agitaram a prima com promessas.
- 8 -#O marido fez Basilio agitar a prima.

## 16. Agoniar

- 1 - O monstro agonizava a população com suas aparições.
- 2a- A população se agonizava com as aparições do monstro.
  - b-#A população agonizava com as aparições do monstro.
- 3a- As aparições do monstro agonizavam a população.
  - b- As aparições do monstro faziam a população agonizar-se.
- 4 -#O monstro agonizava as aparições da população
- 5a- A população ficou agonizada com as aparições do monstro.
  - b-#A população foi agonizada pelo monstro.
- 6 -#A população se agonizava.
- 7 -#Agonizavam a população com aquelas aparições.
- 8 -#O cientista fez o monstro agonizar a população.

## 17. Agradar

- 1 - Maria agradou Jose com seus elogios.
- 2a- Jose se agradou com os elogios de Maria.
  - b-#Jose agradou com os elogios de Maria.
- 3a- Os elogios de Maria agradavam Jose.
  - b- Os elogios de Maria fizeram Jose se agradar.
- 4 -#Maria agradou os elogios de Jose.
- 5a-?Jose ficou agradado com os elogios de Maria.
  - b- Jose foi agradado por Maria.
- 6 -#Jose se agradou.
- 7 - Agradaram Jose com aqueles elogios.
- 8 - Joao fez Maria agradar Jose.

## 18. Aguentar

- 1 - Jose aguenta Maria por causa de sua meiguice.
- 2a-#Maria se aguenta por causa de sua meiguice.
  - b-#Maria aguenta por causa de sua meiguice.
- 3a-#Sua meiguice aguenta Maria.
  - b-#Sua meiguice faz Maria se aguentar.
- 4 - Jose aguenta a meiguice de Maria.
- 5a-#Maria ficou aguentada com Jose.
  - b- Maria era aguentada por Jose.
- 6 - Maria se aguenta.
- 7 - Aguentaram Maria por causa de sua meiguice.
- 8 - Joao fez Jose aguentar Maria.

## 19. Alarmar

- 1 - O governo alarmou a população com suas notícias.
- 2a- A população se alarmou com as notícias.
  - b-?A população alarmou com as notícias.
- 3a- As notícias alarmaram a população.
  - b- As notícias fizeram a população alarmar-se.
- 4 -#O governo alarmou as notícias da população.
- 5a- A população ficou alarmada com as notícias do governo.
  - b- A população foi alarmada pelo governo.
- 6 - A população se alarmou.
- 7 - Alarmaram a população com aquelas notícias.
- 8 - O presidente fez o governo alarmar a população.

## 20. Alegrar

- 1 - Paulo alegrou os convidados com uma banda de música.
- 2a- Os convidados alegraram-se com a banda de música.
  - b-#Os convidados alegraram com a banda de música.
- 3a- A banda de música alegrou os convidados.
  - b- A banda de música fez os convidados se alegrarem.
- 4 -#Paulo alegrou a banda de música dos convidados.
- 5a-?Os convidados ficaram alegres com a banda de música.
  - b-?Os convidados foram alegrados por Paulo.
- 6 -#Paulo se alegrou.
- 7 - Alegraram os convidados com uma banda de música.
- 8 - A mulher fez Paulo alegrar os convidados com uma banda de música.

## 21. Aliviar

- 1 - Paulo aliviava Maria com suas atenções.(tranquilizar, serenar)
- 2a- Maria se aliviava com as atenções de Paulo.
  - b-#Maria aliviava com as atenções de Paulo.
- 3a- As atenções de Paulo aliviavam Maria.
  - b- As atenções de Paulo faziam Maria aliviar-se.
- 4 -#Paulo alivia as atenções de Maria.
- 5a- Maria ficou aliviada com as atenções de Paulo.
  - b- Maria foi aliviada por Paulo.
- 6 -#Maria se aliviava.
- 7 - Aliviavam Maria com atenções.
- 8 - Joao fez Paulo aliviar Maria.

## 22. Almejar

- 1 - Todos almejam um bom emprego por causa dos bons salários.
- 2a-#Um bom emprego se almeja por causa dos bons salários.
  - b-#Um bom emprego almeja por causa dos bons salários.
- 3a-#Os bons salários almejam um bom emprego.
  - b-#Os bons salários fazem um bom emprego almejar-se.
- 4 - Todos almejam os bons salários de um bom emprego.
- 5a-#Um bom emprego ficou almejado com todos.
  - b- Um bom emprego foi almejado por todos.
- 6 -#Todos se almejam.
- 7 - Almejavam um bom emprego por causa dos bons salários.
- 8 - Joao fez Maria almejar um bom emprego.

## 23. Alterar

- 1 - Paulo alterou Maria com sua chegada.
- 2a- Maria se alterou com a chegada de Paulo.
  - b- Maria alterou com a chegada de Paulo.
- 3a- A chegada de Paulo alterou Maria.
  - b- A chegada de Paulo fez Maria alterar-se.
- 4 -~~Paulo alterou a chegada de Maria.~~
- 5a- Maria ficou alterada com a chegada de Paulo.
  - b-~~Maria foi alterada por Paulo.~~
- 6 -~~Ela se alterou.~~
- 7 -~~Alteraram Maria com aquela chegada.~~
- 8 -~~Joao fez Paulo alterar Maria com sua chegada.~~

## 24. Alucinar

- 1 - Paulo alucina Maria com sua paixao.
- 2a- Maria se alucina com a paixao de Paulo.
  - b-~~Maria alucina com a paixao de Paulo.~~
- 3a- Aquela paixao alucina Maria.
  - b- Aquela paixao faz Maria alucinar-se.
- 4 -~~Paulo alucina a paixao de Maria.~~
- 5a- Maria ficou alucinada com a paixao de Paulo.
  - b-~~Maria foi alucinada por Paulo.~~
- 6 -~~Ela se alucina.~~
- 7 -~~Alucinaram Maria com aquela paixao.~~
- 8 -~~Joao fez Paulo alucinar Maria.~~

## 25. Amar

- 1 - Paulo ama Maria pelo seu jeito descontraido.
- 2a-~~Maria se ama pelo seu jeito descontraido.~~
  - b-~~Maria ama pelo seu jeito descontraido.~~
- 3a-~~Seu jeito descontraido ama Maria.~~
  - b-~~Seu jeito descontraido faz Maria amar-se.~~
- 4 - Paulo ama o jeito descontraido de Maria.
- 5a-~~Maria ficou amada com Paulo.~~
  - b- Maria foi amada por Paulo.
- 6 - Maria se ama.
- 7 - Amaram Maria pelo seu jeito descontraido.
- 8 - Joao fez Paulo amar Maria.

## 26. Amargar

- 1 - Paulo amargava seu amigo com aquela inveja. (afligir, magoar)
- 2a- O amigo se amargava com a inveja de Paulo.
  - b-~~O amigo amargava com a inveja de Paulo.~~
- 3a- Aquela inveja de Paulo amargava seu amigo.
  - b- Aquela inveja de Paulo fazia seu amigo se amargar.
- 4 -~~Paulo amargava a inveja do amigo.~~
- 5a- O amigo ficou amargo com a inveja de Paulo.
  - b-~~As pessoas foram amargadas por Paulo.~~
- 6 -~~Ela se amargava.~~
- 7 -~~Amargaram o amigo de Paulo com aquela inveja.~~
- 8 -~~Joao fez Paulo amargar o seu amigo.~~

## 27. Amargurar

- 1 - Paulo amargurou Maria com suas loucuras.
- 2a- Maria se amargurou com as loucuras de Paulo.
  - b-~~Maria amargurou com as loucuras de Paulo.~~
- 3a- As loucuras de Paulo amarguraram Maria.
  - b- As loucuras de Paulo fizeram Maria amargurar-se.
- 4 -~~Paulo amargurou as loucuras de Maria.~~
- 5a- Maria ficou amargurada com as loucuras de Paulo.
  - b-~~Maria foi amargurada por Paulo.~~
- 6 -~~Maria se amargurou.~~
- 7 -~~Amarguraram Maria com aquelas loucuras.~~
- 8 -~~Joao fez Paulo amargurar Maria.~~

## 28. Ambicionar

- 1 - Todo mundo ambiciona a Serra Branca por causa do ouro.
- 2a-~~A Serra Branca se ambiciona por causa do ouro.~~
  - b-~~A Serra Branca ambiciona por causa do ouro.~~
- 3a-~~O ouro ambiciona a Serra Branca.~~
  - b-~~O ouro faz a Serra Branca ambicionar-se.~~
- 4 - Todo mundo ambiciona o ouro da Serra Branca.
- 5a-~~A Serra Branca ficou ambicionada com o ouro.~~
  - b- A Serra Branca foi ambicionada por todo mundo.
- 6 -~~As pessoas se ambicionam.~~
- 7 - Ambicionavam a Serra Branca por causa do ouro.
- 8 - A TV fez todo mundo ambicionar Serra Branca.

## 29. Ameaçar

- 1 - O ministro ameaçou o presidente com aquelas denuncias.
- 2a-~~O presidente se ameaçou com as denuncias do ministro.~~
  - b-~~O presidente ameaçou com aquelas denuncias.~~
- 3a- As denuncias do ministro ameaçaram o presidente.
  - b-~~As denuncias do ministro fizeram o presidente ameaçar-se.~~
- 4 -~~O ministro ameaçou as denuncias do presidente.~~
- 5a- O presidente ficou ameaçado com as denuncias do ministro.
  - b- O presidente foi ameaçado pelo ministro.
- 6 -~~O presidente se ameaçou.~~
- 7 - Ameaçaram o presidente com aquelas denuncias.
- 8 - A mulher fez o ministro ameaçar o presidente.

## 30. Amedrontar

- 1 - O monstro amedrontou as crianças com o seu uivo.
- 2a- As crianças se amedrontaram com o uivo do monstro.
  - b-~~As crianças amedrontaram com o uivo do monstro.~~
- 3a- O uivo do monstro amedrontou as crianças.
  - b- O uivo do monstro fez as crianças se amedrontarem.
- 4 -~~O monstro amedrontou o uivo das crianças.~~
- 5a- As crianças ficaram amedrontadas com o uivo do urso.
  - b- As crianças foram amedrontadas pelo monstro.
- 6 -~~As crianças se amedrontaram.~~
- 7 - Amedrontaram as crianças com aqueles uivos.
- 8 - O feiticeiro fez o monstro amedrontar as crianças.

## 31. Amolar

- 1 - Tinoco amolou tia Maria com suas queixas.
- 2a- Tia Maria se amolou com as queixas de Tinoco.  
b-~~Tia Maria amolou com as queixas de Tinoco.~~
- 3a- As queixas de Tinoco amolaram Tia Maria.  
b- As queixas de Tinoco fizeram Tia Maria amolar-se.
- 4 -~~Tinoco amolou as queixas de tia Maria.~~
- 5a- Tia Maria ficou amolada com Tinoco.  
b-~~Tia Maria foi amolada por Tinoco.~~
- 6 -~~Tinoco se amolou.~~
- 7 -~~Amolaram Tia Maria com aquelas queixas.~~
- 8 -~~Joao fez Tinoco amolar Tia Maria.~~

## 32. Angustiar

- 1 - Joao angustiou Maria com suas inquietacoes.
- 2a- Maria se angustiou com as inquietacoes de Joao.  
b-~~Maria angustiou com as inquietacoes de Joao.~~
- 3a- As inquietacoes de Joao angustiarão Maria.  
b- As inquietacoes de Joao fizeram Maria angustiar-se.
- 4 -~~Joao angustiou as inquietacoes de Maria.~~
- 5a- Maria ficou angustiada com as inquietacoes de Joao.  
c-~~Maria foi angustiada por Joao.~~
- 6 -~~Joao se angustiou.~~
- 7 -~~Angustiarão Maria com aquelas inquietacoes.~~
- 8 -~~Jose fez Joao angustiar Maria.~~

## 33. Animar

- 1 - Maria animou Jose com seus argumentos.
- 2a- Jose se animou com os argumentos de Maria.  
b-~~Jose animou com os argumentos de Maria.~~
- 3a- Os argumentos de Maria animaram Jose.  
b- Os argumentos de Maria fizeram Jose animar-se.
- 4 -~~Maria animou os argumentos de Jose.~~
- 5a- Jose ficou animado com os argumentos de Maria.  
b- Jose foi animado por Maria.
- 6 - Maria se animou.
- 7 - Animaram Jose com aqueles argumentos.
- 8 - Joao fez Maria animar Jose.

## 34. Aniquilar

- 1 - O medico aniquilou o paciente com o diagnostico.
- 2a- O paciente se aniquilou com o diagnostico do medico.  
b-~~O paciente aniquilou com o diagnostico.~~
- 3a- O diagnostico do medico aniquilou o paciente.  
b- O diagnostico do medico fez o paciente aniquilar-se.
- 4 -~~O medico aniquilou o diagnostico do paciente.~~
- 5a- O paciente ficou aniquilado com o diagnostico do medico.  
b-~~O paciente foi aniquilado pelo medico.~~
- 6 -~~O medico se aniquilou.~~
- 7 -~~Aniquilaram o paciente com o diagnostico.~~
- 8 -~~A enfermeira fez o medico aniquilar o paciente.~~

## 35. Apaixonar

- 1 - A moça apaixonou o rapaz com seu sorriso.
- 2a- O rapaz se apaixonou com o sorriso da moça.  
b- O rapaz apaixonou com o sorriso da moça.
- 3a- O sorriso da moça apaixonou o rapaz.  
b- O sorriso da moça fez o rapaz apaixonar-se.
- 4 -~~A moça apaixonou o sorriso do rapaz.~~
- 5a- O rapaz ficou apaixonado com o sorriso da moça.  
b-~~O rapaz foi apaixonado pela moça.~~
- 6 -~~A moça se apaixonou.~~
- 7 -~~Apaixionaram o rapaz com aquele sorriso.~~
- 8 -~~Joao fez a moça apaixonar o rapaz.~~

## 36. Apavorar

- 1 - Os brancos apavoraram os indios com suas armas.
- 2a- Os indios se apavoraram com as armas dos brancos.  
b-~~Os indios apavoraram com as armas dos brancos.~~
- 3a- As armas dos brancos apavoraram os indios.  
b- As armas dos brancos fizeram os indios apavorarem-se.
- 4 -~~Os brancos apavoraram as armas dos indios.~~
- 5a- Os indios ficaram apavorados com as armas dos brancos.  
c- Os indios foram apavorados pelos brancos.
- 6 -~~Os brancos se apavoraram.~~
- 7 - Apavoraram os indios com armas.
- 8 - O exercito fez os brancos apavorarem os indios.

## 37. Apaziguar

- 1 - Jose apaziguou os caes enfurecidos com seus truques.
- 2a- Os caes enfurecidos apaziguaram-se com os truques de Jose.  
b-~~Os caes enfurecidos apaziguaram com os truques de Jose.~~
- 3a- Os truques de Jose apaziguaram os caes enfurecidos.  
b- Os truques de Jose fizeram os caes apaziguarem-se.
- 4 -~~Jose apaziguou os truques dos caes enfurecidos.~~
- 5a-~~Os caes enfurecidos ficaram apaziguados com Jose.~~  
b- Os caes foram apaziguados por Jose.
- 6 - Jose se apazigua.
- 7 - Apaziguaram os caes enfurecidos.
- 8 - Joao fez Jose apaziguar os caes.

## 38. Apiedar

- 1 - Os meninos pobres apiedavam os passantes com tanta miseria.
- 2a- Os passantes apiedavam-se com a miseria dos meninos.  
b-~~Os passantes apiedavam com a miseria dos meninos.~~
- 3a- A miseria dos meninos apiedavam os passantes.  
b- A miseria dos meninos faziam os passantes se apiedarem.
- 4 -~~Os meninos pobres apiedavam a miseria dos passantes.~~
- 5a- Os passantes ficaram apiedados com a miseria dos meninos.  
b-~~Os passantes foram apiedados pelos meninos.~~
- 6 -~~Os passantes se apiedaram.~~
- 7 -~~Apiedaram os passantes com tanta miseria.~~
- 8 -~~O governo fez os meninos apiedarem os passantes.~~

## 39. Aplacar

- 1 - Os portugueses aplacaram os selvagens com quinquilharias.
- 2a- Os selvagens se aplacaram com as quinquilharias dos portugueses.
- b-#Os selvagens aplacaram com as quinquilharias dos portugueses.
- 3a- As quinquilharias dos portugueses aplacaram os selvagens.
- b- As quinquilharias fizeram os selvagens se aplacarem.
- 4 -#Os portugueses aplacaram as quinquilharias dos portugueses.
- 5a-#Os selvagens foram aplacados com os portugueses.
- b- Os selvagens foram aplacados pelos portugueses.
- 6 - Os selvagens se aplacaram.
- 7 - Aplacaram os selvagens com quinquilharias.
- 8 - O rei fez os portugueses aplacarem os selvagens.

## 40. Apoquentar

- 1 - A mulher apoquentava os animais com seus gritos.
- 2a- Os animais se apoquentavam com os gritos da mulher.
- b-#Os animais apoquentavam com os gritos da mulher.
- 3a- Os gritos da mulher apoquentavam os animais.
- b- Os gritos da mulher faziam os animais se apoquentarem.
- 4 -#A mulher apoquentava os gritos dos animais.
- 5a- Os animais ficavam apoquentados com os gritos da mulher.
- b-#Os animais foram apoquentados pelos gritos da mulher.
- 6 -#A mulher se apoquentava.
- 7 -#Apoquentavam os animais com gritos.
- 8 -#Joao fez a mulher apoquentar os animais.

## 41. Aporrinhar

- 1 - O vaqueiro aporrinhava os cavalos com seus gritos.
- 2a- Os cavalos se aporrinhavam com os gritos do vaqueiro.
- b-#Os cavalos aporrinhavam com os gritos do vaqueiro.
- 3a- Os gritos do vaqueiro aporrinhavam os cavalos.
- b- Os gritos do vaqueiro faziam os cavalos se aporrinharem.
- 4 -#O vaqueiro aporrinhava os gritos dos cavalos.
- 5a- Os cavalos ficaram aporrinhados com os gritos do vaqueiro.
- b-#Os cavalos foram aporrinhados pelo vaqueiro.
- 6 -#O vaqueiro se aporrinhava.
- 7 -#Aporrinhavam os cavalos com gritos.
- 8 -#Joao fez o vaqueiro aporrinhar os cavalos.

## 42. Apreciar

- 1 - Jose aprecia Maria por sua beleza.
- 2a-#Maria se aprecia por sua beleza.
- b-#Maria aprecia por sua beleza.
- 3a-#Sua beleza aprecia Maria.
- b-#Sua beleza faz Maria se apreciar.
- 4 - Jose aprecia a beleza de Maria.
- 5a-#Maria ficou apreciada por Jose.
- b- Maria foi apreciada por Jose.
- 5 - Jose se aprecia.
- 7 - Apreciaram Maria por sua beleza.
- 8 - Joao fez Jose apreciar Maria.

## 43. Assombrar

- 1 - A louca assombrou as crianças com seus gritos.
- 2a- As crianças se assombraram com os gritos da louca.
- b-#As crianças assombraram com os gritos da louca.
- 3a- Os gritos da louca assombraram as crianças.
- b- Os gritos da louca fizeram as crianças assombrarem-se.
- 4 -#A louca assombrou os gritos da criança.
- 5a- As crianças ficaram assombradas com os gritos da louca.
- b- As crianças foram assombradas pela louca.
- 6 -#A louca se assombrou.
- 7 - Assombraram as crianças com aqueles gritos.
- 8 - Jose fez a louca assombrar as crianças.

## 44. Assustar

- 1 - O governo assustou o povo com suas medidas.
- 2a- O povo se assustou com as medidas do governo.
- b-#O povo assustou com as medidas do governo.
- 3a- As medidas do governo assustaram o povo.
- b- As medidas do governo fizeram o povo se assustar.
- 4 -#O governo assustou as medidas do povo.
- 5a- O povo ficou assustado com as medidas do governo.
- c- O povo foi assustado pelo governo.
- 6 -#O governo se assustou.
- 7 - Assustaram o povo com aquelas medidas.
- 8 - Os americanos fizeram o governo assustar o povo.

## 45. Atazanar

- 1 - Jose atazanava a moça com suas propostas. (aborrecer)
- 2a- A moça se atazanava com as propostas de Jose.
- b-#A moça atazanava com as propostas de Jose.
- 3a- As propostas de Jose atazanavam a moça.
- b- As propostas de Jose faziam a moça atazanar-se.
- 4 -#Jose atazanava as propostas da moça.
- 5a- A moça ficou atazanada com as propostas de Jose.
- c-#A moça foi atazanada por Jose.
- 6 -#Jose se atazanava.
- 7 -#Atazanavam a moça com aquelas propostas.
- 8 - Joao fez Jose atazanar a moça.

## 46. Atemorizar

- 1 - O bandido atemorizou as pessoas com sua arma.
- 2a- As pessoas se atemorizaram com a arma do bandido.
- b-#As pessoas atemorizaram com a arma do bandido.
- 3a- A arma do bandido atemorizou as pessoas.
- b- A arma do bandido fez as pessoas atemorizarem-se.
- 4 -#O bandido atemorizou a arma das pessoas.
- 5a- As pessoas ficaram atemorizadas com a arma do bandido.
- c- As pessoas foram atemorizadas pelo bandido.
- 6 -#O bandido se atemoriza.
- 7 - Atemorizaram as pessoas com a arma.
- 8 - Jose fez o bandido atemorizar as pessoas.

## 47. Aterrorizar

- 1 - O assaltante aterrorizou Lina com aqueles telefonemas.
- 2a- Lina se aterrorizou com os telefonemas do assaltante.
  - b-#Lina aterrorizou com os telefonemas do assaltante.
- 3a- Os telefonemas do assaltante aterrorizaram Lina.
  - b- Os telefonemas do assaltante fizeram Lina se aterrorizar.
- 4 -#O assaltante aterrorizou os telefonemas de Lina.
- 5a- Lina ficou aterrorizada com os telefonemas do assaltante.
  - b- Lina foi aterrorizada pelo assaltante.
- 6 -#O bandido se aterrorizou.
- 7 - Aterrorizaram Lina com uns telefonemas.
- 8 - Jose fez o assaltante aterrorizar Lina

## 48. Aticar

- 1 - Os estrangeiros aticavam o povo com sua chegada.
- 2a- O povo se aticava com a chegada dos estrangeiros.
  - b-#O povo aticou com a chegada dos estrangeiros.
- 3a- A chegada dos estrangeiros aticou o povo.
  - b- A chegada dos estrangeiros fez o povo se aticar.
- 4 -#Os estrangeiros aticavam a chegada do povo.
- 5a- O povo ficou aticado com a chegada dos estrangeiros.
  - b- O povo foi aticado pelos estrangeiros.
- 6 -#Os estrangeiros se aticavam.
- 7 - Aticavam o povo com aquela chegada.
- 8 - O governo fez os estrangeiros aticarem o povo.

## 49. Atordoar

- 1 - A gang atordoava a cidade com seus crimes.
- 2a- A cidade atordoava-se com os crimes da gang.
  - b-#A cidade atordoava com os crimes da gang.
- 3a- Os crimes da gang atordoavam a cidade.
  - b- Os crimes da gang faziam a cidade se atordoar.
- 4 -#A gang atordoava os crimes da cidade.
- 5a- A cidade ficou atordoada com os crimes da gang.
  - b-#A cidade foi atordoada pela gang.
- 6 -#A gang se atordoou.
- 7 -#Atordoaram a cidade com aqueles crimes.
- 8 -#O chefe fez a gang atordoar a cidade com seus crimes.

## 50. Atormentar

- 1 - Os pais atormentaram a mocca com ameaças.
- 2a- A mocca se atormentou com as ameaças do pai.
  - b-#A mocca atormentou com as ameaças dos pais.
- 3a- As ameaças dos pais atormentaram a mocca.
  - b- Aas ameaças dos pais fizeram a mocca atormentar-se.
- 4 -#Os pais atormentaram as ameaças da mocca.
- 5a- A mocca ficou atormentada com as ameaças dos pais.
  - b- A mocca foi atormentada pelos pais.
- 6 -#A mocca se atormentou.
- 7 - Atormentaram a mocca com ameaças.
- 8 - Jose fez os pais atormentarem a mocca.

## 51. Aturar

- 1 - A mulher nao aturava o marido por causa de suas esquisitices.
- 2a-#O marido nao se aturava por causa de suas esquisitices.
  - b-#O marido nao aturava por causa de suas esquisitices.
- 3a-#As esquisitices nao aturavam o marido.
  - b-#As esquisitices nao faziam o marido aturar-se.
- 4 - A mulher nao aturava as esquisitices do marido.
- 5a-#O marido nao ficou aturado.
- b- O marido nao era aturado pela mulher.
- 6 - A mulher nao se aturava.
- 7 - Nao aturavam o marido pelas suas esquisitices.
- 8 - A mae fez a mulher nao aturar o marido.

## 52. Aturdir

- 1 - O governo aturdiu o povo com suas falcatruas.
- 2a- O povo aturdiu-se com as falcatruas do governo.
  - b-#O povo aturdiu com as falcatruas do governo.
- 3a- As falcatruas do governo aturdiram o povo.
  - b- As falcatruas do governo fizeram o povo aturdir-se.
- 4 -#O governo aturdiu as falcatruas do povo.
- 5a- O povo ficou aturdido com o governo.
  - b-#O povo foi aturdido pelo governo.
- 6 -#O povo se aturdiu.
- 7 -#Aturdiram o povo com tanta falcatrua.
- 8 -#O ministro fez o governo aturdir o povo.

## 53. Azucrinar

- 1 - O governo azucrinou a nacao com suas bandalheiras.
- 2a- A nacao se azucrinou com as bandalheiras do governo.
  - b-#A nacao azucrinou com as bandalheiras do governo.
- 3a- As bandalheiras do governo azucrinaram a nacao.
  - b- As bandalheiras do governo fizeram a nacao azucrinar-se.
- 4 -#O governo azucrinou as bandalheiras da nacao.
- 5a- A nacao ficou azucrinada com as bandalheiras do governo.
  - b-#A nacao foi azucrinada pelo governo.
- 6 -#O governo se azucrinou.
- 7 -#Azucrinaram a nacao com tamanha bandalheira.
- 8 -#O presidente fez o governo azucrinar a nacao.

## 54. Baratinar

- 1 - As criancas baratinaram os pais com tamanha algazarra.
- 2a- Os pais se baratinaram com tamanha algazarra.
  - b-#Os pais baratinaram com tamanha algazarra.
- 3a- Tamanha algazarra baratinou os pais.
  - b- Tamanha algazarra fez os pais se baratinarem.
- 4 -#As criancas baratinaram tamanha algazarra dos pais.
- 5a- Os pais ficaram baratinados com tamanha algazarra das criancas.
  - b-#Os pais foram baratinados pelas criancas.
- 6 -#As criancas se baratinaram.
- 7 -#Baratinaram os pais com tamanha algazarra.
- 8 -#Joao fez as criancas baratinarem os pais.

## 55. Cansar

- 1 - Joao cansa Maria com suas queixas. (aborrecer)  
 2a- Maria se cansa com as queixas de Joao.  
 b-#Maria cansa com as queixas de Joao.  
 3a- As queixas de Joao cansam Maria.  
 b- As queixas de Joao fazem Maria cansar-se.  
 4 -#Joao cansa as queixas de Maria.  
 5a- Maria ficou cansada com as queixas Joao.  
 b-#Maria foi cansada por Joao.  
 6 -#Joao se cansa.  
 7 -#Cansaram Maria com aquelas queixas.  
 8 -#Paulo fez Joao cansar Maria.

## 56. Cativar

- 1 - A moca cativou o jovem com seu encanto. (seduzir)  
 2a-#O jovem se cativou com o encanto da moca.  
 b-#O jovem cativou com o encanto da moca.  
 3a- O encanto da moca cativou o jovem.  
 b-#O encanto da moca fez o jovem cativar-se.  
 4 -#A moca cativou o encanto do jovem.  
 5a- O jovem ficou cativado com o encanto da moca.  
 b- O jovem foi cativado pela moca.  
 6 -#A moca se cativou.  
 7 - Cativaram o jovem com aquele encanto.  
 8 - Joao fez a moca cativar o jovem.

## 57. Chatear

- 1 - Pedro chateava o amigo com suas queixas.  
 2a- O amigo se chateava com as queixas de Pedro.  
 b-#O amigo chateava com as queixas de Pedro.  
 3a- As queixas de Pedro chateavam o amigo.  
 b- As queixas de Pedro faziam o amigo chatear-se.  
 4 -#Pedro chateava as queixas do amigo.  
 5a- O amigo ficou chateado com as queixas de Pedro.  
 b-#O amigo foi chateado por Pedro.  
 6 -#Pedro se chateava.  
 7 -#Chatearam Pedro com aquelas queixas.  
 8 -#Joao fez Pedro chatear o amigo com suas queixas.

## 58. Chocar

- 1 - A atriz chocou a plateia com sua atuacao.  
 2a- A plateia se chocou com a atuacao da atriz.  
 b-#A plateia chocou com a atuacao da atriz.  
 3a- A atuacao da atriz chocou a plateia.  
 b- A atuacao da atriz fez a plateia se chocar.  
 4 -#A atriz chocou a atuacao da plateia.  
 5a- A plateia ficou chocada com a atuacao da atriz.  
 b-#A plateia foi chocada pela atriz.  
 6 -#A atriz se chocou.  
 7 -#Chocaram a plateia com a atuacao.  
 -#O diretor fez a atriz chocar a plateia.

## 59. Cobigar

- 1 - Muitos cobicam aquele cargo por causa de seu salario.  
 2a-#Aquele cargo se cobica pelo salario.  
 b-#Aquele cargo cobica pelo salario.  
 3a-#O salario cobica aquele cargo.  
 b-#O salario faz aquele cargo cobicar-se.  
 4 - Muitos cobicam o salario daquele cargo.  
 5a-#Aquele cargo ficou cobicado com muitos.  
 b- Aquele cargo foi cobicado por muitos.  
 6 -#Muitos se cobicam.  
 7 - Cobicam aquele cargo por causa de seu salario.  
 8 - Joao fez muitos cobicarem aquele cargo.

## 60. Conover

- 1 - O povo conove os deputados com sua passeata.  
 2a- Os deputados se conovem com a passeata do povo.  
 b-#Os deputados conovem com a passeata do povo.  
 3a- A passeata conove os deputados.  
 b- A passeata faz os deputados conoverem-se.  
 4 -#O povo conove a passeata dos deputados.  
 5a- Os deputados ficaram conovidos com a passeata do povo.  
 b-#Os deputados foram conovidos pelo povo.  
 6 -#O povo se conove.  
 7 -#Conoveram os deputados com aquela passeata.  
 8 -#A assembleia fez o povo conover os deputados.

## 61. Condoer

- 1 - As crianas de rua condoeram os turistas com sua miseria.  
 2a- Os turistas se condoeram com a miseria das crianas de rua.  
 b-#Os turistas condoeram com a miseria das crianas de rua.  
 3a- A miseria das crianas condoeu os turistas.  
 b- A miseria das crianas fez os turistas se condoerem.  
 4 -#As crianas de rua condoeram a miseria dos turistas.  
 5a- Os turistas ficaram condoidos com a miseria das crianas.  
 b-#Os turistas foram condoidos pelas crianas.  
 6 -#As crianas se condoeram.  
 7 -#Condoeram os turistas.  
 8 -#O governo fez as crianas condoerem os turistas.

## 62. Confortar

- 1 - O padre confortou seus fieis com suas palavras.  
 2a- Os fieis se confortaram com as palavras do padre.  
 b-#Os fieis confortaram com as palavras do padre.  
 3a- As palavras do padre confortaram os fieis.  
 b- As palavras do padre fizeram os fieis se confortarem.  
 4 -#O padre confortou suas palavras dos fieis.  
 5a- Os fieis ficaram confortados com as palavras do padre.  
 b- Os fieis foram confortados pelo padre.  
 6 -#O padre se confortou.  
 7 - Confortaram os fieis com palavras.  
 8 - O bispo fez o padre confortar os fieis.

## 63. Confundir

- 1 - Laercio confundia Silvia com suas armadilhas.
- 2a- Silvia se confundia com as armadilhas de Laercio.  
b-#Silvia confundia com as armadilhas de Laercio.
- 3a- As armadilhas de Laercio confundiam Silvia.  
b- As armadilhas de Laercio fizeram Silvia confundir-se.
- 4 -#Laercio confundia as armadilhas de Silvia.
- 5a- Silvia ficou confusa/confundida com as armadilhas de Laercio.  
b- Silvia foi confundida por Laercio.
- 6 -#Silvia se confundia.
- 7 - Confundiram Silvia com as armadilhas.
- 8 - O amigo fez Laercio confundir Silvia.

## 64. Conquistar

- 1 - Cordeiro conquistou toda a vila com sua simpatia.
- 2a-#A vila se conquistou com a simpatia de Cordeiro.  
b-#A vila conquistou com a simpatia de Cordeiro.
- 3a- A simpatia de Cordeiro conquistou a vila.  
b-#A simpatia de cordeiro fez a vila conquistar-se.
- 4 -#Cordeiro conquistou a simpatia da vila.
- 5a-#A vila ficou conquistada com Cordeiro.  
b- A vila foi conquistada por Cordeiro.
- 6 -#Cordeiro se conquistou.
- 7 - Conquistaram a vila com muita simpatia.
- 8 - O amigo fez Cordeiro conquistar a vila com simpatia.

## 65. Consolar

- 1 - O amigo consolou a viuva com sua presteza.
- 2a- A viuva se consolou com a presteza do amigo.  
b-#A viuva consolou com a presteza do amigo.
- 3a- A presteza do amigo consolou a viuva.  
b- A presteza do amigo fez a viuva consolar-se.
- 4 -#O amigo consolou a presteza da viuva.
- 5a- A viuva ficou consolada com a presteza do amigo.  
b- A viuva foi consolada pelo amigo.
- 6 -#O amigo se consolou.
- 7 - Consolaram a viuva com aquela presteza.
- 8 - Paulo fez o amigo consolar a viuva.

## 66. Constrangir

- 1 - O professor constrangeu os alunos com seu silencio.
- 2a- Os alunos se constrangeram com o silencio do professor.  
b-#Os alunos constrangeram com o silencio do professor.
- 3a- O silencio do professor constrangeu os alunos.  
b- O silencio do professor fez os alunos se constrangerem.
- 4 -#O professor constrangeu o silencio dos alunos.
- 5a- Os alunos ficaram constrangidos com o silencio do professor.  
b-#Os alunos foram constrangidos pelo silencio do professor.
- 6 -#O professor se constrangeu.
- 7 -#Constrangeram os alunos com aquele silencio.
- 8 -#O diretor fez o professor constranger os alunos.

## 67. Contagiar

- 1 - Maria contagiava Jose com sua alegria.
- 2a- Jose contagiava-se com a alegria de Maria.  
b-#Jose contagiava com a alegria de Maria.
- 3a- A alegria de Maria contagiava Jose.  
b- A alegria de Maria fazia Jose contagiar-se.
- 4 -#Maria contagiava a alegria de Jose.
- 5a- Jose ficava contagiado com a alegria de Maria.  
b-#Jose era contagiado por Maria.
- 6 -#Jose se contagiava.
- 7 -#Contagiaram Jose com aquela alegria.
- 8 -#Paulo fez Maria contagiar Jose com sua alegria.

## 68. Contemplar

- 1 - Maria contemplava a mae por sua beleza. (admirar)
- 2a-#A mae se contemplava por sua beleza.  
b-#A mae contemplava por sua beleza.
- 3a-#Sua beleza contemplou a mae.  
b-#Sua beleza fez a mae contemplar-se.
- 4- Maria contemplava a beleza da mae.
- 5a-#A mae ficou contemplada com Maria.  
b- A mae foi contemplada por Maria.
- 6 - Maria se contemplava.
- 7 - Contemplavam a mae de Maria por sua beleza.
- 8 - O pai fez Maria contemplar a mae.

## 69. Contentar

- 1 - O patroo contentou Mauro com a promocao.
- 2a- Mauro se contentou com a promocao.  
b-#Mauro contentou com a promocao.
- 3a- A promocao contentou Mauro.  
b- A promocao fez Mauro contentar-se.
- 4 -#O patroo contentou a promocao de Mauro.
- 5a- Mauro ficou contente (contentado) com a promocao.  
b-#Mauro foi contentado pelo patroo.
- 6 -#Mauro se contentou.
- 7 -#Contentaram Mauro com aquela promocao.
- 8 -#O dono fez o patroo contentar Mauro com uma promocao.

## 70. Contrariar

- 1 - O ministro contrariava todos os parlamentares com sua decisao.
- 2a- Todos se contrariavam com a decisao do ministro.  
b-#Todos contrariavam com a decisao do ministro.
- 3a- A decisao do ministro contrariava todos.  
b- A decisao do ministro fez todos se contrariarem.
- 4 -#O ministro contrariava a decisao de todos.
- 5a- Todos ficaram contrariados com a decisao do ministro.  
b- Todos foram contrariados pelo ministro.
- 6 - O ministro se contrariou.
- 7 - Contrariaram todos os parlamentares com aquela decisao.
- 8 - O presidente fez o ministro contrariar todos.

## 71. Convencer

- 1 - A oposicao convenceu o povo com sua eloquencia.
- 2a- O povo se convenceu com a eloquencia da oposicao.
  - b-#O povo convenceu com a eloquencia da oposicao.
- 3a- A eloquencia da oposicao convenceu o povo.
  - b- A eloquencia da oposicao fez o povo convencer-se.
- 4 -#A oposicao convenceu a eloquencia do povo.
- 5a-#O povo ficou convencido com a oposicao.
  - b- O povo foi convencido pela oposicao.
- 6 -#A oposicao se convenceu.
- 7 - Convenceram o povo com tanta eloquencia.
- 8 - O sindicato fez a oposicao convencer o povo.

## 72. Curtir

- 1 - Ligia curtia o namorado pelo seu jeito alegre
- 2a-#O seu namorado se curtia.
- 3a-#O jeito alegre curtia seu namorado.
  - b-#O jeito alegre fez o namorado se curtir.
- 4 - Ligia curtia o jeito alegre do namorado.
- 5a-#O namorado ficou curtido com Ligia.
  - b- O namorado era curtido por Ligia.
- 6 - Ligia se curtia.
- 7 - Curtiam o namorado de Ligia pelo seu jeito alegre.
- 8 - Joao fez Ligia curtir seu namorado.

## 73. Decepcionar

- 1 - O governo decepcionou o povo com suas mentiras.
- 2a- O povo se decepcionou com as mentiras do governo.
  - b- O povo decepcionou com as mentiras do governo.
- 3a- As mentiras do governo decepcionaram o povo.
  - b- As mentiras do governo fizeram o povo se decepcionar.
- 4 -#O governo decepcionou as mentiras do povo.
- 5a- O povo ficou decepcionado com as mentiras do governo.
  - b-#O povo foi decepcionado pelo governo.
- 6 -#O governo se decepcionou.
- 7 -#Decepcionaram o povo com tanta mentira.
- 8 -#A assembleia fez o governo decepcionar o povo.

## 74. Deleitar

- 1 - Tio Pedro deleitava as criancas com seus casos.
- 2a- As criancas se deleitavam com os casos de tio Pedro.
  - b-#As criancas deleitavam com os casos de tio Pedro.
- 3a- Os casos de Tio Pedro deleitavam as criancas.
  - b- Os casos de Tio Pedro faziam as criancas se deleitarem.
- 4- Tio Pedro deleitava os casos das criancas.
- 5a- As criancas ficaram deleitadas com os casos de tio Pedro.
  - b-#As criancas foram deleitadas pelos casos de tio Pedro.
  - ' -#As criancas se deleitaram.
- 7 -#Deleitaram as criancas com tantos casos.
- 8 -#Maria fez tio Pedro deleitar as criancas.

## 75. Deliciar

- 1 - Lea deliciava os adultos com suas peraltices.
- 2a- Os adultos se deliciavam com as peraltices de Lea.
  - b-#Os adultos deliciavam com as peraltices de Lea.
- 3a- As peraltices de Lea deliciavam os adultos.
  - b- As peraltices de Lea faziam os adultos se deliciarem.
- 4 -#Lea deliciava as peraltices dos adultos.
- 5a- Os adultos ficaram deliciados com as peraltices de Lea.
  - b-#Os adultos foram deliciados por Lea.
- 6 -#Os adultos se deliciaram.
- 7 -#Deliciaram os adultos com tanta peraltice.
- 8 -#A mae fez Lea deliciar os adultos com tanta peraltice.

## 76. Depreciar

- 1 - Os estrangeiros depreciam nossos produtos pela sua inferioridade.
- 2a-#Nossos produtos se depreciam pela sua inferioridade.
  - b-#Nossos produtos depreciam pela sua inferioridade.
- 3a-#Sua inferioridade deprecia nossos produtos.
  - b-#Sua inferioridade faz depreciarem nossos produtos.
- 4 - Os estrangeiros depreciam a inferioridade de nossos produtos.
- 5a-#Os nossos produtos ficam depreciados com os estrangeiros.
  - b- Os nossos produtos sao depreciados pelos estrangeiros.
- 6 - Os estrangeiros se depreciam.
- 7 - Depreciam nossos produtos pela sua inferioridade.
- 8 - O governo faz os estrangeiros depreciarem os nossos produtos.

## 77. Deprimir

- 1 - Paulo deprime Maria com suas lamentacoes.
- 2a- Maria se deprime com as lamentacoes de Paulo.
  - b-#Maria deprime com as lamentacoes de Paulo.
- 3a- As lamentacoes de Paulo deprimem Maria.
  - b- As lamentacoes de Paulo fazem Maria deprimir-se.
- 4 -#Paulo deprime as lamentacoes de Maria.
- 5a- Maria ficou deprimida com as lamentacoes de Paulo.
  - b-#Maria foi deprimida por Paulo.
- 6 -#Maria se deprime.
- 7 -#Deprimem Maria com tantas lamentacoes.
- 8 -#Joao faz Paulo deprimir Maria.

## 78. Derrotar

- 1 - O povo derrotou o presidente com sua uniao.
- 2a- O presidente se derrotou com a uniao do povo.
  - b-#O presidente derrotou com a uniao do povo.
- 3a- A uniao do povo derrotou o governo.
  - b- A uniao do povo fez o governo derrotar-se.
- 4 -#O povo derrotou a uniao do presidente.
- 5a-#O presidente ficou derrotado com o povo.
  - b- O presidente foi derrotado pelo povo.
- 6 -#O povo se derrota.
- 7 - Derrotaram o presidente com a uniao.
- 8 - O governo fez o povo derrotar o presidente.

## 79. Desagradar

- 1 - Os alunos desagradaram o mestre com aquele comportamento.
- 2a- O mestre se desagradou com o comportamento dos alunos.
  - b-#O mestre desagradou com o comportamento dos alunos.
- 3a- O comportamento dos alunos desagradou o mestre.
  - b- O comportamento dos alunos fez o mestre desagradar-se.
- 4 -#Os alunos desagradaram o comportamento do mestre.
- 5a-?O mestre ficou desagradado com o comportamento dos alunos.
  - b-#O mestre foi desagradado pelos alunos.
- 6 -#Os alunos se desagradaram.
- 7 -#Desagradaram o mestre ontem a noite.
- 8 -#O diretor fez os alunos desagradarem o mestre.

## 80. Desalentar

- 1 - O governo desalentou o povo com o aumento dos preços.
- 2a- O povo se desalentou com o aumento dos preços do governo.
  - b-#O povo desalentou com o aumento dos preços do governo.
- 3a- O aumento dos preços desalentou o povo.
  - b- O aumento dos preços fez o povo desalentar-se.
- 4 -#O governo desalentou o aumento do povo.
- 5a- O povo ficou desalentado com o governo.
  - b-#O povo foi desalentado pelo governo.
- 6 -#O governo se desalentou.
- 7 -#Desalentaram o povo com tanto aumento.
- 8 -#O presidente fez o governo desalentar o povo com aquele aumento.

## 81. Desanimar

- 1 - Seu Geraldo desanimou Tomas com seu silencio.
- 2a- Tomas se desanimou com o silencio de Seu Geraldo.
  - b- Tomas desanimou com o silencio de Seu Geraldo.
- 3a- O silencio de Seu Geraldo desanimou Tomas.
  - b- O silencio de Seu Geraldo fez Tomas se desanimar.
- 4 -#Seu Geraldo desanimou o silencio de Tomas.
- 5a- Tomas ficou desanimado com o silencio de Seu Geraldo.
  - b-#Tomas foi desanimado pelo silencio de seu Geraldo.
- 6 -#Seu Geraldo se desanimou.
- 7 -#Desanimaram Tomas com tanto silencio.
- 8 -#Jose fez Seu Geraldo desanimar Tomas com aquele silencio.

## 82. Desapontar

- 1 - Chico desapontava Mirtes com sua indiferença.
- 2a- Mirtes se desapontava com a indiferença de Chico.
  - b-#Mirtes desapontava com a indiferença de Chico.
- 3a- A indiferença de Chico desapontava Mirtes.
  - b- A indiferença de Chico fez Mirtes desapontar-se.
- 4 -#Chico desapontava a indiferença de Mirtes.
- 5a- Mirtes ficou desapontada com a indiferença de Chico.
  - b-#Mirtes foi desapontada por Chico.
- 6 -#Chico se desapontou.
- 7 -#Desapontaram Mirtes com aquela noticia.
- 8 -#Joao fez Chico desapontar Mirtes com sua indiferença.

## 83. Desapreciar

- 1 - Rubiao desaprecia os caes por causa de seus latidos.
- 2a-#Os caes se desapreciam por causa dos latidos.
  - b-#Os caes desapreciam por causa dos latidos.
- 3a-#Os latidos dos caes desapreciam.
  - b-#Os latidos fazem os caes desapreciarem.
- 4 - Rubiao desaprecia os latidos dos caes.
- 5a-#Os caes ficaram desapreciados com Rubiao.
  - b- Os caes sao desapreciados por Rubiao.
- 6 - Rubiao se desaprecia.
- 7 - Desapreciaram aqueles caes na exposicao.
- 8 - Jose fez Rubiao desapreciar os caes.

## 84. Desaprunar

- 1 - A reporter desaprunou o governador com suas perguntas.
- 2a- O governador se desaprunou com as perguntas da reporter.
  - b-?O governador desaprunou com as perguntas da reporter.
- 3a- As perguntas da reporter desaprunaram o governador.
  - b- As perguntas da reporter fizeram o governador se desaprunar.
- 4 -#A reporter desaprunou as perguntas do governador.
- 5a- O governador ficou desaprunado com as perguntas da reporter.
  - b-#O governador foi desaprunado pela reporter.
- 6 -#A reporter se desaprunou.
- 7 -#Desaprunaram o governador com aquelas perguntas.
- 8 -#O chefe fez a reporter desaprunar o governador.

## 85. Desassossegar

- 1 - O menino desassossegava suas irmas com seus beliscos.
- 2a- As irmas se desassossegavam com os beliscos do menino.
  - b-#As irmas desassossegavam com os beliscos do menino.
- 3a- Os beliscos do menino desassossegavam suas irmas.
  - b- Os beliscos do menino faziam suas irmas desassossegarem.
- 4 -#O menino desassossegava os beliscos das suas irmas.
- 5a- As irmas ficaram desassossegadas com os beliscos do menino.
  - b-#As irmas foram desassossegadas pelo menino.
- 6 -#O menino se desassossegava.
- 7 -#Desassossegaram as irmas com tanta confusao.
- 8 -#A mae fez o menino desassossegar as irmas.

## 86. Desatinar

- 1 - Madalena desatinava Paulo com suas extravagancias.
- 2a- Paulo se desatinava com as extravagancias de Madalena.
  - b-?Paulo desatinava com as extravagancias de Madalena.
- 3a- As extravagancias de Madalena desatinaram Paulo.
  - b- As extravagancias de Madalena fizeram Paulo desatinar-se.
- 4 -#Madalena desatinava as extravagancias de Paulo.
- 5a- Paulo ficou desatinado com as extravagancias de Madalena.
  - b-#Paulo foi desatinado por Madalena.
- 6 -#Madalena se desatinava.
- 7 -#Desatinaram Paulo com tanta extravagancia.
- 8 -#Joao fez Madalena desatinar Paulo.

## 87. Descansar

- 1 - Os operarios descansaram o governo com o fim das greves.(aliviar)  
 2a-?O governo se descansou com o fim das greves.  
 b- O governo descansou com o fim das greves.  
 3a- O fim das greve descansou o governo.  
 b-?O fim das greves fez o governo descansar-se.  
 4 -?Os operarios descansaram o fim das greves do governo.  
 5a- O governo ficou descansado com o fim das greves dos operarios.  
 b-?O governo foi descansado pelo fim das greves.  
 6 -?Os operarios se descansaram.  
 7 -?Descansaram o governo com o fim das greves.  
 8 -?O lider fez os operarios descansarem o governo.

## 88. Desconcertar

- 1 - O candidato desconcertou o juri com sua frieza.  
 2a- O juri se desconcertou com a frieza do candidato.  
 b-?O juri desconcertou com a frieza do candidato.  
 3a- A frieza do candidato desconcertou o juri.  
 b- A frieza do candidato fez o juri se desconcertar.  
 4 -?O candidato desconcertou a frieza do juri.  
 5a- O juri ficou desconcertado com a frieza do candidato.  
 b-?O juri foi desconcertado com o candidato.  
 6 -?O candidato se desconcertou.  
 7 -?Desconcertaram o juri com aquela proposta.  
 8 -?O coordenador fez o candidato desconcertar o juri.

## 89. Desconsolar

- 1 - Paulo desconsola Maria com suas atitudes.  
 2a- Maria desconsolou-se com as atitudes de Paulo.  
 b-?Maria desconsolou com as atitudes de Paulo.  
 3a- As atitudes de Paulo desconsolaram Maria.  
 b- As atitudes de Paulo fizeram Maria desconsolar-se.  
 4 -?Paulo desconsolou as atitudes de Maria.  
 5a- Maria ficou desconsolada com as atitudes de Paulo.  
 b-?Maria foi desconsolada por Paulo.  
 6 -?Paulo se desconsola.  
 7 -?Desconsolaram Maria com aquelas noticias sobre Paulo.  
 8 -?Jose fez Paulo desconsolar Maria.

## 90. Descontentar

- 1 - O diretor descontentou os professores com seu autoritarismo.  
 2a- Os professores se descontentaram com o autoritarismo do diretor.  
 b-?Os professores descontentaram com o autoritarismo do diretor.  
 3a- O autoritarismo do diretor descontentou os professores.  
 b- O autoritarismo do diretor fez os professores se descontentarem.  
 4 -?O diretor descontentou o autoritarismo dos professores.  
 5a- Os professores ficaram descontentes com o autoritarismo do diretor.  
 b-?Os professores foram descontentes pelo diretor.  
 6 -?O diretor se descontentou.  
 7 -?Descontentaram os professores com aquela decisao.  
 8 -?O governo fez o diretor descontentar os professores.

## 91. Descontrair

- 1 - Iara descontraiu as pessoas com sua maneira alegre.  
 2a- As pessoas se descontrairam com a maneira alegre de Iara.  
 b-?As pessoas descontrairam com a maneira alegre de Iara.  
 3a- A maneira alegre de Iara descontraiu as pessoas.  
 b- A maneira alegre de Iara fez as pessoas descontraiem-se.  
 4 -?Iara descontraiu a maneira alegre das pessoas.  
 5a- As pessoas ficaram descontraidas com a maneira alegre de Iara.  
 b-?As pessoas foram descontraidas por Iara.  
 6 -?Iara se descontraiu.  
 7 -?Descontrairam as pessoas com aquela maneira alegre.  
 8 -?Joao fez Iara descontrair as pessoas.

## 92. Descontrolar

- 1 - O povo descontrolou o presidente com suas manifestacoes.  
 2a- O presidente se descontrolou com as manifestacoes do povo.  
 b-?O presidente descontrolou com as manifestacoes do povo.  
 3a- As manifestacoes descontroloram o presidente.  
 b- As manifestacoes fizeram o presidente se descontrolar.  
 4 -?O povo descontrolou as manifestacoes do presidente.  
 5a- O presidente ficou descontrolado com as manifestacoes do povo.  
 b-?O presidente foi descontrolado pelo povo.  
 6 -?O povo se descontrolou.  
 7 -?Descontrolaram o presidente com aquelas manifestacoes.  
 8 -?O ministro fez o povo descontrolar o presidente.

## 93. Desejar

- 1 - Jose desejava sucesso por causa do dinheiro.  
 2a-?Sucesso se desejava por causa do dinheiro.  
 b-?Sucesso desejava por causa do dinheiro.  
 3a-?O dinheiro desejava sucesso.  
 b-?O dinheiro fez o sucesso se desejar.  
 4 - Jose desejava o dinheiro do sucesso.  
 5a-?Dinheiro ficou desejado com Jose.  
 b- Dinheiro era desejado por Jose.  
 6 -?Jose se desejava.  
 7 - Desejavam sucesso pelo dinheiro.  
 8 - Maria fez Jose desejar sucesso.

## 94. Desencantar

- 1 - Leo desencantou Maria com suas trapacas. (desiludir)  
 2a- Maria se desencantou com as trapacas de Leo.  
 b-?Maria desencantou com as trapacas de Leo.  
 3a- As trapacas de Leo desencantaram Maria.  
 b- As trapacas de Leo fizeram Maria se desencantar.  
 4 -?Leo desencantou as trapacas de Maria.  
 5a- Maria ficou desencantada com as trapacas de Leo.  
 b- Maria foi desencantada por Leo.  
 6 -?Maria se desencantou.  
 7 - Desencataram Maria com aquelas colocacoes.  
 8 - Paulo fez Leo desencantar Maria.

## 95. Desencorajar

- 1 - Paulo desencorajou Maria com bons argumentos.
- 2a- Maria se desencorajou com os bons argumentos de Paulo.
  - b-~~Maria desencorajou com os bons argumentos de Paulo.~~
- 3a- Os bons argumentos de Paulo desencorajaram Maria.
  - b- Os bons argumentos de Paulo fizeram Maria desencorajar-se.
- 4 -~~Paulo desencorajou os bons argumentos de Maria.~~
- 5a- Maria ficou desencorajada com os argumentos de Paulo.
  - b- Maria foi desencorajada por Paulo.
- 6 -~~Paulo se desencorajou.~~
- 7 - Desencorajaram Maria com aqueles argumentos.
- 8 - Jose fez Paulo desencorajar Maria.

## 96. Desenganar

- 1 - O medico desenganou o paciente com o diagnostico.
- 2a- O paciente se desenganou com o diagnostico
  - b-~~O paciente desenganou com o diagnostico.~~
- 3a- O diagnostico desenganou o paciente.
  - b- O diagnostico fez o paciente desenganar-se.
- 4 - O medico desenganou o diagnostico do paciente.
- 5a-~~O paciente ficou desenganado com o medico.~~
  - b- O paciente foi desenganado pelo medico.
- 6 -~~O medico se desenganou.~~
- 7 - Desenganaram o paciente com aquele diagnostico.
- 8 - O diretor fez o medico desenganar o paciente.

## 97. Desesperancar

- 1 - O professor desesperancou a aluna com aquele conselho.
- 2a- A aluna se desesperancou com o conselho do professor.
  - b-~~A aluna desesperancou com o conselho do professor.~~
- 3a- O conselho do professor desesperancou a aluna.
  - b- O conselho do professor fez a aluna se desesperancar.
- 4 -~~O professor desesperancou o conselho da aluna.~~
- 5a- A aluna ficou desesperancada com o conselho do professor.
  - b- A aluna foi desesperancada pelo professor.
- 6 -~~O professor se desesperancou.~~
- 7 - Desesperancaram a aluna com conselhos.
- 8 - O diretor fez o professor desesperancar a aluna.

## 98. Desesperar

- 1 - Judite desesperava Jose com seu sofrimento.
- 2a- Jose se desesperava com o sofrimento de Judite.
  - b-~~Jose desesperava com o sofrimento de Judite.~~
- 3a- O sofrimento de Judite desesperava Jose.
  - b- O sofrimento de Judite fazia Jose se desesperar.
- 4 -~~Judite desesperava o sofrimento de Jose.~~
- 5a- Jose ficou desesperado com o sofrimento de Judite.
  - b-~~Jose foi desesperado pelo sofrimento de Judite.~~
- 6 -~~Judite se desesperava.~~
- 7 -~~Desesperaram Jose com aquele sofrimento.~~
- 8 -~~Maria fez Judite desesperar Jose.~~

## 99. Desestimular

- 1 - O general desestimula a tropa com seus conselhos.
- 2a- A tropa se desestimula com os conselhos do general.
  - b-~~A tropa desestimula com os conselhos do general.~~
- 3a- Os conselhos do general desestimulam a tropa.
  - b- Os conselhos do general fazem a tropa se desestimular.
- 4 -~~O general desestimula os conselhos da tropa.~~
- 5a- A tropa fica desestimulada com os conselhos do general.
  - b- A tropa foi desestimulada pelo general.
- 6 -~~O general se desestimula.~~
- 7 - Desestimularam a tropa com aqueles conselhos.
- 8 - O exercito fez o general desestimular.

## 100. Desestruturar

- 1 - Sartre desestrutura os jovens com suas obras existenciais.
- 2a- Os jovens se desestruturam com as obras de Sartre.
  - b-~~Os jovens desestruturam com as obras de Sartre.~~
- 3a- As obras de Sartre desestruturam os jovens.
  - b- As obras de Sartre fazem os jovens se desestruturarem.
- 4 -~~Sartre desestrutura as obras dos jovens.~~
- 5a- Os jovens ficam desestruturados com as obras de Sartre.
  - b-~~Os jovens sao desestruturados pelas obras de Sartre.~~
- 6 -~~Sartre se desestruturava.~~
- 7 -~~Desestruturam os jovens com as obras de Sartre.~~
- 8 -~~Simone faz Sartre desestruturar os jovens.~~

## 101. Desfrutar

- 1 - Julia desfrutava a vida pelo prazer. (apreciar)
- 2a-~~A vida se desfrutava pelo prazer.~~
  - b-~~A vida desfrutava pelo prazer.~~
- 3a-~~O prazer desfrutava a vida.~~
  - b-~~O prazer fazia desfrutar-se.~~
- 4 - Julia desfrutava o prazer da vida.
- 5a-~~A vida ficou desfrutada com Julia.~~
  - b- A vida era desfrutada por Julia.
- 6 - Julia se desfrutava.
- 7 - Desfrutavam a vida pelo prazer.
- 8 - Jose fez Julia desfrutar a vida.

## 102. Desgostar

- 1 - Raul desgostava seu irmao com aquelas conversas.
- 2a- O irmao se desgostava com aquelas conversas de Raul.
  - b-~~O irmao desgostava com aquelas conversas de Raul.~~
- 3a- Aquelas conversas desgostavam o irmao de Raul.
  - b- Aquelas conversas faziam o irmao de Raul desgostar-se.
- 4 -~~Raul desgostava as conversas do irmao.~~
- 5a- O irmao ficou desgostado/desgostoso com as conversas de Raul.
  - b-~~O irmao foi desgostado por Raul.~~
- 6 -~~Raul se desgostava.~~
- 7 -~~Desgostaram Raul com aquelas conversas.~~
- 8 -~~Jose fez Raul desgostar seu irmao.~~

## 103. Desiludir

- 1 - O ministro desiludiu o povo com aquela noticia.
- 2a- O povo desiludiu-se com aquela noticia.
  - b-?O povo desiludiu com aquela noticia.
- 3a- Aquela noticia desiludiu o povo.
  - b- Aquela noticia fez o povo desiludir-se.
- 4 -?O ministro desiludiu a noticia do povo.
- 5a- O povo ficou desiludido com a noticia do ministro.
  - b- O povo foi desiludido pelo ministro
- 6 -?O ministro se desiludiu.
- 7 - Desiludiram o povo com aquela noticia.
- 8 - O presidente fez o ministro desiludir.

## 104. Desinibir

- 1 - A morena desinibiu o jovem com seu jeito extrovertido.
- 2a- O jovem se desinibiu com o jeito extrovertido da morena.
  - b- O jovem desinibiu com o jeito extrovertido da morena.
- 3a- O jeito extrovertido da morena desinibiu o jovem.
  - b- O jeito extrovertido da morena fez o jovem se desinibir.
- 4 -?A morena desinibiu o jeito extrovertido do jovem.
- 5a- O jovem ficou desinibido com o jeito extrovertido da morena.
  - b- O jovem foi desinibido pela morena.
- 6 - O jovem se desinibiu.
- 7 - Desinibiram o jovem com aquele jeito extrovertido.
- 8 - Joao fez a morena desinibir o jovem.

## 105. Desinteressar

- 1 - O professor desinteressou os alunos com aquela explicacao longa.
- 2a- Os alunos se desinteressaram com a explicacao do professor.
  - b-?Os alunos desinteressaram com a explicacao do professor.
- 3a- A explicacao desinteressou os alunos.
  - b- A explicacao fez os alunos se desinteressarem.
- 4 - O professor desinteressou a explicacao dos alunos.
- 5a- Os alunos ficaram desinteressados com a explicacao do professor.
  - b-?Os alunos foram desinteressados pelo professor.
- 6 -?O professor se desinteressou.
- 7 -?Desinteressaram os alunos aquela explicacao.
- 8 -?O diretor fez o professor desinteressar os alunos.

## 106. Deslumbrar

- 1 - O autor deslumbrava o leitor com colocacoes tao profundas.
- 2a- O leitor se deslumbrava com as colocacoes do autor.
  - b-?O leitor deslumbrava com as colocacoes do autor.
- 3a- As colocacoes do autor deslumbravam o leitor.
  - b- As colocacoes do autor faziam o leitor deslumbrar-se.
- 4 -?O autor deslumbrava as colocacoes do leitor.
- 5a- O leitor ficou deslumbrado com as colocacoes do autor.
  - b-?O leitor foi deslumbrado pelo autor.
- 6 -?O autor se deslumbrou.
- 7 -?Deslumbraram o leitor com aquelas colocacoes.
- 8 -?O editor fez o autor deslumbrar o leitor.

## 107. Desnortear

- 1 - Os filhos desnorteiam seus pais com seus problemas.
- 2a- Os pais se desnorteiam com os problemas dos filhos.
  - b-?Os pais desnorteiam com os problemas dos filhos.
- 3a- Os problemas dos filhos desnorteiam os pais.
  - b- Os problemas dos filhos fazem os pais desnortear-se.
- 4 -?Os filhos desnorteiam os problemas dos pais.
- 5a- Os pais ficam desnorteados com os problemas dos filhos.
  - b-?Os pais sao desnorteados pelos filhos.
- 6 -?Os filhos se desnorteiam.
- 7 -?Desnorteiam os pais com os problemas.
- 8 -?Os amigos fazem os filhos desnortear os pais.

## 108. Desoprimir

- 1 - Miriam desoprimiu os pais com sua volta.
- 2a- Os pais de Miriam se desoprimiram com sua volta.
  - b-?Os pais de Miriam desoprimiram com sua volta.
- 3a- A volta de Miriam desoprimiu seus pais.
  - b- A volta de Miriam fez seus pais se desoprirem.
- 4 -?Miriam desoprimiu a volta dos pais.
- 5a- Os pais ficaram desoprimidos com a volta de Miriam.
  - b-?Os pais foram desoprimidos por Miriam.
- 6 -?Miriam se desoprimiu.
- 7 -?Desoprimiram os pais com aquela volta.
- 8 -?Maria fez Miriam desoprimir os pais.

## 109. Desorientar

- 1 - Mira desorientou Fernando com seu casamento.
- 2a- Fernando se desorientou com o casamento de Mira.
  - b-?Fernando desorientou com o casamento de Mira.
- 3a- O casamento de Mira desorientou Fernando.
  - b- O casamento de Mira fez Fernando se desorientar.
- 4 -?Mira desorientou O casamento de Fernando.
- 5a- Fernando ficou desorientado com o casamento de Mira.
  - b-?Fernando foi desorientado por Mira.
- 6 -?Mira se desorientou.
- 7 -?Desorientaram Fernando com aquele casamento.
- 8 -?Jose fez Mira desorientar Fernando com seu casamento.

## 110. Despreocupar

- 1 - O tecnico despreocupou os jogadores com sua calma.
- 2a- Os jogadores se despreocuparam com a calma do tecnico.
  - b-?Os jogadores despreocuparam com a calma do tecnico.
- 3a- A calma do tecnico despreocupou os jogadores.
  - b- A calma do tecnico fez os jogadores se despreocuparem.
- 4 -?O tecnico despreocupou a calma dos jogadores.
- 5a- Os jogadores ficaram despreocupados com a calma do tecnico.
  - b-?Os jogadores foram despreocupados pelo tecnico.
- 6 -?O tecnico se despreocupa.
- 7 -?Despreocuparam os jogadores com aquela calma.
- 8 -?O presidente fez o tecnico despreocupar os jogadores.

## 111. Desprestigiar

- 1 - O governo desprestigia os professores com salarios tao baixos.
- 2a- Os professores se desprestigiam com salarios tao baixos.
  - b-~~O~~s professores desprestigiam com salarios tao baixos.
- 3a- Salarios tao baixos desprestigiam os professores.
  - b- Salarios tao baixos fazem os professores se desprestigiarem.
- 4 -~~O~~ governo desprestigia os salarios dos professores.
- 5a- Os professores ficaram desprestigiados com salarios tao baixos.
  - b- Os professores foram desprestigiados pelo governo.
- 6 - O governo se desprestigia.
- 7 - Desprestigiaram os professores com aqueles salarios.
- 8 - O congresso faz o governo desprestigiar os professores.

## 112. Desprezar

- 1 - Gina desprezou o colega pelo seu jeito meio bobo.
- 2a-~~O~~ colega se desprezou.
  - b-~~O~~ colega desprezou.
- 3a-~~O~~ jeito meio bobo desprezou o colega.
  - b-~~O~~ jeito meio bobo fez o colega se desprezar.
- 4 - Gina desprezou o jeito meio bobo do colega.
- 5a-~~O~~ colega ficou desprezado com Gina.
  - b- O colega foi desprezado por Gina.
- 6 - Gina se despreza.
- 7 - Desprezaram o colega pelo seu jeito meio bobo.
- 8 - Joao fez Gina desprezar o colega.

## 113. Detestar

- 1 - Maria detesta cachorro por causa de seus latidos.
- 2a-~~C~~achorro se detesta por causa dos latidos.
  - b-~~C~~achorro detesta por causa dos latidos.
- 3a-~~O~~s latidos detestam cachorros.
  - b-~~O~~s latidos fazem os cachorros se detestarem.
- 4 - Maria detesta os latidos dos cachorros.
- 5a-~~C~~achorro fica detestado com Maria.
  - b- Cachorro e detestado por Maria.
- 6 - Maria se detesta.
- 7 - Detestam cachorros por causa de seus latidos.
- 8 - Jose fez Maria detestar cachorros.

## 114. Distrair

- 1 - O pai distraia a crianca com seu assovio.
- 2a- A crianca se distraia com o assovio do pai.
  - b-~~A~~ crianca distraia com o assovio do pai.
    - a- O assovio do pai distraia a crianca.
    - b- O assovio do pai fazia a crianca distrair-se.
- 4 -~~O~~ pai distraia o assovio da crianca.
- 5a- A crianca ficou distraida com o assovio do pai.
  - b- A crianca foi distraida pelo pai.
- 6 - O pai se distraiu.
- 7 - Distrairam a crianca com um assovio.
  - b- A mae fez o pai distrair a crianca.

## 115. Divertir

- 1 - Paulo divertia os moleques com sua gagueira.
- 2a- Os moleques se divertiam com a gagueira de Paulo.
  - b-~~O~~s moleques divertiam com a gagueira de Paulo.
- 3a- A gagueira de Paulo divertia os moleques.
  - b- A gagueira de Paulo fazia os moleques divertirem-se.
- 4 -~~P~~aulo divertia a gagueira dos moleques.
- 5a-~~O~~s moleques ficaram divertidos com a gagueira de Paulo.
  - b- Os moleques foram divertidos por Paulo.
- 6 - Paulo se divertia.
- 7 - Divertiram os moleques com aquela gagueira.
- 8 - O patroa fez Paulo divertir os moleques.

## 116. Embanar

- 1 - O fiscal embanou o contador com suas perguntas.
- 2a- O contador embanou-se com as perguntas do fiscal.
  - b-~~O~~ contador embanou com as perguntas do fiscal.
- 3a- As perguntas do fiscal embanaram o contador.
  - b- As perguntas do fiscal fizeram o contador embanar-se.
- 4 -~~O~~ fiscal embanou as perguntas do contador.
- 5a- O contador ficou embanado com as perguntas do fiscal.
  - b-~~O~~ contador foi embanado pelo fiscal.
- 6 -~~O~~ fiscal se embanou.
- 7 -~~E~~mbanaram o contador com aquelas perguntas.
- 8 -~~O~~ chefe fez o fiscal embanar o contador.

## 117. Embaracar

- 1 - A noca embarcou o rapaz com aquela atitude.
- 2a- O rapaz se embarcou com a atitude da noca.
  - b-~~O~~ rapaz embarcou com a atitude da noca.
- 3a- A atitude da noca embarcou o rapaz.
  - b- A atitude da noca fez o rapaz se embarcar.
- 4 -~~A~~ noca embarcou a atitude do rapaz.
- 5a- O rapaz ficou embarcado com a atitude da noca.
  - b- O rapaz foi embarcado pela noca.
- 6 -~~A~~ noca se embarcou.
- 7 - Embarcaram o rapaz com aquela atitude.
- 8 - Joao fez a noca embarcar o rapaz.

## 118. Embriagar

- 1 - A jovem embriagava o rapaz com sua beleza. (seduzir,encantar)
- 2a- O rapaz embriagava-se com a beleza da jovem.
  - b-~~O~~ rapaz embriagava com a beleza da jovem.
- 3a- A beleza da jovem embriagava o rapaz.
  - b- A beleza da jovem fazia o rapaz se embriagar.
- 4 -~~A~~ jovem embriagava a beleza do rapaz.
- 5a- O rapaz ficou embriagado com a beleza da jovem.
  - b-~~O~~ rapaz foi embriagado pela jovem.
- 6 -~~O~~ rapaz embriagou-se.
- 7 -~~E~~mbriagaram o rapaz com tanta beleza.
- 8 -~~O~~ amigo fez a jovem embriagar o rapaz.

- 1 - Jose encunhou Maria com aquele namoro.
- 2a - Maria se encunhou com o namoro de Jose.
- 3a - Maria encunhou com o namoro de Jose.
- 4 - Jose encunhou o namoro de Maria.
- 5a - Maria ficou encunhada com o namoro de Jose.
- 6 - Maria foi encunhada por Jose.
- 7 - Encunharan Maria com aquele namoro.
- 8 - Jo amigo fez Jose encunhar Maria.

126. Encunhar

- 1 - A cantora encantou o publico com sua voz.
- 2a - O publico se encantou com a voz da cantora.
- 3a - A voz da cantora encantou o publico.
- 4 - A voz da cantora fez o publico se encantar.
- 5a - O publico ficou encantado com a voz da cantora.
- 6 - A cantora se encantou.
- 7 - Encantaram o publico com aquela voz.
- 8 - Jo diretor fez a cantora encantar o publico.

125. Encantar

- 1 - O apresentador encabulou o rapaz com o comentario.
- 2a - O rapaz se encabulou com o comentario do apresentador.
- 3a - O comentario do apresentador encabulou o rapaz.
- 4 - O comentario do apresentador fez o rapaz se encabular.
- 5a - O rapaz ficou encabulado com o comentario do apresentador.
- 6 - Jo rapaz foi encabulado pelo apresentador.
- 7 - Encabularan o rapaz com aquele comentario.
- 8 - Jo diretor fez o apresentador encabular o rapaz.

124. Encabular

- 1 - As seretas do mar enamoravam os marinhos com seu canto.
- 2a - Os marinhos se enamoravam com o canto das seretas.
- 3a - O canto das seretas enamoravam os marinhos.
- 4 - As seretas do mar enamoravam o canto dos marinhos.
- 5a - Os marinhos ficaram enamorados com o canto das seretas.
- 6 - As seretas se enamoram.
- 7 - Enamoraram os marinhos com aquele canto.
- 8 - Deus fez as seretas enamorarem os marinhos.

123. Enamorar

- 1 - O professor emocionou os alunos com a sua historia.
- 2a - Os alunos se emocionaram com a historia do professor.
- 3a - A historia do professor emocionou os alunos.
- 4 - Jo professor emocionou a historia dos alunos.
- 5a - Os alunos ficaram emocionados com a estoria do professor.
- 6 - Jo aluno se emocionou.
- 7 - Emocionaram os alunos com aquela historia.
- 8 - Jo diretor fez o professor emocional os alunos.

122. Emocionar

- 1 - Os alemães embuteceram seu povo com tanta guerra.
- 2a - O povo se embuteceu com tanta guerra.
- 3a - A guerra dos alemães embuteceu seu povo.
- 4 - A guerra dos alemães fez o povo embutecer-se.
- 5a - O povo ficou embutecido com tanta guerra.
- 6 - O povo foi embutecido por tanta guerra.
- 7 - Embuteceram o povo com tanta guerra.
- 8 - O comando fez os alemães embutecer o povo.

121. Embutecer

- 1 - O marido emburlihou a mulher com suas lortas.
- 2a - A mulher se emburlihou com as lortas do marido.
- 3a - As lortas do marido emburliharan a mulher.
- 4 - As lortas do marido emburlihou as lortas da mulher.
- 5a - A mulher ficou emburlihada com o marido.
- 6 - A mulher foi emburlihada pelo marido.
- 7 - Emburliharan a mulher com aquelas lortas.
- 8 - O amigo fez o marido emburlihar a mulher.

120. Emburlihar

- 1 - O deputado embromava o povo com suas promessas.
- 2a - O povo se embromava com aquelas promessas.
- 3a - As promessas do deputado embromavam o povo.
- 4 - Jo deputado embromava as promessas do povo.
- 5a - Jo povo ficou embromado com o deputado.
- 6 - Jo povo foi embromado pelo deputado.
- 7 - Embromaram o povo com aquelas promessas.
- 8 - O presidente fez o deputado embromar o povo.

119. Embromar

## 127. Encolerizar

- 1 - Maria encolerizava o pai com seu comportamento.
- 2a- O pai se encolerizava com o comportamento de Maria.
  - b-#O pai encolerizava com o comportamento de Maria.
- 3a- O comportamento de Maria encolerizava o pai.
  - b- O comportamento de Maria fazia o pai se encolerizar.
- 4 -#Maria encolerizava o comportamento do pai.
- 5a- O pai ficou encolerizado com o comportamento de Maria.
  - b-#O pai foi encolerizado por Maria.
- 6 -#Maria se encolerizava.
- 7 -#Encolerizaram o pai com aquele comportamento.
- 8 -#A mae fez Maria encolerizar o pai.

## 128. Encorajar

- 1 - O pai encorajava o filho com um sorriso.
- 2a- O filho se encorajava com o sorriso do pai.
  - b-#O filho encorajava com o sorriso do pai.
- 3a- O sorriso do pai encorajava o filho.
  - b- O sorriso do pai fazia o filho se encorajar.
- 4 -#O pai encorajava o sorriso do filho.
- 5a- O filho ficou encorajado com o sorriso do pai.
  - b- O filho foi encorajado pelo sorriso do pai.
- 6 - O pai se encorajou.
- 7 - Encorajaram o filho com um sorriso.
- 8 - A mae fez o pai encorajar o filho.

## 129. Enervar

- 1 - O povo enervou Tunico com aqueles boatos.
- 2a- Tunico se enervou com aqueles boatos.
  - b-#Tunico enervou com aqueles boatos.
- 3a- Aqueles boatos enervaram Tunico.
  - b- Aqueles boatos fizeram Tunico se enervar.
- 4 -#O povo enervou os boatos de Tunico.
- 5a- Tunico ficou enervado com aqueles boatos.
  - b-#Tunico foi enervado pelo povo.
- 6 -#Tunico se enervou.
- 7 -#Enervaram Tunico com aqueles boatos.
- 8 -#Os jornais fizeram o povo enervar Tunico.

## 130. Enfadar

- 1 - O trabalhador enfadou a moca com sua monotonia.
- 2a- A moca se enfadou com a monotonia do trabalhador.
  - b-#A moca enfadou com a monotonia do trabalhador.
- 3a- A monotonia do trabalhador enfadou a moca.
  - b- A monotonia do trabalhador fez a moca enfadar-se.
- 4 -#O trabalhador enfadou a monotonia da moca.
- 5a- A moca ficou enfadada com a monotonia do trabalhador.
  - b-#A moca foi enfadada pelo trabalhador.
- 6 -#A moca se enfadou.
- 7 -#Enfadaram a moca com aquela monotonia.
- 8 -#O chefe fez o trabalhador enfadar a moca.

## 131. Enfarar

- 1 - A velha senhora enfarava Jose com sua ladainha.
- 2a- Jose se enfarava com aquela ladainha.
  - b-#Jose enfarava com aquela ladainha.
- 3a- A ladainha da velha senhora enfarava Jose.
  - b- A ladainha da velha senhora fazia Jose enfarar-se.
- 4 -#A velha senhora enfarava a ladainha de Jose.
- 5a- Jose ficou enfarado com a ladainha da senhora.
  - b-#Jose foi enfarado pela senhora.
- 6 -#Jose se enfarava.
- 7 -#Enfaravam Jose com aquela ladainha.
- 8 -#Maria fez a velha senhora enfarar Jose.

## 132. Enfastiar

- 1 - O garcon enfastiava os fregueses com as suas gentilezas.
- 2a- Os fregueses se enfastiavam com as gentilezas do garcon.
  - b-#Os fregueses enfastiavam com as gentilezas do garcon.
- 3a- As gentilezas do garcon enfastiavam os fregueses.
  - b- As gentilezas do garcon faziam os fregueses se enfastiarem.
- 4 -#O garcon enfastiava as gentilezas dos fregueses.
- 5a- Os fregueses ficaram enfastiados com as gentilezas do garcon.
  - b-#Os fregueses foram enfastiados pelo garcon.
- 6 -#O garcon se enfastiava.
- 7 -#Enfastiavam os fregueses com tantas gentilezas.
- 8 -#O patroa fazia o garcon enfastiar os fregueses.

## 133. Enfatuar

- 1 - O mestre enfatuou seu aluno com aqueles elogios. (encher de vaidade)
- 2a- O aluno se enfatuou com aqueles elogios.
  - b-#O aluno enfatuou com aqueles elogios.
- 3a- Aqueles elogios enfatuaram o aluno.
  - b- Aqueles elogios fizeram o aluno se enfatuar.
- 4 -#O mestre enfatuou os elogios dos alunos.
- 5a- O aluno ficou enfatuado com os elogios do mestre.
  - b-#O aluno foi enfatuado pelo mestre.
- 6 -#O mestre se enfatuou.
- 7 -#Enfatuaram o aluno com aqueles elogios.
- 8 -#O diretor fez o mestre enfatuar o aluno.

## 134. Enfeitigar

- 1 - A bailarina enfeiticou o marinheiro com sua dança.
- 2a- O marinheiro se enfeiticou com a dança da bailarina.
  - b-#O marinheiro enfeiticou com a dança da bailarina.
- 3a- A dança da bailarina enfeiticou o marinheiro.
  - b- A dança da bailarina fez o marinheiro enfeiticar-se.
- 4 -#A bailarina enfeiticou a dança do marinheiro.
- 5a- O marinheiro ficou enfeiticado com a dança da bailarina.
  - b- O marinheiro foi enfeiticado pela bailarina.
- 6 -#A bailarina se enfeitica.
- 7 - Enfeiticaram o marinheiro com aquela dança.
- 8 - O bruxo fez a bailarina enfeiticar o rapaz.

## 135. Enfezar

- 1 - O jogador enfezou o adversario com seus comentarios.  
 2a- O adversario se enfezou com os comentarios do jogador.  
 b- O adversario enfezou com aqueles comentarios.  
 3a- Os comentarios do jogador enfezaram o adversario.  
 b- Os comentarios do jogador fizeram o adversario se enfezar.  
 4 -#O jogador enfezou os comentarios do adversario.  
 5a- O adversario ficou enfezado com os comentarios do jogador.  
 b-#O adversario foi enfezado pelo jogador.  
 6 -#O jogador se enfezou.  
 7 -#Enfezaram o adversario com comentarios.  
 8 -#O treinador fez o jogador enfezar o adversario.

## 136. Enfurecer

- 1 - Paulo enfurecia as abelhas com aquela matraca.  
 2a- As abelhas se enfureciam com a matraca.  
 b-?As abelhas enfureciam com a matraca.  
 3a- A matraca enfurecia as abelhas.  
 b- A matraca fazia as abelhas se enfurecerem.  
 4 -#Paulo enfurecia a matraca das abelhas.  
 5a- As abelhas ficaram enfurecidas com a matraca de Paulo.  
 b-#As abelhas foram enfurecidas pela matraca.  
 6 -#Paulo se enfurecia.  
 7 -#Enfureceram as abelhas com aquela matraca.  
 8 -#Jose fez Paulo enfurecer as abelhas.

## 137. Enganar

- 1 - O comerciante enganava os fregueses com sua pesagem.  
 2a- Os fregueses se enganavam com a pesagem do comerciante.  
 b-#Os fregueses enganavam com a pesagem do comerciante.  
 3a- A pesagem do comerciante enganava os fregueses.  
 b- A pesagem do comerciante fazia os fregueses se enganarem.  
 4 -#O comerciante enganava a pesagem dos fregueses.  
 5a-#Os fregueses ficaram enganados com a pesagem do comerciante.  
 b- Os fregueses foram enganados pelo comerciante.  
 6 -#O comerciante se enganou.  
 7 - Enganaram os fregueses com aquela pesagem.  
 8 - O patroa fez o comerciante enganar os fregueses com a pesagem.

## 138. Enlevar

- 1 - A mestra enlevava os alunos com sua delicadeza.  
 2a- Os alunos se enlevavam com a delicadeza da mestra.  
 b-#Os alunos enlevavam com a delicadeza da mestra.  
 3a- A delicadeza da mestra enlevava os alunos.  
 b- A delicadeza da mestra fazia os alunos se enlevarem.  
 4 -#A mestra enlevava a delicadeza dos alunos.  
 5a- Os alunos ficaram enlevados com a delicadeza da mestra.  
 b-#Os alunos foram enlevados pela delicadeza da mestra.  
 6 -#A mestra se enlevava.  
 7 -#Enlevavam os alunos aquela delicadeza.  
 8 -#O diretor fazia a mestra enlevar os alunos.

## 139. Enlouquecer

- 1 - Paulo enlouquecia Maria com seus ciumes.  
 2a- Maria se enlouquecia com aqueles ciumes.  
 b- Maria enlouquecia com aqueles ciumes.  
 3a- Os ciumes de Paulo enlouqueciam Maria.  
 b- Os ciumes de Paulo faziam Maria se enlouquecer.  
 c- Os ciumes de Paulo faziam Maria enlouquecer.  
 4 -#Paulo enlouquecia os ciumes de Maria.  
 5a- Maria ficou enlouquecida com os ciumes de Paulo.  
 b-#Maria foi enlouquecida por Paulo.  
 6 -#Maria se enlouquecia.  
 7 -#Enlouqueceram Maria com aqueles ciumes.  
 8 -#Joao fez Paulo enlouquecer Maria.

## 140. Enojjar

- 1 - O governo enojava o povo com tanta desonestidade.  
 2a- O povo se enojava com tanta desonestidade.  
 b-#O povo enojava com tanta desonestidade.  
 3a- A desonestidade do governo enojava o povo.  
 b- A desonestidade do governo fazia o povo enojar-se.  
 4 -#O governo enojava a desonestidade do povo.  
 5a- O povo ficou enojado com a desonestidade do governo.  
 b-#O povo foi enojado pelo governo.  
 6 -#O governo se enojava.  
 7 -#Enojavam o povo aquela desonestidade.  
 8 -#O presidente fazia o governo enojjar o povo.

## 141. Enraivecer

- 1 - O menino enraivecia o cachorro com suas gracinhas.  
 2a- O cachorro se enraivecia com as gracinhas do menino.  
 b-#O cachorro enraivecia com as gracinhas do menino.  
 3a- As gracinhas do menino enraiveciam o cachorro.  
 b- As gracinhas do menino faziam o cachorro se enraivecer.  
 4 -#O menino enraivecia as gracinhas do cachorro.  
 5a- O cachorro ficou enraivecido com as gracinhas do menino.  
 b-#O cachorro foi enraivecido pelo menino.  
 6 -#O menino se enraivecia.  
 7 -#Enraiveciam o cachorro com aquelas gracinhas.  
 8 -#O pai fez o menino enraivecer o cachorro.

## 142. Enrascar

- 1 - O policial enrascarou a copeira com o interrogatorio.  
 2a- A copeira se enrascarou com o interrogatorio.  
 b-#A copeira enrascarou com o interrogatorio.  
 3a- O interrogatorio enrascarou a copeira.  
 b- O interrogatorio fez a copeira enrascar-se.  
 4 -#O policial enrascarou o interrogatorio da copeira.  
 5a- A copeira ficou enrascada com o interrogatorio do policial.  
 b- A copeira foi enrascada pelo policial.  
 6 -#A copeira se enrascarou.  
 7 - Enrascaram a copeira com aquele interrogatorio.  
 8 - O chefe fez o policial enrascar a copeira.

## 143. Entediar

- 1 - O músico entediava o auditorio com sua música.
- 2a- O auditorio se entediava com a música.
  - b-#O auditorio entediava com a música.
- 3a- A música entediava o auditorio.
  - b- A música fazia o auditorio se entediar.
- 4 -#O músico entediava a música do auditorio.
- 5a- O auditorio ficou entediado com aquela música.
  - b-#O auditorio foi entediado pelo músico.
- 6 -#O músico se entediava.
- 7 -#Entediavam o auditorio aquela música.
- 8 -#O regente fez o músico entediar o auditorio.

## 144. Enternecer

- 1 - Jose enterneceu Maria com aquele beijo.
- 2a- Maria se enterneceu com o beijo de Jose.
  - b-#Maria enterneceu com o beijo de Jose.
- 3a- O beijo de Jose enterneceu Maria.
  - b- O beijo de Jose fez Maria enternecer-se.
- 4 -#Jose enterneceu o beijo de Maria.
- 5a- Maria ficou enternecida com o beijo de Jose.
  - b-#Maria foi enternecida por Jose.
- 6 -#Jose se enterneceu.
- 7 -#Enterneceram Maria com aquele beijo.
- 8 -#Paulo fez Jose enternecer Maria com aquele beijo.

## 145. Entristecer

- 1 - Rodolfo entristeceu Paulo com toda aquela conversa.
- 2a- Paulo entristeceu-se com toda aquela conversa.
  - b- Paulo entristeceu com toda aquela conversa.
- 3a- Toda aquela conversa entristeceu Paulo.
  - b- Toda aquela conversa fez Paulo entristecer-se.
- 4 -#Rodolfo entristeceu toda aquela conversa de Paulo.
- 5a- Paulo ficou entristecido/triste com toda aquela conversa.
  - b-#Paulo foi entristecido por aquela conversa.
- 6 -#Rodolfo se entristeceu.
- 7 -#Entristeceram Paulo com aquela conversa.
- 8 -#Jose fez Rodolfo entristecer Paulo.

## 146. Entusiasmar

- 1 - Tomas entusiasmou Padre Lula com a sua ideia.
- 2a- Padre Lula se entusiasmou com a ideia de Lula.
  - b- Padre Lula entusiasmou com a ideia de Lula.
- 3a- A ideia de Tomas entusiasmou Padre Lula.
  - b- A ideia de Tomas fez Padre Lula se entusiasmar.
- 4 -#Tomas entusiasmou a ideia de Padre Lula.
- 5a- Padre Lula ficou entusiasmado com as idéias de Tomas.
  - b- Padre Lula foi entusiasmado por Tomas.
- 6 -#Tomas se entusiasmou.
- 7 - Entusiasmaram Padre Lula com aquela ideia original.
- 8 - O irmão fez Tomas entusiasmar Padre Lula.

## 147. Envaidecer

- 1 - O filho político envaidecia o pai com suas facanhas.
- 2a- O pai envaidecia-se com as facanhas do filho.
  - b-#O pai envaidecia com as facanhas do filho.
- 3a- As facanhas do filho envaideciam o pai.
  - b- As facanhas do filho faziam o pai se envaidecer.
- 4 -#O filho envaidecia as facanhas do pai.
- 5a- O pai ficava envaidecido com as facanhas do filho.
  - b-#O pai foi envaidecido pelo filho.
- 6 -#O filho se envaidecia.
- 7 -#Envaideceram o pai com aquelas facanhas.
- 8 -#A mãe fez o filho envaidecer o pai.

## 148. Envergonhar

- 1 - O patrão envergonha os funcionários com suas reprimendas.
- 2a- Os funcionários se envergonham com as reprimendas do patrão.
  - b-#Os funcionários envergonham com as reprimendas do patrão.
- 3a- As reprimendas do patrão envergonham os funcionários.
  - b- As reprimendas do patrão fazem os funcionários se envergonharem.
- 4 -#O patrão envergonha as reprimendas dos funcionários.
- 5a- Os funcionários ficaram envergonhados com as reprimendas do patrão.
  - b- Os funcionários foram envergonhados pelo patrão.
- 6 -#O patrão se envergonha.
- 7 - Envergonharam os funcionários com aquelas reprimendas.
- 8 - O dono da fábrica fez o patrão envergonhar os funcionários.

## 149. Envolver

- 1 - A mulher envolveu o rapaz com a sua inteligência.
- 2a- O rapaz se envolveu com a inteligência da mulher.
  - b-?O rapaz envolveu com a inteligência da mulher.
- 3a- A inteligência da mulher envolveu o rapaz.
  - b- A inteligência da mulher fez o rapaz envolver-se.
- 4 -#A mulher envolveu a inteligência do rapaz.
- 5a- O rapaz ficou envolvido com a inteligência da mulher.
  - b- O rapaz foi envolvido pela mulher.
- 6 -#O rapaz se envolveu.
- 7 - Envolveram o rapaz com inteligência.
- 8 - Jose fez a mulher envolver o rapaz.

## 150. Escandalizar

- 1 - O presidente escandalizou o povo com seus roubos.
- 2a- O povo se escandalizou com os roubos do presidente.
  - b-#O povo escandalizou com os roubos do presidente.
- 3a- Os roubos do presidente escandalizaram o povo.
  - b- Os roubos do presidente fizeram o povo escandalizar-se.
- 4 -#O presidente escandalizou os roubos do povo.
- 5a- O povo ficou escandalizado com os roubos do presidente.
  - b-#O povo foi escandalizado pelo presidente.
- 6 -#O presidente se escandalizou.
- 7 -#Escandalizaram o povo com aqueles roubos.
- 8 -#O ministro fez o presidente escandalizar o povo.

## 151. Espantar

- 1 - Os fieis espantaram o vigario com a noticia.
- 2a- O vigario se espantou com a noticia.
  - b-?O vigario espantou com a noticia.
- 3a- A noticia espantou o vigario.
  - b- A noticia fez o vigario espantar-se.
- 4 -?Os fieis espantaram a noticia do vigario.
- 5a- O vigario ficou espantado com a noticia dos fieis.
  - b-?O vigario foi espantado pela noticia.
- 6 -?O vigario se espantou.
- 7 -?Espantaram o vigario com aquela noticia.
- 8 -?O bispo fez os fieis espantarem o vigario.

## 152. Estarrecer

- 1 - Juruna estarreceu os congressistas com sua fala.
- 2a- Os congressistas se estarreceram com a fala de Juruna.
  - b-?Os congressistas estarreceram com a fala de Juruna.
- 3a- A fala de Juruna estarreceu os congressistas.
  - b- A fala de Juruna fez os congressistas se estarrecerem.
- 4 -?Juruna estarreceu a fala dos congressistas.
- 5a- Os congressistas ficaram estarrecidos com a fala de Juruna.
  - b-?Os congressistas foram estarrecidos por Juruna.
- 6 -?Juruna se estarreceu.
- 7 -?Estarreceram os congressistas com aquela fala.
- 8 -?A tribo fez Juruna estarrecer os congressistas.

## 153. Estimar

- 1 - A Princesa estima seus suditos por sua lealdade.
- 2a-?Seus suditos se estimam.
  - b-?Seus suditos estimam.
- 3a-?A sua lealdade estima seus suditos.
  - b-?A sua lealdade fez seus suditos estimarem-se.
- 4 - A Princesa estima a lealdade de seus suditos.
- 5a-?Os suditos ficaram estimados com a princesa.
  - b- Os suditos foram estimados pela princesa.
- 6 - A Princesa se estima.
- 7 - Estimaram os suditos pela lealdade demonstrada
- 8 - O rei fez a princesa estimar seus suditos.

## 154. Estimular

- 1 - O autor estimulava os reacionarios com seu espirito rebelde.
- 2a- Os reacionarios se estimulavam com o espirito rebelde do autor.
  - b-?Os reacionarios estimulavam com o espirito rebelde do autor.
- 3a- O espirito rebelde do autor estimulava os reacionarios.
  - b- O espirito rebelde do autor fazia os reacionarios se estimularem.
- 4 -?O autor estimulava o espirito rebelde dos reacionarios.
- 5a- Os reacionarios ficaram estimulados com o espirito rebelde do autor.
  - b- Os reacionarios foram estimulados pelo autor.
- 6 -?O autor se estimulava.
- 7 - Estimularam os reacionarios com aquele espirito rebelde.
- 7 - O lider fazia o autor estimular os reacionarios.

## 155. Estontear

- 1 - Maria estonteu o auditorio com sua beleza.
- 2a- O auditorio se estonteu com a beleza de Maria.
  - b-?O auditorio estonteu com a beleza de Maria.
- 3a- A beleza de Maria estonteu o auditorio.
  - b- A beleza de Maria fez o auditorio estontear-se.
- 4 -?Maria estonteu a beleza do auditorio.
- 5a- O auditorio ficou estonteadado com a beleza de Maria.
  - b-?O auditorio foi estonteadado por Maria.
- 6 -?Maria se estonteu.
- 7 -?Estontearam o auditorio com tanta beleza.
- 8 -?Jose fez Maria estontear o auditorio.

## 156. Estranhar

- 1 - Maria estranhou o cachorro por causa de seu comportament agressivo.
- 2a-?O cachorro se estranhou por causa do comportamento agressivo.
  - b-?O cachorro estranhou por causa do comportamento agressivo.
- 3a-?O comportamento agressivo estranhou Maria.
  - b-?O comportamento agressivo fez Maria estranhar-se.
- 4 - Maria estranhou o comportamento agressivo do cachorro.
- 5a-?O cachorro ficou estranhado com Maria.
  - b- O cachorro foi estranhado por Maria.
- 6 - Maria se estranhou.
- 7 - Estranbaram o comportamento do cachorro.
- 8 - Jose fez Maria estranhar o cachorro.

## 157. Estremeceer

- 1 - O governo estremeceu o povo com a remarcacao de precos.
- 2a- O povo se estremeceu com a remarcacao de precos.
  - b- O povo estremeceu com a remarcacao de precos.
- 3a- A remarcacao de precos estremeceu o povo.
  - b- A remarcacao de precos fez o povo se estremeceer.
- 4 -?O governo estremeceu a remarcacao de precos.
- 5a- O povo ficou estremeceido com a remarcacao de precos do governo.
  - b-?O povo foi estremeceido pelo governo.
- 6 -?O governo se estremeceu.
- 7 -?Estremeceeram o povo com a remarcacao de precos.
- 8 -?O ministerio fez o governo estremeceer o povo.

## 158. Exasperar

- 1 - Manuela exasperava Joao com sua indiferenca.
- 2a- Joao se exasperava com a indiferenca de Manuela.
  - b-?Joao exasperava com a indiferenca de Manuela.
- 3a- A indiferenca de Manuela exasperava Joao.
  - b- A indiferenca de Manuela fazia Joao se exasperar.
- 4 -?Manuela exasperava a indiferenca de Joao.
- 5a- Joao ficou exasperado com a indiferenca de Manuela.
  - b-?Joao foi exasperado pela indiferenca de Manuela.
- 6 -?Manuela se exaspera.
- 7 -?Exasperaram Joao com tanta indiferenca.
- 8 -?Paulo fez Manuela exasperar Joao.

## 159. Excitar

- 1 - Maria excitava Jose com suas ideias alopradas. (motivar)
- 2a- Jose se excitava com as ideias alopradas de Maria.  
b- ~~Jose~~ excitava com as ideias alopradas de Maria.
- 3a- As ideias alopradas de Maria excitavam Jose.  
b- As ideias alopradas de Maria faziam Jose se excitar.
- 4 - ~~Maria~~ excitava as ideias alopradas de Jose.
- 5a- Jose ficou excitado com as ideias de Maria.  
b- Jose foi excitado pelas ideias de Maria.
- 6 - ~~Maria~~ se excita.
- 7 - Excitaram Jose com aquelas ideias.
- 8 - Joao fez Maria excitar Jose.

## 160. Execrar

- 1 - Alexandre execrava os perdedores por sua fraqueza.
- 2a- ~~Os~~ perdedores se execravam por sua fraqueza.  
b- ~~Os~~ perdedores execravam por sua fraqueza.
- 3a- ~~A~~ fraqueza execrava os perdedores.  
b- ~~A~~ fraqueza fazia os perdedores se execrarem.
- 4 - Alexandre execrava a fraqueza dos perdedores.
- 5a- ~~Os~~ perdedores ficaram execrados com Alexandre.  
b- Os perdedores foram execrados por Alexandre.
- 6 - Alexandre se execrava.
- 7 - Execraram os perdedores.
- 8 - Maria fez Alexandre execrar os perdedores.

## 161. Extasiar

- 1 - O artista extasia a plateia com suas acrobacias.
- 2a- A plateia se extasia com as acrobacias do artista.  
b- ~~A~~ plateia extasia com as acrobacias do artista.
- 3a- As acrobacias do artista extasiam a plateia.  
b- As acrobacias do artista fazem a plateia se extasiar.
- 4 - ~~O~~ artista extasia as acrobacias da plateia.
- 5a- A plateia fica extasiada com as acrobacias do artista.  
b- ~~A~~ plateia foi extasiada pelo artista.
- 6 - ~~A~~ plateia se extasia.
- 7 - ~~Extasiaram~~ a plateia com aquelas acrobacias.
- 8 - ~~O~~ diretor fez o artista extasiar a plateia.

## 162. Fascinar

- 1 - A sereia fascinava os viajantes com seu canto.
- 2a- Os viajantes se fascinavam com o canto da sereia.  
b- ~~Os~~ viajantes fascinavam com o canto da sereia.
- 3a- O canto da sereia fascinava os viajantes.  
b- O canto da sereia fazia os viajantes se fascinarem.
- 4 - ~~A~~ sereia fascinava o canto dos viajantes.
- 5a- Os viajantes ficaram fascinados com o canto da sereia.  
b- Os viajantes foram fascinados pela sereia.
- 6 - ~~A~~ sereia se fascina.
- 7 - Fascinaram os viajantes com aquele canto.
- 8 - A Uirara fez a sereia fascinar os viajantes.

## 163. Ferir

- 1 - Jose feria Maria com suas palavras asperas.
- 2a- Maria se feria com as palavras asperas de Jose.  
b- ~~Maria~~ feria com as palavras asperas de Jose.
- 3a- As palavras asperas de Jose feriam Maria.  
b- As palavras asperas de Jose faziam Maria se ferir.
- 4 - ~~Jose~~ feria as palavras asperas de Maria.
- 5a- Maria ficou ferida com as palavras asperas de Jose.  
b- Maria foi ferida por Jose.
- 6 - ~~Maria~~ se feria.
- 7 - Feriram Maria com palavras asperas.
- 8 - O amigo fez Jose ferir Maria com palavras asperas.

## 164. Flagelar

- 1 - O demonio flagela as criaturas com sua presenca. (atormentar)
- 2a- As criaturas se flagelam com a presenca do demonio.  
b- ~~As~~ criaturas flagelam com a presenca do demonio.
- 3a- A presenca do demonio flagela as criaturas.  
b- A presenca do demonio faz as criaturas se flagelarem.
- 4 - ~~O~~ demonio flagela a presenca das criaturas.
- 5a- As criaturas ficam flageladas com o demonio.  
b- As criaturas sao flageladas pelo demonio.
- 6 - ~~O~~ demonio se flagela.
- 7 - Flagelam as criaturas com aquela presenca.
- 8 - Jupiter faz o demonio flagelar as criaturas.

## 165. Fortalecer

- 1 - Tomas fortalecia os colegas com sua opiniao.
- 2a- Os colegas se fortaleciam com a opiniao de Tomas.  
b- Os colegas fortaleciam com a opiniao de Tomas.
- 3a- A opiniao de Tomas fortalecia os colegas.  
b- A opiniao de Tomas fazia os colegas se fortalecerem.
- 4 - ~~Tomas~~ fortalecia a sua opiniao dos colegas.
- 5a- Os colegas ficavam fortalecidos com a opiniao de Tomas.  
b- Os colegas eram fortalecidos por Tomas.
- 6 - Tomas se fortalecia.
- 7 - Fortaleciam os colegas com aquela opiniao.
- 8 - O amigo fez Tomas fortalecer os colegas.

## 166. Frustrar

- 1 - Pedro frustrou seu pai com aquelas notas.
- 2a- O pai de Pedro se frustrou com aquelas notas.  
b- ~~O~~ pai de Pedro frustrou com aquelas notas.
- 3a- Aquelas notas frustraram o pai de Pedro.  
b- Aquelas notas fizeram o pai de Pedro frustrar-se.
- 4 - ~~Pedro~~ frustrou as notas de seu pai.
- 5a- O pai ficou frustrado com as notas de Pedro.  
b- ~~O~~ pai foi frustrado por Pedro.
- 6 - ~~Pedro~~ se frustrou.
- 7 - ~~Frustraram~~ o pai com aquelas notas.
- 8 - ~~A~~ mae fez Pedro frustrar o pai.

- 1 - O cineasta horripilou a multidão com o filme de terror.
- 2a - A multidão se horripilou com aquele filme.
- 3a - A multidão horripilou com aquele filme.
- 4 - O filme de terror fez a multidão horripilar-se.
- 5a - O filme de terror horripilou a multidão.
- 6 - A multidão ficou horripilada com o filme de cinema.
- 7 - A multidão foi horripilada pelo cineasta.
- 8 - O cineasta se horripilou.
- 9 - Horripilaram a multidão com o filme de terror.
- 10 - José fez o cineasta horripilar a multidão.

170. Horripilar

- 1 - Jove honrou Castelo com uma homenagem. (enaltecer)
- 2a - Castelo honrou-se com a homenagem de Jove.
- 3a - Castelo honrou com a homenagem de Jove.
- 4a - A homenagem de Jove honrou Castelo.
- 5a - A homenagem de Jove fez Castelo honrar-se.
- 6 - Jove honrou a homenagem de Castelo.
- 7 - Castelo ficou honrado com Jove.
- 8 - Castelo foi honrado por Jove.
- 9 - Jove se honrou.
- 10 - Honraram Castelo com uma homenagem.
- 11 - O presidente fez Jove honrar Castelo.

169. Enaltecer

- 1 - A mãe gritou o gáto com sua fuga.
- 2a - O gáto se gritou com a fuga da mãe.
- 3a - A fuga da mãe gritou o gáto.
- 4 - A fuga da mãe fez o gáto se gritar.
- 5a - O gáto ficou gritado com a mãe.
- 6 - O gáto foi gritado pela mãe.
- 7 - Gritaram o gáto com aquela fuga.
- 8 - O pai fez a mãe gritar o gáto.

168. Gritar

- 1 - Simão goza a vida pelos seus prazeres.
- 2a - A vida goza pelos prazeres.
- 3a - Seus prazeres fizeram a vida gozar-se.
- 4 - Simão goza os prazeres da vida.
- 5a - A vida ficou gozada com Simão.
- 6 - A vida foi gozada por Simão.
- 7 - Gozaram a vida pelos seus prazeres.
- 8 - Maria fez Simão gozar a vida.

167. Gozar

171. Horrorizar

- 1 - Faco horrorizou Curto com aquela proposta.
- 2a - Curto se horrorizou com a proposta de Faco.
- 3a - A proposta de Faco horrorizou Curto.
- 4 - A proposta de Faco fez Curto horrorizar-se.
- 5a - Faco horrorizou a proposta de Curto.
- 6 - Curto ficou horrorizado com a proposta de Faco.
- 7 - Curto foi horrorizado por Faco.
- 8 - Faco se horrorizou.
- 9 - Horrorizaram Curto com aquela proposta.
- 10 - Júlia fez Faco horrorizar Curto.

172. Hostilizar

- 1 - A patroa hostilizou a empregada por seu jeito arrogante.
- 2a - A empregada se hostilizou por seu jeito arrogante.
- 3a - O jeito arrogante hostilizou a empregada.
- 4 - O jeito arrogante fez a empregada hostilizar-se.
- 5a - A patroa hostilizou o jeito arrogante da empregada.
- 6 - A empregada ficou hostilizada pela patroa.
- 7 - A empregada foi hostilizada pela patroa.
- 8 - A patroa se hostiliza.
- 9 - Hostilizaram a empregada por seu jeito arrogante.
- 10 - O marido fez a patroa hostilizar a empregada.

173. Humilhar

- 1 - O rei humilhou a nobreza com seu discurso.
- 2a - A nobreza se humilhou com o discurso do rei.
- 3a - A nobreza humilhou com o discurso do rei.
- 4 - O discurso do rei humilhou a nobreza.
- 5a - O discurso do rei fez a nobreza humilhar-se.
- 6 - A nobreza ficou humilhada com o rei.
- 7 - A nobreza foi humilhada pelo rei.
- 8 - O rei se humilhou.
- 9 - Humilharam a nobreza com aquele discurso.
- 10 - A rainha fez o rei humilhar a nobreza.

174. Idolatrar

- 1 - Suzana idolatrava o marido pela sua bondade.
- 2a - O marido se idolatrava pela sua bondade.
- 3a - A bondade idolatrava o marido.
- 4 - A bondade fazia o marido se idolatrar.
- 5a - O marido ficava idolatrado com Suzana.
- 6 - O marido era idolatrado por Suzana.
- 7 - Suzana se idolatrava.
- 8 - Idolatravam o marido de Suzana pela sua bondade.
- 9 - A mãe fez Suzana idolatrar o marido.

## 175. Iludir

- 1 - O funcionario iludiu o diretor com seu relatorio.
- 2a- O diretor se iludiu com o relatorio do funcionario.  
b-#O diretor iludiu com o relatorio do funcionario.
- 3a- O relatorio do funcionario iludiu o diretor.  
b- O relatorio do funcionario fazia o diretor se iludir.
- 4 -#O funcionario iludiu o relatorio do diretor.
- 5a- O diretor ficou iludido com o relatorio do funcionario.  
b- O diretor foi iludido pelo funcionario.
- 6 -#O funcionario se iludiu.
- 7 - Iludiram o diretor com aquele relatorio.
- 8 - Jose fez o funcionario iludir o diretor.

## 176. Iluminar

- 1 - O bebe iluminou os pais com sua chegada.
- 2a- Os pais se iluminaram com a chegada do bebe.  
b-#Os pais iluminaram com a chegada do bebe.
- 3a- A chegada do bebe iluminou os pais.  
b- A chegada do bebe fez os pais se iluminarem.
- 4 -#O bebe iluminou a chegada dos pais.
- 5a- Os pais ficaram iluminados com a chegada do bebe.  
b-#Os pais foram iluminados pela chegada do bebe.
- 6 -#O bebe se ilumina.
- 7 -#Iluminaram os pais com aquela chegada.
- 8 -#O medico fez o bebe iluminar os pais.

## 177. Impacientar

- 1 - Marilia impacientava o namorado com sua demora.
- 2a- O namorado impacientava-se com a demora de Marilia.  
b-#O namorado impacientava com a demora de Marilia.
- 3a- A demora de Marilia impacientava o namorado.  
b- A demora de Marilia fazia o namorado se impacientar.
- 4 -#Marilia impacientava a demora do namorado.
- 5a- O namorado ficou impaciente com a demora de Marilia.  
b-#O namorado foi impacientado? por Marilia.
- 6 -#Marilia se impacienta.
- 7 -#Impacientaram o namorado com aquela demora.
- 8 -#A mae fez Marilia impacientar o namorado.

## 178. Importunar

- 1 - Raimundo importunava os convidados com sua sanfona desafinada.
- 2a- Os convidados importunavam-se com a sanfona desafinada.  
b-#Os convidados importunavam com a sanfona desafinada.
- 3a- A sanfona desafinada importunava os convidados.  
b- A sanfona desafinada fazia os convidados se importunarem.
- 4 -#Raimundo importunava a sanfona desafinada dos convidados.
- 5a- Os convidados ficaram importunados com a sanfona de Raimundo.  
b- Os convidados foram importunados por Raimundo.
- 6 -#Raimundo se importuna.
- 7 - Importunaram os convidados com a sanfona desafinada.
- 8 - Jose fez Raimundo importunar os convidados.

## 179. Impressionar

- 1 - Frederico impressiona o mestre com sua prova.
- 2a- O mestre se impressiona com a prova de Frederico.  
b-#O mestre impressiona com a prova de Frederico.
- 3a- A prova de Frederico impressiona o mestre.  
b- A prova de Frederico faz o mestre impressionar-se.
- 4 -#Frederico impressiona a prova do mestre.
- 5a- O mestre fica impressionado com a prova de Frederico.  
b-#O mestre foi impressionado por Frederico.
- 6 -#O mestre se impressiona.
- 7 -#Impressionaram o mestre com aquela prova.
- 8 -#Jose faz Frederico impressionar o mestre.

## 180. Incendiar

- 1 - A jovem incendiava o rapaz com seus olhares.
- 2a- O rapaz se incendiava com os olhares da jovem.  
b-#O rapaz incendiava com os olhares da jovem.
- 3a- Os olhares da jovem incendiavam o rapaz.  
b- Os olhares da jovem faziam o rapaz incendiar-se.
- 4 -#A jovem incendiava os olhares do rapaz.
- 5a- O rapaz ficava incendiado com os olhares da jovem.  
b- O rapaz era incendiado pela jovem.
- 6 -#O rapaz se incendiava.
- 7 - Incendiavam o rapaz com olhares.
- 8 - A amiga fazia a jovem incendiar o rapaz.

## 181. Incentivar

- 1 - O governo incentiva os investidores com seus planos.
- 2a- Os investidores se incentivam com os planos do governo.  
b-#Os investidores incentivam com os planos do governo.
- 3a- Os planos do governo incentivam os investidores.  
b- Os planos do governo fazem os investidores se incentivarem.
- 4 -#O governo incentiva os planos dos investidores.
- 5a- Os investidores ficam incentivados com os planos do governo.  
b- Os investidores sao incentivados pelo governo.
- 6 -#O governo se incentiva.
- 7 - Incentivaram os investidores com aqueles planos.
- 8 - O congresso faz o governo incentivar os investidores.

## 182. Incitar

- 1 - O violinista incitava os dançarinos com uma musica alegre.
- 2a- Os dançarinos se incitavam com a musica alegre do violinista.  
b-#Os dançarinos incitavam com a musica alegre do violinista.
- 3a- A musica alegre incitava os dançarinos.  
b- A musica alegre faz os dançarinos se incitarem.
- 4 -#O violinista incitava a musica alegre dos dançarinos.
- 5a- Os dançarinos ficaram incitados com a musica alegre do violinista.  
b- Os dançarinos foram incitados pelo violinista.
- 6 -#Os dançarinos se incitam.
- 7 - Incitaram os dançarinos com aquela musica alegre.
- 8 - O maestro fez o violinista incitar os dançarinos.

## 183. Incomodar

- 1 - O vizinho incomodava Jose com o barulho.  
 2a- Jose se incomodava com o barulho do vizinho.  
 b- Jose incomoda com o barulho do vizinho.  
 3a- O barulho do vizinho incomoda Jose.  
 b- O barulho do vizinho faz Jose incomodar-se.  
 4 -~~O~~ vizinho incomodava o barulho de Jose.  
 5a- Jose ficou incomodado com o barulho do vizinho.  
 b- Jose foi incomodado pelo vizinho.  
 6 -~~Jose~~ se incomoda.  
 7 - Incomodavam Jose com aquele barulho.  
 8 - A mulher fez o vizinho incomodar Jose.

## 184. Indignar

- 1 - Alexandre indignou as senhoras com seus trajes.  
 2a- As senhoras indignaram-se com os trajes de Alexandre.  
 b-? As senhoras indignaram com os trajes de Alexandre.  
 3a- Os trajes de Alexandre indignaram as senhoras.  
 b- Os trajes de Alexandre fizeram a senhora indignar-se.  
 4 -~~Alexandre~~ indignou os trajes da senhora.  
 5a- As senhoras ficaram indignadas com os trajes de Alexandre.  
 b-~~As~~ senhoras foram indignadas por Alexandre.  
 6 -~~As~~ senhoras se indignaram.  
 7 -~~Indignaram~~ as senhoras com aqueles trajes.  
 8 -~~O~~ pai fez Alexandre indignar as senhoras.

## 185. Inebriar

- 1 - Leo inebriava a noiva com seus beijos. (enlevar)  
 2a- A noiva se inebriava com os beijos de Leo.  
 b-~~A~~ noiva inebriava com os beijos de Leo.  
 3a- Os beijos de Leo inebriavam a noiva.  
 b- Os beijos de Leo faziam a noiva inebriar-se.  
 4 -~~Leo~~ inebriava os beijos da noiva.  
 5a- A noiva ficava inebriada com Leo.  
 b-~~A~~ noiva foi inebriada por Leo.  
 6 -~~Leo~~ se inebriava.  
 7 -~~Inebriavam~~ a noiva aqueles beijos.  
 8 -~~Paulo~~ fazia Leo inebriar a noiva.

## 186. Influenciar

- 1 - Juscelino influenciava o povo com suas declaracoes.  
 2a- O povo se influenciava com as declaracoes de Juscelino.  
 b-~~O~~ povo influenciava com as declaracoes de Juscelino.  
 3a- As declaracoes de Juscelino influenciavam o povo.  
 b- As declaracoes de Juscelino fizeram o povo se influenciar.  
 4 -~~Juscelino~~ influenciava as suas declaracoes do povo.  
 5a- O povo ficava influenciado com as declaracoes de Juscelino.  
 b- O povo era influenciado por Juscelino.  
 6 -~~O~~ povo se influenciava.  
 7 - Influenciavam o povo com declaracoes.  
 8 - O ministerio fazia Juscelino influenciar o povo.

## 187. Inibir

- 1 - O mestre inibia os discipulos com sua sabedoria.  
 2a- Os discipulos se inibiam com a sabedoria do mestre.  
 b-~~Os~~ discipulos inibiam com a sabedoria do mestre.  
 3a- A sabedoria do mestre inibia os discipulos.  
 b- A sabedoria do mestre fazia os discipulos se inibirem.  
 4 -~~O~~ mestre inibia a sabedoria dos discipulos.  
 5a- Os discipulos ficaram inibidos com a sabedoria do mestre.  
 b- Os discipulos foram inibidos pelo mestre.  
 6 -~~O~~ mestre se inibiu.  
 7 - Inibiram os discipulos com tanta sabedoria.(com disciplina)  
 8 - O guru fez o mestre inibir os discipulos.

## 188. Inquietar

- 1 - O professor inquietava a classe com sua atitude.  
 2a- A classe se inquietava com a atitude do professor.  
 b-~~A~~ classe inquietava com a atitude do professor.  
 3a- A atitude do professor inquietava a classe.  
 b- A atitude do professor fazia a classe se inquietar.  
 4 -~~O~~ professor inquietava a atitude da classe.  
 5a- A classe ficou inquieta com a atitude do professor.  
 b-~~A~~ classe foi inquieta pelo professor.  
 6 -~~O~~ professor se inquietou.  
 7 -~~Inquietaram~~ a classe com a atitude.  
 8 -~~O~~ diretor fez o professor inquietar a classe.

## 189. Instigar

- 1 - As criancas instigavam Paulinho com seus gritos. (incentivar)  
 2a- Paulinho se instigava com os gritos das criancas.  
 b-~~Paulinho~~ instigava com os gritos das criancas.  
 3a- Os gritos das criancas instigavam Paulinho.  
 b- Os gritos das criancas faziam Paulinho instigar-se.  
 4 -~~As~~ criancas instigavam os gritos de Paulinho.  
 5a- Paulinho ficou instigado com os gritos das criancas.  
 b- Paulinho foi instigado pelas criancas.  
 6 -~~As~~ criancas se instigavam.  
 7 - Instigaram Paulinho com muitos gritos.  
 8 - A mae fez as criancas instigarem Paulinho.

## 190. Intimidar

- 1- O delegado intimidava a oposicao com seus capangas.  
 2a- A oposicao se intimidava com os capangas do delegado.  
 b-~~A~~ oposicao intimidava com os capangas do delegado.  
 3a- Os capangas do delegado intimidavam a oposicao.  
 b- Os capangas do delegado faziam a oposicao intimidar-se.  
 4 -~~O~~ delegado intimidava os capangas da oposicao.  
 5a- A oposicao ficou intimidada com os capangas do delegado.  
 b- A oposicao foi intimidada pelo delegado.  
 6 -~~O~~ delegado se intimidou.  
 7 - Intimidaram a oposicao com aqueles capangas.  
 8 - O presidente fez o delegado intimidar a oposicao.

## 191. Intranquilizar

- 1 - O governo intranquilizava a populacao com suas medidas.
- 2a- A populacao se intranquilizava com as medidas do governo.
  - b-~~A~~ populacao intranquilizava com as medidas do governo.
- 3a- As medidas do governo intranquilizavam a populacao.
  - b- As medidas do governo faziam a populacao se intranquilizar.
- 4 -~~O~~ governo intranquilizava as medidas do governo.
- 5a- A populacao ficou intranquilizada?/intranquila com as medidas do governo.
  - b- A populacao foi intranquilizada pelo governo.
- 6 -~~O~~ governo se intranquiliza.
- 7 - Intranquilizaram a populacao com aquelas medidas.
- 8 - O congresso fez o governo intranquilizar a populacao.

## 192. Intrigar

- 1 - Janio intrigou os politicos com sua aparicao na TV.
- 2a- Os politicos se intrigaram com a aparicao de Janio na TV.
  - b-~~Os~~ politicos intrigaram com a aparicao de Janio na TV.
- 3a- A aparicao de Janio na TV intrigou os politicos.
  - b- A aparicao de Janio na TV fez os politicos se intrigarem.
- 4 -~~Janio~~ intrigou a aparicao dos politicos.
- 5a- Os politicos ficaram intrigados com a aparicao de Janio na TV.
  - b- Os politicos foram intrigados por Janio.
- 6 -~~Janio~~ se intrigou.
- 7 - Intrigaram os politicos com aquela aparicao.
- 8 - Sua mulher fez Janio intrigar os politicos.

## 193. Invejar

- 1 - Paulo invejava Jose por sua inteligencia.
- 2a-~~Jose~~ se invejava por sua inteligencia.
  - b-~~Jose~~ invejava por sua inteligencia.
- 3a-~~Sua~~ inteligencia invejava Jose.
  - b-~~Sua~~ inteligencia fazia Jose invejar-se.
- 4 - Paulo invejava a inteligencia de Jose.
- 5a-~~Jose~~ ficou invejado com Paulo.
  - b- Jose foi invejado por Paulo.
- 6 -~~Paulo~~ se inveja.
- 7 - Invejavam Jose por sua inteligencia.
- 8 - Maria fez Paulo invejar Jose.

## 194. Irar

- 1 - Lucia irou a vizinha com suas fofocas.
- 2a- A vizinha se irou com as fofocas de Lucia.
  - b-~~A~~ vizinha irou com as fofocas de Lucia.
- 3a- As fofocas de Lucia iraram a vizinha.
  - b- As fofocas de Lucia fizeram a vizinha se irar.
- 4 -~~Lucia~~ irou as fofocas da vizinha.
- 5a- A vizinha ficou irada com as fofocas de Lucia.
  - b-~~A~~ vizinha foi irada por Lucia.
- 6 -~~Lucia~~ se irou.
- 7 -~~Iraram~~ a vizinha com aquelas fofocas.
- 8 -~~O~~ marido fez Lucia irar a vizinha.

## 195. Irritar

- 1 - O rapaz irritava o pai com suas maneiras.
- 2a- O pai irritava-se com as maneiras do rapaz.
  - b-~~O~~ pai irritava com as maneiras do rapaz.
- 3a- As maneiras do rapaz irritavam o pai.
  - b- As maneiras do rapaz faziam o pai se irritar.
- 4 -~~O~~ rapaz irritava as maneiras do pai.
- 5a- O pai ficou irritado com as maneiras do rapaz.
  - b-~~O~~ pai foi irritado pelo rapaz.
- 6 -~~O~~ rapaz se irritava.
- 7 -~~Irritavam~~ o pai com aquelas maneiras.
- 8 -~~A~~ mae fez o rapaz irritar o pai.

## 196. Jovializar

- 1 - O namorado jovializava Renata com incentivos.
- 2a- Renata se jovializava com os incentivos do namorado.
  - b-?Renata jovializava com os incentivos do namorado.
- 3a- Os incentivos do namorado jovializavam Renata.
  - b- Os incentivos do namorado faziam Renata se jovializar.
- 4 -~~O~~ namorado jovializava os incentivos de Renata.
- 5a-?Renata ficava jovializada com os incentivos do namorado.
  - b-?Renata era jovializada pelo namorado.
- 6 -~~Renata~~ se jovializava.
- 7 - Jovializavam Renata com incentivos.
- 8 - A mae fazia o namorado jovializar Renata com incentivos.

## 197. Liquidar

- 1 - Virginia liquidou Leandro com seu amor obsessivo.
- 2a- Leandro se liquidou com o amor obsessivo de Virginia.
  - b-~~Leandro~~ liquidou com o amor obsessivo de Virginia.
- 3a- O amor obsessivo de Virginia liquidou Leandro.
  - b- O amor obsessivo de Virginia fez Leandro se liquidar.
- 4 -~~Virginia~~ liquidou o amor obsessivo de Leandro.
- 5a- Leandro ficou liquidado com o amor obsessivo de Virginia.
  - b-~~Leandro~~ foi liquidado por Virginia.
- 6 -~~Leandro~~ se liquidou.
- 7 -~~Liquidaram~~ Leandro com aquele amor obsessivo.
- 8 -~~Jose~~ fez Virginia liquidar Leandro.

## 198. Lisonjejar

- 1 - O rapaz lisonjeava a moca com sua paixao.
- 2a- A moca lisonjeava-se com a paixao do rapaz.
  - b-~~A~~ moca lisonjeava com a paixao do rapaz.
- 3a- A paixao do rapaz lisonjeava a moca.
  - b- A paixao do rapaz fazia a moca lisonjejar-se.
- 4 -~~O~~ rapaz lisonjeava a paixao da moca.
- 5a- A moca ficou lisonjeada com a paixao do rapaz.
  - b- A moca foi lisonjeada pelo rapaz.
- 6 -~~O~~ rapaz se lisonjeava.
- 7 - Lisonjearam a moca com aquela paixao.
- 8 - Paulo fez o rapaz lisonjejar a moca.

## 199. Louvar

- 1 - Os fieis louvam o senhor por suas graças.
- 2a- O senhor se louva por suas graças.
- b- O senhor louva por suas graças.
- 3a- Suas graças louvam o senhor.
- b- Suas graças fazem louvar o senhor.
- 4 - Os fieis louvam as graças do senhor.
- 5a- O senhor fica louvado com os fieis.
- b- O senhor foi louvado pelos fieis.
- 6 - Os fieis se louvam.
- 7 - Louvaram o senhor por suas graça.
- 8 - O padre fez os fieis louvarem o senhor.

## 200. Ludibriar

- 1 - O jogador ludibriava os parceiros com seus truques sujos.
- 2a- Os parceiros se ludibriavam com os truques do jogador.
- b- Os parceiros ludibriavam com os truques do jogador.
- 3a- Os truques do jogador ludibriavam os parceiros.
- b- Os truques do jogador faziam os parceiros se ludibriarem.
- 4 - O jogador ludibriava os truques dos parceiros.
- 5a- Os parceiros ficaram ludibriados com os truques do jogador.
- b- Os parceiros foram ludibriados pelo jogador.
- 6 - O jogador se ludibriava.
- 7 - Ludibriaram os parceiros com truques sujos.
- 8 - O chefe fez o jogador ludibriar os parceiros.

## 201. Machucar

- 1 - Andre machucou Ritinha com suas mentiras. (magoar)
- 2a- Ritinha se machucou com as mentiras de Andre.
- b- Ritinha machucou com as mentiras de Andre.
- 3a- As mentiras de Andre machucaram Ritinha.
- b- As mentiras de Andre fizeram Ritinha se machucar.
- 4 - Andre machucou as mentiras de Ritinha.
- 5a- Ritinha ficou machucada com as mentiras de Andre.
- b- Ritinha foi machucada por Andre.
- 6 - Andre se machucou.
- 7 - Machucaram Ritinha com aquelas mentiras.
- 8 - Paulo fez Andre machucar Ritinha.

## 202. Magnetizar

- 1 - A Iara magnetiza os indios com seus encantos.
- 2a- O indio magnetiza-se com os encantos da Iara.
- b- O indio magnetiza com os encantos da Iara.
- 3a- Os encantos da Iara magnetizam o indio.
- b- Os encantos da Iara fazem o indio se magnetizar.
- 4 - A Iara magnetiza os encantos do indio.
- 5a- Os indios ficam magnetizados com os encantos da Iara.
- b- Os indios sao magnetizados pela Iara.
- 6 - A Iara se magnetiza.
- 7 - Magnetizam os indios com aqueles encantos.
- 8 - A sereia fez a Iara magnetizar os indios.

## 203. Magoar

- 1 - A filha magoou a mae com aquelas palavras.
- 2a- A mae se magoou com aquelas palavras.
- b- A mae magoou com aquelas palavras.
- 3a- Aquelas palavras magoaram a mae.
- b- Aquelas palavras fizeram a mae se magoar.
- 4 - A filha magoou as palavras da mae.
- 5a- A mae ficou magoada com as palavras da filha.
- b- A mae foi magoada pela filha.
- 6 - A filha se magoou.
- 7 - Magoaram a mae com aquelas palavras.
- 8 - O pai fez a filha magoar a mae.

## 204. Malquerer

- 1 - Mariana malqueria os gatos por causa de seus miados.
- 2a- Os gatos se malqueriam por causa de seus miados.
- b- Os gatos malqueriam por causa de seus miados.
- 3a- Os miados malqueriam os gatos.
- b- Os miados faziam os gatos se malquererem.
- 4 - Mariana malqueria os miados dos gatos.
- 5a- Os gatos ficaram malqueridos com Mariana.
- b- Os gatos eram malqueridos por Mariana.
- 6 - Mariana se malqueria.
- 7 - Malquerem os gatos por causa de seus miados.
- 8 - Paulo fez Mariana malquerer os gatos.

## 205. Maravilhar

- 1 - O jogador maravilhava a torcida com seu excelente futebol.
- 2a- A torcida se maravilhava com o jogador.
- b- A torcida maravilhava com o jogador.
- 3a- O excelente futebol do jogador maravilhava a torcida.
- b- O excelente futebol do jogador fazia a torcida maravilhar-se.
- 4 - O jogador maravilhava o excelente futebol da torcida.
- 5a- A torcida ficou maravilhada com o excelente futebol do jogador.
- b- A torcida foi maravilhada pelo jogador.
- 6 - O jogador se maravilhava.
- 7 - Maravilharam a torcida com o excelente futebol.
- 8 - O tecnico fez o jogador maravilhar a torcida.

## 206. Martirizar

- 1 - As mulheres martirizam os homens com seus caprichos.
- 2a- Os homens se martirizam com os caprichos das mulheres.
- b- Os homens martirizam com os caprichos das mulheres.
- 3a- Os caprichos das mulheres martirizam os homens.
- b- Os caprichos das mulheres fazem os homens se martirizarem.
- 4 - As mulheres martirizam os caprichos dos homens.
- 5a- Os homens ficam martirizados com o capricho das mulheres.
- b- Os homens sao martirizados pelas mulheres.
- 6 - As mulheres se martirizam.
- 7 - Martirizam os homens com caprichos.
- 8 - A sociedade faz as mulheres martirizarem os homens.

## 207. Melindrar

- 1 - Joao melindrou o amigo com aquela brincadeira.
- 2a- O amigo se melindrou com aquela brincadeira.
  - b-#O amigo melindrou com aquela brincadeira.
- 3a- A brincadeira melindrou o amigo.
  - b- A brincadeira fez o amigo melindrar-se.
- 4 -#Joao melindrou a brincadeira do amigo.
- 5a- O amigo ficou melindrado com a brincadeira de Joao.
  - b-#O amigo foi melindrado por Joao.
- 6 -#Joao se melindrou.
- 7 -#Melindraram o amigo com aquela brincadeira.
- 8 -#Paulo fez Joao melindrar o amigo com aquela brincadeira.

## 208. Menosprezar

- 1 - O professor menosprezava o aluno por sua inconveniencia.
- 2a-#O aluno se menosprezava por sua inconveniencia.
  - b-#O aluno menosprezava por sua inconveniencia.
- 3a-#A inconveniencia menosprezava o aluno.
  - b-#A inconveniencia fazia o aluno se menosprezar.
- 4 - O professor menosprezava a inconveniencia do aluno.
- 5a-#O aluno ficou menosprezado com o professor.
  - b- O aluno foi menosprezado pelo professor.
- 6 - O professor se menospreza.
- 7 - Menosprezavam o aluno por sua inconveniencia.
- 8 - O diretor fez o professor menosprezar o aluno.

## 209. Mimar

- 1 - A avo mimava o netinho com seus exageros.
- 2a- O netinho se mimava com os exageros da avo.
  - b-#O netinho mimava com os exageros da avo.
- 3a- Os exageros da avo mimavam o netinho.
  - b- Os exageros da avo faziam o netinho mimar-se.
- 4 -#A avo mimava os exageros do netinho.
- 5a- O netinho ficou mimado com os exageros da avo.
  - b- O netinho foi mimado pelos exageros da avo.
- 6 -#A avo se mimou.
- 7 - Mimaram o netinho com tantos exageros.
- 8 - O avo fez a avo mimar o netinho.

## 210. Modificar

- 1 - Altamira modificou Jose com seus conselhos.
- 2a- Jose se modificou com os conselhos de Altamira.
  - b-?Jose modificou com os conselhos de Altamira.
- 3a- Os conselhos de Altamira modificaram Jose.
  - b- Os conselhos de Altamira fizeram Jose modificar-se.
- 4 -#Altamira modificou os conselhos de Jose.
- 5a- Jose ficou modificado com os conselhos de Altamira.
  - b- Jose foi modificado por Altamira.
- 6 - Jose se modificou.
- 7 - Modificaram Jose com conselhos.
- 8 - A mae fez Altamira modificar Jose.

## 211. Mortificar

- 1 - A monja mortificava a novica com penitencias.(atormentar,horrorizar)
- 2a- A novica se mortificava com penitencias.
  - b-#A novica mortificava com penitencias.
- 3a- As penitencias mortificavam a novica.
  - b- As penitencias faziam a novica mortificar-se.
- 4 -#A monja mortificava as penitencias da novica.
- 5a- A novica ficou mortificada com as penitencias da monja.
  - b- A novica foi mortificada pela monja.
- 6 -#A monja se mortificava.
- 7 - Mortificavam a novica com penitencias.
- 8 - A madre superiora fazia a monja mortificar a novica.

## 212. Motivar

- 1 - O presidente motivou as mulheres com o congelamento de precos.
- 2a- As mulheres se motivaram com o congelamento de precos.
  - b-?As mulheres motivaram com o congelamento de precos.
- 3a- O congelamento de precos motivou as mulheres.
  - b- O congelamento de precos fez as mulheres se motivarem.
- 4 -#O presidente motivou o congelamento de precos das mulheres.
- 5a- As mulheres ficaram motivadas com o congelamento de precos.
  - b- As mulheres foram motivadas pelo presidente.
- 6 -#O presidente se motivou.
- 7 - Motivaram as mulheres com o congelamento de precos.
- 8 - O ministerio fez o presidente motivar as mulheres.

## 213. Namorar

- 1 - Joaquim namorava aquele relógio por sua delicadeza.(deseja ardentemente)
- 2a-#O relógio se namorava.
  - b-#O relógio namorava.
- 3a-#A delicadeza namorava aquele relógio.
  - b-#A delicadeza fazia o relógio namorar-se.
- 4 - Joaquim namorava a delicadeza daquele relógio.
- 5a-#O relógio ficava namorado com Joaquim.
  - b- O relógio era namorado por Joaquim.
- 6 -#Joaquim se namorava.
- 7 - Namoravam aquele relógio por sua delicadeza.
- 8 - O avo fez Joaquim namorar aquele relógio.

## 214. Nausear

- 1 - O deputado nauseava o eleitor com aqueles discursos.
- 2a- O eleitor se nauseava com os discursos do deputado.
  - b-#O eleitor nauseava com os discursos do deputado.
- 3a- Aqueles discursos nauseavam o eleitor.
  - b- Aqueles discursos faziam o eleitor nausear-se.
- 4 -#O deputado nauseava os discursos do eleitor.
- 5a- O eleitor ficou nauseado com os discursos do deputado.
  - b-#O eleitor foi nauseado pelo deputado.
- 6 -#O deputado se nauseia.
- 7 -#Nausearam o eleitor com aqueles discursos.
- 8 -#O partido fez o deputado nausear o eleitor.

## 215. Obcecar

- 1 - Paulo obcecava a namorada com sua paixão.
- 2a- A namorada obcecava-se com aquela paixão.  
b-?A namorada obcecava com aquela paixão.
- 3a- Aquela paixão obcecava a namorada.  
b- Aquela paixão fazia a namorada obcecar-se.
- 4 -?Paulo obcecava a paixão da namorada.
- 5a- A namorada ficou obcecada com a paixão de Paulo.  
b-?A namorada foi obcecada por Paulo.
- 6 - ?Paulo se obcecou.
- 7 - ?Obcecaram a namorada com aquela paixão.
- 8 -?João fez Paulo obcecar a namorada.

## 216. Odiar

- 1 - A menina odiava a professora por causa de sua braveza.
- 2a-?A professora se odiava por causa de sua braveza.  
b-?A professora odiava por causa de sua braveza.
- 3a-?A braveza odiava a professora.  
b-?A braveza fazia a professora odiar-se.
- 4 - A menina odiava a braveza da professora.
- 5a-?A professora ficou odiada com a menina.  
b- A professora foi odiada pela menina.
- 6 - A menina se odiava.
- 7 - Odiavam a professora pela sua braveza.
- 8 - A colega fez a menina odiar a professora.

## 217. Ofender

- 1 - O marido ofendeu Olga com seus insultos.
- 2a- Olga ofendeu-se com o marido.  
b-?Olga ofendeu com o marido.
- 3a- Os insultos do marido ofenderam Olga.  
b- Os insultos do marido fizeram Olga ofender-se.
- 4 -?O marido ofendeu os insultos de Olga.
- 5a- Olga ficou ofendida com os insultos do marido.  
b- Olga foi ofendida pelo marido.
- 6 -?Olga se ofendeu.
- 7 - Ofenderam Olga com aqueles insultos.
- 8 - O amigo fez o marido ofender Olga.

## 218. Oprimir

- 1 - A mãe oprimia o filho com seu zelo excessivo.
- 2a- O filho se oprimia com o zelo excessivo da mãe.  
b-?O filho oprimia com o zelo excessivo da mãe.
- 3a- O zelo excessivo da mãe oprimia o filho.  
b- O zelo excessivo da mãe fazia o filho se oprimir.
- 4 -?A mãe oprimia o zelo excessivo do filho.
- 5a- O filho ficava oprimido com o zelo excessivo da mãe.  
b- O filho foi oprimido pela mãe.
- 6 -?A mãe se oprimia.
- 7 - Oprimiam o filho com aqueles zelos excessivos.
- 8 - O pai fazia a mãe oprimir o filho.

## 219. Orgulhar

- 1 - O discípulo orgulhava o mestre com sua dedicação.
- 2a- O mestre se orgulhava com a dedicação do discípulo.  
b-?O mestre orgulhava com a dedicação do discípulo.
- 3a- A dedicação do discípulo orgulhava o mestre.  
b- A dedicação do discípulo fazia o mestre orgulhar-se.
- 4 -?O discípulo orgulhava a dedicação do mestre.
- 5a- O mestre ficou orgulhoso com a dedicação do discípulo.  
b-?O mestre foi orgulhoso pelo discípulo.
- 6 -?O discípulo se orgulha.
- 7 -?Orgulharam o mestre com aquela dedicação.
- 8 -?O diretor fez o discípulo orgulhar o mestre.

## 220. Oricar

- 1 - O diretor oricou o aluno com suas palavras.
- 2a- O aluno se oricou com as palavras do diretor.  
b- O aluno oricou com as palavras do diretor.
- 3a- As palavras do diretor oricaram o aluno.  
b- As palavras do diretor fizeram o aluno oricar-se.
- 4 -?O diretor oricou as palavras do aluno.
- 5a- O aluno ficou oricado com as palavras do diretor.  
b- O aluno foi oricado pelo diretor.
- 6 -?O diretor se oricou.
- 7 - Oricaram o aluno com aquelas palavras.
- 8 - O professor fez o diretor oricar o aluno.

## 221. Pacificar

- 1 - O governo pacificou a rebelião com concessões.
- 2a- A rebelião se pacificou com as concessões do governo.  
b-?A rebelião pacificou com as concessões do governo.
- 3a- As concessões do governo pacificaram a rebelião.  
b- As concessões do governo fizeram a rebelião se pacificar.
- 4 -?O governo pacificou as concessões da rebelião.
- 5a-?A rebelião ficou pacificada com o governo.  
b- A rebelião foi pacificada pelo governo.
- 6 - O governo se pacificou.
- 7 - Pacificaram a rebelião com concessões.
- 8 - O ministério fez o governo pacificar a rebelião.

## 222. Paralisar

- 1 - O presidente paralisou o povo com medidas tão drásticas.(assustar)
- 2a- O povo se paralisou com as medidas do presidente.  
b-?O povo paralisou com as medidas do presidente.
- 3a- As medidas do presidente paralisaram o povo.  
b- As medidas do presidente fizeram o povo paralisar-se.
- 4 -?O presidente paralisou as medidas drásticas do povo.
- 5a- O povo ficou paralisado com as medidas drásticas do presidente.  
b-?O povo foi paralisado pelo presidente.
- 6 - ?O povo se paralisou.
- 7 -?Paralisaram o povo com aquelas medidas.
- 8 -?O ministro fez o presidente paralisar o povo.

## 223. Pasmar

- 1 - O aviador pasmava o publico com suas acrobacias.
- 2a- O publico se pasmava com as acrobacias do aviador.
  - b- O publico pasmava com as acrobacias do aviador.
- 3a- As acrobacias do aviador pasmavam o publico.
  - b- As acrobacias do aviador faziam o publico se pasmar.
- 4 -#O aviador pasmava as acrobacias do aviador.
- 5a- O publico ficou pasmado/pasmo com as acrobacias do aviador
  - b-#O publico foi pasmado pelas acrobacias do aviador.
- 6 -#O aviador se pasma.
- 7 -#Pasmaram o publico com aquelas acrobacias.
- 8 -#O comandante fez o aviador pasmar o publico.

## 224. Penalizar

- 1 - O filho penalizou a mae com sua atitude. (afliqir, causar pena)
- 2a- A mae se penalizou com a atitude do filho.
  - b-#A mae penalizou com a atitude do filho.
- 3a- A atitude do filho penalizou a mae.
  - b- A atitude do filho fez a mae se penalizar.
- 4 -#O filho penalizou a atitude da mae.
- 5a- A mae ficou penalizada com a atitude do filho.
  - b-#A mae foi penalizada pelo filho.
- 6 -#O filho se penalizou.
- 7 -#Penalizaram a mae com aquela atitude.
- 8 -#O pai fez o filho penalizar a mae.

## 225. Perdoar

- 1 - Eulalia perdoou o marido pelos erros.
- 2a-#O marido se perdoou pelos erros.
  - b-#O marido perdoou pelos erros.
- 3a-#Os erros perdoaram o marido.
  - b-#Os erros fizeram o marido perdoar-se.
- 4 - Eulalia perdoou os erros do marido.
- 5a-#O marido ficou perdoado com Eulalia.
  - b- O marido foi perdoado por Eulalia.
- 6 - Eulalia se perdoou.
- 7 - Perdoaram o marido pelos erros.
- 8 - A mae fez Eulalia perdoar o marido pelos erros.

## 226. Pertubar

- 1 - Carlos perturbava Lia com suas confissoes. (afliqir, chatear)
- 2a- Lia se perturbava com as confissoes de Carlos.
  - b-#Lia perturbava com as confissoes de Carlos.
- 3a- As confissoes de Carlos perturbavam Lia.
  - b- As confissoes de Carlos faziam Lia se perturbar.
- 4 -#Carlos perturbava as confissoes de Lia.
- 5a- Lia ficou perturbada com as confissoes de Carlos.
  - b- Lia foi perturbada por Carlos.
- 6 -#Carlos se perturbava.
- 7 - Perturbavam Lia com aquele barulho.
- 8 - Paulo fazia Carlos perturbar Lia.

## 227. Pirar

- 1 - Joao pirava Maria com suas brincadeiras.
- 2a- Maria se pirava com as brincadeiras de Joao.
  - b- Maria pirava com as brincadeiras de Joao.
- 3a- As brincadeiras de Joao piravam Maria.
  - b- As brincadeiras de Joao faziam Maria se pirar.
- 4 -#Joao pirava as brincadeiras de Maria.
- 5a- Maria ficava pirada com as brincadeiras de Joao.
  - b-#Maria foi pirada por Joao.
- 6 -#Maria se pirava.
- 7 -#Piravam Maria com aquelas brincadeiras.
- 8 -#A mae fez Joao pirar Maria.

## 228. Preocupar

- 1 - Rosa preocupava a mae com sua arrogancia.
- 2a- A mae se preocupava com a arrogancia de Rosa.
  - b-?A mae preocupava com a arrogancia de Rosa.
- 3a- A arrogancia de Rosa preocupava a mae.
  - b- A arrogancia de Rosa fazia a mae preocupar-se.
- 4 -#Rosa preocupava a arrogancia da mae.
- 5a- A mae ficava preocupada com a arrogancia de Rosa.
  - b-#A mae foi preocupada por Rosa.
- 6 -#Rosa se preocupa.
- 7 -#Preocupam a mae com aquela arrogancia.
- 8 -#O pai fazia Rosa preocupar a mae.

## 229. Prestigiar

- 1 - Os funcionarios prestigiaram o chefe com sua presenca.
- 2a- O chefe se prestigiou com a presenca dos funcionarios.
  - b-#O chefe prestigiou com a presenca dos funcionarios.
- 3a- A presenca dos funcionarios prestigiou o chefe.
  - b- A presenca dos funcionarios fez o chefe se prestigiar.
- 4 -#Os funcionarios prestigiaram a presenca do chefe.
- 5a- O chefe ficou prestigiado com a presenca dos funcionarios.
  - b- O chefe foi prestigiado pelos funcionarios.
- 6 - O chefe se prestigia.
- 7 - Prestigiaram o chefe com aquela presenca.
- 8 - O departamento fez os funcionarios prestigiarem o chefe.

## 230. Prezar

- 1 - O homem preza uma companheira pela sua lealdade.
- 2a-#Uma companheira se preza pela lealdade.
  - b-#Uma companheira preza pela sua lealdade.
- 3a-#A lealdade preza a companheira.
  - b-#A lealdade faz a companheira se prezar.
- 4 - O homem preza a lealdade de uma companheira.
- 5a-#Uma companheira fica prezada com o homem.
  - b- Uma companheira e prezada pelo homem.
- 6 - O homem se preza.
- 7 - Prezam uma companheira por sua lealdade.
- 8 - A vida faz o homem prezar uma companheira.

## 231. Provocar

- 1 - Massu provocou o amigo com aquela conversa.
- 2a- O amigo se provocou com aquela conversa de Massu.  
b-#O amigo provocou com aquela conversa.
- 3a- A conversa de Massu provocou o amigo.  
b- A conversa de Massu fez o amigo provocar-se.
- 4 -#Massu provocou a conversa do amigo.
- 5a-#O amigo ficou provocado com Massu.  
b- O amigo foi provocado por Massu.
- 6 -#Massu se provoca.
- 7 - Provocaram Massu com aquela conversa.
- 8 - O padre fez Massu provocar o amigo.

## 232. Purificar

- 1 - Clara purificou Leo com seu amor.
- 2a- Leo se purificou com o amor de Clara.  
b-?Leo purificou com o amor de Clara.
- 3a- O amor de Clara purificou Leo.  
b- O amor de Clara fez Leo se purificar.
- 4 -#Clara purificou o amor de Leo.
- 5a- Leo ficou purificado com o amor de Clara.  
b- Leo foi purificado por Clara.
- 6 - Leo se purificou.
- 7 - Purificaram Leo com aquele amor.
- 8 - O padre fez Clara purificar Leo.

## 233. Querer

- 1 - O governador queria aquele funcionario por sua competencia.
- 2a-#O funcionario se queria por sua competencia.  
b-#O funcionario queria por sua competencia.
- 3a-#A competencia queria aquele funcionario.  
b-#A competencia fez aquele funcionario querer-se.
- 4 - O governador queria a competencia daquele funcionario.
- 5a-#O funcionario ficou querido com o governador.  
b- O funcionario foi querido pelo governador.
- 6 -#O governador se queria.
- 7 - Queriam aquele funcionario por sua competencia.
- 8 - O ministro fez o governador querer aquele funcionario.

## 234. Quietar

- 1 - A mae quietou o garoto com uma cancao de ninar.
- 2a- O garoto se quietou com uma cancao de ninar.  
b- O garoto quietou com uma cancao de ninar.
- 3a- A cancao de ninar quietou o garoto.  
b- A cancao de ninar fez o garoto se quietar.
- 4 -#A mae quietou a cancao de ninar do garoto.
- 5a- O garoto ficou quieto com a cancao de ninar da mae.  
b- O garoto foi quietado? pela mae.
- 6 - O garoto se quietou.
- 7 - Quietaram o garoto com uma cancao de ninar.
- 8 - O pai fez a mae quietar o garoto.

## 235. Reabilitar

- 1 - O professor reabilitava seus alunos com dedicacao.
- 2a- Os alunos se reabilitavam com a dedicacao do professor.  
b-?Os alunos reabilitavam com a dedicacao do professor.
- 3a- A dedicacao do professor reabilitava os alunos.  
b- A dedicacao do professor fazia os alunos se reabilitarem.
- 4 -#O professor reabilitava a dedicao dos alunos.
- 5a-#Os alunos ficavam reabilitados com a dedicacao do professor.  
b- Os alunos eram reabilitados pelo professor.
- 6 - O professor se reabilitava.
- 7 - Reabilitavam os alunos com dedicacao.
- 8 - O diretor fazia o professor reabilitar os alunos.

## 236. Reanimar

- 1 - Maria reanimou Jose com suas esperancas.
- 2a- Jose se reanimou com as esperancas de Maria.  
b-?Jose reanimou com as esperancas de Maria.
- 3a- As esperancas de Maria reanimaram Jose.  
b- As esperancas de Maria fizeram Jose reanimar-se.
- 4 -#Maria reanimou as esperancas de Jose.
- 5a- Jose ficou reanimado com as esperancas de Maria.  
b- Jose foi reanimado por Maria.
- 6 - Maria se reanimou.
- 7 - Reanimaram Jose com esperancas.
- 8 - A mae fez Maria reanimar Jose.

## 237. Reaticar

- 1 - Os estrangeiros reaticaram o povo com sua chegada.
- 2a- O povo reaticou-se com a chegada dos estrangeiros.  
b-?O povo reaticou com a chegada dos estrangeiros.
- 3a- A chegada dos estrangeiros reaticou o povo.  
b- A chegada dos estrangeiros fez o povo brasileiro reaticar-se.
- 4 -#Os estrangeiros reaticaram a chegada do povo.
- 5a- O povo ficou reaticado com a chegada dos estrangeiros.  
b- O povo foi reaticado pelos estrangeiros.
- 6 -#O povo se reaticou.
- 7 - Reaticaram o povo com aquela chegada.
- 8 - O governo fez os estrangeiros reaticarem o povo.

## 238. Reavivar

- 1 - Lillian reavivou Hans com suas lembrancas.
- 2a- Hans se reavivou com aquelas lembrancas.  
b- Hans reavivou com aquelas lembrancas.
- 3a- Aquelas lembrancas reavivaram Hans.  
b- Aquelas lembrancas fizeram Hans reavivar-se.
- 4 -#Lillian reavivou suas lembrancas de Hans.
- 5a- Hans ficou reavivado com aquelas lembrancas.  
b- Hans foi reavivado por Lillian.
- 6 -#Lillian se reavivou.
- 7 - Reavivaram Hans com aquelas lembrancas.
- 8 - Jose fez Lillian reavivar Hans.

## 239. Rebelar

- 1 - O rei rebelou o povo com os altos impostos.
- 2a- O povo rebelou-se com os altos impostos.
  - b-?O povo rebelou com os altos impostos.
- 3a- Os altos impostos rebelaram o povo.
  - b- Os altos impostos fizeram o povo rebelar-se.
- 4 -?O rei rebelou os altos impostos do povo.
- 5a- O povo ficou rebelado com os altos impostos do rei.
  - b-?O povo foi rebelado pelo rei.
- 6 -?O rei se rebelou.
- 7 -?Rebelaram o povo com os altos impostos.
- 8 -?A rainha fez o rei rebelar o povo.

## 240. Recalcar

- 1 - A mae recalcou a crianca com sua amargura.
- 2a- A crianca se recalcou com a amargura da mae.
  - b-?A crianca recalcou com a amargura da mae.
- 3a- A amargura da mae recalcou a crianca.
  - b- A amargura da mae fez a crianca recalcar-se.
- 4 -?A mae recalcou a amargura da crianca.
- 5a- A crianca ficou recalçada com a amargura da mae.
  - b-?A crianca foi recalçada pela mae.
- 6 -?A mae se recalcou.
- 7 -?Recalcaram a crianca com aquela amargura.
- 8 -?O pai fez a mae recalcar a crianca.

## 241. Recear

- 1 - Rosalia receava seus irmaos por causa da agressividade deles.
- 2a-?Seus irmaos se receavam por causa da agressividade.
  - b-?Seus irmaos receavam por causa da agressividade.
- 3a-?A agressividade deles receava os irmaos.
  - b-?A agressividade deles fazia os irmaos recearem-se.
- 4 - Rosalia receava a agressividade dos irmaos.
- 5a-?Os irmaos ficaram receados com Rosalia.
  - b- Os irmaos eram receados por Rosalia.
- 6 -?Rosalia se receava.
- 7 - Receavam os irmaos pela agressividade deles.
- 8 - A mae fez Rosalia recear os irmaos.

## 242. Reconfortar

- 1 - A mae reconfortava o filho doente com uma sopinha de legumes.
- 2a- O filho se reconfortava com uma sopinha de legumes.
  - b-?O filho reconfortava com uma sopinha de legumes.
- 3a- Uma sopinha de legumes reconfortava o filho doente.
  - b- Uma sopinha de legumes fazia o filho doente reconfortar-se.
- 4 -?A mae reconfortava uma sopinha de legumes do filho doente.
- 5a-?O filho ficou reconfortado com a mae.
  - b- O filho foi reconfortado pela mae.
- 6 -?A mae se reconfortava.
- 7 - Reconfortaram o filho doente com uma sopa de legumes.
- 8 - O medico fez a mae reconfortar o filho doente.

## 243. Regalar

- 1 - Mariaiva regalou o visitante com um bom vinho.(agradar)
- 2a- O visitante se regalou com um bom vinho.
  - b-?O visitante regalou com um bom vinho.
- 3a- Um bom vinho regalou o visitante.
  - b- Um bom vinho fez o visitante se regalar.
- 4 -?Mariaiva regalou um bom vinho do visitante.
- 5a-?O visitante ficou regalado com Mariaiva.
  - b-?O visitante foi regalado por Mariaiva.
- 6 -?Mariaiva se regalou.
- 7 -?Regalaram o visitante com um bom vinho.
- 8 - Jose fez Mariaiva regalar o visitante.

## 244. Regenerar

- 1 - O pai regenerou o filho com seu carinho.
- 2a- O filho se regenerou com o carinho do pai.
  - b-?O filho regenerou com o carinho do pai.
- 3a- O carinho do pai regenerou o filho.
  - b- O carinho do pai fez o filho se regenerar.
- 4 -?O pai regenerou o carinho do filho.
- 5a-?O filho ficou regenerado com o pai.
  - b- O filho foi regenerado pelo pai.
- 6 - O filho se regenerou.
- 7 - Regeneraram o filho com muito carinho.
- 8 - A mae fez o pai regenerar o filho.

## 245. Regozijar

- 1 - Maae regozijava Pilo com sua hospitalidade.
- 2a- Pilo se regozijava com a hospitalidade de maae.
  - b-?Pilo regozijava com a hospitalidade de maae.
- 3a- A hospitalidade de maae regozijava Pilo.
  - b- A hospitalidade de maae fazia Pilo regozijar-se.
- 4 -?Maae regozijava a hospitalidade de Pilo.
- 5a-?Pilo ficou regozijada com a hospitalidade de maae.
  - b-?Pilo foi regozijada por maae.
- 6 -?Maae se regozijava.
- 7 -?Regozijaram Pilo com aquela hospitalidade.
- 8 -?Papai fez maae regozijar Pilo.

## 246. Rejeitar

- 1 - Sinha rejeitou a comida por causa de seu cheiro gorduroso.
- 2a-?A comida se rejeitou por causa do cheiro gorduroso.
  - b-?A comida rejeitou por causa do cheiro gorduroso.
- 3a-?O cheiro gorduroso rejeitou a comida.
  - b-?O cheiro gorduroso fazia a comida rejeitar-se.
- 4 - Sinha rejeitou o cheiro gorduroso da comida.
- 5a-?A comida ficou rejeitada com Sinha.
  - b- A comida foi rejeitada por Sinha.
- 6 - Sinha se rejeita.
- 7 - Rejeitaram a comida pelo seu cheiro gorduroso.
- 8 - A mae fez Sinha rejeitar a comida.

## 247. Rejubililar

- 1 - O cantor rejubilou a plateia com sua presença viva.(alegrar)
- 2a- A plateia se rejubilou com a presença viva do cantor.  
b-#A plateia rejubilou com a presença viva do cantor.
- 3a- A presença viva do cantor rejubilou a plateia.  
b- A presença viva do cantor fez a plateia rejubililar-se.
- 4 -#O cantor rejubilou a presença viva da plateia.
- 5a-?A plateia ficou rejubilada com a presença viva do cantor.  
b-?A plateia foi rejubilada pelo cantor.
- 6 - A plateia se rejubila.
- 7 -?Rejubilaram a plateia com aquela presença viva.
- 8 -?O diretor fez o cantor rejubililar a plateia.

## 248. Relaxar

- 1 - O humorista relaxou a plateia com suas piadas.
- 2a- A plateia se relaxou com as piadas do humorista.  
b- A plateia relaxou com as piadas do humorista.
- 3a- As piadas do humorista relaxaram a plateia.  
b- As piadas do humorista fizeram a plateia relaxar.
- 4 -#O humorista relaxou as piadas da plateia.
- 5a- A plateia ficou relaxada com as piadas do humorista.  
b- A plateia foi relaxada pelo humorista.
- 6 - O humorista se relaxou.
- 7 - Relaxaram a plateia com umas piadas.
- 8 - O diretor fez o humorista relaxar a plateia.

## 249. Repelir

- 1 - Laura repeliu a ideia de Pedro por sua sordidez.
- 2a-#A ideia de Pedro se repeliu por sua sordidez.  
b-#A ideia de Pedro repeliu por sua sordidez.
- 3a-#A sordidez repeliu a ideia.  
b-#A sordidez fez a ideia repelir-se.
- 4 - Laura repeliu a sordidez da ideia de Pedro.
- 5a-#A ideia de Pedro ficou repelida com Laura.  
b- A ideia de Pedro foi repelida por Laura.
- 6 - Laura se repele.
- 7 - Repeliram a ideia por sua sordidez.
- 8 - Jose fez Laura repelir a ideia de Pedro.

## 250. Reprimir

- 1 - O ditador reprimia o povo com suas perseguições.
- 2a- O povo se reprimia com as perseguições do ditador.  
b-#O povo reprimia com as perseguições do ditador.
- 3a- As perseguições do ditador reprimiam o povo.  
b- As perseguições do ditador faziam o povo se reprimir.
- 4 -#O ditador reprimia suas perseguições do povo.
- 5a-#O povo ficou reprimido com o ditador.  
b- O povo foi reprimido pelo ditador.
- 6 - O povo se reprimiu.
- 7 - Reprimiram o povo com perseguições.
- 8 - A mulher do ditador fazia o ditador reprimir o povo.

## 251. Repudiar

- 1 - O Xa repudiou o tratado por sua imparcialidade.
- 2a-#O tratado se repudiou por sua imparcialidade.  
b-#O tratado repudiou por sua imparcialidade.
- 3a-#Sua imparcialidade repudiou o tratado.  
b-#Sua imparcialidade fez o tratado se repudiar.
- 4 - O Xa repudiou a imparcialidade do tratado.
- 5a-#O tratado ficou repudiado com o Xa.  
b- O tratado foi repudiado pelo Xa.
- 6 - O Xa se repudiava.
- 7 - Repudiaram o tratado por sua imparcialidade.
- 8 - Os ministros fizeram o Xa repudiar o tratado.

## 252. Repugnar

- 1 - Lili repugnava Gastao por seu mau-caratismo.
- 2a-#Gastao se repugnava por seu mau-caratismo.  
b-#Gastao repugnava por seu mau-caratismo.
- 3a-#O mau-caratismo repugnava Gastao.  
b-#O mau-caratismo fazia Gastao repugnar-se.
- 4 - Lili repugnava o mau-caratismo de Gastao.
- 5a-#Gastao ficou repugnado com Lili.  
b- Gastao era repugnado por Lili.
- 6 - Lili se repugnava.
- 7 - Repugnavam Gastao por seu mau-caratismo.
- 8 - A mae fez Lili repugnar Gastao.

## 253. Respeitar

- 1 - Coutinho respeita o Bonsucesso por sua fibra.
- 2a-#O Bonsucesso se respeita por sua fibra.  
b-#O Bonsucesso respeita por sua fibra.
- 3a-#Sua fibra respeita o Bonsucesso.  
b-#Sua fibra faz o Bonsucesso se respeitar.
- 4 - Coutinho respeita a fibra do Bonsucesso.
- 5a-#O Bonsucesso fica respeitado com Coutinho.  
b- O Bonsucesso e respeitado por Coutinho.
- 6 - Coutinho se respeita.
- 7 - Respeitam o Bonsucesso por sua fibra.
- 8 - O tecnico fez Coutinho respeitar o Bonsucesso.

## 254. Retrair

- 1 - Claudio retraia D.Marta com seu jeito espalhafatoso.
- 2a- D.Marta se retraia com o jeito espalhafatoso de Claudio.  
b-#D.Marta retraia com o jeito espalhafatoso de Claudio.
- 3a- O jeito espalhafatoso de Claudio retraia D.Marta.  
b- O jeito espalhafatoso de Claudio fazia D.Marta se retrair.
- 4 -#Claudio retraia o jeito espalhafatoso de D.Marta.
- 5a- D.Marta ficou retraída com o jeito espalhafatoso de Claudio.  
b-#D.Marta foi retraída por Claudio.
- 6 -#D.Marta se retraiu.
- 7 -#Retraíram D.Marta com aquele jeito.
- 8 -#A mae fez Claudio retrair D.Marta.

## 255. Reverenciar

- 1 - O povo reverenciava JK por seus feitos.
- 2a- ~~JK~~ se reverenciava por seus feitos.
  - b- ~~JK~~ reverenciava por seus feitos.
- 3a- ~~Seus~~ feitos reverenciavam JK.
  - b- ~~Seus~~ feitos faziam JK reverenciar-se.
- 4 - O povo reverenciava os feitos de JK.
- 5a- ~~JK~~ ficou reverenciado com o povo.
  - b- JK foi reverenciado pelo povo.
- 6 - O povo se reverencia.
- 7 - Reverenciam JK por seus feitos.
- 8 - O presidente faz o povo reverenciar JK.

## 256. Revitalizar

- 1 - O filho temporao revitaliza o casal com sua chegada.
- 2a- O casal se revitaliza com a chegada do filho temporao.
  - b- ~~O~~ casal revitaliza com a chegada do filho temporao.
- 3a- A chegada do filho revitaliza o casal.
  - b- A chegada do filbo faz o casal se revitalizar.
- 4 - ~~O~~ filho temporao revitaliza a chegada do casal.
- 5a- O casal fica revitalizado com a chegada do filho temporao.
  - b- ~~O~~ casal foi revitalizado pelo filho temporao.
- 6 - ~~O~~ casal se revitaliza.
- 7 - ~~Revitalizam~~ o casal com aquela chegada.
- 8 - ~~O~~ medico faz o filho temporao revitalizar o casal.

## 257. Revoltar

- 1 - Os pais revoltam a mocca com aquela proibicao.
- 2a- A mocca se revolta com a proibicao dos pais.
  - b- ~~A~~ mocca revolta com a proibicao dos pais.
- 3a- A proibicao dos pais revolta a mocca.
  - b- A proibicao dos pais faz a mocca se revoltar.
- 4 - ~~Os~~ pais revoltam a proibicao da mocca.
- 5a- A mocca fica revoltada com a proibicao dos pais.
  - b- ~~A~~ mocca foi revoltada pelos pais.
- 6 - ~~A~~ mocca se revolta.
- 7 - ~~Revoltam~~ a mocca com aquela proibicao.
- 8 - ~~O~~ irmao faz os pais revoltarem a mocca.

## 258. Ridicularizar

- 1 - O professor ridicularizou o aluno com sua observacao.
- 2a- O aluno se ridiculizou com a observacao do professor.
  - b- ~~O~~ aluno ridiculizou com a observacao do professor.
- 3a- A observacao do professor ridicularizou o aluno.
  - b- A observacao do professor fez o aluno ridicularizar-se.
- 4 - ~~O~~ professor ridiculizou a observacao do aluno.
- 5a- ~~O~~ aluno ficou ridicularizado com o professor.
  - b- O aluno foi ridicularizado pelo professor.
- 6 - ~~O~~ aluno se ridicularizou.
- 7 - Ridicularizaram o aluno com aquela observacao.
- 8 - O diretor fez o professor ridicularizar o aluno.

## 259. Ruborizar

- 1 - O humorista ruboriza a mocca com sua anedota.
- 2a- A mocca se ruboriza com a anedota.
  - b- ~~A~~ mocca ruboriza com a anedota.
- 3a- A anedota ruboriza a mocca.
  - b- A anedota faz a mocca se ruborizar.
- 4 - ~~O~~ humorista ruboriza a anedota da mocca.
- 5a- A mocca fica ruborizada com a anedota do humorista.
  - b- ~~A~~ mocca foi ruborizada pelo humorista.
- 6 - ~~A~~ mocca se ruboriza.
- 7 - ~~Ruborizam~~ a mocca com aquela anedota.
- 8 - ~~O~~ diretor faz o humorista ruborizar a mocca.

## 260. Saciar

- 1 - O mestre sacia seus discipulos com sua sabedoria.
- 2a- Os discipulos se saciam com a sabedoria do mestre.
  - b- ~~Os~~ discipulos saciam com a sabedoria do mestre.
- 3a- A sabedoria do mestre sacia os discipulos.
  - b- A sabedoria do mestre faz os discipulos se saciarem.
- 4 - ~~O~~ mestre sacia a sabedoria dos discipulos.
- 5a- Os discipulos ficaram saciados com a sabedoria do mestre.
  - b- Os discipulos foram saciados pelo mestre.
- 6 - O mestre se sacia.
- 7 - Saciaram os discipulos com tanta sabedoria.
- 8 - O guru faz o mestre saciar os discipulos.

## 261. Satisfazer

- 1 - O menino satisfez a mae com sua resposta.
- 2a- A mae se satisfez com a resposta do menino.
  - b- ~~A~~ mae satisfez com a resposta do menino.
- 3a- A resposta do menino satisfez a mae.
  - b- A resposta do menino fez a mae satisfazer-se.
- 4 - ~~O~~ menino satisfez a resposta da mae.
- 5a- A mae ficou satisfeita com a resposta do menino.
  - b- A mae foi satisfeita pelo menino.
- 6 - O menino se satisfez.
- 7 - Satisfizeram a mae com aquela resposta.
- 8 - O pai fez o menino satisfazer a mae.

## 262. Saturar

- 1 - Matilde saturava Jose com suas lamentacoes.
- 2a- Jose se saturava com as lamentacoes de Matilde.
  - b- ~~Jose~~ saturava com as lamentacoes de Matilde.
- 3a- As lamentacoes de Matilde saturavam Jose.
  - b- As lamentacoes de Matilde faziam Jose se saturar.
- 4 - ~~Matilde~~ saturava as lamentacoes de Jose.
- 5a- Jose ficou saturado com as lamentacoes de Matilde.
  - b- ~~Jose~~ foi saturado por Matilde.
- 6 - ~~Jose~~ se saturou.
- 7 - ~~Saturaram~~ Jose com tantas lamentacoes.
- 8 - ~~Maria~~ fez Matilde saturar Jose.

## 263. Seduzir

- 1 - Os parlamentaristas seduziam o povo com as novas propostas.
- 2a- O povo se seduzia com as novas propostas parlamentaristas.  
b-~~O~~ povo seduzia com as novas propostas parlamentaristas.
- 3a- As novas propostas seduziam o povo.  
b- As novas propostas faziam o povo se seduzir.
- 4 -~~Os~~ parlamentaristas seduziam as novas propostas do povo.
- 5a- O povo ficou seduzido com as propostas dos parlamentaristas.  
b- O povo foi seduzido pelos parlamentaristas.
- 6 -~~O~~ povo se seduziu.
- 7 - Seduziram o povo com as novas propostas.
- 8 - Os ministros fizeram os parlamentaristas seduzirem o povo.

## 264. Sensibilizar

- 1 - O cineasta sensibilizou o público com sua sutileza.
- 2a- O público se sensibilizou com a sutileza do cineasta.  
b-~~O~~ público sensibilizou com a sutileza do cineasta.
- 3a- A sutileza do cineasta sensibilizou o público.  
b- A sutileza do cineasta fez o público sensibilizar-se.
- 4 -~~O~~ cineasta sensibilizou a sutileza do público.
- 5a- O público ficou sensibilizado com a sutileza do cineasta.  
b- O público foi sensibilizado pelo cineasta.
- 6 -~~O~~ público se sensibiliza.
- 7 - Sensibilizaram o público com tamanha sutileza.
- 8 - O diretor fez o filme sensibilizar o público.

## 265. Sentimentalizar

- 1 - O amante sentimentalizou Cecília com uma serenata.
- 2a- Cecília se sentimentalizou com a serenata do amante.  
b-~~Cecília~~ sentimentalizou com a serenata do amante.
- 3a- A serenata do amante sentimentalizou Cecília.  
b- A serenata do amante fez Cecília se sentimentalizar.
- 4 -~~O~~ amante sentimentalizou a serenata de Cecília.
- 5a-~~Cecília~~ ficou sentimentalizada com a serenata do amante.  
b-~~Cecília~~ foi sentimentalizada pelo amante.
- 6 -~~Cecília~~ se sentimentaliza.
- 7 - Sentimentalizaram Cecília com aquela serenata.
- 8 - O amigo fez o amante sentimentalizar Cecília.

## 266. Serenar

- 1 - Luci serenou seu marido com seus carinhos.
- 2a- O marido se serenou com os carinhos de Luci.  
b- O marido serenou com os carinhos de Luci.
- 3a- Os carinhos de Luci serenaram o marido.  
b- Os carinhos de Luci fizeram o marido serenar-se.
- 4 -~~Luci~~ serenou os carinhos do marido.
- 5a-~~O~~ marido ficou serenado com os carinhos de Luci.  
b- O marido foi serenado por Luci.
- 6 - Luci se serenou.
- 7 - Serenaram o marido de Luci com carinhos.
- 8 - O filho fez Luci serenar o marido.

## 267. Sobressaltar

- 1 - Jose sobressaltou Matilde com sua aparição.
- 2a- Matilde se sobressaltou com a aparição de Jose.  
b-~~Matilde~~ sobressaltou com a aparição de Jose.
- 3a- A aparição de Jose sobressaltou Matilde.  
b- A aparição de Jose fez Matilde se sobressaltar.
- 4 -~~Jose~~ sobressaltou a aparição de Matilde.
- 5a- Matilde ficou sobressaltada com a aparição de Jose.  
b-~~Matilde~~ foi sobressaltada por Jose.
- 6 -~~Jose~~ se sobressaltou.
- 7 -~~Sobressaltaram~~ Matilde com aquela aparição.
- 8 -~~Maria~~ fez Jose sobressaltar Matilde.

## 268. Sossegar

- 1 - O pai sossegou o filho com suas estórias.
- 2a- O filho sossegou-se com as estórias do pai.  
b- O filho sossegou com as estórias do pai.
- 3a- As estórias do pai sossegarão o filho.  
b- As estórias do pai fizeram o filho sossegar-se.
- 4 -~~O~~ pai sossegou as estórias do filho.
- 5a- O filho ficou sossegado com as estórias do pai.  
b- O filho foi sossegado pelo pai.
- 6 - O pai se sossegou.
- 7 - Sossegarão o filho com estórias.
- 8 - A mãe fez o pai sossegar o filho.

## 269. Suavizar

- 1 - Os policiais suavizaram a multidão com sua chegada.
- 2a- A multidão se suavizou com a chegada dos policiais.  
b- A multidão suavizou com a chegada dos policiais.
- 3a- A chegada dos policiais suavizou a multidão.  
b- A chegada dos policiais fez a multidão suavizar-se.
- 4 -~~Os~~ policiais suavizaram a chegada da multidão.
- 5a- A multidão ficou suavizada com a chegada dos policiais.  
b- A multidão foi suavizada pelos policiais.
- 6 - A multidão se suaviza.
- 7 - Suavizaram a multidão com a chegada dos policiais.
- 8 - O tenente fez os policiais suavizarem a multidão.

## 270. Subestimar

- 1 - Eleoterio subestimou o advogado por sua aparência desleixada.
- 2a-~~O~~ advogado se subestimou por sua aparência desleixada.  
b-~~O~~ advogado subestimou por sua aparência desleixada.
- 3a-~~A~~ aparência desleixada subestimou o advogado.  
b-~~A~~ aparência desleixada fez o advogado se subestimar.
- 4 - Eleoterio subestimou a aparência desleixada do advogado.
- 5a-~~O~~ advogado ficou subestimado com Eleoterio.  
b- O advogado foi subestimado por Eleoterio.
- 6 - O advogado se subestima.
- 7 - Subestimaram o advogado por sua aparência desleixada.
- 8 - Maria fez Eleoterio subestimar o advogado.

## 271. Subjuçar

- 1 - O capataz subjugava o empregado com sua autoridade.
- 2a- O empregado se subjugava com a autoridade do capataz.
  - b-#O empregado subjugava com a autoridade do capataz.
- 3a- A autoridade do capataz subjugava o empregado.
  - b- A autoridade do capataz fazia o capataz subjuçar-se.
- 4 -#O capataz subjugava a autoridade do capataz.
- 5a-#O empregado ficou subjugado com o capataz.
  - b- O empregado era subjugado pelo capataz.
- 6 -#O capataz se subjugava.
- 7 - Subjugavam o empregado com autoridade.
- 8 - O patroa fazia o capataz subjuçar o empregado.

## 272. Sublimar

- 1 - Fred sublimava a família por sua uniao. (exaltar)
- 2a-#A família se sublimava por sua uniao.
  - b-#A família sublimava por sua uniao.
- 3a-#Sua uniao sublimava a família.
  - b-#Sua uniao fazia a família sublimar-se.
- 4 - Fred sublimava a uniao da família.
- 5a-#A família ficava sublimada com Fred.
  - b- A família era sublimada por Fred.
- 6 - Fred se sublimava.
- 7 - Sublimavam aquela família por sua uniao.
- 8 - A mãe fazia Fred sublimar a família.

## 273. Sufocar

- 1 - A mãe sufocava o filho com sua possessao.
- 2a- O filho se sufocava com a possessao da mãe.
  - b-?O filho sufocava com a possessao da mãe.
- 3a- A possessao da mãe sufocava o filho.
  - b- A possessao da mãe fazia o filho se sufocar.
- 4 -#A mãe sufocava a possessao do filho.
- 5a- O filho ficava sufocado com a possessao da mãe.
  - b- O filho era sufocado pela mãe.
- 6 -#O filho se sufocava.
- 7 - Sufocavam o filho com aquela possessao.
- 8 - O pai fazia a mãe sufocar o filho.

## 274. Sugestionar

- 1 - Maria sugestionava a irmã com seus conselhos.
- 2a- A irmã se sugestionava com os conselhos de Maria.
  - b-#A irmã sugestionava com os conselhos de Maria.
- 3a- Os conselhos de Maria sugestionavam a irmã.
  - b- Os conselhos de Maria faziam a irmã se sugestionar.
- 4 -#Maria sugestionava os conselhos da irmã.
- 5a- A irmã ficou sugestionada com os conselhos de Maria.
  - b- A irmã era sugestionada por Maria.
- 6 -#Maria se sugestiona.
- 7 - Sugestionavam a irmã com conselhos.
- 8 - A mãe fazia Maria sugestionar a irmã.

## 275. Superestimar

- 1 - O paciente superestimava o doutor por sua dedicacao.
- 2a-#O doutor se superestimava por sua dedicacao.
  - b-#O doutor superestimava por sua dedicacao.
- 3a-#Sua dedicacao superestimava o doutor.
  - b-#Sua dedicacao fazia o doutor se superestimar.
- 4 - O paciente superestimava a dedicacao do doutor.
- 5a-#O doutor ficava superestimado com o paciente.
  - b- O doutor era superestimado pelo paciente.
- 6 - O doutor se superestimava.
- 7 - Superestimavam o doutor por sua dedicacao.
- 8 - A mulher fazia o paciente superestimar o doutor.

## 276. Supliciar

- 1 - Jose supliciava Maria com sua ausencia. (torturar)
- 2a- Maria se supliciava com a ausencia de Jose.
  - b-#Maria supliciava com a ausencia de Jose.
- 3a- A ausencia de Jose supliciava Maria.
  - b- A ausencia de Jose fazia Maria supliciar-se.
- 4 -#Jose supliciava a ausencia de Maria.
- 5a-#Maria ficava supliciada com Jose.
  - b-?Maria era supliciada por Jose.
- 6 -#Maria se supliciava.
- 7 - Supliciavam Maria com aquela ausencia.
- 8 - O amigo fazia Jose supliciar Maria.

## 277. Suportar

- 1 - Laura suportava a sogra por causa de seu genio docil.
- 2a-#A sogra se suportava por causa de seu genio.
  - b-#A sogra suportava por causa de seu genio.
- 3a-#Seu genio suportava a sogra.
  - b-#Seu genio fazia a sogra suportar-se.
- 4 - Laura suportava o genio docil da sogra.
- 5a-#A sogra ficava suportada com o genio de Laura.
  - b- A sogra era suportada por Laura.
- 6 - Laura se suportava.
- 7 - Suportavam a sogra por causa de seu genio.
- 8 - O marido fazia Laura suportar a sogra.

## 278. Surpreender

- 1 - O deputado surpreendeu a plateia com sua falta de escrupulos.
- 2a- A plateia se surpreendeu com a falta de escrupulos do deputado.
  - b-#A plateia surpreendeu com a falta de escrupulos do deputado.
- 3a- A falta de escrupulos do deputado surpreendeu a plateia.
  - b- A falta de escrupulos do deputado fez a plateia se surpreender.
- 4 -#O deputado surpreendeu a falta de escrupulos da plateia.
- 5a- A plateia ficou surpreendida com a falta de escrupulos do deputado.
  - b- A plateia foi surpreendida pelo deputado.
- 6 -#A plateia se surpreendeu.
- 7 - Surpreenderam a plateia com aquelas confissoes.
- 8 - O ministro fez o deputado surpreender a plateia.

## 279. Suscetibilizar

- 1 - O compadre suscetibilizou o coronel com seu convite.
- 2a- O coronel se suscetibilizou com o convite do coronel.
  - b-#O coronel suscetibilizou com o convite do coronel.
- 3a- O convite do compadre suscetibilizou o coronel.
  - b- O convite do compadre fez o coronel se suscetibilizar.
- 4 -#O compadre suscetibilizou o convite do coronel.
- 5a- O coronel ficou suscetibilizado com o convite do compadre.
  - b-#O coronel foi suscetibilizado pelo compadre.
- 6 -#O compadre se suscetibilizou.
- 7 -#Suscetibilizaram o coronel com aquele convite.
- 8 -#A mulher fez o compadre suscetibilizar o coronel.

## 280. Tapear

- 1 - O marido tapeia a mulher com suas mentiras.
- 2a- A mulher se tapeia com as mentiras do marido.
  - b-#A mulher tapeia com as mentiras do marido.
- 3a- As mentiras do marido tapeiam a mulher.
  - b- As mentiras do marido fazem a mulher se tapeiar.
- 4 -#O marido tapeia as mentiras da mulher.
- 5a-#A mulher fica tapeada com o marido.
  - b- A mulher é tapeada pelo marido.
- 6 -#O marido se tapeia.
- 7 - Tapearam a mulher com aquelas mentiras.
- 8 - O amigo faz o marido tapear a mulher.

## 281. Temer

- 1 - Jose teme o cachorro pelo seu tamanho.
- 2a-#O cachorro se teme pelo seu tamanho.
  - b-#O cachorro teme pelo seu tamanho.
- 3a-#O tamanho teme o cachorro.
  - b-#O tamanho faz o cachorro temer-se.
- 4 - Jose teme o tamanho do cachorro.
- 5a-#O cachorro fica temido com Jose.
  - b- O cachorro é temido por Jose.
- 6 - Jose se teme.
- 7 - Temem o cachorro pelo seu tamanho.
- 8 - O amigo faz Jose temer o cachorro.

## 282. Tentar

- 1 - Sinha tentava Filo com suas guloseimas.
- 2a- Filo se tentava com as guloseimas de Sinha.
  - b-#Filo tentava com as guloseimas de Filo.
- 3a- As guloseimas de Sinha tentavam Filo.
  - b- As guloseimas de Sinha faziam Filo se tentar.
- 4 -#Sinha tentava as guloseimas de Filo.
- 5a-#Filo ficava tentada com as guloseimas de Sinha.
  - b- Filo era tentada por Sinha.
- 6 -#Sinha se tentava.
- 7 - Tentavam Filo com tantas guloseimas.
- 8 - A patroa fazia Sinha tentar Filo.

## 283. Tiranizar

- 1 - O marido tiranizava Emerenciana com suas proibicoes.(oprimir)
- 2a-?Emerenciana se tiranizava com as proibicoes do marido.
  - b-#Emerenciana tiranizava com as proibicoes do marido.
- 3a- As proibicoes do marido tiranizavam Emerenciana.
  - b-?As proibicoes do marido faziam Emerenciana se tiranizar.
- 4 -#O marido tiranizava as proibicoes de Emerenciana.
- 5a-#Emerenciana ficava tiranizada com seu marido.
  - b- Emerenciana era tiranizada por seu marido.
- 6 -#O marido se tiranizava.
- 7 - Tiranizavam Emerenciana com aquelas proibicoes.
- 8 - A mae fazia o marido tiranizar Emerenciana.

## 284. Tocar

- 1 - Lia tocava o amigo com seu sofrimento.
- 2a- O amigo se tocava com o sofrimento de Lia.
  - b-#O amigo tocava com o sofrimento de Lia.
- 3a- O sofrimento de Lia tocava o amigo.
  - b- O sofrimento de Lia fazia o amigo se tocar.
- 4 -#Lia tocava o sofrimento do amigo.
- 5a- O amigo ficava tocado com o sofrimento de Lia.
  - b-#O amigo era tocado por Lia.
- 6 -#Lia se tocava.
- 7 -#Tocavam o amigo com aquele sofrimento.
- 8 -#Paulo fazia Lia tocar o amigo com seu sofrimento.

## 285. Tolerar

- 1 - Lafaiete tolerava o amigo por causa de sua limitacao.
- 2a-#O amigo se tolerava por sua limitacao.
  - b-#O amigo tolerava por sua limitacao.
- 3a-#Sua limitacao tolerava o amigo.
  - b-#Sua limitacao fazia o amigo tolerar-se.
- 4 - Lafaiete tolerava a limitacao do amigo.
- 5a-#O amigo ficava tolerado com Lafaiete.
  - b- O amigo era tolerado por Lafaiete.
- 6 - O amigo se tolerava.
- 7 - Toleravam o amigo por causa de sua limitacao.
- 8 - A mulher fazia Lafaiete tolerar o amigo.

## 286. Tontear

- 1 - Pedro tonteava Tunico com suas conversas.
- 2a- Tunico se tonteava com as conversas de Pedro.
  - b-?Tunico tonteava com as conversas de Pedro.
- 3a- As conversas de Pedro tonteavam Tunico.
  - b- As conversas de Pedro faziam Tunico se tontear.
- 4 -#Pedro tonteava as conversas de Tunico.
- 5a- Tunico ficava tonto com as conversas de Pedro.
  - b-#Tunico era tonteado? por Pedro.
- 6 -#Pedro se tonteava.
- 7 -#Tonteavam Tunico com aquelas conversas.
- 8 -#O amigo fazia Pedro tontear Tunico.

## 287. Topar

- 1 - Lino topava Carlos por seu caráter.(gostar, simpatizar)
- 2a- Carlos se topava por seu caráter.
- b- Carlos topava por seu caráter.
- 3a- O caráter topava Carlos.
- b- O caráter fazia Carlos se topar.
- 4 - Lino topava o caráter de Carlos.
- 5a- Carlos ficava topado com Lino.
- b- Carlos era topado por Lino.
- 6 - Carlos se topava.
- 7 - Topavam Carlos por seu caráter.
- 8 - O amigo fazia Lino topar Carlos.

## 288. Torturar

- 1 - O jovem torturou a moça com chantagens.
- 2a- A moça se torturou com as chantagens do jovem.
- b- A moça torturou com as chantagens do jovem.
- 3a- As chantagens do jovem torturaram a moça.
- b- As chantagens do jovem faziam a moça torturar-se.
- 4 - O jovem torturou as chantagens da moça.
- b- A moça ficou torturada com o rapaz.
- 5 - A moça foi torturada pelo rapaz.
- 6 - A moça se torturava.
- 7 - Torturavam a moça com chantagens.
- 8 - O amigo fez o jovem torturar a moça.

## 289. Tranquilizar

- 1 - O jovem tranquilizou a moça com palavras ternas.
- 2a- A moça se tranquilizou com as palavras ternas do jovem.
- b- A moça tranquilizou com as palavras ternas do jovem.
- 3a- As palavras ternas do jovem tranquilizaram a moça.
- b- As palavras ternas do jovem fizeram a moça se tranquilizar.
- 4 - O jovem tranquilizou as palavras ternas da moça.
- 5a- A moça ficou tranquilizada com o jovem.
- b- A moça foi tranquilizada pelo jovem.
- 6 - A moça se tranquilizou.
- 7 - Tranquilizaram a moça com palavras ternas.
- 8 - O amigo fez o jovem tranquilizar a moça.

## 290. Transfigurar

- 1 - Tiago transfigurava seu irmão com suas pirlincas.
- 2a- Seu irmão se transfigurava com as pirlincas de Tiago.
- b- Seu irmão transfigurava com as pirlincas de Tiago.
- 3a- As pirlincas de Tiago transfiguravam seu irmão.
- b- As pirlincas de Tiago faziam seu irmão transfigurar-se.
- 4 - Tiago transfigurava as pirlincas de seu irmão.
- 5a- O irmão ficou transfigurado com as pirlincas de Tiago.
- b- O irmão foi transfigurado por Tiago.
- 6 - Tiago se transfigurava.
- 7 - Transfiguravam seu irmão com aquelas pirlincas.
- 8 - A mãe fazia Tiago transfigurar seu irmão.

## 291. Transformar

- 1 - Germano transformava Filo com seu otimismo.
- 2a- Filo se transformava com o otimismo de Germano.
- b- Filo transformava com o otimismo de Germano.
- 3a- O otimismo de Germano transformava Filo.
- b- O otimismo de Germano fazia Filo transformar-se.
- 4 - Germano transformava o otimismo de Filo.
- 5a- Filo ficou transformada com o otimismo de Germano.
- b- Filo foi transformada por Germano.
- 6 - Filo se transformava.
- 7 - Transformaram Filo com tanto otimismo.
- 8 - O amigo fez Germano transformar Filo.

## 292. Transtornar

- 1 - Augusta transtornava seu primo com suas brincadeiras maldosas.
- 2a- O primo se transtornava com as brincadeiras de Augusta.
- b- O primo transtornava com as brincadeiras de Augusta.
- 3a- As brincadeiras de Augusta transtornavam seu primo.
- b- As brincadeiras de Augusta faziam seu primo se transtornar.
- 4 - Augusta transtornava as brincadeiras de seu primo.
- 5a- O primo ficava transtornado com as brincadeiras maldosas de Augusta.
- b- O primo era transtornado por Augusta.
- 6 - Augusta se transtornava.
- 7 - Transtornavam o primo com aquelas brincadeiras.
- 8 - A mãe fazia Augusta transtornar o primo.

## 293. Traumatizar

- 1 - A mãe traumatizou o filho com seu tratamento desumano.
- 2a- O filho se traumatizou com o tratamento desumano da mãe.
- b- O filho traumatizou com o tratamento desumano da mãe.
- 3a- O tratamento desumano da mãe traumatizou o filho.
- b- O tratamento desumano da mãe fez o filho traumatizar-se.
- 4 - A mãe traumatizou o tratamento desumano do filho.
- 5a- O filho ficou traumatizado com o tratamento da mãe.
- b- O filho foi traumatizado pela mãe.
- 6 - O filho se traumatizou.
- 7 - Traumatizaram o filho com aquele tratamento.
- 8 - O pai fez a mãe traumatizar o filho.

## 294. Triturar

- 1 - O esposo triturava Ludmila com seu machismo.(atormentar)
- 2a- Ludmila se triturava com o machismo do esposo.
- b- Ludmila triturava com o machismo do esposo.
- 3a- O machismo do esposo triturava Ludmila.
- b- O machismo do esposo fazia Ludmila se triturar.
- 4 - O esposo triturava o machismo de Ludmila.
- 5a- Ludmila ficava triturada com o esposo.
- b- Ludmila era triturada pelo esposo.
- 6 - Ludmila se triturava.
- 7 - Trituravam Ludmila com aquele machismo.
- 8 - O amigo fazia o esposo triturar Ludmila.

## 295. Tumultuar

- 1 - O líder tumultuava os companheiros com argumentos subversivos.(agitar)
- 2a- Os companheiros se tumultuavam com os argumentos do líder.
  - b-#Os companheiros tumultuavam com os argumentos do líder.
- 3a- Os argumentos do líder tumultuavam os companheiros.
  - b- Os argumentos do líder faziam os companheiros tumultuar-se.
- 4 -#O líder tumultuava os argumentos dos companheiros.
- 5a- Os companheiros ficaram tuultuados com os argumentos do líder.
  - b- Os companheiros foram tumultuados pelo líder.
- 6 -#O líder se tumultua.
- 7 - Tumultuaram os companheiros com argumentos subversivos.
- 8 - O partido faz o líder tumultuar os companheiros.

## 296. Ufanar

- 1 - A plateia ufanava o artista com aplausos fortes.
- 2a- O artista se ufanava com os fortes aplausos.
  - b-#O artista ufanava com os fortes aplausos.
- 3a- Os fortes aplausos ufanavam o artista.
  - b- Os fortes aplausos faziam o artista ufanar-se.
- 4 -#A plateia ufanava os fortes aplausos do artista.
- 5a-#O artista ficava ufanado com a plateia.
  - b- O artista era ufanado pela plateia.
- 6 -#O artista se ufanava.
- 7 - Ufanavam o artista com fortes aplausos.
- 8 - O maestro fazia a plateia ufanar o artista.

## 297. Ultrajar

- 1 - Eusebio ultrajava o velho com seus insultos.
- 2a- O velho ultrajava-se com os insultos de Eusebio.
  - b-#O velho ultrajava com os insultos de Eusebio.
- 3a- Os insultos de Eusebio ultrajavam o velho.
  - b- Os insultos de Eusebio faziam o velho ultrajar-se.
- 4 -#Eusebio ultrajava os insultos do velho.
- 5a- O velho ficou ultrajado com os insultos de Eusebio.
  - b- O velho foi ultrajado por Eusebio.
- 6 -#O velho se ultraja.
- 7 - Ultrajaram o velho com insultos.
- 8 - O amigo fez Eusebio ultrajar o velho.

## 298. Venerar

- 1 - O povo venerava o grande ditador por suas acoes sociais.
- 2a-#O ditador se venerava por suas acoes sociais.
  - b-#O ditador venerava por suas acoes sociais.
- 3a-#As acoes sociais veneravam o ditador.
  - b-#As acoes sociais faziam o ditador venerar-se.
- 4 - O povo venerava as acoes sociais do ditador.
- 5a-#O ditador ficava venerado com o povo.
  - b- O ditador era venerado pelo povo.
- 6 - O ditador se venerava.
  - b- Veneravam o ditador por suas acoes sociais.
- 7 - A TV fazia o povo venerar o ditador.

## 299. Vergar

- 1 - Joao vergava o homem com simples palavras. (subjuçar)
- 2a- O homem se vergava com simples palavras.
  - b-#O homem vergava com simples palavras.
- 3a- Simples palavras vergavam o homem.
  - b- Simples palavras faziam o homem se vergar.
- 4 -#Joao vergava as simples palavras do homem.
- 5a-#O homem ficava vergado com Joao.
  - b- O homem era vergado por Joao.
- 6 -#O homem se vergava.
- 7 - Vergaram o homem com simples palavras.
- 8 - A mulher fez Joao vergar o homem.

## 300. Vexar

- 1 - A professora vexava os alunos com suas reprimendas.
- 2a- Os alunos se vexavam com as reprimendas da professora.
  - b-#Os alunos vexavam com as reprimendas da professora.
- 3a- As reprimendas da professora vexavam os alunos.
  - b- As reprimendas da professora faziam os alunos se vexarem.
- 4 -#A professora vexava as reprimendas dos alunos.
- 5a- Os alunos ficaram vexados com as reprimendas da professora.
  - b- Os alunos foram vexados pela professora.
- 6 -#A professora se vexa.
- 7 - Vexaram os alunos com aquelas reprimendas.
- 8 - A diretora fez a professora vexar os alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, M. (1979). Noun Phrase Structure. University of Connecticut dissertation.
- Baker, M. (1988 a). *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (1988 b). On the Theta Roles of Psych Verbs. Manuscript. Mc Gill University.
- Barwise, J. & J. Perry (1983). *Situations and Attitudes*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Belletti, A. e L. Rizzi (1988). Psych Verbs and Theta-Theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 6: 291-352.
- Bierwisch, M. (1969). On certain Problems of Semantic Representation. *Foundations of Language* 5: 133-154.
- \_\_\_\_\_ (1971). On Classifying Semantic Features. IN: D. D. Steinberg & L. A. Jakobovis (eds). *Semantics*: 410-535. Cambridge: Camb. University Press.
- Borba, F. S. e outros (1990). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Bresnan, J. & J. Kanerva (1989). Locative Inversion in Chichewa: a Case Study of Factorization in Grammar. *Linguistic Inquiry* 20: 1-5.
- Burzio, L. (1986). *Italian Syntax*. Dordrecht: D. Reidel.
- Cançado, M. (a sair). A Teoria da Proeminência de Grimshaw e os Psico-Verbos do Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.* 11.2.
- \_\_\_\_\_ (a sair). Os Problemáticos Psico-Verbos: Dados do Português Brasileiro (PB) e Algumas Soluções Propostas da Literatura. *Anais do 10 Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: UFBA.
- Carrier-Duncan (1985). Linking of Thematic Roles in Derivational Word Formation. *Linguistic Inquiry* 16: 1-34.
- Chafe, W. L. (1970). *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: Chicago University Press.

- Chierchia, G. (1984). *Topics in the syntax and semantics of infinitives and gerunds*. Amherst: University of Massachusetts dissertation. [Published, New York: Garland Press, 1988].
- \_\_\_\_\_. (1989). Structured Meanings. IN: Chierchia, Hall-Partee e Turner (eds): 131-166.
- Chierchia, Partee e Turner (eds.)(1989). *Properties, Types and Meaning*. Studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues. Dordrecht: Kluwer.
- Chomsky, N. (1970). Remarks on Nominalization. IN: R. A. Jacobs and P. S. Rosenbaum (eds). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn and Co.
- \_\_\_\_\_. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_. (1992). A Minimalism Program for Linguistic Theory. Manuscrito. MIT.
- \_\_\_\_\_. (1994). Bare Phrase Structure. Manuscrito. MIT.
- Cinque, G. (1980). On Extraction from NP in Italian. *Journal of Italian Linguistics* 5: 47-99.
- Cook, W. A. (1979). *Case Grammar: Development of Matrix Model*. Washington: Georgetown University Press.
- Cruse, D. A. (1973). Some thoughts on agentivity. *Journal of Linguistics* 9: 1-204
- Culicover, P. W. (1988). Autonomy, Predication, and Thematic Relations. IN: Wilkins (ed): 37-61.
- Culicover, P. W. e W. Wilkins (1984). *Locality in Linguistic Theory*. New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_. (1986). Control, PRO, and the Projection Principle. *Language* 62: 120-153.
- Davidson, D. (1980). *Actions and Events*. New York: Oxford University Press.
- Di Sciullo, A. M. & E. Williams (1987). On the Definition of Word. *Linguistic Inquiry Monograph* 14. Cambridge (MA): MIT Press.
- Dowty, D. R. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel.
- \_\_\_\_\_. (1989). On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. IN: Chierchia, Partee e Turner (eds.): 69-129.
- \_\_\_\_\_. (1991). Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67: 547-619.
- Emonds, J. E. (1985)- *A Unified Theory of Syntactic Categories*. Dordrecht: Foris.
- Everett, D. (1986). Possessor Raising and Ergative Structures in Brazilian Portuguese. Manuscrito. IEL. Unicamp.
- Feinberg, S. (1965). Action and Responsibility. IN: Max Black (ed.): *Philosophy in America*. Ithaca: Cornell University Press.
- Ferreira, A. B. H. e outros (1975). *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

- Fillmore, C. (1968). The Case for Case. In E. Bach e R. Harms (eds). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- \_\_\_\_\_. (1971). Some Problems for Case Grammar. *Monograph Series on Language and Linguistics* 24.
- Foley, W. A. & R. D. Van Valin Junior (1984). *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Franchi, C. (1975). Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. Tese de Doutorado. IEL. UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (1977). Linguagem- Atividade Constitutiva. *Almanaque* 5: 9-27. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1986). Reflexões sobre a Hipótese da Modularidade da Mente. *Boletim da ABRALIN* 8.
- Franchi C., E. Negrão & E. Viotti (1995). A sintaxe dos verbos existenciais. Manuscrito. USP.
- Georgopoulos, C. (1991). On A- and A'-agreement. *Lingua* 85: 135-169.
- Giorgi (1984). Toward a Theory of Long Distance Anaphors: A GB Approach. *Linguistic Review* 3: 307-361.
- Giorgi, A. & Longobardi (1991). *The Syntax of Noun Phrases*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Givón, T. (1984). *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Amsterdam: Benjamins.
- Grimshaw, J. (1987). Psych Verbs and the Structure of Argument Structure. Manuscript. Brandeis University.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Argument Structure*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Gross, M. (1975). *Méthodes en Syntaxe. Régime des Constructions Completives*. Paris: Herman.
- Gruber, J. S. (1965). Studies in Lexical Relations. Tese de Doutorado. MIT; reeditado como parte de *Lexical Structures in Syntax and Semantics*. Amsterdam: North Holland, 1976.
- Halliday, M. A. (1967). Notes on Transitivity and Theme in English. *Journal of Linguistics* 2 e 3.
- Harris, S. Z. (1976). *Notes du Cours de Syntaxe*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1978). Operator-Grammar of English. *Linguisticae Investigaciones*. Tome II. Fac. I, Amsterdam: Benjamins.
- Higginbotham, J. (1985). On Semantics. *Linguistic Inquiry* 16: 547-593.
- Hudson, Richard (1992): "Raising in syntax, semantics and cognition". IN: I. M. Rocca (ed.): *Thematic Structure. Its Role in Grammar*: 175-198. New York: Foris, 1992.
- Iatridou, S. (1990). About Agr(P). *Linguistic Inquiry* 21: 551-577.
- Ilari, R. & I. Mantoanelli (1983). As Formas Progressivas do Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 5: 27-60.
- Ilari, R. & C. Franchi (1994). "Piero é andato a farsi tagliare i capelli": estratégias de detematização nas línguas românicas. *Resumos do 1o Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: UFBA.

- Jackendoff, R. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge(MA): MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1976). Toward an Explanatory Semantic Representation. *Linguistic Inquiry* 7: 89-150.
- \_\_\_\_\_. (1983). *Semantics and Cognition*. Cambridge (MA): MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1987a). *Consciousness and Computational Mind*. Cambridge (MA): MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (1987b). The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory. *Linguistic Inquiry* 18: 369-411.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Semantic Structures*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Johnson, K. (1992). Scope and The Binding Theory: Comments on Zubizarreta. IN: E. Wehrli & T. Stowell (eds): 259-276.
- Kayne, R. (1975). *French Syntax*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Koopman, H. & D. Sportiche (1991). The Position of Subjects. *Lingua* 85: 211-258.
- Ladusaw, W. A. e D. R. Dowty (1988). Toward a Nongrammatical Account of Thematic Roles. IN: Wilkins (ed): 61-73.
- Lakoff, G. (1970). *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- \_\_\_\_\_. (1971). On Generative Semantics. IN: D. Steinberg and L. Jakobovits (eds). *Semantics: An Interdisciplinary Reader*: 232-296. New York: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1977). Linguistics Gestalts. *CLS* 13: 236-287.
- Legendre, G. (1989). Inversion with Certain French Experiencer Verbs. *Language* 65: 752-782.
- Levin, B. (1987). Psych Verbs, Further Dilemmas. Manuscript. Center for Cognitive Science. MIT.
- \_\_\_\_\_. (1989). Towards a Lexical Organization of English Verbs. Evanston: Northwestern University.
- McCawley, J. D. (1968). The Role of Semantics in a Grammar. IN: E. Bach and R. Harms (eds). *Universals in Linguistic Theory*: 125-170. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Marantz, A. P. (1984). *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Martin, J. (1986). Toward a Modular Account of Psychological and Physical Predicates. Manuscript. University of California.
- Nascimento & Kato (a sair). O Estatuto dos Nominais Pós-Verbais dos Verbos Inacusativos. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG.
- Oliveira, M. E. M. (1979). *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*. Tese de Doutorado. Université de Paris VII. Reeditado em *Textos de Linguística* 7. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (1984).
- Perlmutter, D.M. & P. Postal (1984). The 1-Advancement Exclusiveness Law. IN: Perlmutter & Rosen (eds).
- Perlmutter, D.M. & C.G. Rosen (eds). *Studies in Relational Grammar* 2. Chicago: University of Chicago Press.

- Pesetsky, D. (1987). Binding Problems with Experiencer Verbs. *Linguistic Inquiry* 18: 126-140.
- \_\_\_\_\_ (in prep.). Experiencer, Predicates and Universal Alignment Principle. Department of Linguistics and Philosophy. MIT.
- Pollock, J.-Y. (1989). Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: 365-424.
- Postal, P. (1971). *Cross-Over Phenomena*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Raposo, E. (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Rappaport, M. e B. Levin (1988). What to do with Theta Roles. IN: Wilkins (ed): 7-36.
- Riemsdijk, H. V. e E. Williams (1986). *Introdução a Teoria da Gramática*. Trad. brasileira 1991. S.Paulo: Martins Fontes.
- Rosch, E. (1973). Natural Categories. *Cognitive Psychology* 4: 328-350.
- \_\_\_\_\_ (1978). Principles of Categorization. IN: E. Rosch & B. Lloyd (eds.) *Cognition and Categorization* 27-48. N.J.: Erlbaum Associates.
- Rosen, C.G. (1984). The Interface between Semantic Roles and Initial Grammatical Relations. IN: Perlmutter & Rosen (eds).
- Rothstein, S. (1983). The Syntactic Form of Predication. Tese de Doutorado. MIT.
- Ruwet, N. (1972). A propos d'une Classe de Verbes Psychologiques. *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*. Paris: Editions du Seuil.
- Shibatani, M. (1976). The Grammar of Causative Constructions: A Conspectus. IN: M. Shibatani (ed.). *Syntax and Semantics* 6. New York: Academic Press.
- Siguroson, H. A. (1993). Agreement as head visible feature government. *Studia Linguistica* 47: 32-56.
- Stowell, T. (1981). Origns of Phrase Structure. Tese de Doutorado. MIT.
- \_\_\_\_\_ (1991). As so, not so as. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 11: 9-49. Unicamp.
- Talmy, L. (1975) Semantics and Syntax of Motion. IN: J. P. Kimbal (ed). *Syntax and Semantics* 4: 181-238. New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_ (1985). Lexicalization Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms. IN: T. Shopen (ed.). *Language Typology and Syntactic Description* 3: 57-149. Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press.
- Torrego, E. (1985). On Empty Categories in Nominals. Manuscrito. University of Massachussets.
- Vendler, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- van Voorst, J. (1992). The Aspectual Semantics of Psychological Verbs. *Linguistics and Philosophy* 15: 65-92.
- Wehrli, E. and T. Stowell (eds.) (1992). *Syntax and the Lexicon- Syntax and Semantics* 24. New York: Academic Press.
- Whitaker-Franchi, R. C. M. (1989). As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico. Tese de Mestrado. IEL, Unicamp.

- Wilkins, W. (1988). Thematic Structures and Reflexivization. IN: Wilkins (ed.): 191-214.
- Wilkins, W. (ed.) (1988). *Thematic Relations- Syntax and Semantics* 21. New York: Academic Press.
- Williams, E. (1980). Predication. *Linguistic Inquiry* 11: 203-238.
- \_\_\_\_\_ (1987). Implicit Arguments, the Binding Theory, and Control. *Natural Language and Linguistic Theory* 5: 151-180.
- Zaenen, A. & A. Goldberg (1993). Review of Grimshaw (1990). *Language* 69 (4): 807-817.
- Zubizarreta M. L. (1992). The Lexical Encoding of Scope Relations among Arguments. IN: E. Wehrli and T. Stowell (eds.), 211-258.